

OLÍMPIA CIDADE MENINA-MOÇA

1941-1965



VOLUME 2

por José Maria de Jesus Marangoni

Oil on Canvas
Claude Monet 1890
Paris, France

Printed in France

OLÍMPIA
Cidade Menina-Moça
(1941-1965)

por José Maria de Jesus Marangoni

Apoio cultural: Prefeitura Municipal de Olímpia
Gestão 2001-2004 – Superação de desafios.

Texto e fotos desta obra poderão ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

Olímpia, Cidade Menina-Moça
José Maria de Jesus Marangoni (org.) – Olímpia: Centrograf, 2002.
V.2, 239p.

Texto e fotos de vários autores, gentilmente cedidos.
Conteúdo v.1 – História de Olímpia (SP) e outros registros
referentes ao período 1941-1965.

1. Olímpia - História. 2. Olímpia - Política, Sociedade, Instituições.
3. Olímpia - São Paulo, Brasil. I. Marangoni, José M.J. – II. Título.

Edição: Valderez Helena Gil Junqueira

Capa: Carlos Rudge Luppi

Projeto gráfico: Centrograf

Digitação e diagramação: José Maria de Jesus Marangoni

Revisão gráfica: Diego Alves

Impressão: Centrograf Artes Gráficas e Editoriais Ltda.

Fone/fax (17) 2817060 – Olímpia (SP)

Prefácio

Anos atrás, em trabalho junto à Casa da Cultura, José Marangoni dedicou-se a reunir fotos representativas da sociedade olimpiense para expô-las em mostra que atraiu milhares de pessoas. Paralelamente, começou a pesquisar manuscritos sobre a história da cidade, redigidos isoladamente por Bianor da Silva Medeiros e Rotschild Mathias Netto. Digitalizou, então, as fotos e transcreveu os textos, passando a organizar cronologicamente informações sobre política, educação, esportes, vida social e personalidades de relevo. Estava, assim, esboçada a história de Olímpia.

Completando o que já tinha em mãos, com informações emanadas de sua própria pesquisa e da vivência pessoal, produziu uma obra inédita, já que a cidade não dispunha de qualquer outro registro. Para a publicação, encontrou apoio na Prefeitura Municipal, por via da Secretaria da Educação de Olímpia, e a cidade ganhou, no ano passado, seu atestado de desenvolvimento inicial, com a publicação de um primeiro volume, que tratava do período de 1857 a 1940. Agora recebe a certidão de maioria, pela edição desta segunda parte, que discorre sobre a pujança e plenitude da Menina-Moça, no período de 1941 a 1965, fase identificada pelo autor como "anos de ouro".

Ao compartilhar de sua convicção de que os dados mereciam publicação, fui convertida em sua primeira leitora, missão que honrosamente aceitei, sob a decisão pessoal de respeitar o estilo do autor e não interferir no relato, mesmo sob eventual discrepância de visão sobre os fatos em narração. Precavido, Marangoni, por sua vez, também não se apresenta como literato ou historiador, mas como um contador das histórias que ouviu e viveu.

Espécie de memorial, esta obra situa-se entre a historiografia e a ficção. A posição intermediária deve-se ao fato de recusar, da primeira, o rigor metodológico e, por outro lado, fugir ao ficcional, porque ancora a narrativa em fatos e personagens reais, datas, artigos de jornal e fotos documentais. Sua posição fronteira com a literatura e a história talvez a deixe vulnerável a críticas revisionistas madrugadoras. Não custa, pois, antecipar o aval da concepção empirista da História dos Anais, propugnada por Marc Block e Lucien Febvre, para o trabalho de registro histórico que se detém no factual, nas porções do sincrético, do aparentemente desintegrado, enfim, em objetos isolados, mas suscetíveis de adquirirem o sentido de articulação, se observados pela lente aglutinadora da sistemática e progressiva ação do homem sobre o mundo. Nesses termos, fontes secundárias, como o presente relato, representam contribuição bem-vinda aos olhos da nova história, que incorpora fatos culturais, sociais e antropológicos aos históricos, sem desprezar sequer o aporte das artes.

Esta obra de Marangoni é, portanto, um precioso trabalho de documentação e, por ora, constitui a nossa história oficial. Somos todos tributários desse esforço em coletar dados, organizá-los em relato e entregá-los às futuras gerações. Caberá a elas, se for o caso, realizar reparos cabíveis e, mais do que isso, levar avante o projeto de registro da memória de Olímpia, tendo em vista que o autor promete encerrar sua atividade historiográfica

com a publicação de um terceiro volume, referente ao período que se inicia em 1966 e chega até 2003, data do centenário da cidade.

Para além de todo mérito documental e utilitário, a obra será de valor sentimental para os que tiveram a felicidade de vivenciar o período em foco. Não há como escapar à emoção provocada pelas fotos e revigorada pela narrativa de Marangoni. Palavra e imagens se entrecruzam, urdidas pelo suave fio da memória. O passado, aos poucos desperto, encarrega-se de dar movimento aos seres aprisionados em fotografias, completando o apenas sugerido pelas formas. Cenas se reconstituem na íntegra, com sons, vozes, odores, promovendo um incontrolável retorno. Nessa viagem de fantasmagórico cenário entrevi, nas fachadas de comércio, o interior de lojas, adentrei portões e revisei muitos lares, senti o sabor de doces e licores servidos, ouvi música e caminhei pelas ruas, ouvindo o sino da igreja e revendo personagens de uma outra história, que a oficial tenderá a ignorar: as charretes conduzindo as moças de unhas e batom vermelho, as botinas sob a longa saia rendada da Marcolina, o bastão de ponta de prego do Quintino, ouvi o som da sanfona do Carmelito, senti o cheiro do cinema, vi o carro de praça amarelo desbotado do Jorjão, escutei a matraca do bijuzeiro, comi o quebra-queixo do seu Guerra, acompanhei enterros com a turma do colégio (passei perto do Dr. Jaime e abanei a mão) e vi o Pissoli dormindo, num canto de varanda, sob o aconchego do sol da manhã e o olhar complacente do seu Altino.

Valderez Helena Gil Junqueira



Agência Ford de Luiz Ferranti



Vista panorâmica da cidade



Banco Comercial



Rua São João



Casa de Saúde Lopes Ferraz



Praça Nossa Senhora Aparecida



Dia de Corpus Christi



Vista panorâmica da cidade.



Bar e Restaurante Taba do Carajá



Grupo Escolar Dona Anita Costa



Colégio Capitão Narciso Bertolino



Nova Praça Rui Barbosa



Rua Cel. Francisco Nogueira



Mercado Municipal, atual Casa da Cultura



Museu de história Maria Olímpia



Rua 9 de Julho



Vista Praça Monteiro Lobato



Clube de Campo Álvaro Brito



Rua Jorge Tibiriçá, atual Rua David de Oliveira



Rua São João



Rua São João



Cine Olímpia



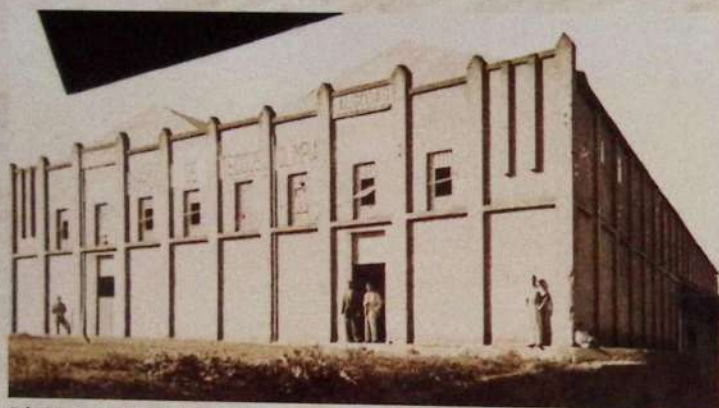
Rua 9 de Julho



Colégio Olímpia



Solenidade do Cinquentenário de Olímpia



Fábrica de Tecidos
do Dr. Neves



Edifícios Olímpia
e 9 de Julho
em construção



Hospital da Beneficência Portuguesa



Desfile Folclórico



Praça Rui Barbosa e vista panorâmica da cidade de Olímpia nos primeiros anos da década de 1940.



José Maria de Jesus Marangoni,
autor deste trabalho.

No transcorrer da história desta terra olimpiense que tem sido rica e majestosa, desde antes de sua fundação até a presente data, procuramos sempre expor, com critério e a maior clareza possível, suas belezas naturais e o surto de seu desenvolvimento, nos vários caminhos do progresso humano.

Por isso, sempre nos expressamos em linguagem simples, despretenciosa, porém sincera, porque achamos que os excessos na procura de palavras de efeito, mascarando uma cultura que julgamos não ser próprios de nossa bagagem de conhecimentos, poderiam obscurecer os fatos, perdendo a verdade toda a sua retidão.

A beleza do estilo de quem escreve, segundo afirmações de autoridades na matéria, principalmente no gênero de que ora vamos nos ocupar, está na simplicidade, que é, por sua natureza, a força motriz da luz e da clareza.

Feitas as linhas acima à guisa de preâmbulo, esperamos que esse trabalho seja do agrado de todos, sobretudo daqueles que guardam dentro de si o amor e o carinho por Olímpia, a nossa sempre querida "Cidade Menina-Moça".

José Maria de Jesus Marangoni

Como se sabe, no histórico dos fatos, cabe a quem escreve o dever de surpreender os acontecimentos, no momento em que ocorrem, a fim de que esse ou aquele pormenor não se perca no entrecho da descrição.

Com uma área de 2.299 km² e 51.469 habitantes, o município de Olímpia dividia-se, em 1941, em distritos administrativos. Tinha um clima agradável e zonas de cultura admiráveis, possuindo, na época, riqueza hidráulica, com as quedas d'água do complexo Maribondo, consideradas como a segunda do Brasil e das mais belas do mundo, situadas a uma légua e meia da sede do município, com força motriz superior a 1 milhão de cavalos força, tendo no seu mostruário natural espécies minerais em abundância: turmalinas, diamantes, ametistas, cristais de rocha, mica, ouro nativo e de aluvião.

De padrão típico, sua flora era exuberante e plena de vigor, continha as madeiras mais finas e custosas: o piqui, a peroba tremida, o pau-cetim, o jacarandá e, inclusive, raros e soberbos espécimes de orquídeas que ornamentavam árvores gigantescas.

A agricultura achava-se em pleno desenvolvimento, dados os novos processos ali empregados. As fazendas utilizavam-se dos instrumentos mais em voga, já recebendo uma inteligente orientação técnica.



1941 - vista panorâmica de Olímpia.

Servida pela Estrada de Ferro São Paulo-Goiás, tinha comunicação com a linha paulista, o que facilitava o intercâmbio com a metrópole paulistana, e possuía boas estradas de rodagem, que ligavam a sede com os distritos.

Para os padrões da época, contava com boas benfeitorias, como ótima iluminação, com água encanada e rede de esgotos, calçamento, jardins públicos e telefones, tudo, devido à ação inteligente e dinâmica dos segmentos locais.

Destacavam-se, sobretudo, os prédios de iniciativa particular, que valorizavam e davam maior realce à cidade, em perfeita composição com os estabelecimentos de assistência hospitalar, educação, comércio, indústria, hotéis e entidades de crédito. Possuíamos clubes recreativos, Câmara Municipal, Fórum, Coletorias Federal e Estadual, Posto de Fiscalização Estadual, Centro de Saúde e dois órgãos de imprensa, *A Voz do Povo* e o jornal *Cidade de Olímpia*.



Olímpia à noite.

No final de 1941, terminaria a gestão do Dr. José Lopes Ferraz e teria início o mandato do Dr. Paulo Furquim.

Esses anos foram bastante profícuos para Olímpia. Vamos, a seguir, estampar as fotos das principais ruas da cidade sendo preparadas para calçamento com paralelepípedos.



Avenida Paulista (atual Av. Andrade e Silva).



Rua Bernardino de Campos. Acima, o pontilhão da estrada de ferro sobre a rua.



Rua Cel. Francisco Nogueira, no trecho da antiga mina d'água. Em segundo plano, em cima, as casas que identificavam a zona do meretrício em Olímpia. No final dessa rua, iniciava-se a estrada municipal com destino a Severínia e Bebedouro.



Rua 7 de setembro. Em primeiro plano, o cruzamento com a rua São João. Ao lado direito, a máquina de beneficiamento de arroz Bacherini. O muro, à direita, é da residência do Sr. Eduardo Meyer.



Rua 9 de julho, aparecendo a ponte construída pelo Prefeito Paulo Furquim.



Rua São João. Ao lado direito o terreno onde seriam construídas a ACIO e a Cadeia.



Rua Conselheiro Antônio Prado. Em primeiro plano, a Praça Altino Arantes. Em cima, a saída da estrada municipal para Catanduva.



Rua São João, vendo-se na esquina, à esquerda, o Armazém Takahashi e, à direita, a Relojoaria Zenith, de Vicente Salemi.



Rua São João vista do mesmo ângulo da foto acima. Do lado direito aparece a Farmácia Santa Maria, de Antônio Barbosa Sobrinho.



Rua David de Oliveira, no instante em que transitava uma boiada de grande porte.

Nessa época, a cidade era tão poderosa financeiramente, que já possuía 6 entidades bancárias (Banco do Estado de São Paulo S/A, Banco Antônio de Queiroz S/A, Banco Mercantil do Estado de São Paulo S/A, Banco Comercial do Estado de São Paulo S/A, Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S/A e Banco do Brasil S/A), além de agências da Caixa Econômica Estadual e Caixa Econômica Federal.

O município contava com 637 estabelecimentos comerciais. Em 29 de março do ano de 1940 foi criada a Associação Comercial de Olímpia, com mais de 100 sócios, tendo como Patrono o Comendador Francisco Bernardes Ferreira.

Possuía Olímpia 1.394 propriedades agrícolas com 16.420.000 cafeeiros e 5.000 alqueires de algodão. A sua média de produção de café era de 90 arrobas por 1.000 pés, podendo-se afirmar que, pela ótima qualidade, o produto alcançava sempre os melhores preços do mercado.

Em gado *vacum*, o município de Olímpia engordava aproximadamente 90.000 cabeças.

O Clube Literário e Recreativo de Olímpia, entidade associativa das mais dinâmicas, com sede à Praça Rui Barbosa, era uma continuação do famoso "Clube dos Mosquiteiros", fundada em 31 de abril de 1931. Em 1941, sua diretoria compunha-se pelo Presidente Dr. José L. Aidar;

tesoureiro: Waldemar Martinelli; 1º secretário: Deolindo Nalto Bordo; 1º tesoureiro Nassrath Dib Daud; orador: Dr. Vicente Paschoal Junior. O Conselho Fiscal possuía os seguintes integrantes: Dr. Luiz Victório Cruz Martins, Sudário Miranda, Orestes Gotardi, Joaquim Arnaldo da Silva, José de Souza Cintra e Dr. Moacir Lima Garcia.



ASSOCIAÇÃO DOS COMERCÍARIOS DE OLÍMPIA

Fundada em 20 de fevereiro de 1936, a Associação dos Comerciantes de Olímpia foi um dos centros sociais mais amplos e frequentados em Olímpia.

Recreativa e literária, possuía ativos departamentos de cultura e esportes, com biblioteca, mesas de pinque-pongue, variados jogos de salão, 2 campos de bochas, tudo dentro de sua sede social instalada à rua Jorge Tibiriça, nº 919. A sua diretoria, na época, era composta pelo presidente João Eduardo Pereira; vice-presidente: José Heeck Vanti; 1º secretário: Lafaiete Mendes Ferreira; 2º secretário: Olintho Zambon; 1º tesoureiro: João Baiochi; 2º tesoureiro: Durval Lessi.



João Eduardo Pereira, presidente da ACO. Era conhecido como João da Ford.



Associação dos Comerciantes de Olímpia, à rua Jorge Tibiriça nº 919.

Terminava nesse ano de 1941, a gestão do Prefeito Dr. José Lopes Ferraz, com uma administração bastante produtiva para a nossa cidade, principalmente no setor de melhoramento das ruas e logradouros públicos, ajardinamento de praças e calçamento de 50.000m² de ruas.

COLÉGIO OLÍMPIA

Nunca se pretendeu fazer história, mas o próprio tempo se incumbiu de fazê-la. Assim, vamos recordar, através das páginas deste opúsculo, divagando no tempo e no espaço.

Grande parte desta história foi extraída do documento comemorativo do Jubileu de Ouro do Colégio, editado pelo Professor Victório Sgorlon.



Residência do Dr. Antônio Augusto Reis Neves, biblioteca, sala de administração do colégio Olímpia e alojamento das alunas internas.

Nasceu o Curso de Contabilidade em 22 de abril de 1938, no já existente Ginásio Olímpia, com o nome de Instituto Comercial de Olímpia, funcionando também, já nesse ano, o Curso Propedêutico, para preparar os alunos à primeira turma do Curso de Contadorandos.

Foi fundado pelo eminente advogado Camilo Nogueira da Gama e por sua esposa, Professora Hilda Nogueira da Gama.

Jaime Miranda e sua esposa, Professora Julieta Guerra Miranda (ele sobrinho do doutor Camilo por parte da esposa) foram convidados para participar da direção do Ginásio de Olímpia, o que se deu no ano de 1937.

Camilo residia em Barretos e, percebendo em suas visitas à cidade de Olímpia, o grande progresso da mesma, resolveu, depois de uma série de contatos com as

autoridades locais, fundar aqui o primeiro Ginásio, entregando sua administração ao sobrinho por afinidade, Doutor Jaime Miranda, que residia em Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, e se mudou logo depois para Olímpia. Os dois permaneceram à frente da direção da escola até 1938, quando a venderam a João Batista da Rocha, que era secretário do estabelecimento.

O senhor João Batista da Rocha, associou-se a Ítalo Galli, para comprar o Ginásio e o Instituto Comercial Olímpia, em maio de 1940. Ítalo Galli já era professor de português, na mesma escola. Como secretário, ficou o Sinésio O. Medeiros.

No segundo semestre de 1940, o Ginásio e o Instituto Comercial de Olímpia foram vendidos ao Dr. Antônio Augusto Reis Neves.

O VELHO NEVES



Capitão Dr. Antônio Augusto Reis Neves

Aqui abrimos espaço para falar de um dos mais proeminentes personagens da nossa história, "O Velho Neves", como era carinhosamente chamado por todos. Amou Olímpia, seu colégio, tanto quanto seus alunos, a quem carinhosamente chamava de "meus meninos". Possuindo um estabelecimento de ensino particular, proporcionava, mesmo àqueles sem condições financeiras para o pagamento, o mesmo estudo, as mesmas oportunidades. Centenas de pessoas passaram por seu colégio sem gastar um centavo. Elevou o seu colégio às alturas, como um dos melhores e mais famosos estabelecimentos de ensino do Estado.

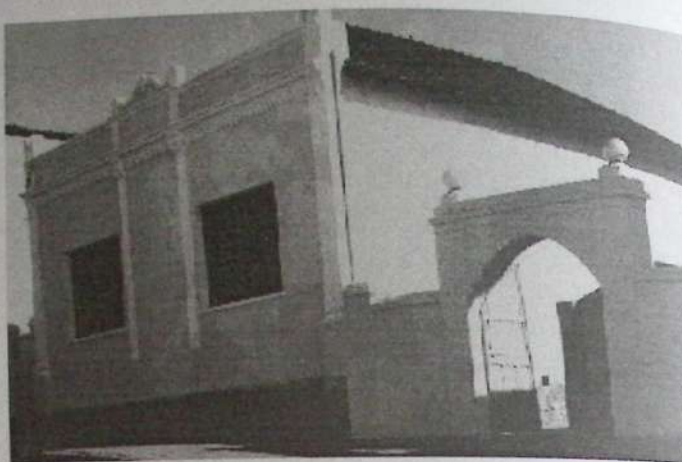
Incentivou os esportes, as artes e era obsecado por sua fanfarra, a segunda maior e melhor do Estado, com mais de cem figurantes. Nos dias de

desfile, ia caminhando ao lado e observando até o epílogo do desfile, quando se postava à frente, no alto alpendre do Colégio, e ordenava o toque da "Marcha Batida", que sempre levava o "Velho Neves" às lágrimas.

Não poderíamos deixar de registrar seu gesto, nas comemorações do Centenário de Barretos, no Estádio de Esportes daquela cidade. Dentro de um silêncio absoluto, quando o Bispo de Jaboticabal celebrava a Missa, ao erguer a Santa Hóstia, ouviu-se como um susurro a voz do Velho: "toquem a Marcha Batida". O pistão de Dante Pavese cortou o silêncio, e a fanfarra toda, afinada como um diapasão, executou a famosa Marcha. Ao terminar seguiram-se alguns segundos de silêncio e de espanto por esse desfecho inusitado. Depois, milhares de espectadores irromperam em estrondoso aplauso. Nós estávamos lá, e olhando o vulto altivo do Velho, percebemos discretas lágrimas lhe rolarem pelas faces.

Há muita coisa que não poderíamos deixar de contar... Daqueles alunos ameaçados de reprovação, que acorriam ao Velho pedindo socorro e a resposta era sempre a mesma: estudem que vou pedir ao professor que faça outra prova!... É a imagem que cada um de nós, seus alunos, guarda para sempre no coração.

Vamos retornar ao início. Quando Dr. Neves comprou o Colégio, convidou para



Portão de entrada para as salas de aula, à rua Bernardino de Campos, onde hoje funciona o Colégio Objetivo. Por esse portão passaram milhares de alunos.



Fachada da entrada do Colégio à rua Floriano Peixoto, onde funcionavam as salas do Curso Científico e, à noite, o Curso Contábil.

secretariar o estabelecimento que dava seus primeiros passos, João Carlos Soares de Oliveira, que também veio a ministrar aulas de História, Português, Geografia e Ciências. Ficou em Olímpia até 1946. Mudou-se para Barretos e ali permaneceu todo o ano de 1947. Em 1948, por muita insistência do Dr. Neves, voltou à Olímpia, ficando como vice-diretor do Curso de Ginásio e

Instituto Comercial até o final de 1949, quando comprou o Curso Técnico de Contabilidade e o Ginásio Francisco Barretos, mudando-se definitivamente.

Com a mudança de João Carlos para Barretos, foi chamado para ocupar seu lugar o professor e sobrinho do Dr. Neves, por afinidade, João Batista de Castilho.



João Batista de Castilho, secretário da escola.

Quando veio para Olímpia, Dr. Neves era casado com Georgina Alves Ferreira Neves, conhecida como "Dª Nenzinha", que foi o pulso firme e o braço direito na direção e na administração do internato, especificamente o feminino, auxiliada pela excepcional funcionária Maria de Oliveira, que soube distribuir muito amor, carinho e orientação às alunas internas junto com Dª Nenzinha. Cumpre registrar que havia mais de 200 alunas internas abrigadas no palacete principal e em imóveis anexos ao prédio do colégio, sempre sob a mais intensa vigilância das monitoras. Jovens vindas de muitos lugares e Estados compunham o grupo das alunas internas.

A maioria das estudantes provinha de outras cidades. Na primeira turma de formandos no Magistério, 65% eram alunos residentes em outras localidades: Jacareí, Sertãozinho, Catanduva, São José do Rio Preto, Frutal, Goiania, Tupã, Mirassol, Uberaba, São Paulo, Jaú, Bebedouro, Guaraci, Paulo de Faria, Icém, Campinas, Jundiá e muitas outras. O Colégio Olímpia era conceituado como um dos melhores do Estado.

Devido ao fato de ser a única escola com internato em toda uma vasta região, era muito grande o número de alunos pensionistas, tanto feminino como masculino.

Foi criada, em 1943, a Escola Normal Livre "Nossa Senhora da Conceição", uma das primeiras instaladas no interior do Estado de São Paulo.

Em junho de 1940, quando foi adquirido pelo Dr. Neves, o Ginásio de Olímpia possuía 403 alunos e a Escola de Comércio, 187 alunos. Quando foi criada a Escola Normal Livre Nossa Senhora da Conceição, em 1943, foram matriculados 111 alunos. Nessa época, era diretor do Ginásio Olímpia e da Escola Normal Dr. Jayme Leal Costa Neves, grande advogado e um dos mais brilhantes oradores da nossa história, filho do Dr. Neves.

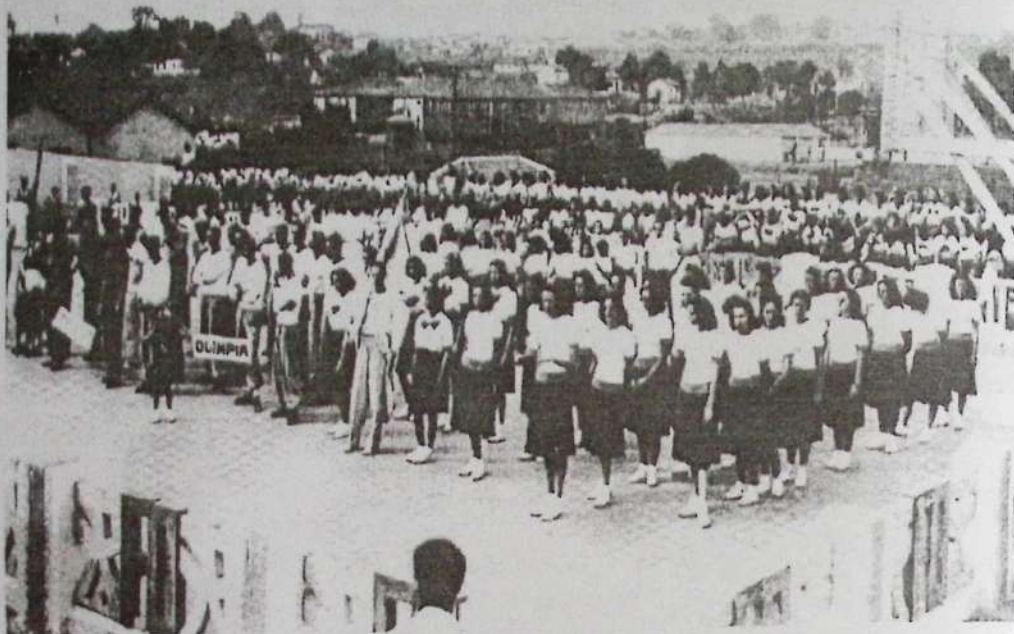


Dr. Jayme Leal da Costa Neves, Diretor da Escola Normal e do Ginásio. Brilhante causídico e excepcional orador; era filho do Velho Neves.

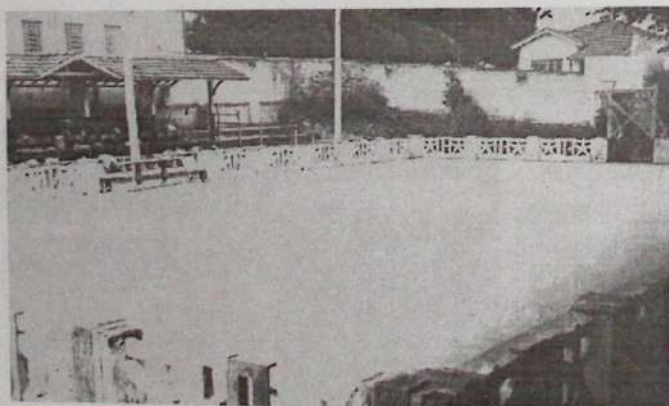
IMAGENS DA HISTÓRIA



Em 1942, o Capitão Narciso Bertolino cedeu ao Dr. Neves uma área com 3.600m², onde foi construída a Praça de Esportes do Colégio Olímpia. Como a foto mostra, a praça possuía campo de futebol, piscina e quadra.



Na foto acima, o registro da pré-inauguração da Quadra da Fundação Olímpica, com os estudantes perfilados. A quadra, que além de basquete e vôlei possuía campo para a prática do jogo de tênis, foi remodelada com piso de mosaico, arquibancadas de cimento e cobertura das cadeiras numeradas. Recebeu sistema de iluminação quando Dr. Neves a adquiriu dos cotistas fundadores.



Cumpramos observar que o Colégio Olímpia sempre representou a força máxima em todas as modalidades esportivas. Com o incentivo do Dr. Neves, os alunos do colégio, abundantes em quantidade e qualidade, fizeram da bandeira azul e branca, cores representativas do Colégio, objeto de respeito. Podemos acrescentar, com segurança, que o fim do Colégio, da quadra e da Praça da Esportes precipitou o declínio do esporte amador em Olímpia, em todas as modalidades.

Em 1949, o Dr. Neves criou também o Curso Científico, primeiro colégio de segundo grau em nossa cidade e região, mudando o nome da escola para Colégio Olímpia.

Para poder administrar a escola que crescia, e atender a demanda cada vez maior de alunos, o Dr. Neves precisou contratar pessoas credenciadas para dirigi-la, pois já não era possível fazê-lo sozinho.

Em 1952, foram admitidos os professores Aloísio Benedito Bonetti e Dimas Egydio dos Santos.



Prof. Dimas Egydio dos Santos

Fernando França Valente já estava atuando como professor desde o ano de 1951.

O primeiro, Aloísio Benedito Bonetti, além de professor, cuidou também da parte diretiva, como Diretor Técnico, de 1952 a 1953. O professor Dimas Egydio dos Santos foi Diretor Técnico de 1955 a 1962, exercendo também o magistério nos três cur-

sos existentes: Curso Técnico em Contabilidade, Curso Normal e Colegial Científico.

Fernando França Valente passou a Secretário em 1955, exercendo também o magistério nos três cursos até 1962.



Prof. Fernando França Valente

Com o advento do Ensino Oficial em nossa cidade no ano de 1949, a implantação do Curso Ginásial e logo após o Colegial, o Colégio Olímpia foi perdendo seus alunos para o Estado, que era gratuito. Algum tempo depois, morria também a Escola Normal Livre Nossa Senhora da Conceição, em 1964.

Com a extinção dos Cursos Ginásial e Colegial (Científico), os professores que há muito militavam no Colégio Olímpia e Escola Normal, foram se acomodando nas vagas existentes nas Escolas Oficiais.

O Dr. Neves, por sua vez, sofria uma ação trabalhista de vários professores. Ao ganharem essa ação, esses professores ganharam o Colégio Olímpia e os imóveis que pertenciam ao patrimônio do Dr. Neves, ficando o mesmo somente com o prédio da sede, o complexo esportivo e a quadra da Fundação Olímpica.



Professores - década de 50 - a partir da esquerda: Nicanor Florindo, Mário Covelo, José Albano, Victório Sgorlon, Fernando França Valente, Aloísio Benedito Bonetti e Rotschild Mathias Netto.

Expomos, a seguir, fotos dos professores da década de 50/60, como homenagem ao sentimento afetivo que por mais de 10 anos foi recíproco entre alunos e tão ilustres mestres e amigos.

PROFESSORES DO COLÉGIO OLÍMPIA NA DÉCADA DE 1940



Affife Latouf



Dina Delamanha Santana



José Esteves



Agnes Laotuf



Waldomiro Paiva Luz



José Maria Leal Costa Neves



Asdrubal M. Marcondes



Jayme Leal Costa Neves



Malvina Clemêncio da Silva



Dines Delamanha



Nilsa Diniz S. Oliveira



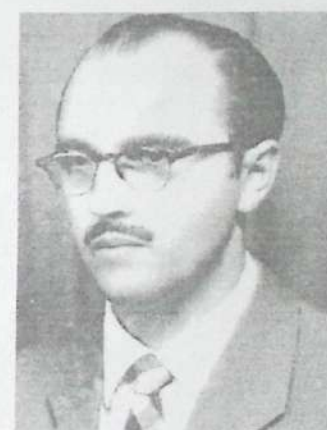
José Carlos Seno



Margarida Neves



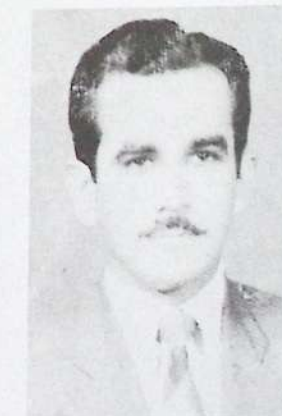
Luiz Mori Laraia



Victório Sgorlon



José Constantino Ferrato



José Albano



Alcy Gigliotti



Dr. Antônio Augusto Reis Neves e Dª Georgina Alves Ferreira Neves sendo homenageados pela Câmara Municipal de Olímpia.



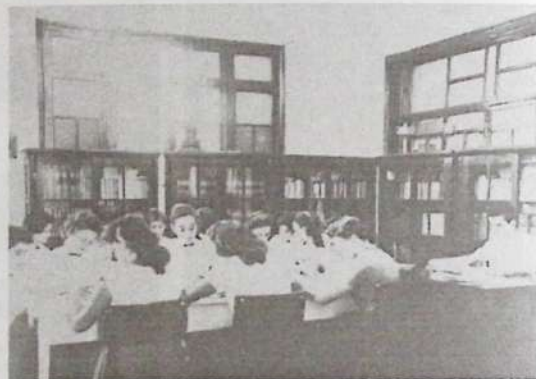
Pátio feminino, no prédio da sede.



Vista da entrada das salas de aula e do pátio masculino.



Dª Nenzinha corta fita simbólica. Junto a si o eminente professor e advogado Jayme L.C. Neves.



Biblioteca do Colégio Olímpia.



Vista do pátio masculino e das dependências do sanitário. Ali também eram instaladas mesas de pingue-pongue e objetos para recreação. Na hora do recreio, as alunas atravessavam em fila a rua e ficavam em outro pátio localizado no prédio da sede.



Biblioteca do Colégio Olímpia, situada no prédio da sede.



Laboratório do Colégio, localizado no pavilhão das salas de aula.



Sala onde estavam instaladas as máquinas da Escola de Datilografia do Colégio Olímpia.



Sala da administração, também localizada no prédio da sede.



Sala de aula instalada no pavilhão. Servia de salão nobre, para festas e solenidade.



Sala de visitas da sede do Colégio Olímpia.



Professor Geraldo Mugayar



Professor Nicanor Florindo



Professor Acácio Junqueira

Somente quem viveu essa época pode aquilatar a importância do Colégio Olímpia na vida da cidade e no desenvolvimento do jovem. Os professores davam o exemplo dignificante para a conduta, o respeito e a admiração. Poderíamos dizer que o Colégio era uma grande família, com atuação importante em todos os segmentos da vida dos jovens em Olímpia. Pertencer à fanfarra ou à equipe esportiva era o anseio de todos os alunos.

O Colégio participava ativamente de todos os acontecimentos da cidade. As datas cívicas eram comemoradas com grande pompa e desfiles grandiosos, com a participação de todos os alunos. No salão nobre do Colégio, eram realizadas as chamadas "brincadeiras", aos sábados, com conjunto musical do próprio colégio. Nos eventos esportivos, suas equipes estavam sempre presentes: torneios, Jogos Abertos do Interior, disputas regionais, intercolegiais, natação, basquete e vôlei, sempre prestigiadas pelo Dr. Neves, figura que representava a moral e o ensino.



Fachada da sede do Colégio Olímpia.



A fanfarra do Colégio Olímpia abrilhantando um desfile cívico.



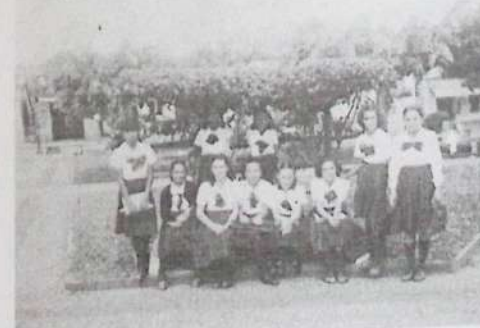
Primeira fanfarra de estudantes do Colégio - Uniforme: terno e gravata.



Desfile das alunas do Curso de Magistério.



Normalistas em frente ao Colégio com a Profª Lourdes Noriega.



Grupo normalistas na Praça Rui Barbosa.



Desfile de alunas pelas ruas da cidade.



A grande fanfarra do Colégio, a 2ª do Estado de SP.



Alunas abrindo desfile comemorativo.



Desfile de alunos do Curso Primário.



Solenidades de formatura em Magistério, no Cine Olímpia.



Desfiles - Colégio Olímpia



Alunas reunidas no pátio do Colégio



Alunos e alunas do Colégio em recreio na Praça.



Um grupo de alunas no pátio do Colégio Olímpia.



Alunos do Colégio Olímpia representando a cidade nos Jogos Abertos do Interior, em Campinas.



Equipe de basquete do Colégio Olímpia.



Estudantes do Colégio em disputa de torneio.



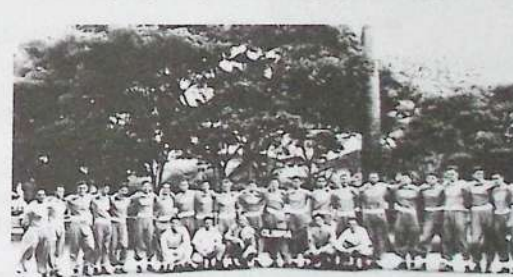
Equipe de estudantes do Colégio Olímpia.



Estudantes que participavam das equipes de basquete.



Equipe de basquete masculino do Colégio.



Esportistas do Colégio



Mais uma equipe de basquete do Colégio Olímpia.



Equipe feminina de basquete do Colégio Olímpia.

TODOS OS PROFESSORES ATÉ 1965

Nossa homenagem



Prof. José Sant'anna

Jaime Miranda - Julieta Guerra Miranda - Colombo Guerra - Antônio Silva Antunes - Afiffe Latouf - Wadih Latouf - José Lemos - Amintas Veloso de Siqueira - Aparecida Posela (Filinha) - Rotschild Mathias Netto - Asdrubal Nogueira Marcondes - Acacio Junqueira - José Esteves Guedes - Humberto Mendes - Arlete Graciadei Amado - Cecília N. Romero - Nicanor Florindo - João Carlos Soares de Oliveira - Ilda M. Monteiro - Dr. Doyle - Jaime Leal Costa Neves - Nilza Dinis Soares de Oliveira - João Simões Neto - Waldomiro Paiva Luz - José Paiva - Flávio Fausto Manzoli - Conceição Pardo - Antônio José Sarubi - Ester Mori Garcez - Iracema de Quadro - Ildefonso Teixeira Santos - Antônio Rodrigues - Sinésio Oliveira Medeiros - Manoel Pantaleão Albuquerque - Wilson Bastos Aguiar - Adazil Correia Santos - Victório Sgorlon - Ernani Augusto Pereira - Zenilda Grisi - José Albano - Luiz Mori Laraia - Moacir G. Dorileu Pereira Junior - Nicola Grannini - Aparecida das Graças Rivaldi - Rui do Amaral - Álvaro Grellet - Jances More Josias Schimidt - João Gercilso Porto - Oscar de Oliveira - Cyro Grossi - Adail Minton Borsato - Ewerton Castore.

Geraldo Mugayar - Joaquim Borges Netto - Fernando França Valente - Dimas Egydio dos Santos - Aloísio Benedito Bonetti - Alcy Gigliotti - Antônio Teixeira Marques - João Batista Castilho - José Maria Leal Costa Neves - José Constantino Ferrato - Adalto de Oliveira Serra - Paulo Sampaio Mattos - Aparecida Clemêncio - Lourdes Noriega - Neula Aparecida Pereira - Antônio Maricato - Rogério Alves de Lima - Cyrde Therezinha Martins Santos - Zenir Vaz Castilho - Maria Zulmira de Mello - Dines Delamanha Zambon - Amália Caldarelli Zacarelli - Josefina Rodrigues Garcia - Diva Campos Oracino - José Sant'anna e Therezinha Florindo.

SECRETÁRIOS E ESCRITURÁRIOS

Iner Bília - Sinésio Oliviera Medeiros - João Batista da Rocha - João Carlos Soares de Oliveira - João Batista Castilho - Fernando França Valente - José Sant'anna - Zélia Faria de Siqueira - Janice de Lourdes Marangoni - Abdias Almeida de Souza - Joana Aparecida de Oliveira - José Luiz dos Santos - Maria Aparecida Amin Rangel - Olivar Egydio da Costa.

TODOS OS FORMANDOS ATÉ 1965*

1ª TURMA DE 1938 A 1943: Alexandre Bonini - Antônio Seiki - Aparecida Clemêncio - Deolinda Consiglio - José Lopes Ferreira Junior - Moacyr Morari - Nassarath Dib Daud - Raphael de Oliveira Santos - Saule Mazer.

2ª TURMA - 1944: Albertina Borges da Silva - Alfredo Zucca - André Fuso Netto - Antônio Gonçalves Filho - Carlos Matheus Gonçalves - Carlos Bertolino Zanin - Djalma Lessi - Gemiliano Bombonati - Helena Miessa - Luiz Volpe - Maria Marconsin - Nassrat Dib Daud - Odete Rayel Constantino - Eugênia Paiva Teixeira.

3ª TURMA - 1945: Arnaldo Fuso - Elcio Arruda - Jayme Miniussi - João Rodrigues Batata Filho - Maria Odette Alves Ferreira - Sophia Ramos - Victória Ittavo.

4ª TURMA - 1946: Alberto Augusto dos Santos - Carlos Busse Júnior - David Gorodeschi - Euclides Ferreira Braga - Henrique Daddario - Joaquim Pedrosa - Milton Antonino Eduardo Pereira - Moacyr Bathaus - Nassib Daud - Walter Zucca - Zélia Faria de Siqueira - Zilda Brasil.

5ª TURMA - 1947: Dan Carvo - Eunice Colomba Sottero - Francisca Eugênia Ittavo - Francisco Francese - João Batista Castilho - João Carlos Barbosa - Milton Ferranti - Odilon Dias Lopes - Pedro Roberto Gianasi - Luiz Carlos Barbosa - Fernando Piovesan.

6ª TURMA - 1948: Albino Geremias Degasper - Alice Polegato - Armando Bertoni - Ary Gonçalves Plaza - Elde Degasper - Etelvina Pinto - Evandro Bertolino - Isidro Moreno - Jackie Dutra Sant'anna - José Mendes - José Pedroso - Júlio Marchini - Libano de Freitas Carvalho - Lourdes Lia de Almeida - Luzo Nogueira Garrido - Nelson Nicolau - Orides Gonçalves Plaza - Rubens Ribeiro de Souza - Luiz Ferranti.

7ª TURMA - 1949: Antônio Celso de Camargo Guerra - Bartholomeu José Ittavo - Décio Eduardo Pereira - Edson Eduardo Pereira - Esther Aparecida Gonçalves - Evanil Maria de Souza - Irineu Bertolino - José Ramos - Milton Cabral - Neder Simão - Odette Bertoni - Orlando Ferranti Marchini - Romualdo Bruniera - Wilson Jacob Zimmerman.

8ª TURMA - 1950: Albino Cassiolato - Aparecida Pinto do Carmo - Aparecida Braz Pimenta - Avelina Machado do Carmo - Benedicto de Oliveira Gomes - Brazil Paulo Ferrante - Celyo Ferrante, Ercídio Manzoli - Ivan Ribeiro de Mendonça, João Francisco Frautini - José Rodolpho Furlan - Luiz Benini Cabral - Nelson Braz de Miranda - Omar De Nadai - Paulo Nunes da Silva - Raul José Adão - Roger Latouff - Therezinha de Mendonça - Therezinha Marconzin - Wilson Carlos da Silva - Wilson Mello.

9ª TURMA - 1951: Aderbaldo Biella de Souza Valle - Antônio Borges Ventura, Aracy Calhado - Dirceu Branco - Edmo Wilson Cardoso - Euclides Benedicto Ducatti - Francisco Alves Pereira - João Rubens Murad - José Ruiz - Juvenal Zanovello, - Leo Secches - Milton Faria de Assis - Nice Pereira dos Santos - Norival Firmino Carlos - Oswaldo Ruiz - Raul da Cruz Filho - Roger Latouff - Rubens Sotero - Tochiyuki Horita - Waldemar Augusto dos Santos - Werther Bruniera.

10ª TURMA - 1952: Antônio Ferreira Squinca - Antônio Luiz Cassiolato - Braz da Silva - Dalva Ribeiro - Dilio Sgorlon - Ernesto Sgorlon - Ignez Rodrigues Gil - Trinco Maricato - João Cândido Borges - João Rodrigues Ocanha - José Mauro Afonso - José Thomé - Lúcio Soares Sachetini - Mário Vanti - Nelson Sottero - Neusa Júlia Manfrin - Oswaldo Longhi - Waldemar Rodrigues Castanheira.

11ª TURMA - 1953: Arnaldo Cipriano Garcia - Caetano Edgar Rizzatti - Dathan Cervo - Florentino Irineu Saquetim - João Valner Seno - Jorge Bichueti - Leila Aparecida Pinto - Manoel Martins Filho - Maria Mercedes Cassiolato - Omar Jose Carlos - Rubens Sanches - Segundo Tolfo - Sílvio de Melo - Toshihiro Shibayama - Walter de Oliveira Souza.

12ª TURMA - 1954: Adriano Luiz Baraldi - Agenor Sartorello - Antônio Magro - Arlindo Tameline - Augusto Binato de Castro - Carlos de Oliveira - Domingos Sgorlon - Tapaníria de Oliveira - Jair de Alencar - João Marechal Furlan - Jorge Thomé - Luiz Ruivo Filho - Maria Helena Alves - Onélio Seno - Wilma Alves Silveira - Yeiso Arakaki.

13ª TURMA - 1955: Alcides Alves Ferreira Filho - Clarice Silva Sé - Flávio Rossi Saquetim - Humberto Spiliberger - José Arthur Brasileiro de Souza - José Carlos Cerri - Oswaldo Afonso da Silva - Shinji Horita - Wilson Baratta.

14ª TURMA - 1956: Adir Gigliotti - Claudete Blanco Osório - Eduardo Roberto Aida - Geraldo Scarmelote - Gilberto Manoel Borges - Italo Vergamini - Joaquim Carlos Rodrigues - José Sant'anna - José Vasconcelos dos Santos - Leslye Ferrante - Nelson Pedro Vergamine - Sansaea Shing - Waldemar Helena - Zilá de Paula - Zoldo Baldan.

15ª TURMA - 1957: Álvaro Delamanha - Antônio Carlos Modesto - Arnaldo Borges da Silva - Carlos Alberto Prado - Celdan Acácio Murad - Deodete Alves Toledo - Dorival Ducatti - Dorval Morandi - Elcio Ferranti - Esmezei Balcan - Fausto Vieira Marcondes Filho - João Paschoal - Joel de Alencar - Raul Latouff - Walter da Silva.

16ª TURMA - 1958: Charles Hial - Ederly Netto - Edmundo Louzada de Oliveira - Geraldo Firmino - Gerson Cavalcanti de Souza - Jesus Aleigo Gil - João Cassioli - José Azevedo - Lincoln Luiz Borges - Magali Abujade - Maria Aparecida da Silva - Miguel Malufi Naief Zaccatiti - Orlando Nogueira Filho - Paulo Roberto Mathias Netto - Ubirajara Binatto de Castro - Wilson Ittavo.

17ª TURMA - 1959: Adelino Ezequiel - Alcides Pinhata - Aurália Arantes - Antônia Luzia Aida - Angelo Vitorelli - Astrogildo Guimarães Junqueira - Benedicto do Prado - Celso José Scabello - Dorvano Ferreira de Moraes - Eunice Da Silva - Geraldo Madrona Saes - Hamilton Morandi - Heloisa Helena Rugai - João Canin - João Manoel do Espírito Santo - João Trindade Lopes - José Antônio Galetti - José Roberto dos Santos Netto - Juliana Gil - Manoel Gonçalves Moreno - Marcos Antônio de Souza Lima - Maria de Lourdes Franco - Maria Ignez Ducatti - Maria Josefina Pissoloto - Marina Rodrigues Blanco - Oswaldo Botti - Oswaldo Gonzales - Oswaldo Martins - Realino Real - Rinaldo Galletti - Ruy Marcondes - Sylvio Salvador Covello - Takanori Takahashi - Valdecir de Ataíde Guerra - Valdemar Hial - Waldir Recco - Walter Carneiro de Siqueira - Wandir João Forti - Wandrey Delamanha.

18ª TURMA - 1960: Adileu Carlos do Nascimento - André Licanor Giroto - Antenor Ferreira do Carmo - Antônio Raul Almodovar - Bianor Bernardes Medeiros - Antônio Valdecir Charantola - Darcy Branco - Darwin Bacherini - Deici

José Branco - Devanir Carlos Simões - Dorival Códolo - Eunice Porto - Jayme Pereira Marinho - José Carlos Trindade - João Zampieri - Joel da Silva - José Joaquim Degásperi - Lioseí Sakiamia - João Zampieri - Milton Antônio Ribeiro da Silva - Neuracy Arcas - Oswaldo Silva - Roberto Machado de Souza - Roberto Machado de Souza - Ruth de Campos - Sérgio Pimenta de Souza - Urbano Borges - Vicente Erasmo Duarte - Vilson Sgorlon - Wanderley Dario Forti.

19 TURMA - 1961: Ana Virgínia Miziara - Ademar Jesias Carlos Aureliano - Agnor Minari - Alfredo Zuquim Netto - Amaury Pereira da Silva - Atílio Celestrini Neto - Cláudio Lopes Iess - Ernandes Cipriano Leal - Ernesto Monteiro - Estevan Lourival Ruiz - Fulva Botta - João Joaquim de Azevedo - Joaquim Fernandes Mathias Junior - Jonas Carlos Garcia - José Baldan - Jorge Minari - Luiz Roberto Mathias Netto - Manoel Edson Trindade - Mário Takahashi - Nelson Carlos Machado - Odete Lison - Orivaldo Lopes da Silva - Soyoko Minami - Severino Secchieri Filho - Silvio Roberto Mathias Netto - Valdemar de Afonso Fuso - Wanderley Carnevalli - Wilson Miranda - Yoniko Minami - Zenith de Salles Pereira - Antônio Carlos Lovato - Aparecida Neide Baldan.

20 TURMA - 1962: Aparecido Frezarin - Antônio Bonadio Sobrinho - Antônio de Mathias - Antônio Lourenço Galetti - Carlos Pimenta de Souza - David Carlos Francisco - Dioraci Maria de Abreu - Elmo de Jesus Magri - Ferranti Neto Savian - Glória Aparecida Cervato - Hilda Geraldo Weber Minari - Idalsina de Lourdes Spegorin - Jayme Cipriano - Jesus Ferezin - José Ademir Serafim - José Carlos Duarte - José Carlos Micheletto - José Moro - José Venâncio de Jesus - José Vitor Monteiro - Kioshi Iquegami - Luiz Carlos dos Santos Neto - Luiz Carlos Piton - Luiz Rebelatto - Maria Aparecida Spegorin - Maria Gil - Miguel Gil - Osmar João Denadai - Roberto Aparecido Spolidoro - Ronel Bronhara - Sérgio Augusto Santana - Vladimir Ferrarezi - Wilson Pereira de Castro.

21ª TURMA - 1963: Adalberto Reis Chaves - Adilson Sichieri - Aristeru Joaquim de Azevedo - Demóstenes Cervo - Ederci Netto - Edil Eduardo Pereira - Edison Thomazini - Helena Catarina Almeida - Jaime de Souza Costa Neves - João Isagawa - José Ademir Spegorin - José Luiz de Carvalho - Jurandir Fernandes de Souza - Marcelo Gil Munhoz - Miguel Caetano Rizzatti - Odalcir Salício - Tokiye Zaha - Wagner Righetti - Wallace Afonso Fuso - Waldfried Zimmermann - Waltenir José de Souza - Walter Galetti - Wanderley Antônio Laurindo.

22ª TURMA - 1964: Agostinho Antônio Pagotto - Alcides Francisco do Nascimento - Alexandre Gil - Antônio de Mathias - Antônio João Raphael - Antônio Jorge Tannuri - Ary de Campos - Carlos Arnaldo Coltro - Décio Manoel Simões - Dorvano Roque de Mattos - Edgar Antônio Pereira - Gláucio Puig de Mello - Heloisa Helena Moraes Leal - João Roberto Alves Ferreira - João Carlos Passoni - José Belarmino Ferrarese - Luiz de Azevedo - Marcelo Monzani Filho - Maria Thereza Vianna - Mauro Alves Rodrigues - Milton Domingues - Nelson Batista Coradini - Sotae Yamanaka - Sebastião Boisson - Sérgio Sidney Minari - Sinésio Antônio Marson - Tosihami Kimura - Wagner Recco - Werth A. Zimmermann - Hélio Carminatti.

23ª TURMA - 1965: Adayl Nilton Borsatto - Afonso Calixtro - Ague Nakai Kimura - Antônia Maria Souza Lopes - Antônio Aparecido Gaetan - Antônio Cardoso - Carlos Roberto Serrano - Carlos Sideni Plaza - Cesar Prandini Lasso - Edison Warner Furlan - Genival Antônio Spegorin - Hildebranco Mário da Cruz - Ildeu Gomes de Miranda - Irineu Imero Abra - João Borges Netto - João da Silva - João Roberto de Barros - Job Arley Riscali - José Antônio Gil - José Correia Sobrinho - José Fernando Rizzatti - José Luiz Aparecido Rosa - José Valdemar Sartori - Leonilro Pimenta - Luiz Bijotti Junior - Maria Sadako Isuda - Mitsoru Tokunaga - Moacyr Jarbas Zanolla - Nelson Domingues - Neuza Ribeiro - Norberto Antônio Cantero - Osmar Simões Junqueira - Osvaldo Domingos - Osvaldo Scarmelotti - Francisco de Assis Labadeça - João Valner Seno.

*Dados extraídos da revista comemorativa do Jubileu de Ouro do Colégio Olímpia, publicada pelo professor Victório Sgorlon.

Terminamos aqui a história do Colégio Olímpia. No próximo volume trataremos da evolução da escola, já com o nome de Colégio Comercial, de propriedade do professor Victório Sgorlon.

Tivemos, na verdade, que resumir consideravelmente a história do Colégio. Apenas registramos o que achamos mais importante e, principalmente, através da ilustração com fotos que, com certeza, avivaram a memória de todos aqueles que por ali passaram, como aluno ou professor.

Dizem, alguns, que reviver o passado é viver novamente. Pode ser, mas à medida que os nomes vão sendo alinhados, a nossa mente abre uma cortina, formando novamente rostos queridos com quem convivemos, e sabemos que muitos dele já partiram para a pátria espiritual. Tantos amigos, tantos acontecimentos, tantas ilusões. A cortina se fecha e voltamos à realidade, dura. O nosso tempo de ouro passou. A vida lá fora, assim como o tempo é outro. E temos, queiramos ou não, que caminhar, pois o futuro não espera.



Posse de Paulo Furquim no Palácio dos Campos Elíseos em São Paulo, no dia 17 de setembro de 1941 - Na foto a presença da comitiva olímpense.

Por decreto de 11/9/41, o Interventor Federal de São Paulo, Fernando Costa, nomeava o médico olímpense Paulo Furquim para Prefeito da cidade.

A posse aconteceu no dia 17 de setembro de 1941, no Salão Nobre do Departamento da Municipalidade, em São Paulo, no Palácio dos Campos Elíseos. Na comitiva presente, estavam: Raul Furquim, Custódio Ribeiro de Carvalho, Alberto Caldarelli, Gabriel Jorge Franco, Natal Breda, Theodomiro da Silva Melo, conhecido como "Tuta de Mello" e Archimedes Machado.

Usaram da palavra Custódio Ribeiro de Carvalho, representando a Sociedade de Beneficência Portuguesa de Olímpia, e Archimedes Machado. Às 10 horas do dia 18 de setembro, pelo trem da Rápido-Góias, a comitiva chegava em Olímpia, recebida pelo povo, sob o som da Banda Musical do Maestro Vicente Delamanha. Às 12 horas, no prédio do Fórum (atual Banespa), o Exmo. Juiz de Direito da Comarca de Olímpia, Raphael de Barros,



Dr. Paulo Furquim - Prefeito Municipal de Olímpia - Setembro de 1941 a Agosto de 1944 e eleito pelo povo em 09/11/1947.

presidia a cerimônia de posse local. Primeiramente, usou da palavra o sr. Lourenço Cavariani, Secretário da Prefeitura, que em nome do ex-prefeito José Lopes Ferraz, transferiu o cargo de prefeito a Paulo Furquim. Em seguida, em nome do povo, falou Bianor da Silva Medeiros.



Lourenço Cavariani - Secretário Municipal.

Paulo Furquim nasceu em Bebedouro em 7/7/1907. Fez o seu curso primário em Bebedouro, o secundário no Rio de Janeiro e em Jaboticabal.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1927, graduando-se em 1932. Começou a sua vida profissional em Araçatuba, como especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta. Mudou-se para Olímpia em fevereiro de 1935, residindo e clinicando à rua Bernardino de Campos, nº1256. Foi Prefeito Municipal de Olímpia de setembro de 1941 a agosto de 1944, sendo eleito posteriormente, já pelo voto popular, em 9 de novembro de 47.

Honestíssimo, trabalhador, com espírito de iniciativa, prestou relevantes serviços ao município, como um dos melhores administradores de nossa terra. Na sua obra vasta e complexa, regularizou as finanças municipais, reformou e ampliou o cemitério local.



Na reforma do cemitério São José, Paulo Furquim trouxe a entrada principal para a rua Síria.



Prolongamento da rua Síria até o Cemitério São José. A entrada antiga com seus portões de ferro ficava na rua Conselheiro Antônio Prado.

Furquim fez o fecho e o ajardinamento do Grupo Escolar D^a Anita Costa, ajardinou, sargeteou e iluminou a Praça Altino Arantes, construiu e iluminou o jardim da Praça da Matriz, fez o mitório subterrâneo. Construiu e iluminou o jardim da Praça Nossa Senhora Aparecida, auxiliou no acabamento dessa bela Igreja, iluminou, calçou e ajardinou a Praça Jeremia Lunardelli, frente a Estação Ferroviária, calçou diversos

quarteirões da cidade, sargeteando inúmeros outros, construiu a Avenida Paulista, o prolongamento da Avenida XV de Novembro (hoje Av. Waldemar Lopes Ferraz).



Avenida Paulista (atual Andrade e Silva).

Fez a doação do terreno para a construção do Palácio da Justiça e da Cadeia Pública e conseguiu do Governo do Estado o início dessas duas grandiosas e imponentes obras. Adquiriu o terreno para o cemitério de Ribeiro dos Santos e aumentou as dependências do Grupo Escolar daquele distrito. Concluiu o ajardinamento da Praça Pública de Severínia e obteve do Governo a construção do Grupo Escolar desse mesmo distrito. Retificou a estrada com saída para Catanduva e adquiriu o prédio onde funcionou por muitos anos a Prefeitura Municipal de Olímpia.



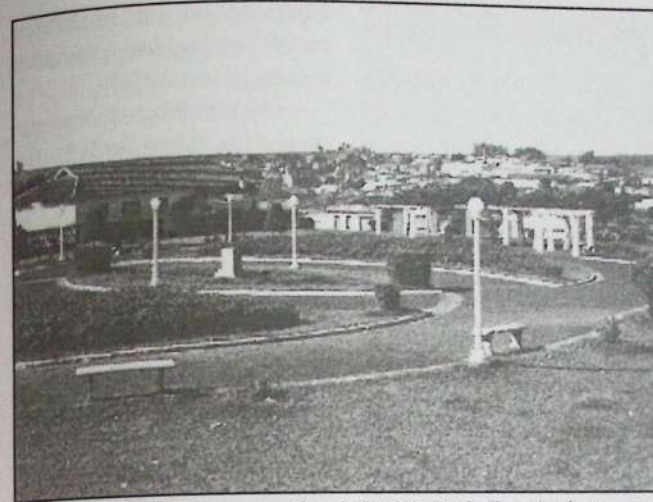
Antigo prédio da Prefeitura Municipal, adquirido pelo Dr. Furquim.

Foi nomeado interventor do Aero Clube de Olímpia e instalou a sua sede, criando a escola de pilotagem.

Deu à Legião Brasileira de Assistência o auxílio de cem mil cruzeiros, para as suas obras de assistência, comprou a primeira moto niveladora, que prestou enorme serviço a conservação de nossas estradas.

Fez o fecho e ajardinou o local destinado a ser inaugurado o Posto de Puericultura, extinguiu o Centro de Saúde Municipal e fez criar o Estadual. Concluiu a ponte de cimento da rua 9 de julho, arborizou a cidade, reformou e ampliou o matadouro municipal e teve projetos importantes, como o Mercado Municipal, a construção do Paço Municipal, da Estação Rodoviária e de outras pontes de concreto, que não puderam ser feitas na sua administração. Foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia e levou telefone para o distrito de Baguaçu.

Nesse período da gestão Furquim foram eleitos os seguintes vereadores em 1^a legislatura: 1948 a 1951 - Francisco Bernardes Ferreira, Erotides de Almeida Veloso, Amadeu Galmacci, Oscarlina de Toledo Bonilha, Dante Seno, Alberto Zaccarelli, Antônio Cisoto, João Eduardo Pereira, José de Carvalho Novaes, Gustavo de Almeida Filho (Severínia), Orlando Lopes, Isaias Miessa, José Benedito Nino do Amaral, José Garcia de Souza (Altair) e Vicente Paschoal Jr.



Praça Monteiro Lobato, construída pelo Prefeito Paulo Furquim, bem como o ajardinamento do Grupo Escolar D^a Anita Costa.

SUPLENTE QUE EXERCERAM MANDATO NA LEGISLATURA 1948/1951

José Carlos Seno, Mário Garcez Novaes, Waldomiro Paiva Luz, Bianor da Silva Medeiros, Brailino Ferreira de Moraes, Luiz dos Santos Ruivo, João Lamana, Juvenal de Quadros, Celvilho Storto, Brailino Ferreira de Moraes, Jerônimo de Almeida Camargo e Orlando Alves Cunha.



O Prefeito Municipal Paulo Furquim, em solenidade estudantil.

Financista, eliminou todas as despesas inúteis; trabalhando em silêncio, revelou-se um administrador modesto e genial. Casou-se em Bebedouro, em 8 de julho de

1933, com Maria Ubaldina de Barros Furquim, professora adjunta ao Grupo Escolar de Olímpia, construído e inaugurado em 1940.



Prof^a Maria Ubaldina de Barros Furquim.

Prof^a Maria Ubaldina de Barros Furquim nasceu em Bebedouro, filha de Joaquim Otávio de Barros e Áurea Proença de Barros, na época proprietários da Fazenda "Santa Ubaldina", em Bebedouro, fundada por eles em 1897, como legítimos bandeirantes naquela região.

A Professora Maria Ubaldina de Barros Furquim prestou relevantes serviços ao município e à sociedade de Olímpia. Como presidente da Legião Brasileira de Assistência, mostrou-se incansável, distribuindo centenas de milhares de cruzeiros aos mais necessitados. De seu esforço vieram as fanfarras do Grupo Escolar e do Tiro de Guerra de Olímpia. Como presidente da Caixa Escolar, doou vinte mil cruzeiros para o início da construção da cozinha do Grupo Escolar D^a Anita Costa e concluiu a obra. O distinto casal gerou os filhos: Marisa, Laís, Fernando, Rosali e Paulo de Barros Furquim.

INAUGURAÇÃO DO BANESPA



Nova Agência do Banco do Estado de São Paulo S/A em Olímpia.

Em 15/3/41, a agência do Banco do Estado de São Paulo deixava o seu antigo prédio (provisório) e inaugurava seu prédio próprio à rua Cel. Francisco Nogueira com a Praça Rui Barbosa.

A solenidade aconteceu nas próprias dependências, com a presença de autoridades locais do executivo e legislativo, religioso e também de membros da diretoria do Banco. Seu primeiro gerente foi Mateus Argemiro Candia. O segundo, Rubens de Azevedo Muniz e Waldemar Kohn, o terceiro.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA APARECIDA - 1926



Em 1926, assim era o terreno onde nasceria a Igreja de Nossa Senhora Aparecida. O local serviu como cemitério até 1914, quando foi transformado em praça. Na esquina, vê-se a Farmácia Popular do Cap. Narciso Bertolino. A casa parcialmente vista do lado direito, em primeiro plano, pertencia ao sr. José Cervo. Segundo a planta original da cidade, concebida pelo engenheiro Robert Jonh Reid, ali deveria ser instalado um teatro. Mas, construído o novo cemitério, o terreno foi destinado a uma praça, à qual mais tarde Francisco Bernardes Ferreira, então Prefeito Municipal, deu o nome de Praça Waldomiro Graça, em homenagem a esse herói morto durante a Revolução de 32.

Na pequena capela ali existente, no dia 21 de dezembro de 1941, foi celebrada uma missa pelo primeiro padre olimpiense, Rev. Teodoro Bibiano da Silva, ordenado pela Diocese de São Paulo. O padre Alfredo Pereda, pároco da Igreja Matriz, regeu o coro.

O segundo sacerdote, ordenado na Catedral de Campinas, a 6 de dezembro de 1942, ali celebrou o Santo Ofício no dia de Reis. Membro de distinta família local, nascido em 1913, sendo seus pais, Antônio Caetano Magalhães e Ana Magalhães. Essa missa foi celebrada no dia 7 de janeiro de 1943, às sete horas, na Capela de Nossa Senhora Aparecida.

O Jornal *Cidade de Olímpia* nº 1.410, de 3 de janeiro de 1943, dava o seguinte destaque: "Em breve estará terminado o ajardinamento da Praça de Nossa Senhora Aparecida. O local foi arado e preparados os canteiros e depois feito o sargateamento externo e interno, com plantação de arbustos e flores".

Fato peculiar, mas que tem ser registrado, é que no início dos anos 30, uma senhora, de boas posses financeiras, iniciou a construção da Capela. Depois, mudou-se e a obra foi paralisada.

Esses alicerces foram encontrados em 1932, quando foram iniciadas as obras de construção.

Mais de 30 anos foi o tempo gasto na construção da Igreja, pois os recursos eram muito poucos. Aos poucos, e dependendo de pequenos donativos e realizações de quermesses, é que a igreja pode ser concluída em 1944.



Antônio Azevedo, personagem fundamental na construção da Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Dedicado, nunca esmoreceu, trabalhando sem parar, até ver concretizado o objetivo.

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

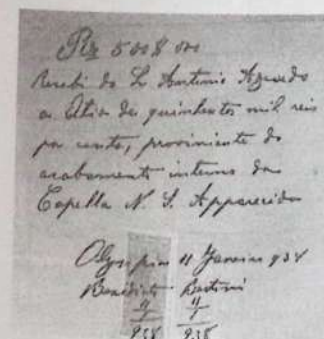
Antônio Azevedo nasceu a 18 de maio de 1892, em Famalicão, Portugal. Faleceu aos 3 dias de março de 1984, em Olímpia, sendo sepultado no cemitério São José. Veio para o Brasil em meados de 1926, após ter participado na Primeira Guerra Mundial. Prisioneiro dos alemães, conseguiu a fuga e atribuiu sua liberdade à fé em Nossa Senhora. Por isso, dedicou o resto de sua vida a construir uma igreja em louvor à Santa.

Em 1932, já no Brasil,

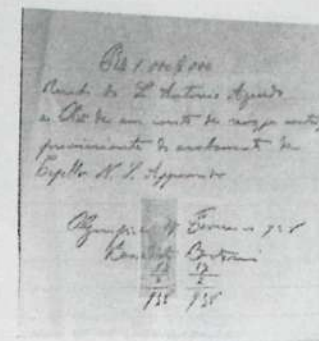
casou-se com Norma Ferranti Azevedo, passando a residir em uma casa localizada na praça (antigo cemitério municipal), adquirida pelo seu sogro Júlio Ferranti, próspero industrial no ramo de massas alimentícias. Observou Antônio Azevedo, no local, alicerces de uma igreja cujo projeto fora abandonado. Determinado a resgatar as graças obtidas durante a guerra e cuja liberdade atribuiu à Nossa Senhora, resolveu construir ali uma igreja.

Por volta de 1934, conseguiu, então, do vigário da Paróquia de São João Batista, Monsenhor Bezerra de Menezes, e posteriormente do Padre Henrique e Alfredo Pereira, permissão para formar uma comissão para esse fim. Constavam da comissão os nomes de Antônio Augusto dos Santos, Bonifácio Luiz de Carvalho, Augusto dos Santos, Camilo Thomé, Alberto dos Santos e João Francese (Viatti).

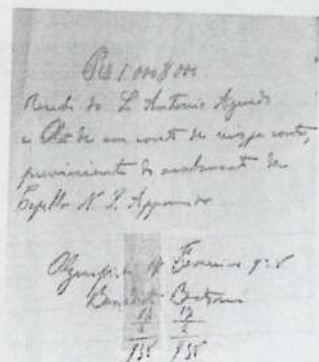
O projeto começou a tomar vulto, mesmo com as enormes dificuldades. Ao fim, Antônio Azevedo estava praticamente sozinho.



Recibo emitido por Antonio Azevedo no pagamento de serviços de pedreiro ao Sr. Benedito, em 11 de fevereiro de 1935.



Outro recibo emitido por Antônio Azevedo em favor de Benedito Berton, por serviços realizados na Capela.



Outro recibo emitido por Antônio Azevedo em favor do pedreiro Benedito Berton por serviços executados na Capela de Nossa Senhora Aparecida.



Na foto acima a Igreja concluída em 1944. Abaixo, observando-se o mesmo ângulo, vemos o antigo cemitério municipal onde a Igreja foi construída.

Todos os anos, no mês de setembro, realizavam-se as tradicionais quermesses, cujas rendas eram revertidas em favor da Igreja. Do evento participavam muitas famílias (festeiros), que colaboravam com prendas e donativos. Eram festas religiosas, com novenas, procissão, leilão de prendas e animais, sempre animadas pela Banda Musical do Maestro Delamânia. Era um ambiente maravilhoso, de confraternização, de respeito e principalmente de muita alegria. No final de 1944, praticamente sozinho, Antônio Azevedo viu realizado seu sonho. A Igreja estava pronta. Em 1950, foi colocado o relógio na torre.

A Igreja foi dedicada a Nossa Senhora da Aparecida, Padroeira do Brasil, por decreto do Bispo da Diocese de Jaboicabal, D. José Varani, sendo a Igreja, em 1958, entregue aos cuidados dos Padres Franciscanos italianos.

O primeiro vigário foi Frei Eugênio da Rosa, que confiou a Antônio Azevedo a administração da igreja, inclusive com o cargo

de tesoureiro. No dia 25 de junho de 1958, foi nomeado o primeiro Padre, Frei Eugênio da Rosa, para tomar cargo na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, conforme documento abaixo, assinado pelo Revmo. D. José Varani, Bispo da Diocese de Jaboticabal, a que pertencia a Paróquia de São João Batista, desde a segunda década do século XX.



Documento de nomeação de Frei Eugênio da Rosa - 25/6/58.



Flagrante de missa realizada na Igreja de Nossa Senhora da Aparecida. De branco o Frei Eugênio da Rosa.



Vista interna da Igreja de Nossa Senhora da Aparecida.



Vista panorâmica da Igreja e da Praça Nossa Senhora da Aparecida, construída no local em que foi criado o primeiro cemitério de Olímpia, ainda no século XIX.

A NOVA MATRIZ

Após a reforma da velha Igreja Matriz, reinaugurada em dezembro de 1952, vários personagens ligados à Igreja, liderados por um articulista do jornal *Cidade de Olímpia*, organizaram um movimento para que fosse construída uma nova Igreja Matriz, alegando que, na reforma, a igreja velha tinha perdido muito de sua estrutura primária.

Em 1958, começou o movimento para a construção de uma nova Matriz. Na época era o vigário em nossa cidade o Frei Eugênio da Rosa. Os recursos financeiros seriam obtidos através de donativos e realizações de quermesses em praça pública.

Em 1960, finalmente foi constituída uma comissão, tendo a frente o Padre José Sala e o Frei Antônio Trassera, com os seguintes elementos: João Bráido, Adolfo Zambon, Manoel José Dias, Luiz Volpe, Juvenal Rodrigues de Souza e Lídio Soares Sachetin.

Para tanto, um projeto já estava pronto, realizado a pedido da comissão pela Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo.

Essa Igreja seria construída totalmente com base em modelo europeu, mais precisamente, uma cópia fiel da Catedral de Reims, na França.

Entretanto, a comissão, como providência prioritária, desfez-se desse projeto e começou outro estudo da obra, com nova planta, alegando redução de gastos. Para isso, foi tomada em conta a opinião pública.



Primeiro projeto elaborado e posteriormente descartado. A Matriz, conforme foto, seria uma cópia fiel da Catedral de Reims, na França.

A planta inicial acima exposta, foi substituída por um projeto do engenheiro Melanias Nagamine, com o aproveitamento da seção das obras sociais, já em desenvolvimento de construção.

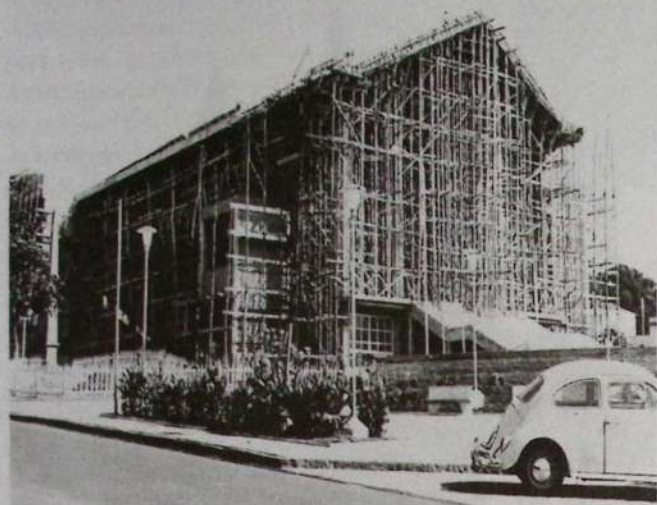
O novo projeto, além de baratear os custos de construção, apresentava também linhas arquitetônicas modernas e funcionais, aproveitando melhor a topografia do terreno, dando assim um ar mais majestoso à principal praça da cidade.

Em 1965, tendo a frente o Vigário Antônio Sant'Climents, foi formada nova comissão, que até o final da obra tratou dos assuntos administrativos. João Gianotto, Álvaro Salles Cunha, Luiz Volpe, Álvaro Di Marco, Hermenegildo Spegiarin, Oswaldo de Lima Borges, Cipriano Branco e Jerônimo de Azevedo a integravam.

Para não haver interrupção dos ofícios religiosos, os mesmos passaram a ser realizados no salão nobre do Colégio Olímpia.



Últimos resquícios da velha e famosa Matriz, já totalmente derrubada e mostrando apenas o alicerce. Ao lado direito, o início da nova Igreja.



A nova igreja Matriz no início sua construção, toda cercada de andaimes.

O desaparecimento da tradicional igreja não deixou de criar certa comoção em grande parte da população, pois pela beleza e tradição histórica, ela foi testemunha de inúmeros acontecimentos. Batizados, casamentos, ofícios, etc. marcaram muita gente, principalmente os moradores que há muito tempo haviam partido, quando retornavam à cidade, lastimavam profundamente a ausência daquele maravilhoso marco de Olímpia.

O sentimento místico ainda se faz presente, quando contam que possantes máquinas, com cabos de aço fortíssimos não conseguiram derrubar a torre principal. Os cabos se partiam. Parecia que ela resistia bravamente contra o destino que lhe era imposto. Não caiu, conservou sua majestade até o fim, quando tiveram que tirar tijolo por tijolo. Após o serviço de limpeza e terraplanagem, iniciou-se a fase de construção. Primeira-

mente o acabamento da Cripta que, concluída em 12 meses, já oferecia condições para serviços religiosos, em uma área de 900 metros quadrados.

Com a finalidade de angariar fundos para a construção da nova Matriz, criou-se um plano de sorteios mensais, cujo prêmio

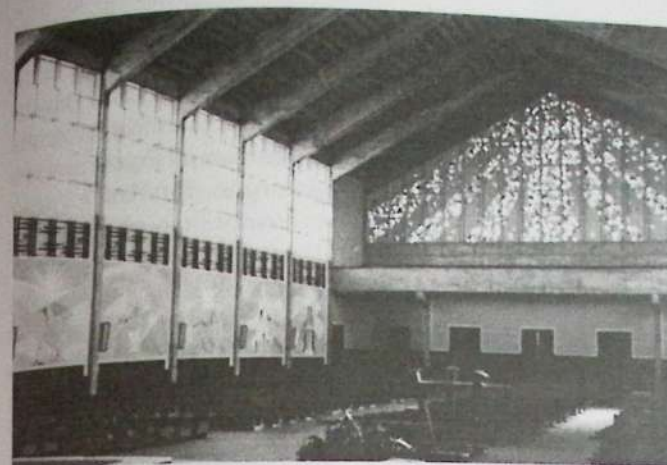
eram veículos. Desta forma, foram vendidos centenas de carnês. Paralelamente, quermesses anuais continuaram a ser realizadas, com renda para o projeto.

Passaram-se 10 anos até a Igreja ser totalmente construída. Nos últimos anos, todos os esforços foram dispendidos para o erguimento do corpo da Igreja, propriamente dito, ficando as obras em concreto terminadas, excetuando-se a torre lateral.

Como registro, é bom ressaltar que a Igreja Matriz de Olímpia é uma das maiores do Estado de São Paulo e possui características que registramos a seguir. O terreno mede 1788,55m² e o total das áreas construídas é 3.588,06m². A cripta mede 900m², a nave e o batistério 1500m² e cada pavimento das obras sociais 251,40m². A igreja é cercada por jardins e belíssimas palmeiras imperiais plantadas em 1920.



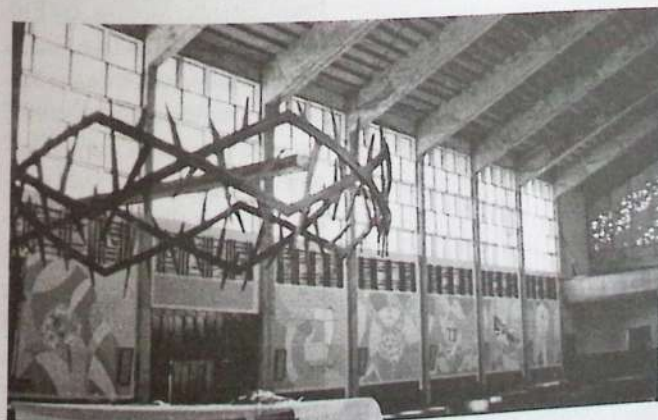
Outro flagrante da construção da nova Igreja Matriz de São João Batista.



Vista panorâmica da nova Matriz mostrando as portas de entrada, ao fundo.



O altar, vendo-se sobre o mesmo a coroa de espinhos. Ao fundo, a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.



Em primeiro plano, a coroa de espinhos sobre o altar.

A obra abrangeu a Sede Social da Paróquia de São João Batista, contendo salas para trabalhos, como a sala alheada por uma grande parede de vidros, para as mães que frequentam as missas com crianças pequenas, sacristia, salão de festas.

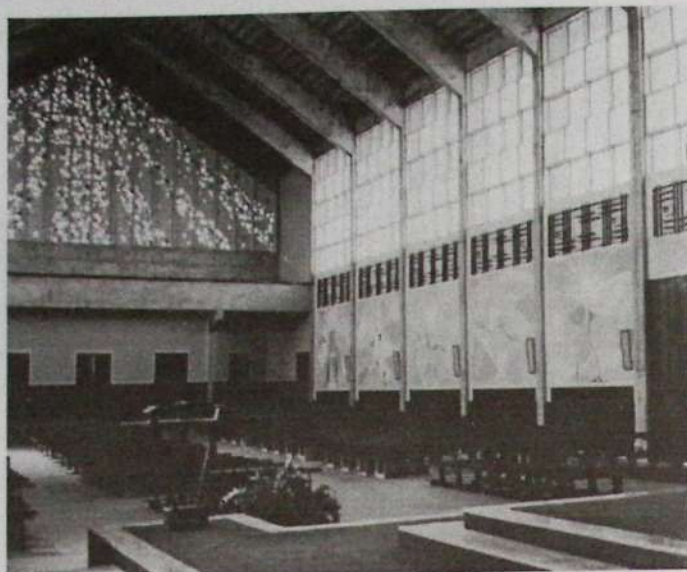
A torre mede quarenta e cinco metros e incorpora um relógio.

O salão e a nave da nova Matriz funcionam com sistema de refrigeração natural e artificial. Registramos, desta forma, as características principais da nova edificação do templo de São João Batista.

Convém salientar que a nova Igreja de Olímpia se constitui hoje numa das mais modernas e suntuosas do Estado de São Paulo, além de ser também uma das maiores, com capacidade para acomodar 2.000 pessoas sentadas.

O ponto mais alto do teto da igreja mede 17m. O comprimento interno do presbitério até a porta de saída é de 50,5m. A largura da nave mede 22,40m e a do presbitério 34,40m. A torre quadrangular tem 47 metros de altura.

Internamente a igreja é ornada de belas imagens e enfeites talhados em madeira mogno. A imagem de Cristo ressuscitado, que está em cima do altar, tem 7,80m de altura. A cabeça e as mãos medem 0,80m cada uma.



As imagens do Padroeiro São João Batista e de Nossa Senhora medem 3m. A coroa de espinhos, que foi colocada suspensa em cima do altar-mor, tem 8m de diâmetro.

No início do presbitério, formando os púlpitos do sacerdote e dos leitores, encontram-se os três cravos da crucificação. O sacrário representa o globo terrestre.

Esses trabalhos foram executados pelo grande escultor espanhol, natural de Barcelona, Luiz Noguer, na época residindo em Jaboticabal.

As pinturas nas paredes, realizadas em grandes painéis simbólicos, foram executadas pelo renomado pintor também espanhol, José Perez, residente em Tanabi, (SP), dando grande beleza e harmonia em todo o

suntuoso templo.

A obra da construção da nova Igreja de São João Batista foi iniciada pelos padres Antônio Tracera e Frei Tarcísio Santoro e finalizada pelo reverendíssimo padre Monsenhor Antônio Sant'Climents.

A INAUGURAÇÃO DA NOVA MATRIZ



Finalmente, no dia 24 de junho de 1975, com a presença do Governador do Estado de S. Paulo, Paulo Egydio Martins, do Bispo de Jaboticabal D. José Varani, autoridades eclesiásticas, políticas e a participação de grande parte da população, seria oficialmente inaugurada a nova Igreja, para orgulho de todos os olímpenses, que então possuíam uma das maiores e mais bonitas igrejas de todo o Estado de São Paulo. Sua realização, depois de 10 anos de lutas e sacrifício, mostrou a fé do povo olímpense.

Dia 24 de junho de 1975 é uma data que ficará para sempre marcada, estampando um fato histórico e um exemplo para as gerações futuras, de que tudo é possível desde que haja determinação.

Nesse dia a cidade se fez em festa. Toda a população, orgulhosa por ter de uma forma ou outra participado, aglomerou-se nas praças Matriz e Rui Barbosa para prestigiar o acontecimento.



Fiéis aglomeram-se em frente à nova Matriz prestigiando sua inauguração.



O presidente da comissão de construção, João Gianotto, entrega flores à esposa do Governador Paulo Egydio Martins, convidado especial para o evento.

Estiveram presentes o Governador de São Paulo Paulo Egydio Martins e autoridades de toda a região, dando, assim, cunho especial ao ato solene de inauguração oficial da nova Igreja, orgulho de Olímpia.



Olímpia recebe a visita do Bispo de Jaboticabal D. José Varani e comitiva.



Dentro da cripta os fiéis aguardam o início da missa.



Adentra o recinto a imagem do padroeiro carregada por atiradores do TG, tendo a frente o Sr. João Gianoto.



A seguir membros da comissão e suas esposas tomam seus lugares no recinto.



Vista do altar e do povo que veio prestigiar o acontecimento.



Acompanhado pelos membros da comissão organizadora caminha para a missa oficial e a bênção da nova igreja o Arcebispo D. José Varani, da Diocese de Jaboticabal, a que pertence a paróquia de Olímpia.

Aqui termina nossa história sobre a Igreja de São João Batista, desde a fundação da cidade, o transcorrer de sua história, com todos os padres que por aqui passaram, e os acontecimentos que nortearam sua existência. Uma história de trabalho e lutas, sempre vencidas pela fé e determinação de um povo que tem como seu principal símbolo e como razão de ser o Mestre Jesus.



so Lopes Ferraz, aproveitando a construção da nova Igreja Matriz, conseguiu aprovação do projeto para a construção de um novo jardim. Surgiu, então, uma grande polêmica, porque parte da população queria a conservação do velho jardim. Alguns, sentimentais, diziam que ali tinham conhecido a namorada que se tornou esposa; outros diziam que gostavam de ficar ali ouvindo, pelo alto-falante, a transmissão de jogos de futebol, da rádio local. E havia os que desejavam uma praça mais moderna...

PRAÇA RUI BARBOSA

Ali nasceu Olímpia, em 02 de março de 1903. Por ordem de Francisco Nogueira, em 1908 foi aberta a praça para que pudesse ser realizada a primeira cavalhada. Construída pelo Prefeito Mário Marcondes, sofreu melhorias nas gestões de Geremia Lunardelli e Paulo Furquim. O Prefeito José Lopes Ferraz, na década de 30, havia procedido à última reforma. A praça continuaria inalterada até 1964, quando o Prefeito Alfon-



TRECHO JARDIM PÚBLICO - OLÍMPIA

A primeira foto ao alto mostra o antigo jardim com a sua "Roda do Meio". A foto acima focaliza o jardim antigo por dentro. Ao lado a foto mostra a rua em frente a Igreja Matriz, o ponto de charretes e automóveis, que deixou de existir.

Sem dúvida, o jardim era o ponto de encontro dos estudantes, da sociedade, dos namorados, lugar de solenidades, festas. Havia até colunas em jornais, onde a sociedade era o assunto registrado, na "Roda do Meio" e na "Roda de Fora".

OLÍMPIA - Cidade Menina Moça - 1941/1965

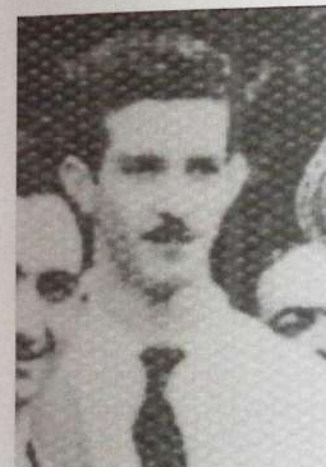
FATOS E GENTE

O AVIÃO PEIXOTO

No dia 24 de novembro de 1941, era solenemente batizado com o nome de Floriano Peixoto o avião doado ao Aero Clube de Olímpia pelo Sr. Peixoto de Castro, industrial em Penedos (AL). O avião teve como padrinho o General Góis Monteiro e a solenidade foi realizada no aeroporto da Porta do Calabouço, tendo como representante de Olímpia, pelo Aero Clube, Custódio Ribeiro de Carvalho.

MORRE OCTÁVIO FERRAZ

Às vésperas do ano novo, dia 31 de dezembro, viria a falecer o jovem médico Octávio Lopes Ferraz, clínico da Casa de Saúde Lopes Ferraz.



Octávio Lopes Ferraz

Octávio era natural de Igarapu, nascido no dia 23 de julho de 1909. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1933, veio para Olímpia, onde era muito conceituado e amigo de todos. Sua morte cobriu de luto a cidade. Foi sepultado no cemitério São José em nossa cidade.

OLÍMPIA - Cidade Menina Moça - 1941/1965

SINAIS DA PROSPERIDADE



Foto das indústrias Anderson Clayton & Cia. Ltda.

A produção de algodão era tão grande em nosso município (5.000 alqueires), que a firma americana, Anderson Clayton & Cia Ltda montou uma grande indústria para compra e benefício do algodão. Estebeleceu-se ao lado da Cia de Estradas de Ferro, iniciando sua construção em 1º de setembro de 1938, com investimento de dois milhões de cruzeiros. O engenheiro dessa obra foi Edson Cabral e a gerência entregue a Manoel José Dias, natural de Monsão, Portugal, brasileiro naturalizado, que veio para o Brasil em 1911. Casou-se com D^a Rosina Maroti Dias e tiveram um filho, Caio Lelis Dias, advogado.

O Banco Mercantil de São Paulo S/A foi inaugurado em nossa cidade no dia 4 de maio de 1942. Seu primeiro gerente foi Silviano Pinto, o segundo Manoel Cunha, o contador, Acácio Junqueira e o escriturário Carlos Zanin.

O Banco do Brasil S/A foi inaugurado em Olímpia em 17

de janeiro de 1942.

Seu primeiro gerente foi Pedro Tércio da Cambraia Sales, o segundo, David Fonseca, seu primeiro contador, Manoel Salek, o segundo, Breno de Carvalho e o terceiro Arnaldo Nogueira.

O fluxo de dinheiro era tão grande, que Olímpia nessas décadas teve os seguintes Bancos: Arthur Scatena, Banco da Bahia, Queiroz, Estado, Brasil, Mercantil, Comércio e Indústria, Itaú, Bradesco, Comercial, Cooperativa de Crédito, Caixa Estadual e Caixa Federal.

Esse fato comprova, o grande poderio da cidade na ocasião, devido a sua agricultura que, além do café, possuía diversificação na produção de outras culturas, como o arroz, feijão, milho, cana de açúcar e também de gado leiteiro.



A foto registra o bar e restaurante "A Seleta", na Praça Rui Barbosa, na época o principal local de encontro da sociedade olímpense.

DR. ARRUDA



José Manuel de Arruda

José Manuel Arruda, nasceu em Campinas em 20 de fevereiro de 1904. Era filho do casal João Manoel Arruda e Honorina Dias Arruda. Pelo lado paterno, descendia de José Manuel de Arruda Abreu, Capitão-Mor em Porto Feliz: pelo materno, de Sérgio Augusto de Arruda Campos, de tradicional família de Tietê. Fez o seu curso primário no Grupo Escolar de Descalvado, o curso Normal em Piratininga, onde se diplomou, em 1921, com raro brilho.

Foi nomeado professor público na cidade de Jaboticabal, zona rural, em 1923, ali permanecendo no magistério e, em seguida, no secundário (Ginásio São Luiz), até 1938. Em 1935 concluiu o seu curso de Direito, na Universidade do Rio de Janeiro. Foi advogado dois anos nas comarcas de Bebedouro e Jaboticabal. Em 1939 foi nomeado Promotor Público substituto em Itapetininga e, logo depois, efetivado no cargo de Promotor Público na cidade de Cruzeiro. Em seguida, transferiu-se para Sertãozinho e ali ficou como representante do Ministério Público até 1940. Foi nomeado Juiz de Direito em Lorena e, posteriormente, em Pirassununga e José Bonifácio, em novembro de 1941, ali permanecendo até junho de 1945, quando foi removido para a comarca de Mirassol, como seu primeiro Juiz, instalando-a em 13 de junho de 1945. Promovido para a comarca de Pinhal, permutou, em seguida, com o titular de Olímpia, assumindo a jurisdição de nossa comarca, no dia em 17 de junho de 1946.

Homem sóbrio, simples, bom, sem vícios, com um caráter bem formado, culto, trabalhador e justo, revelou-se, desde logo, um dos melhores juízes que por aqui passaram e um dos elementos mais importantes da nossa sociedade. De fina educação, muito fez pela cidade, não só como juiz, mas também como cidadão. Basta lembrar um, dentre muitos atos de benemerência praticado por ele em Olímpia: a festa de caridade realizada em setembro de 1946, em benefício da Santa Casa local, que rendeu a considerável importância líquida de Cr\$ 293.000,00.

Como Juiz de Menores, portava-se como um pai, agindo com sabedoria e energia prática, com benéficos efeitos e grandes resultados.

Como Juiz Eleitoral, qualificou grande número de eleitores, fez o expurgo de eleitores incapazes e presidiu eleições em nossa comarca, distribuindo os trabalhos e controlando as campanhas, sem cercear a liberdade política e não admitindo quaisquer exageros comuns em época de grande movimentação eleitoral. Supervisionou a apuração dos votos e fez a proclamação dos candidatos a Prefeito e Vereador dos municípios de Olímpia, Cajobi, e Guaraci, empossando-os em sessão solene realizada no Fórum de Olímpia, e conduzindo-a de tal modo, que ficou merecedor não somente da simpatia, mas ainda da admiração coletiva.



O Fórum, na época, instalado no prédio do antigo Cine Theatro Cervantes (atual prédio do Banespa) em dia de Juri.

A passagem do Dr. José Manuel Arruda por Olímpia foi muito feliz. Além do cargo que exercia, incorporou-se à sociedade, participando de todos os eventos sociais, fazendo valer seu prestígio e solidariedade.

Casou-se em Jaboticabal com D^a Maria Izabel Fontes Arruda, em 1929, filha de Liberato da Costa Fontes e D^a Ana Vaz Fontes, Promotor Público, que exerceu esse cargo durante 32 anos.

Teve três filhas: Maria José, professora, Maria Aparecida e Maria Helena. Arruda, dignificou nossa comarca, como homem, como Juiz e como cidadão.

Sua esposa e companheira, Maria Izabel Fontes, também carinhosamente chamada "D^a Belinha", cumpriu a nobre tarefa que abraçou, se dedicando com desvelo e carinho às obras de assistência social, dando o melhor de si para o aparelhamento de nossas instituições.

MORRE LUIZ MORI

Às 21 horas do mês de

maio do ano de 1942, faleceria Luiz Mori, antigo proprietário da Tipografia América e Diretor proprietário do Jornal *Cidade de Olímpia*. Luiz Mori nasceu em Pontremoli, província de Massa Carrara, na Itália. Ali casou-se com D^a Rosalinda Catini Mori. Vieram para o Brasil em 1893. Viveu por 24 anos em Jaboticabal. Em 1918 veio para Olímpia e, em 1923, passou a ser o Diretor Proprietário do Jornal *Cidade de Olímpia*.

ALTO-FALANTES

Em 1938, era inaugurado na Praça Rui Barbosa o primeiro serviço de alto-falantes em Olímpia, iniciativa de Luiz dos Santos Ruivo, que também foi um dos fundadores do Tiro de Guerra e da revista *Paisagens do Brasil*.

BRASIL ENTRA EM GUERRA

Em 1942 o Brasil é atacado pelas Forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), com o torpedeamento do navio

"Paraná".

A entrada do Brasil na Segunda Guerra, viria a trazer sérios transtornos para a grande colônia italiana de Olímpia, na época, aproximadamente 60% da população olímpense, somando-se italianos natos e descendentes.

Fanáticos e desordeiros ameaçavam depredar e antagonizar tudo o que era ligado aos italianos. Então estes resolveram se desfazer de bens das sociedades, para evitar conflitos.

Dessa forma, foram vendidos os prédios do Cine Teatro, Socorros Mútuos, o prédio do Cine Cervantes, que haviam adquirido da Sociedade Espanhola, e fazer doação do prédio da sede da sociedade à rua Américo Brasileiro para a Santa Casa de Misericórdia de Olímpia. Essa iniciativa teve à frente o Sr. Amadeu Galmacci, na época, presidente da entidade.

Não houve, por parte das outras colônias, tanto espanholas, quanto portuguesas, quaisquer sinais de hostilidade para com os italianos aqui residentes e seus descendentes, muitos dos quais, talvez a maior parte, já nascidos no Brasil e, portanto, cidadãos livres de qualquer preconceito.

O próprio governo brasileiro já havia determinado que fossem extintas todas as associações estrangeiras, principalmente italianas e japonesas, e nenhum cidadão que não fosse nascido brasileiro poderia ser líder ou presidente de qualquer tipo de agremiação, fosse a mesma esportiva, social, benemérita, etc.

Felizmente, o povo de Olímpia, sabia muito bem que tudo seria transitório e conservou as amizades e o respeito.



Na foto acima, os expedicionários que partiram para a Itália para lutar contra o Eixo. No alto, o General Mascarenhas de Moraes. Na fila de cima da esquerda para a direita: Altino Egídio, Américo Mendes Cunha, Adriano Sponchiado, Antônio Carlos Enteforte, Ademar Ribeiro Luz, Aniceto Cavassana, Armando Ribeiro Luz, Dirceu da Silva Batista, João Amigo e Jerônimo Tomaz da Silva. Na fila de baixo: João Nazareth, João Sanchez, Luiz Cucato, Leonídio Porcionato, Manoel Arqueles, Eduardo Quessada, Esperandio Cristofolo, Omar Almeida Luz, Carlos Rippol Raia e Umberto Balbo.

OLÍMPIA NOS JOGOS ABERTOS

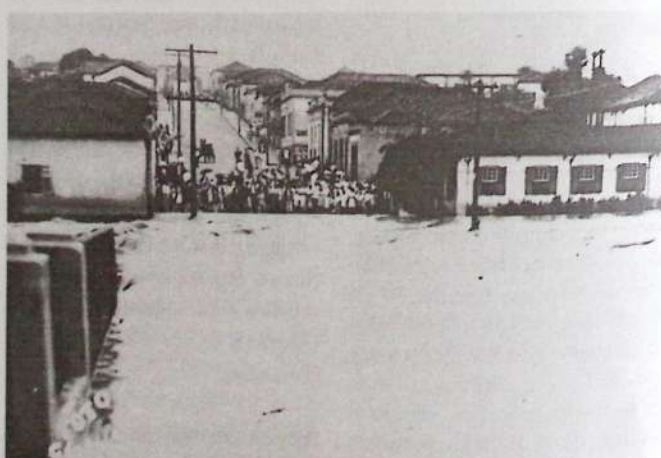
Em 1943, Olímpia foi a primeira cidade a inscrever-se para os I Jogos Abertos do Interior, ombreando-se com a cidade de Monte Alto nessa iniciativa.

PONTE MENDONÇA LIMA

Nesse mesmo ano é inaugurada a Ponte Mendonça Lima, sobre o Rio Grande, unindo os Estado de São Paulo e Minas Gerais.

O local foi escolhido porque historicamente foi o mesmo lugar em que se deu a famosa Retirada da Laguna. O Prefeito Paulo Furquim muito colaborou para a construção da ponte.

A GRANDE ENCHENTE



No dia 16 de março de 1943 aconteceria a maior enchente do Ribeirão Olhos D'Água, de todos os tempos. A imagem da foto acima registra o fato, aparecendo as águas cobrindo as ruas e a ponte da Rua 9 de Julho.



A foto registra os estragos de enchente na ponte da rua Jorge Tibiriçá, hoje David de Oliveira. Somente esta e a Ponte Preta não foram levadas pelas águas.

Era comum, quando chovia muito forte, as águas do Ribeirão Olhos D'Água vazarem pelas margens. Mas essa chuva do dia 16 de março de 1943 ficou para a história. As águas subiram mais de 5 metros além da margem, invadindo tudo nas proximidades do Ribeirão. Casas foram levadas, mercadorias de comerciantes, enfim, a força da torrente foi extremamente violenta, causando prejuízos de grande monta, se bem que não houve vítimas a lamentar. Nessa época, o principal rio da cidade tinha muitos tributários e também minas d'água por toda região próxima ao leito do rio. Felizmente, a construção da barragem do rio (Represa do Recco, como era chamada) resolveu o problema das enchentes e o rio pode ser controlado.

Devido ao descontrole na proteção ambiental, as minas foram sendo drenadas, a vegetação dos barrancos extraída, o volume de água diminuiu consideravelmente, mas já foram rios de águas límpidas e de relativa profundidade. Para registro, vamos ilustrar com as fotos feitas

na época 40/50, quando ainda não existiam avenidas ladeando os rios e as águas corriam livremente, possuindo inclusive várias espécies de peixes de porte pequeno e médio. Podia-se pescar no barranco e até em cima da ponte. Hoje, o Olhos D'Água, comparado ao que já foi, é apenas um filete de água.



Ponte sobre o Olhos D'Água na rua Jorge Tibiriçá (hoje David de Oliveira).



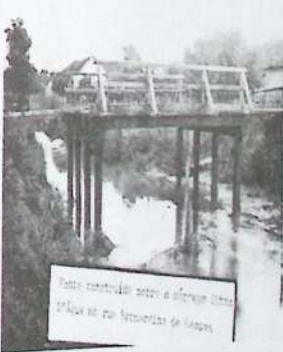
Ponte sobre o Córrego da Estrada do Baixão.



Ponte sobre o Córrego do Capim.



Ponte da estrada Olímpia - Bebedouro, sobre o rio.



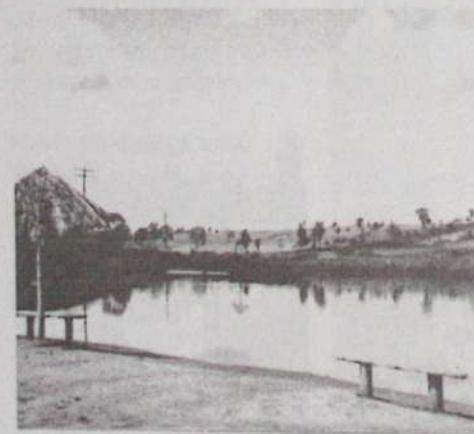
Ponte sobre os Olhos D'Água, na Rua Bernardino de Campos.



Ponte da Rua Bernardino sobre o Córrego Olhos D'Água.



Ponte sobre o Olhos D'Água na rua Benjamin Constant (Rua Boideira). Na parte de cima hoje está a Avenida Constitucionalista.



Rio Cachoeirinha, um dos mais belos e ricos em espécies de peixes de porte médio e pequeno.

DR. WALDOMIRO PAIVA LUZ



Waldomiro Paiva Luz

Waldomiro Paiva Luz nasceu em Três Corações, Estado de Minas Gerais, no dia 7 de novembro de 1909. Filho de Vicente Paiva e Izaura Luz Paiva, fez o seu curso primário e secundário em Franca, no Instituto Champagna dos Irmãos Maristas. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1928, doutorando-se em 1934. Iniciou a sua carreira profissional em Restinga, Franca, em 1935. Casou-se nesta cidade em 1938 com Edna Aidar Paiva, de cujo consórcio teve um filho, Plínio, hoje médico em Ribeirão Preto. Mudou-se para Olímpia em setembro de 1943, fixando entre nós, residência, domicílio e consultório, à rua São João nº 677, onde veio a residir até o seu falecimento. Foi clínico e pediatra, com excelente conceito pessoal e profissional. Foi também professor de Biologia Educacional na Escola Normal Livre "Nossa Senhora da Conceição." Foi eleito verador nos períodos 1952 a 1955, 1956 a 1959, fazendo valer a sua personalidade de caráter íntegro e de uma honestidade irrepreensível.

A exemplo de outros, não acumulou bens nem fez fortuna. Fez da sua profissão um sacerdócio que cumpriu integralmente até seus últimos dias. Sem ser nascido em Olímpia foi um de seus filhos mais nobres.

DR. CUSTÓDIO RIBEIRO DE CARVALHO



Custódio Ribeiro de Carvalho e sua esposa Olga Vieira Braga de Carvalho.

Custódio Ribeiro de Carvalho, natural de Amparo de Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro, nasceu em 22 de novembro de 1903, na fazenda São Lourenço, de propriedade de seus pais, Custódio R. Carvalho e Maria Fonseca de Carvalho. Era neto, pelo lado paterno, do Barão de Cajuru, presidente perpétuo da Feira de Sorocaba e tetranelo do Conde dos Arcos, 8º e último Vice-Rei do Brasil e preceptor de D. Pedro I, Imperador do Brasil. Fez o curso primário no Liceu Salesiano de Santa Rosa, o secundário no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo. Matriculou-se na faculdade de Medicina da Universidade do Rio em 1921, doutorando-se em 30 de dezembro de 1926. A sua tese, que versava sobre o tratamento cirúrgico das úlceras do estômago, foi aprovada com distinção. Foi premiado com a medalha de ouro "Manoel Feliciano", recebida pelo melhor trabalho de Clínica

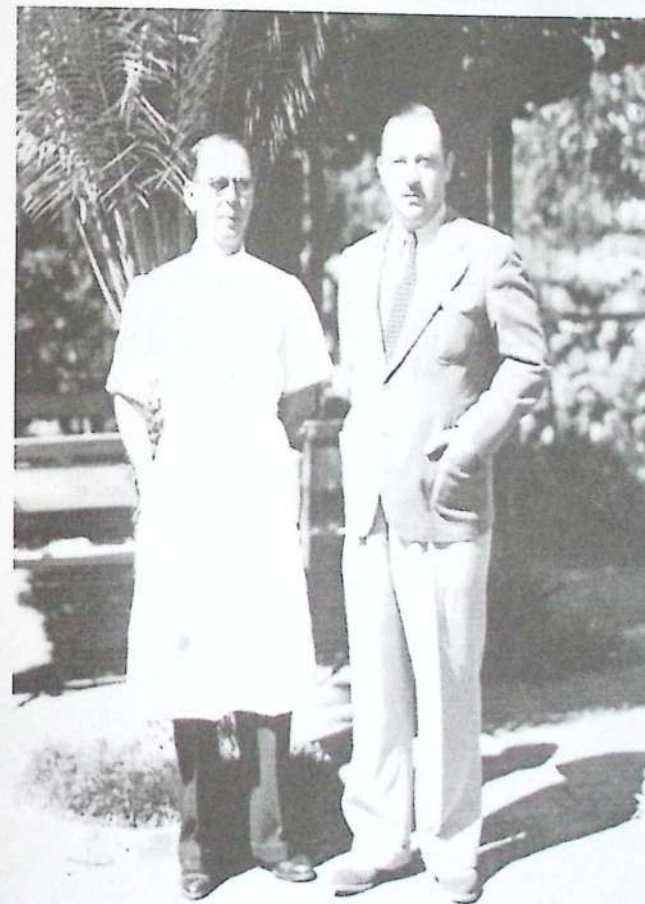
Cirúrgica da Faculdade de Medicina, como primeiro aluno de sua classe. Iniciou a sua clínica em São Paulo, como interno da Santa Casa de Misericórdia, trabalhando na enfermaria do Dr. Ayres Netto, no período de 1927 a 1930.

Casou-se em 1927, no Rio, Distrito da Glória, com Olga Vieira Braga de Carvalho, natural de Pelotas, Rio Grande do Sul, filha do advogado José Vieira Braga, deputado Federal pelo Rio Grande do Sul e Francisca Cardoso Vieira Braga,

neta materna do "Rei do Café" do Estado do Rio, Manoel Joaquim Cardoso, e bisneta paterna do Conde de Piratinin, um dos chefes da "Revolta dos Farrapos", cogitado para presidente da República de Piratinin, não tivesse falhado o movimento revolucionário.

Mudou-se para Olímpia em 1931 e foi durante muitos anos o diretor médico da Beneficência Portuguesa de Olímpia.

Defendendo tese sobre "Processo Brasileiro de "Ystorepexia ligamentar", ficou



Na foto nos jardins da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia, o Dr. Paulo Furquim e o Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho, ambos membros do corpo clínico do hospital.

sendo sócio titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o mais nobre Colégio de Cirurgiões do Estado de São Paulo, que na época, contava com apenas 20 membros. Foi o primeiro a publicar no Brasil um caso de malária, transmitida por transfusão de sangue, e o primeiro a aplicar, no país, o método de Hadem e Orr, que consiste na infusão de soluções salinas nas oclusões intestinais agudas. Posteriormente, em virtude de seus eruditos trabalhos sobre clínica cirúrgica, foi proclamado membro do Colégio de Cirurgiões do Rio de Janeiro, na época a mais alta instituição do país, que continha apenas 130 sócios selecionados em todo o território nacional.

Foi o primeiro médico de Olímpia a operar estômago, fígado, rins, baço, vias biliares, próstata e câncer. Em companhia de Moura Azevedo, tomou parte, como assistente, na primeira operação realizada em São Paulo e no Brasil, em 1928, pelo processo Voronof.

Gostava muito de viajar e escrever. Conhecia grande parte do Brasil, Uruguai e Argentina, onde esteve duas vezes: uma em 1927 e outra em 1948. Muito culto, escreveu vários livros, destacando "Antônio Peão" e outro sobre suas viagens a Ouro Preto e outras partes de Minas Gerais.

Em Olímpia, em companhia de Nestor Cunha, José Clemêncio da Silva, Oscar de Oliveira Lisboa, Natal Breda e outros, foi um dos que mais lutaram e trabalharam para a conclusão das obras da Santa Casa de Olímpia, paralisadas por algum tempo por falta de recursos.

Para esse fim, emprestou sem prazo e sem juros, a importância de Cr\$50.000,00, que a comissão aplicou na conclusão das obras do hospital. Com Leonardo Posella, reorganizou e modernizou a planta do prédio. Organizou todo o serviço interno, adquirindo o material cirúrgico e também o mobiliário.

Acumulou o cargo de Diretor Clínico e Presidente do Hospital da Sociedade Beneficência Portuguesa de Olímpia, apresentando relevantes serviços prestados a essa que já foi a mais nobre instituição hospitalar de nossa terra e mereceu, entre outras honras, a de ter uma pavilhão com o seu nome, com significativa placa laudatória.

Culto, estudioso, pesquisador, realizou feitos notáveis e revelações profissionais que dignificaram o seu nome, cujo conceito profissional honrava nossa terra.

Sério, sem vícios, gozando de enorme prestígio e conceito pessoal, figurou, sem qualquer favor, como um dos melhores cirurgiões do Brasil.



Primeira rinha de briga de galos de Olímpia, fundada pelo Dr. Custódio.

Foi proprietário de uma fazenda, com 940 alqueires, perto de Ribeiro dos Santos e da fazenda Momplaisir, nas Laranjeiras, na época possuindo 3.000 cabeças de gado para cria e engorda, além de excelente tropa de cavalos. Em sua última vigem a Argentina, trouxe touros holandeses para cruzamento com vacas zebu, para aumento da produção de leite. Também foi o primeiro a trazer 3 cavalos "Hackney" e 2 cachorros "Pointer". Gostava de andar a cavalo e caçar perdizes.

Foi eleito vereador e presidente do Olímpia Futebol Clube, também colaborando com o empréstimo de cem mil cruzeiros para o término de construção do novo Estádio, sendo que metade, acabou doada ao O.F.C.

Prestou o Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho relevantes serviços a Olímpia, como médico e como benfeitor. Deixou dois filhos: Lúcia Vieira Braga de Carvalho, professora residente em São Paulo, e o advogado Paulo Ribeiro de Carvalho.

OS BONS FUIDOS

Nas décadas de 1940 e 1950, a cidade de Olímpia viveu vertiginoso progresso. Um comércio forte, sustentado pelo excelente desempenho na agricultura, principalmente com o cultivo do café, as indústrias proliferando, trazendo emprego e divisas para o município, por vários setores como laticínios, fábrica de macarrão, bebidas, móveis. O próprio comércio tinha um movimento que englobava todas as cidades vizinhas pertencentes ao município e até as do outro lado do Rio Grande, no Estado de Minas Gerais, como Frutal e Fronteira.

Nas hostes políticas havia uma grande tendência à união, ao fim das divergências e uma confraternização geral.

Parece que recaíam sobre Olímpia fluídos benéficos e positivos. Para reforçar essa tendência, o jornal *Cidade de Olímpia* publicava em sua edição de 11 de março de 1945 a seguinte declaração:

"AO POVO DE OLÍMPIA"

"Os abaixo assinados, fiéis aos princípios democráticos e ao firme propósito de defender os interesses do município de Olímpia, assumem o compromisso de trabalhar, unidos pelo engrandecimento e prosperidade dessa terra, a que estão radicados e que é o berço de seus filhos.

As atitudes políticas, que por ventura forem tomadas, visarão única e exclusivamente o benefício de Olímpia.

Olímpia, 11/março/1945"



Rua 9 de julho, anos 50 - à esquerda a Relojoaria Rocco, Casa Ramos e Cine Olímpia. À direita, Massas Primavera, Fórum e Clube.



Rua São João, à esquerda o primeiro prédio de 2 andares, construído por Antônio Carneiro. Ao lado direito a Padaria Brunieira e ao fundo a Igreja Matriz.



Rua Cel. Francisco Nogueira - ao lado direito o Cine Olímpia. Ao lado esquerdo, a Casa Ramos, a Pimpinela, engraxataria e a sorveteria "A Paulistinha". Este local era o ponto onde estacionavam as "Jardineiras", antigos ônibus intermunicipais.

Esse manifesto publicado no *Jornal Cidade de Olímpia*, foi realmente um abaixo assinado de por toda a comunidade atuante olimpiense, desde políticos, comerciantes, industriais, presidentes de entidades e cidadãos de prestígio relevante não só da cidade, mas também de outras localidades pertencentes ao município, contando mais de 200 assinaturas. Era um esforço conjunto para manter a cidade em seu progresso e desenvolvimento, tentando afastar os malefícios da política coronelista e patriarcal, com domínio político de determinados grupos.



Vista aérea de Olímpia tendo como foco principal o Grupo Escola Dª Anita Costa, a Praça Monteiro Lobato e o Parque infantil Belmiro Ferreira.



Rua Jorge Tibiriçá (hoje David de Oliveira) à noite. Na esquina, a Merceria Universal, frente ao Snooker e Sorveteria. Mais abaixo, as luzes do Hotel Cruzeiro do Sul. À direita, farmácia de Walter Mazotti e mais abaixo o Empório Tupi, de Levy Volpe.



Rua Cel. Francisco Nogueira. À esquerda o "Bar e Café Jeca", o prédio do Cine Olímpia, Sorveteria Ringo, Cestas de Natal Amaral e Jornal Tablóide.

Os bons resultados obtidos pelas administrações anteriores, de Jerônimo de Almeida, José Lopes Ferraz, e Paulo Furquim, respectivamente, apesar de serem cargos efetuados por nomeação e não pelo livre direito de escolha, tinham levado o município e principalmente a sede a receber melhoramentos de toda espécie, como calçamento, esgoto, escolas, saúde, levando Olímpia a ultrapassar os municípios vizinhos de São José do Rio Preto, Bebedouro, Catanduva e a própria Barretos da qual foi desmembrada.

Mas, infelizmente, outras pessoas não comungavam do mesmo pensamento, sobre a união política de Olímpia, e logo sua nefasta intervenção se faria sentir, imputando um poder político parcial, de antagonismo e vingança, como veremos a seguir.

REVISTA DOS ESTADOS

ANO XXXVII - Nº 111
Circula em todo Brasil
RIO, Agosto-Setembro 1944

Director-proprietário: A. LOPES CARDOSO FILHO

O novo Prefeito de Olímpia

O Sr. Dorismundo de Almeida Camargo, recém-nomeado Prefeito de Olímpia, importante município do interior do Estado de S. Paulo, foi entusiástico e festivamente empossado naquele cargo, sendo homenageado com um grande banquete em que foram tomar parte vultos de destaque na política e na sociedade paulista.



O Prefeito Dorismundo de Almeida Camargo

Foram imponentes as solenidades e as festas realizadas na cidade de Olímpia em homenagem ao novo Prefeito Dorismundo de Almeida Camargo, recém nomeado para dirigir o próspero município de Olímpia.

Da capital bandeirante, seguiram, em carros especiais da Cia Paulista de Estradas de Ferro, elementos mais representativos dos meios políticos e sociais, dentre os quais, o Cesar Lacerda de Vergueiro, Eduardo Vergueiro de Lorena, Paulo Costa, Juiz Presidente do Tribunal do Júri da capital e senhora, José

Ataliba Leonel, Mesquita Sampaio, Prof. Tito Lívio Ferreira, 1º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico, Wilson Castejon, do Gabinete do Interventor Federal, José Fernandes, gerente do *Correio Paulistano* e diretor do *Correio do Noroeste*, representando também Eloy Chaves e Cirilo Junior, Coronel Luiz Tenório de Brito, Prefeito de Itapeirica, Lopes Cardoso Filho, diretor da *Revista dos Estados*, Paulo Richetti, sub-diretor do Departamento das Municipalidades, Castro Gonçalves, Prefeito de Americana, Imina Barreto, Prefeito de Barra Bonita, Hélio Hoepfner, Diretor do jornal *O Estado de São Paulo*, Júlio Simões do *Correio da Noite*, do Rio de Janeiro, José Ribeiro de Oliveira, Tito Lívio Jr., Mário de Almeida e outras autoridades.

Com a numerosa comitiva, o Prefeito nomeado de Olímpia, Dorismundo de Almeida Camargo.

Em Bebedouro, novos elementos representativos passaram a integrar a caravana e, em

Dorismundo de Almeida Camargo, eleito Prefeito de Olímpia, pelo Interventor Federal Cesar Lacerda de Vergueiro, tomou posse em 06 de setembro de 1944, e governou até 21/11/45.



Autoridades e ilustres cidadãos recebem Dr. Dorismundo A. Camargo.

Luiz Barreto (posteriormente Severínia), foram os visitantes e o Sr. Prefeito saudados por um orador, que expressou a satisfação desse distrito de Olímpia pela nomeação de Dorismundo A. Camargo para o cargo de Prefeito. Cerca das 11 horas, chegava a caravana a Olímpia.

A RECEPÇÃO EM OLÍMPIA

Na estação ferroviária de Olímpia, esperavam o novo Prefeito Municipal e comitiva as altas autoridades locais, José Lopes Ferraz e membros da Co-



Autoridades locais e convidados ladeiam o Dr. Cesar Vergueiro, na entrada do Clube Literário e Recreativo, onde se realizaria um banquete.



Na Praça de Esportes do Colégio Olímpia foi oferecido um churrasco, servido a 3.000 pessoas que foram à posse do novo Prefeito.

missão de Festejos. Prefeitos das cidades de Mirassol, Anízio Moreira e de Cajobi, João Rímoli Neto, e também representantes das localidades de Paulo de Faria, Catanduva, Rio Preto, Monte Azul, Nova Granada, Bebedouro e dos distritos de Guaraci, Icém, Altair, Ribeiro dos Santos e Luiz Barreto, Severínia.

Uma banda musical, executou peças do seu repertório, seguindo as autoridades locais e as pessoas da comitiva para o edifício do Fórum, onde se rea-

lizou a posse do Sr. Almeida Camargo no cargo de Prefeito.

Essa solenidade foi presidida pelo Juiz de Direito da Comarca, Acácio Rebouças, que convidou para sentarem-se à mesa: Paulo Costa, Cesar Lacerda de Vergueiro, Fausto Righetti, Diretor do Depto. das Municipalidades, Vergueiro de Lorena, Ataliba Leonel, Lourenço Cavariani, Secretário da Prefeitura Municipal de Olímpia, respondendo pelo expediente, João Batista do Nascimento,



Cesar Vergueiro, José Lopes Ferraz e o Prefeito Dorismundo de Almeida Camargo, com pessoas que tomaram parte no grande banquete.



Flagrante da solenidade das novas instalações do Centro de Saúde de Olímpia. Entre outros, na foto, o Prefeito Dorismundo A. Camargo, Camilo Barbieri, Paulo Furquim, Humberto Mendes de Carvalho, Orlando Lopes, Afro Sarti, (28/11/1946).

Promotor Público da Comarca, Aleixo Lentino, Delegado de Polícia, Padre Alfredo Pereda, Vigário da Paróquia, e Wilson Cartejon, Chefe da Casa Civil do Interventor Federal.

Às 13 horas no amplo salão do Clube Literário e Recreativo de Olímpia, sob o patrocínio de uma comissão de elementos representativos, a frente dos quais se achava José Lopes Ferraz, realizou-se um grande banquete de 200 talheres, em homenagem ao novo prefeito.

À cabeceira da mesa sentaram-se, além do homenageado, Cesar Lacerda de Vergueiro, José Lopes Ferraz, Paulo Costa, Acácio Rebouças, Juiz de Direito da Comarca de Olímpia, Vergueiro de Lorena, Padre Pereda e Wilson Castejon.

O primeiro orador a usar da palavra foi o advogado Jayme Leal Costa Neves, que em brilhante oração se destacou as qualidades do homenageado e o muito que Olímpia confiava em

sua capacidade administrativa.

Usando depois da palavra, pronunciou vibrante oração, de improviso, o jornalista José Pasqual, Diretor do São Paulo-Goiás, que falou em nome de Bebedouro. Começou o ardoroso tribuno popular, por lembrar que o apelido de Cidade Menina-Moça, usado por Olímpia, era de sua autoria e sentia-se, por isso, mais feliz, pois constituía-se, esse fato, a demonstração cabal de que suas pobres crônicas haviam sido lidas pelo povo daquela maravilhosa terra.

O PREFEITO CAMARGO FALA AO POVO

Falando aos jornalistas, imprensa, autoridades e todos os presentes, o Prefeito Camargo discorreu sobre o programa administrativo, declarando:

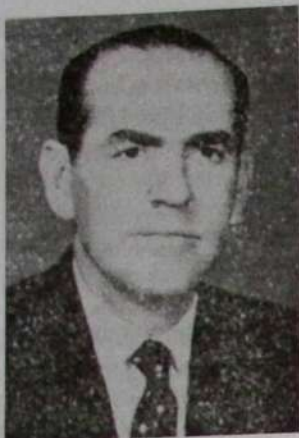
"Podem afirmar pela imprensa, que me sinto imensamente feliz em poder contribuir para a felicidade desta terra, pela qual darei o melhor dos meus esforços.

Procurarei dar soluções adequadas para todos os problemas que se oferecerem, pautando os meus atos pelo mais restrito respeito aos interesses públicos e guiando-me pelo exemplo de meus antecessores, que foram úteis ao município, entre os quais, devo destacar o nome do Dr. José Lopes Ferraz, que realizou em Olímpia a mais perfeita administração que este povo poderia esperar.

Assim, sob o estímulo de toda a população local, cujas homenagens agradeço sensibilizado, irei, enfim, trabalhar pelo progresso e felicidade deste rico município para o bem de seu povo laborioso e bom".

A história, porém, mostra através dos arquivos jornalísticos, que a administração Camargo foi decepcionante. A cidade estava abandonada, cheia de buracos, com problemas na água e esgoto, na conservação de estradas. Em uma época de guerra mundial, em que se racionava gasolina, afirma o jornal que o Prefeito Camargo beneficiava amigos e correligionários e negava gasolina, que era distribuídas por cotas, aos adeptos do Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato à Presidência da República contra o Marechal Eurico Gaspar Dutra, candidato preferencial da situação.

Apesar dos esforços, o primeiro aniversário da gestão Camargo foi friamente comemorado e marcado por críticas da imprensa.



Alberto Zaccarelli

Alberto Zaccarelli era filho de João Zaccarelli, natural de Régio Emília Pádua, Itália, e Patrícia Ludovina Gozzi Zaccarelli, que vieram para o Brasil em 1892. Alberto Zaccarelli veio para Olímpia em 1934, foi proprietário da Fazenda São José, na Capitua, com 1.010 alqueires. Casou-se com Tosca Bertencelo Zaccarelli, filha de Domingos Bertencelo e Angelina Grossi Bertencelo e tiveram os seguintes filhos: Hélio, Moacir, Zélia de Lourdes, Laerte e Carlos Alberto.

Foi vereador à Câmara Municipal de Olímpia na legislatura 1948/1951. Foi candidato a Prefeito Municipal de Olímpia e teve como maior mérito ser Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia por 21 anos consecutivos.

A partir de 1938, com o advento, no ano anterior, de uma mudança na Constituição Brasileira, instalou-se no país, imposto pelo ditador Getúlio Dornelles Vargas, o movimento denominado "Estado Novo",

passando os prefeitos a serem nomeados pelo Interventor designado para o Estado de São Paulo. Dessa forma, tivemos o Comendador Francisco Bernardes Ferreira, o Dr. José Lopes Ferraz, Dr. Paulo Furquim e Dorismundo de Almeida Camargo. Somente em 1945, estabeleceu-se o sistema de escolha pelo voto, ocorrendo a substituição do sr. Dorismundo de Almeida Camargo pelo Dr. Acácio Rebouças, Juiz de Direito da Comarca de Olímpia, findo o mandato, retornou o Dorismundo A. Camargo, até março de 1947.



Dr. Acácio Rebouças, Prefeito Municipal no período de 22/11/45 à 11/12/1945.

Com a posse do novo Governador do Estado de São Paulo, Dr. Adhemar Pereira de Barros, houve alteração no cargo de Prefeito, assumido temporariamente pelo Secretário da Prefeitura Municipal, Sr. Lourenço Cavariani, até a posse de novo

Prefeito, Sr. Sudário Braz de Miranda. Figura de conceito excelente, que pontificava honestidade, e capacidade, foi nomeado pelo Governo Estadual, até a realização das eleições Municipais, marcadas para novembro de 1947, com posse e mandato já estabelecidos legalmente. A posse seria em 1º de janeiro de 1948, por um período de 4 anos.



Sudário Braz de Miranda - Prefeito Municipal de 5/4/1947 a 31/12/1947

Sudário foi escolhido pelos membros do Diretório do PSP, do qual era presidente. Teve o apoio da UDN e do PC do Brasil, contando com respaldo político de Francisco Bernardes Ferreira e de Luiz Victório Cruz Martins.

DETALHES DA HISTÓRIA

A SANBRA - Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro instalou-se oficialmente em Olímpia, em 25 de abril de 1942, com beneficiamento de café, algodão e também compra de amendoim e mamona.

Uma área de 9 alqueires, possuindo 1 alqueire de edificação e 8 alqueires contendo 45 mil pés de eucalipto, foi adquirida de Sandálio Miessa. O imóvel situava-se na Av. Internacional (hoje Mário Vieira Marcondes). A construção foi empreitada pelo engenheiro Camilo Dinuci e teve como superintendente o sr. Ricardo Scura. A firma representava um movimento anual de 12 milhões de cruzeiros, referentes à compra de produtos do município.

FÓRUM E CADEIA

O embaixador Macedo Soares, então Governador de São Paulo, esteve em Olímpia em 1946, e vendo o grande desenvolvimento da cidade, ordenou a construção do Fórum e da Cadeia Pública. Ainda atendendo aos interesses da região e aos reclamos do povo, conseguiu que a Companhia Paulista de Estradas de Ferro adquirisse a Cia. São Paulo - Goiás, em 1948, pelo preço de treze milhões de cruzeiros. O Posto de Saúde de Olímpia e o campo de aviação foram contruídos em 1941.

LULU MARTINS CANDIDATO A DEPUTADO ESTADUAL

No dia 18 de dezembro de 1946, era lançada oficialmente a candidatura oficial de Luiz Victório Cruz Martins para Deputado Estadual, nas eleições de 19/01/47.



Luiz Victório Cruz Martins (Lulu).



Eloy Lopes Ferraz

Também no ano de 1946, ficaria concluído o prédio do Posto de Puericultura de Olímpia (vide foto abaixo), que fora doado pela Legião Brasileira de Assistência, ainda no governo de Paulo Furquim, através de sua esposa e presidenta da Legião Brasileira de Assistência em Olímpia, a Professora Maria Ubaldina de Barros Furquim.



OLÍMPIA GANHA EMISSORA DE RÁDIO

Olímpia possuía um serviço de alto-falantes, acoplados ao coreto, na Praça Rui Barbosa, que junto com os jornais *A Cidade de Olímpia* e *Voz do Povo* eram os órgãos de difusão em nossa cidade.

No dia 5 de maio de 1946 o serviço completou 11 anos de existência. Seu proprietário era Durval Lessi que, por sua vez, adquiriu o serviço de Melchades Alves de Souza. O gerente era James Roxo, que também atuava como locutor, juntamente com Djalma Lessi. No ano anterior, quando o serviço de alto-falantes completava uma década, um grupo já havia se reunido, mais precisamente no dia 28 de maio de 1945, para fundar a primeira emissora de Olímpia. Seus sócios idealizadores eram: Afonso Miessa, José Carlos Seno, Isaias Miessa e José Lopes Ferraz. Foram emitidas 100 quotas. Futuramente, José Lopes Ferraz, transferiria suas 20 quotas para David de Oliveira; Theodomiro da Silva Mello, adquiriria 10 quotas e Natal Breda, de Afonso Miessa, 40 quotas.

A emissora teve como seu primeiro Diretor Gerente Afonso Miessa, ficando José Carlos Seno como Diretor Secretário e Artístico.



Prédio à Rua Cel. Francisco Nogueira (anexo ao atual Banespa), onde Rádio Difusora Olímpia funcionou inicialmente.

No dia 18 de agosto de 1946, a Rádio Difusora iniciava suas atividades. Logo pela manhã, a entidade recebia as bênçãos do Frei Roque Bisciani. Primeiramente, usou da palavra o Comendador Francisco Bernardes Ferreira. Iniciou-se a transmissão oficial com um discurso de Afonso Miessa, diretor-gerente da emissora. Depois usou da palavra o Professor Rothschild Mathias Netto e, por fim, o professor Wilson Bastos de Aguiar. Em seguida, foi oferecido um coquetel aos presentes.

Às 18 horas, no palco do auditório, foi apresentado um show com a participação de artistas olimpienses: Aparecida Silva, José Álvaro, Geny Marques Dionísio, Leda Maria, a dupla Marabá e Miro Leonel ao piano. Posteriormente, apresentaram-se vários artistas de renome, convidados especialmente para o evento: Lolita Rodrigues, Roaner Ferex, Trio Mineiro e o Conjunto Vocal "Os Tabajaras". À noite, um grande baile encerrou as festividades.



Instalações técnicas na chácara adquirida pela Rádio, da Prefeitura, com 12.000 metros quadrados, onde foram colocados os transmissores funcionando com ondas médias de 187m, ponto 50, com torre vertical de 33 metros de altura, tipo Winchester norte americana, de aço. Essas instalações estão situadas próximo à antiga linha férrea, mais ou menos a 200m da atual Avenida Mário Vieira Marcondes.

NOSSOS ILUSTRES COMUNICADORES



Dr. José Carlos Seno

José Carlos Seno, advogado, iniciou a profissão de radialista na Rádio de Barretos, onde demonstrou invulgar brilho, sendo eleito em concurso popular com mais de 3000 votos como "A voz mais simpática do Interior". Depois da saída de Afonso Miessa, passou a Diretor Geral da emissora até 1982, quando a vendeu para um grupo de empresários. Foi um verdadeiro mestre da radiofonia, formando muitos profissionais.



Luiz Gonzaga Noriega

Luiz Nogueira começou em Olímpia, em 48, sob direção de Afonso Miessa. Depois passou para a Rádio Sociedade, de Passos, no Sul de Minas Gerais. Posteriormente ocupou a direção geral da Rádio República, em Ibirá. Foi para São Paulo, onde, após testes realizados por Auré-

lio Campos e Costa Lima passou a integrar a equipe das Rádios Associadas Paulistas. Depois foi para a Rádio Tamandaré. Esteve também em Recife e foi Diretor de Esportes da TV Cultura de São Paulo.



Santo Seno Neto

Nasceu em Olímpia. Advogado, foi por mais de 20 anos responsável pelo bom andamento da ZYG8 "A maior pequena emissora do Brasil". Gerente da Rádio Difusora, foi o escudeiro de José Carlos Seno. Excelente Voz, disciplinado ao extremo e competente, foi convidado a assumir a gerência da Rádio Dirceu de Marília, onde prestou relevantes serviços e ergueu a emissora. Grandes vozes no cenário esportivo nacional, nasceram lá, em Marília, sob a orientação de Santo Seno Neto.



Luiz Raimundo Rivoiro



Caio Plínio Garcez

Também foi destaque na Rádio Difusora onde despontou logo com um grande potencial na locução esportiva. Tanto que foi contratado pela emissora de Votuporanga e quase chega a narrar uma Copa do Mundo. Transferiu-se para a Rádio Independência de São José do Rio Preto, como chefe da equipe esportiva.

Dizia-se que Luiz Rivoiro nascera para ser radialista, em razão de seu poder de oratória, criatividade e facilidade com que discorria sobre os mais diversos assuntos.

Rivoiro apresentou grandes programas de auditório, junto com Santo Seno. Posteriormente recebeu um convite da Rádio Independência, de Votuporanga, para lá se transferindo. Tinha forte poder de persuasão, carisma e capacidade, tanto que foi Chefe da Casa Civil do Estado de Rondônia. Faleceu novo, mas deixou registrada a sua passagem pelos microfones locais.



Jodenir Passarella

Atuou por mais de 20 anos na Rádio Difusora Olímpia. Foi considerado o melhor técnico de som da região, inclusive recusando propostas de outras rádios. Jodenir Passarella, também possuía boa voz e era um excelente locutor. Sempre teve destaque nas transmissões externas, onde seu imenso conhecimento resolvia todos os problemas com calma e competência. Deixou a Rádio para ser funcionário Público, onde se aposentou, mas deixou marcada sua passagem pela radiofonia, por sua reconhecida capacidade.



Rinaldo Zampieri "A Voz"

Veio da pequenina cidade de Catiguá, nos anos 50, e iniciou atividades de locutor usando uma velha viatura, com um



Na foto, Rinaldo Zampieri junto ao "Rei" Roberto Carlos, no palco do Cine Olímpia, quando o cantor estava no auge, com o programa Jovem Guarda.



Rinaldo Zampieri, na quadra da Fundação Olímpica, apresentando o "Tremendão" Erasmo Carlos, em show ali realizado.

serviço de alto-falantes acoplado na capota. Logo, sua voz e a sua dicção chamaram a atenção geral. Convidado a trabalhar na emissora local, Rinaldo, mostrou-se também um agente publicitário inigualável. Trouxe para Olímpia todas as grandes cartazes da época: Roberto e Erasmo Carlos, Vanderley Cardoso, Ângela Maria, Gregório Barrios e orquestras como a grande "Cassino de Sevilha". Também criou programas de auditório, apresentando valores locais. Grande cantor, tinha a voz potente e similar à de Francisco Alves, na época "O Rei da Voz".

Criou um programa na época das festas natalinas a que chamou "Alguém Precisa de Nós" onde, através do microfone e por telefone, todos os anos conseguia angariar significativa quantia, que era revertida em favor dos mais necessitados. Possuía um grande coração, era muito humano e um excelente profissional.

Rinaldo entrou para a política, candidatando-se a vereador à Câmara Municipal de Olímpia. Sem ostentar condições financeiras para financiar tal proposta, usava de sua voz e de seu carisma para angariar votos. Cantava em quermesses, a pedido do público, e em outros locais onde pudesse usar seu único cabo eleitoral... a voz!

Foi eleito para o mandato de 1964/68, com grande número de votos. Hoje proprietário de Cartório em São Paulo, ainda deixa saudades em Olímpia.



Sérgio Pereira Pitta

Nasceu em Salvador (BA), aos 8 de setembro de 1886, filho do político e cereador Predilianno e Amélia Constantina Pitta. Formou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia em 15 de dezembro de 1906. O estilo de vida de Sérgio P. Pitta se revelou desde a sua infância: grande interesse pela vida intelectual e por viagens; desde estudante preferiu militar no jornalismo. Foi Redator de *Voz do Povo*. Em 1924, mudou-se para outra cidade e retornou definitivamente para Olímpia em 1942, onde continuou como jornalista.



Antônio Marques Guimarães



Luiz dos Santos Ruivo

Luiz dos Santos Ruivo foi jornalista e Diretor do *Jornal Gazeta de Olímpia* e da revista editada em 1943 *Paisagens do Brasil*. Nascido em Lorena (SP), veio para Olímpia em 2 de janeiro de 1917. Foi suplente de vereador e montou o primeiro serviço de alto-falante em Olímpia, em 1935. Com Sebastião de Carvalho concretizou a criação e formação do Tiro de Guerra 615, de Olímpia, em 1929. Casou-se aqui com Jagibe Aidar, também jornalista. Tiveram dois filhos: Luiz e Berta Ruivo. Registre-se para a história que o seu pai, Francisco José dos Santos Ruivo, casado com Ana Maria Ruivo, foi capitão da Guarda Nacional e o engenheiro prático que construiu os alicerces e o acabamento da torre da Igreja Matriz de São João Batista, inaugurada em 1929.



Paulo Ducatti

Paulo Ducatti também foi figura de importância no meio jornalístico de Olímpia. Batalhador e idealista, articulista, diretor, editor dos principais jornais locais. Deixou registrada com méritos a sua passagem nos meios literários locais.



Luiz Mori Laraia

Luiz Mori Laraia, advogado e professor, foi redator de *Cidade de Olímpia*, o mais antigo e tradicional jornal local, fundado em 1918 e hoje já extinto.



Alfredo Baiocchi Netto

Filho de Vicente Baiocchi e Hermínia Ducatti Baiocchi, famílias de grande tradição em Olímpia, advogado, iniciou muito jovem suas atividades no setor de comunicação. Foi um dos primeiros locutores da Rádio Difusora. Escreveu artigos para o jornal *Cidade de Olímpia*, sob o pseudônimo de "Al Silva". Trabalhou no jornal *Voz do Povo* até 1961, quando fundou, em 02 de março de 1961, o *Tablóide da Nova Paulista*, junto com Manoel dos Santos (Nelito).



Alcy Gigliotti

Alcy Gigliotti, filho de Paschoalino e Júlia Branco Gigliotti, uma das mais tradicionais famílias locais. Foi Professor de Inglês no extinto Colégio Olímpia. Vereador à Câmara Municipal na década de 50, foi um dos mais brilhantes jornalistas de Olímpia. Foi Diretor-proprietário do Jornal *Voz do Povo*, até meados de 1964, quando o vendeu ao Deputado Estadual olimpiense José Maria Costa Neves. Advogado brilhante, fez promotoria e posteriormente, por concurso, tornou-se Juiz de Direito, trabalhando em Diadema (SP). Mudou-se para Catanduva até a sua aposentadoria. Foi personagem muito importante na história de Olímpia.



Adir Gigliotti

Adir Gigliotti, irmão de Alcy Gigliotti, foi um dos redatores do Jornal *Voz do Povo*, até o início dos anos 60, quando foi trabalhar em Campinas, a con-

vite do jornal *Correio Popular*, onde chegou ao cargo de Diretor de Redação. Trabalhou também no jornal *Última Hora*, onde grangeou prestígio, devido a sua intensa cultura e capacidade.

O seu grande desejo era retornar a Olímpia, após a aposentadoria, para fundar uma firma de marketing e comunicações. Infelizmente, faleceu muito jovem. Foi sepultado aqui, na terra que tanto amou.



Manoel dos Santos (Nelito)

Manoel dos Santos, natural de Olímpia, veio de São Paulo para integrar a equipe da *Voz do Povo*, no tempo de Alcy Gigliotti.

Repórter arguto e versátil, em 02 de março de 1961, junto ao jornalista Alfredo Baiocchi Neto, fundou o jornal semanário *O Tablóide da Nova Paulista*, jornal que completou, no dia 2 de março de 2001, quarenta anos de brilhante existência. Nelito Santos desfez a parceria com Baiocchi e tocou o seu jornal com muito sacrifício, determinação, e amor à profissão: outro qualquer teria desistido.

Nelito, por muitos anos, fez praticamente sozinho o jornal. Era proprietário, Diretor, redator, revisor e, inclusive, distribuidor. Ainda hoje atua como jornalista emérito.

Foi ainda diretor do Futebol Clube e participou de inúmeras atividades sociais e artísticas, inclusive como ator. Seus esforços e sua participação ativa na história de Olímpia são coroados com os melhores elogios e merecem a gratidão e o respeito dos olimpienses. De fato, Olímpia deve muito a esse fantástico jornalista.



Prof. Nader Nadruz Filho

O professor Nader Nadruz Filho, hoje Diretor do Grupo Escolar D^a Anita Costa, foi quem assumiu a direção do Jornal *Voz do Povo*, quando este foi adquirido pelo Deputado José Maria Costa Neves, no ano de 1965. O jornal, tradicional, fundado em 1926, teve um período de arrendamento, pelo então empresário e vereador José Cintra Gordinho Filho.

Nader Nadruz, continuou à frente da direção do jornal, com muita competência e sacrifício.

José Marangoni, Paulo Olmedo e Deonel Rosa Júnior arrendaram o jornal em 1967. Nader Nadruz, por sua eficácia, permaneceu no cargo de Secretário e Tesoureiro. Posteriormente o *Voz do Povo* foi extinto, surgindo em seu lugar *O Jornal da Cidade*, fundado por Marangoni, Deonel e Paulo. Nader permaneceu no cargo, assumindo depois a direção.



José Maria de Jesus Marangoni

Marangoni iniciou como locutor na Rádio Difusora de Olímpia, em 1959, levado por Rinaldo Zampieri. Ali trabalhou por três anos, como âncora do noticiário das 11 horas e criou o programa "A Tarde é Nossa". Também apresentou programas de auditório, foi repórter e comentarista esportivo.

Voltou a trabalhar em rádio em 1982, quando assumiu a direção provisória da emissora, que estava mudando de proprietário. Deixou o rádio definitivamente em 1984.



Sílvio Roberto Mathias Netto

Sílvio Roberto Mathias Netto, advogado, diretor e coproprietário da Rádio Menina AM e FM, iniciou na carreira radiofônica no ano de 1963, na Rádio Difusora Olímpia, ainda sob a direção de José Carlos Seno. Dono de uma voz possante e de excelente timbre, aliado a brilhante capacidade de assimilação em todos os setores de atividade inerentes a essa profissão, Sílvio Roberto (que sempre foi popularmente chamado de Bibi), logo se destacou e já em 1964 recebia convite para trabalhar em Votuporanga. Suas atuações ganharam destaque regional, sendo convidado para se transferir para um centro maior, São José do Rio Preto, onde brilhou na radiofonia. Desta forma, recebeu, em 1968, um convite irrecusável e novamente voltou a fazer rádio em Votuporanga, até que, em 1972, recebeu o convite de José Carlos Seno para gerenciar a Rádio Difusora, o que fez com raro brilhantismo. No começo da década de 1980, conseguiu, junto ao ministério das comunicações, ganhar a con-



Sílvio Roberto (Bibi) entrevistando o Prefeito Marreta

corrência para um novo prefixo de rádio para Olímpia. Dessa forma, com seu grupo, fundou a Rádio Menina Ltda, que posteriormente também conseguiria uma concessão para explorar um prefixo de FM.

Sívio Roberto tem prestado inestimáveis serviços a Olímpia, através de sua participação ativa pelos microfones, criticando quando necessário, mas prestigiando e apoiando quando o fato ou assunto mereça.

Foi eleito vereador a Câmara Municipal de Olímpia, na legislatura 83/88 e presidente da Câmara Municipal no biênio 83/84. Posteriormente foi candidato a Prefeito Municipal de Olímpia.

Sem dúvida, Olímpia ganhou muito com sua presença e participação. Através de sua emissora, conseguiu atuar de forma positiva em assuntos de benemerência e caridade.

Outros nomes serão citados no III volume desta obra.

ABRIGO SÃO JOSÉ

A criação do Asilo São Vicente de Paulo, junto à Santa Casa de Olímpia, foi uma iniciativa dos Vicentinos da Sociedade São Vicente de Paulo, da Paróquia de São João Batista de Olímpia, sendo Presidente Sebastião Carvalho, Tesoureiro Hermes Bueno de Oliveira e Secretário João Berti.

Quem patrocinou a iniciativa foi o delegado de Polícia Braz Di Francesco, angariando para esse fim 10 prédios duplos, com capacidade para 20 moradias. Os prédios foram entregues pelo Delegado aos Vicentinos, sendo o Juiz de Direito daquela época o Trasybulo de Albuquerque, e Vigário da Paróquia o Padre Monsenhor Bezerra de Menezes.

Na edição do Jornal *A Cidade de Olímpia*, do dia 14 de março de 1948, fora editada uma reportagem sobre o asilo, que estava em condições imundas, com as casas a ponto de ruir, e que providências urgentes se faziam necessárias.

Foi quando, como verdadeira missionária de caridade, atendendo a conveniência geral, Assumpta Ragazzi, esposa do Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia, tomou a iniciativa de demolir os prédios em ruínas e construir um Abrigo para idosos e desamparados, compatível com as mínimas necessidades humanas. Assim, a nova entidade sob a presidência de Assumpta Ragazzi, tendo como vice a professora e vereadora Oscarlina de Toledo Breda e como tesoureira Amélia Bernardes Ferreira.



Assumpta Ragazzi



Coriolano Ragazzi



Na foto, fase de construção do novo prédio do Abrigo São José, de Olímpia.



O prédio do Abrigo São José já concluído, em 19/03/51.

Assumpta teve em seu esposo Coriolano Ragazzi, todo o respaldo para concluir essa obra, uma iniciativa que cobre o ser humano de bênçãos.



Solenidade de inauguração do Abrigo São José. Na foto reconhecemos, Olímpio Campos, Corina Campos, Alberto Zaccarelli, Oscarlina Breda, Paulo Furquim, Amélia Ferreira.

O jornal *Cidade de Olímpia*, em uma de suas publicações, em 1948, fazia o seguinte comentário: "Assumpta Ragazzi tem se destacado em Olímpia, como verdadeira missionária da caridade em todas as expressões de assistência social em nossa terra. Abnegada, tem dado o melhor de seus esforços em benefício da pobreza de Olímpia.

Entre as obras de vulto em que tem trabalhado, figura e se destaca o majestoso Abrigo São José, para velhos, da qual é presidenta, que já está próximo de ser inaugurado. O custo dessa obra foi orçado em Cr\$400.000,00. O casal Ragazzi, tem um filho Dr. Walter Ragazzi, engenheiro civil, residente em Ribeirão Preto".

O Abrigo São José foi inaugurado no dia 19 de março de 1951. Na solenidade, falou primeiramente o José Arruda, Juiz de Direito da Comarca de Olímpia, em presença do Promotor Público e membro da Comissão Mauro Arantes de Moraes,

Prefeito Paulo Furquim e demais convidados. Às 9 horas do dia 19/03/51, sob o som da Lira Severinense, o Juiz de Direito, Arruda, cortava a fita simbólica. A seguir, foi rezada uma missa por Frei Clemente Grassi. O orador oficial do evento foi o médico Orlando Campos.

Desta forma, estava, enfim, em pleno funcionamento o Abrigo para idosos e desamparados. A planta do prédio foi feita por Charles Eduardo Meier, que criou um lindo trabalho, inclusive aproveitando todo o amplo espaço em que foi construído o Abrigo.



Na foto, os idosos asilados, após inauguração da nova entidade assistencial, o Abrigo São José.



Na foto as videiras do Abrigo São José em dia de colheita. As Irmãs de Caridade, presentes. Ao lado esquerdo o casal Coriolano e Assumpta Ragazzi.



Pedreiros trabalhando na ampliação do Abrigo São José.

Texto compilado do jornal Cidade de Olímpia de 18/7/43:

"Edital de concorrência pública para construção de um prédio de 500 metros quadrados. Esboça-se na cidade de Olímpia um novo movimento. Trata-se de uma Instituição que verdadeiramente ampare os pobres, especialmente os velhos. Sabe-se que, infelizmente, o Asilo São Vicente de Paulo, não preenchia as condições necessárias a tão altas finalidades.

Com esse propósito tem-se reunido um distinto grupo de damas da sociedade olimpiense, que pretendem unir todas as senhoras numa associação que se encarregará da construção de um abrigo para os pobres e velhos doentes.



A foto registra as Irmãs de Caridade e velhos abrigados, junto à construção do pavilhão.

Será o futuro abrigo São José, a ser edificado em terreno próprio, próximo a Santa Casa de Misericórdia de Olímpia.



Panorama do primeiro pavilhão já terminado

Compõe a Comissão Organizadora do Abrigo as Exmas. Senhoras: Rafaela Candia; presidente: Assumpta Ricciardi Ragazzi; vice presidente: Oscarlina Toledo Bonilha Breda; 1ª secretária: Cynira Garrido Caldarelli; 2ª secretária: Rosentina Cambraia Salles; 1ª tesoureira: Amélia Ferreira Bernardes, tendo como diretor o Padre Alfredo Pereda, Vigário da Paróquia.

A pedra fundamental foi lançada no dia 25 de julho de 1943, com celebração de missa. Usaram da palavra o advogado Dr. Jayme Leal Costa Ne-

ves, o Comendador Francisco Bernardes Ferreira e o Dr. Orlando Campos.

Em frente ao prédio, o Prefeito Dr. Paulo Furquim, colocou em lugar próprio e vedado com cimento para a posteridade, uma caixa, contendo as estatutos da nova entidade, moedas da época, e estampas religiosas. Para angariar fundos para essa importância obra filantrópica olimpiense foi aberto um "Livro de Ouro", para doações. Abriu o Livro com Cr\$100.000,00, Natal Breda e com a mesma importância ALBA".



Damas da sociedade olimpiense formam um grupo de beneficência, colaborando com as necessidades do Abrigo São José em suas promoções.

Já em 1945, José Lopes Ferraz era eleito Deputado Federal, sendo essa a sua última participação política em Olímpia.

Nas eleições presidenciais, seria eleito presidente da República o General Eurico Gaspar Dutra, que em nosso município obteve 5.346 votos contra 3.747 do seu oponente o Brigadeiro Eduardo Gomes, o que causou muita surpresa, pois havia um estado aparente de grande preferência eleitoral a favor do Brigadeiro.

Nas eleições de 47, Luiz Victório Cruz Martins seria eleito Deputado Estadual e Eloy Lopes Ferraz ficaria na posição de suplente.

Já em 15/2/48, o Deputado Cruz Martins criava o Ginásio Estadual de Olímpia, que funcionaria provisoriamente até ter o seu prédio próprio no G. E. Dª Anita Costa.

Com o falecimento do Deputado Estadual Álvares Florence, Eloy Lopes Ferraz, em 8 de agosto de 1948, tomaria posse, pela sigla do PSD, na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Tomou parte na cerimônia uma comissão composta por Ulisses Guimarães, Conceição Santa Maria e Salomão Jorge, nomeada pelo Presidente da Assembléia Castro Tibiriçá. Em 1948 Olímpia tinha dois deputados.

SURGE O POSTO TEXACO

Mais uma grande firma seria inaugurada em Olímpia, a Scamal Ltda, formada por Domingos Storto, Spilimbergo & filhos e Evôneo Berti. Compunha-se do posto de gasolina Texaco, auto-peças e ampla oficina para consertos de veículos.



28/11/48 - Inauguradas as novas instalações da Scamal Ltda. Posto Texaco.



Eloy Lopes Ferraz assume em 8/8/48 uma Cadeira de Deputado Estadual na Assembléia Legislativa. A foto registra o momento em que é levado de sua casa, nos braços do povo.



Na foto, discursa o Dr. Jayme L.C. Neves na presença dos proprietários da Scamal Ltda. Depois a firma recebeu as bênçãos do Frei Clemente Grassi.

Profª Oscarlina de Toledo Bonilha Breda, esposa do sr. Pedro Breda, a primeira mulher no município a se eleger pelo voto popular a Cadeira na Câmara Municipal de Olímpia.



Dorismundo de Almeida Camargo

Como recordamos, até 1947 os prefeitos municipais eram nomeados pelo Interventor Federal. Após um afastamento provisório de Dorismundo A. Camargo, em 21/11/45, assumiu o Juiz de Direito, Dr. Acácio Rebouças. Dorismundo voltou a assumir a Prefeitura de Olímpia em 11/12/45, permanecendo até 11/3/1947, deixando o cargo para Lourenço Cavariani, que permaneceu até 04/04/47, quando assumiu o sr. Sudário Braz de Miranda, respondendo pela prefeitura até 31/12/47, quando, pelo retorno popular, o povo escolheu novo prefeito municipal.

Francisco Bernardes Ferreira, um homem de honestidade e caráter irrepreensíveis, ao



Comendador Chico Bernardes, entrevistado por José Carlos Seno.

ser atacado em sua moral pela oposição, retirou a sua candidatura, passando a indicar e apoiar o nome de Paulo Furquim. (conta-se que Francisco Bernardes Ferreira, revoltado, disparou três tiros de revólver contra os alto falantes localizados na praça Rui Barbosa).

SURGE UMA NOVA LIDERANÇA



Waldemar Lopes Ferraz

A oposição a Paulo Furquim e seu grupo seria feita pelo brilhante jovem médico, Waldemar Lopes Ferraz Diretor da Casa de Saúde Lopes Ferraz, seguindo os passos de seu irmão José Lopes Ferraz, já afastado da política. O jovem médico seria no futuro uma das mais expoentes figuras políticas no cenário Paulista, onde chegou a Deputado por várias vezes, inclusive em três legislaturas Secretário do Interior.

A eleição municipal foi das mais acirradas e empolgantes. Realizaram-se no dia 9 de novembro de 1947, e num universo de 6.000 eleitores a vitória sorriu ao médico Paulo Furquim por apenas 12 votos de diferença a favor do Paulo Furquim, e em 1º de janeiro de



Prefeito Municipal Paulo Furquim

1948 tomaria posse como Prefeito Municipal, pela segunda vez, levando seu mandato até 31/12/51.

No dia 28/2/49, assumia a direção do Posto de Puericultura o médico Humberto Mendes de Carvalho, tendo como secretária Zélia Bernardes e Rosa Gonçalves. No posto de servente, Etelvina Salles.



Humberto Mendes de Carvalho

Nasceu em Esplanada, Estado da Bahia, em outubro de 1913. Filho de Oscar e Maria Baptista Mendes de Carvalho,

formou-se na Faculdade de Medicina de Salvador (BA).

Chegou a Olímpia em fevereiro de 1939, onde passou a clinicar. Casou-se em 30 de março de 1941 com Jacy Marcondes Mendes de Carvalho. Tiveram três filhos: Carlos, Maria Lúcia e Maria Eulina.

Médico de reconhecida capacidade profissional e honestidade de princípios, deu muito de si ao povo de nossa cidade. Atendia a todos sem distinção, fosse remunerado ou não. Possuía o alto espírito da responsabilidade da profissão que abraçara. Junto com sua esposa e filhos participou ativamente da vida comunitária de Olímpia, sempre colocando seus serviços à disposição das causas olímpias. Nunca pensou em acumular fortuna. Quando faleceu em São Paulo, aos 3 de julho de 1984, seus bens eram constituídos apenas de sua casa residencial.



Jacy Marcondes Mendes de Carvalho.

Dr. Humberto foi o primeiro diretor do Posto de Puericultura e aposentou-se como médico chefe do Centro de Saúde de Olímpia onde prestou relevantes serviços.



Na escadaria da Matriz de São João Batista, vemos o Secretário da Prefeitura Lourenço Cavariani, Ivo Aida; Francisco Bernardes Ferreira, o Prefeito eleito Paulo Furquim e a esposa Maria Ubaldina de Barros Furquim.

STAND DO TG 32

Em 10/01/49 foi iniciada campanha em prol construção do Stand do TG 32. A comissão foi formada por Francisco Bernardes Ferreira, Eduardo Chaves, Orlando Lopes, Juvenal Rodrigues de Souza, Tenente Otacílio Afonso de Souza.

A inauguração do Stand aconteceu em 30/10/49, em terreno doado por Natal Breda. Estiveram presentes no ato, o Prefeito Paulo Furquim, o Juiz de Direito Arruda, Mário Garcez Novais, Presidente da Câmara, Custódio Ribeiro de Carvalho, Francisco Bernardes Ferreira e o Sargento Isaura Assis de Souza.



Professor Isaura Assis de Souza, exemplo de caráter, honradez, honestidade, veio como presente para Olímpia. Teve uma participação fundamental na vida da cidade. Foi um personagem que dignificou a figura humana pelo exemplo humanitário.

Nesse período da gestão Furquim foram eleitos os seguintes vereadores da 1ª legislatura: 1948 a 1951 - Francisco Bernardes Ferreira, Erotides de Almeida Veloso, Amadeu Galmacci, Oscarlina de Toledo Bonilha, Dante Seno, Alberto Zaccarelli, Antônio Cisoto, João Eduardo Pereira, José de Carvalho Novaes, Gustavo de Almeida Filho (Severínia), Orlando Lopes, Isafas Miessa, José Benedito Nino do Amaral, José Garcia de Souza (Altair) e Vicente Paschoal Jr.

SUPLENTE QUE EXERCERAM MANDATO NA LEGISLATURA 1948/1951

José Carlos Seno, Mário Garcez Novaes, Waldomiro Paiva Luz, Bianor da Silva Medeiros, Bráulino Ferreira de Moraes, Luiz dos Santos Ruivo, João Lamana, Juvenal de Quadros, Celvilho Storto, Bráulino Ferreira de Moraes, Jerônimo de Almeida e Orlando Alves Cunha.

OLÍMPIA DE LUTO - FALECE JOAQUIM DEGASPERI

No dia 24 de junho de 1949, por volta das 9:30 da manhã, a cidade seria abalada por uma triste notícia: o falecimento de Joaquim Degasperi, presidente da Congregação Mariana de Olímpia e um dos maiores batalhadores e entusiastas para as coisas de sua querida Igreja de São João Batista. Além da consternação pela perda de um homem possuidor das mais altas qualidades morais perante a sociedade, sofria-se a perda de um participante ativo, um olimpiense de quatro costados, querido e admirado por todos. Os seus anseios pelo menos foram realizados: a construção do Salão Paroquial, com cinema e teatro, onde pôde se apresentar o Grupo Teatro que levava o seu nome. Portador de veia artística inata, Joaquim Degasperi era um grande incentivador da arte

teatral e diretor, deixando para a posteridade o fruto de seu trabalho, as vezes exaustivo, mas de esperança inabalável.

Nascido em Pirassununga em 3 de abril de 1898, deixava viúva sua prima Magdalena Rosin Desgasperi, e os filhos: Marcelino, Albino Geremias, Neide Therezinha, José Joaquim, Maria da Glória e Luiz Antônio (este faleceria tão-somente 2 meses depois, aos dois anos de idade).

Jamais, em tempo algum, a cidade revenciou uma figura local como demonstrado em seu enterro. Joaquim Desgasperi legou inestimável exemplo cristão e ilibada probidade.

FURQUIM E LULU MARTINS TRABALHAM ATIVAMENTE

O Prefeito Paulo Furquim conseguiria, através do auxílio do Deputado Cruz Martins, jun-

to ao Governo Estadual, uma verba de Cr\$200.000,00 para a construção das pontes das ruas Bernardino de Campos e Jorge Tibiriçá (hoje David de Oliveira), sobre o córrego Olhos d'Água. Foi também de Cruz Martins o projeto de implantação de energia elétrica no distrito de Altair.

Em 2/12/1949, o deputado Cruz Martins conseguiria uma sucessão de verbas para Olímpia: Cr\$70.000,00 para Santa Casa de Misericórdia; Cr\$25.000,00 para a Sociedade São Vicente de Paulo, cujo presidente era o industrial Valentino Ferranti; e Cr\$30.000,00 para a Casa do Menor.

Os esforços conjugados e o prestígio junto ao Governo Estadual fariam com que, no dia 23 de outubro de 1949, o Estado lançasse a concorrência pública para a construção da estrada Olímpia - Rio Preto.



Joaquim Degasperi em sua barbearia ("Central Salão"), uma das mais requisitadas da cidade.



Joaquim Degasperi no papel de São Francisco Xavier, em "Vulção de Amor" (1943).

O TENENTE ISAURO



Professor Isauro Assis de Souza

Isauro Assis de Souza nasceu em Fortaleza (Ceará), no dia 19 de agosto de 1913. Foram seus pais, Heráclito Araripe de Souza e Amélia de Silva Souza. Seus pais mudaram-se para São Luís (Maranhão) e posteriormente Fortaleza, onde nasceu Isauro. Já jovem, encontrou-se com dois colegas, que o convidaram para ingressar no Exército, no Rio de Janeiro. Assim, no dia 31 de setembro, tornou-se soldado da 11ª Companhia do 3º R.I. Começou a gostar do Exército. Com a Revolução Constitucionalista de 1932, embarcou com as forças militares para São Paulo. Terminada a revolução, com a vitória das forças federais, retornou para o Rio de Janeiro. Tornou-se, então, instrutor do Exército e logo revelou suas qualidades morais. Possuindo elevado espírito de justiça, percebeu que o exército era uma escola formadora de caráter, e assimilando o que havia de bom, aprimorou o seu. As palavras honradez, patriotismo, justiça e igualdade, passaram a ter para ele verdadeiro sentido. Nasceu assim o militar cheio de caráter.



Beatriz Fernandes dos Santos e Souza

Em 1939, pediu transferência para Itapetininga (SP). Uma nova experiência de vida viria acontecer e acreditava ser isso importante para seu desempenho profissional. Ficou lá pouco tempo, apenas o suficiente para conhecer a jovem que passaria pouco depois, a acompanhá-lo até o último dia de sua existência. No dia do seu aniversário, 19 de agosto de 1939, casou-se com Beatriz Fernandes dos Santos, filha de um imigrante português. Voltou com a esposa para o Rio de Janeiro, onde o casal teve o primeiro filho, Ubirajara Fernandes de Souza. Algum tempo depois, o casal mudou-se para a cidade de Mimoso do Sul (ES). Era sargento e dava instrução aos atiradores.

Ali, na terra pobre e de poucos recursos, assumiu o papel de educador. Nenhum atirador analfabeto concluía o Tiro de Guerra nas mesmas condições. Seu elevado espírito de justiça, que no início não foi compreendido, fez dele uma pessoa respeitada da cidade. Os mais ricos não possuíam privilégios e os mais pobres sentiam-se confiantes diante daquele homem

enérgico, mas possuidor de elevado espírito de justiça.

Nessa cidade, nasceu o segundo filho do casal, Jurandir Fernandes de Souza (18/8/43). Procurando uma cidade de melhores recursos, mudaram-se para Guaxupé (MG), onde nasceu sua única filha, Amélia (11/9/44), nome em homenagem à mãe). Transferiu-se depois para Araxá (MG) onde foi acolhido de maneira amável e generosa.

Nessa época, alguns "fatos notáveis", acontecidos ao longo da vida em comum, fizeram com que o casal se interessasse pelo espiritismo, que veio complementar o já elevado caráter do sargento Isauro. Mais do que nunca, passou a compreender a necessidade da prática do amor ao próximo.

Em março de 1949, chega a Olímpia para assumir o comando do T.G. 32. Isauro adotou, então, Olímpia como sua terra, de sua esposa e de seus filhos. Ao lado do cumprimento do dever profissional continuou também o trabalho de alfabetização, interferindo positivamente em quase todos os segmentos da vida olimpiense.

Logo providenciou a instalação do Tiro de Guerra em local adequado, na rua Sírnia. Construiu, com a ajuda do povo da cidade e dos atiradores, o stand para a prática de tiro ao alvo.

Sua participação no movimento espírita da cidade teve início no "Centro Espírita Fora da Caridade Não Há Salvação". Algum tempo depois, com Décio Eduardo Pereira, apoiado pela esposa Beatriz e um grupo de senhoras espíritas que formavam a Associação Espírita Mensageiras do Bem, fundou a Cruzada Assistencial Espírita de



Prédio da Cruzada Assistencial Espírita de Olímpia, que teve em Isauro Assis de Souza, seu principal idealizador.

Olímpia. Nessa associação, apoiado por um notável grupo de espíritas, fundou a Campanha da Fraternidade Auta de Souza, que arrecadava alimentos para distribuí-los às famílias carentes. Fundou também com sua filha, a Mocidade Espírita Pedro Leopoldo. Manteve, por dezesseis anos, em funcionamento um ambulatório médico infantil, que contava com o apoio dedicado do ilustre médico espírita Waldomiro Paiva Luz, que atendia de graça as crianças e dava-lhes o remédio para serem cuidadas. Isauro assumiu a responsabilidade de não deixar faltar remédios e de estar todas as segundas-feiras ao lado do Dr. Waldomiro para ajudá-lo. Instalou, também na Cruzada, o trabalho de barbearia (serviços realizados por Eduardo); a costura de enxoval para bebês, sob a supervisão de sua esposa Beatriz e de Josefina Sotero.

Paralelamente, Isauro proferia palestras espíritas e ministrava aulas de moral cristã para

as crianças. Participou, junto com amigos, da criação do Rotary Club de Olímpia, ajudando também a criar o Centro de Difusão Cultural, juntamente com Nelson Misko Barbosa e Alcy Gigliotti, jornalista e advogado.

Foi colaborador da *Voz do Povo*, jornal onde manteve por muito tempo uma coluna chamada "Alhos & Bugalhos" sob o pseudônimo de "Enio Meira", na qual escrevia sobre fatos políticos da época. Foi professor de Geografia e, por concurso, tornou-se Professor de Educação Física no Ginásio Estadual de Olímpia.

Foi maçom dedicado e deixou na Maçonaria Olímpense notável folha de serviços prestados à comunidade. Durante quinze anos foi gerente da Cooperativa de Crédito Popular de Olímpia, fundada por ele e um grupo de pessoas da cidade.

Onde encontrava alguém desempregado procurava-lhe uma colocação. Se tivesse à sua frente um jovem desajustado, apoiava-o e ensinava-lhe os segredos do bem viver, dentro dos princípios éticos e morais. Se um casal separava, ele e a esposa ofereciam o ombro amigo, incitando-o à reconciliação. Em relação aos filhos, era pai verdadeiramente educador. Era enérgico, exigia retidão de comportamento, mas também era compassivo, entendendo que muitas atitudes erradas eram próprias da idade e que o próprio tempo consertaria.

Circunstâncias o impeliaram a mudar-se para São José do Rio Preto, no dia 26 de março de 1986, em busca de assistência médica mais especializada, uma vez que já sentia a saúde debilitada. Nesta cidade, proferiu palestras no Centro Espírita Consolador e também participou do programa de evangelização infantil. Dois anos antes de seu falecimento, fez com que sua filha o levasse ao Tiro de Guerra local para proferir uma palestra sobre "Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro". Leu o texto com muita dificuldade e levou a filha às lágrimas, quando os jovens atiradores o aplaudiram de pé, na mais eloquente prova de respeito à dignidade de um militar que nunca deixou de ser soldado. Soldado do Exército! Soldado da Justiça, da Dignidade, da Honradez! Soldado do Amor! O Professor Isauro Assis de Souza faleceu em São José do Rio Preto no ano de 1996, deixando atrás de si um exemplo. (*Dados levantados com Amélia F. A. de Souza*).

BEATRIZ FERNANDES DOS SANTOS E SOUZA

Beatriz Fernandes dos Santos e Souza, nasceu na cidade de Itararé, Estado de São Paulo, no dia 11 de março de 1922. Seu pai foi João Fernandes dos Santos, nascido em Portugal, na Ilha da Madeira. Sua mãe, Izabel Temporini dos Santos, nascida em Santa Rita do Passa Quatro, filha de pais italianos.

Em 1923, mudou-se com a família para a cidade de Itapetininga, onde residiu até 1939, ano em que se casou com o militar Isauro Assis de Souza.

No dia 21 de abril de 1949, Isauro e Beatriz chegavam a cidade de Olímpia, onde, às 11 horas da manhã, desembarcaram na Estação da Companhia de Estradas de Ferro local. Acabaram por residir aqui por 37 anos, até março de 1986.

Em Olímpia, Beatriz envolveu-se intensamente no movimento espírita, participando de uma associação de senhoras espíritas denominada "Mensageiras do Bem". Chegou à Presidência da Associação em fevereiro de 1958, cargo que exerceu até 1986.

Juntamente com seu marido Isauro e outros espíritas, fundou a "Cruzada Espírita de Olímpia". Em 1986, mudou-se para São José do Rio Preto onde seguiu envolvida no trabalho espírita, no "Centro Consolador".

OS HERÓIS ESQUECIDOS DE OLÍMPIA



A foto mostra a chegada dos Pracinhas Brasileiros que defenderam a Pátria na II Guerra Mundial contra as forças do "Eixo". O povo olimpiense, em massa, foi até a Estação da Estrada de Ferro local para receber os heróis olimpienses que lutaram na Itália. Na foto, em primeiro plano, com flores nas mãos carregado pelo povo Carlos Ripol Raia, que participou da batalha da tomada de Monte Castelo.

Carlos nasceu em 12/9/22 e faleceu em 15/7/2000. Casou-se com Eliete Bruneira Raia e teve os filhos: Carlos Roberto Bruniera Raia, Eliana Bruniera Raia Lopes Ferraz, casada com Waldemar L. Ferraz Filho, e Elaine Raia de Sant'Anna, casada com José Joaquim de Sant'Anna.

Outro de nossos heróis a participar da Campanha da Itália, e nela inclusive sofrer ferimentos, foi Leonídio Porcionato. Esse olimpiense nasceu em 27/01/1919 e faleceu em 17/09/1975. Casou-se com Nair Salmazzo em 30/11/1946 e tiveram uma filha, Farize Helena Porcionato, casada com Aroldo Braido.



Carlos Ripol Raia, herói da batalha de Monte Castelo (Itália).

FATOS E FEITOS DA HISTÓRIA



Na foto acima o Ginásio Estadual de Olímpia em fase de construção

Como já registramos, o Ginásio do Estado funcionava no prédio do Grupo Escolar Anita Costa, graças ao trabalho do Deputado Cruz Martins do Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho.

Dia 29/06/49, eram designados os membros do corpo docente do recém criado Ginásio Estadual de Olímpia: Dagmar de Arnaldo e Silva, (Francês), Bianor da Silva Medeiros (Latim), Professor Deodato Antônio Pereira (Geografia Geral e do Brasil), Professor Ildefonso Teixeira (Inglês), Luiz Mori Laraia (História Geral e do Brasil), Professor Rotschild Mathias Netto (Matemática), Ulzias Birto, (Ciências naturais), Marina Posella (Canto Orfeônico), Rute Furquim (Desenho), Maria Ubaldina de Barros Furquim (Trabalhos Manuais), Espéria e Arnaldo Barbieri (Educação Física).

Em 02/07/1949, Antônio Prado Junior, presidente da Estrada de Ferro mais completa da

América Latina, promete ao Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho iniciar estudos para trazer a bitola larga, iniciando em Bebedouro, passando por Olímpia, indo em primeira etapa até a cidade de Paulo de Faria.

27/11/49 - mercê de seu imenso prestígio, não só em Olímpia, mas principalmente nas hostes políticas mais poderosas de São Paulo, nos salões do Aero Clube de Olímpia, era oferecido um churrasco em homenagem ao



Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho

ilustre médico olimpiense, como também, pela presença de Barone Mercadante, presidente do PSP, trazendo o apoio do governador Adhemar Pereira de Barros, para lançar oficialmente a candidatura de Custódio Ribeiro de Carvalho para Deputado Federal por Olímpia e região, nas eleições futuras de 1950. Discursou o Prefeito Paulo Furquim, aplaudindo a candidatura do ilustre médico.

O ano de 1950 começaria bem. O Deputado Cruz Martins anunciava por telefone, que a partir do dia 5 de fevereiro estava oficialmente criada a Escola Normal oficial para Olímpia.

O candidato a Deputado Federal, Custódio Ribeiro de Carvalho doava a substancial importância C\$.50.000,00 para a sopa escolar.

No dia 3 de outubro, Francisco Bernardes Ferreira participaria nas eleições para uma Cadeira na Assembléia Legislativa do Estado. No dia 20 de agosto era lançada oficialmente a candidatura do Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho, para Deputado Federal, contando além do apoio governamental, com nove importantes cidades da região.

Em 2 de setembro, era inaugurada a Fundação da Casa Popular em Olímpia.

Nas eleições de 3 de outubro de 1950, o Comendador Francisco Bernardes Ferreira era eleito pelo voto popular Deputado Estadual. Custódio, apesar de grande votação, não seria eleito. Olímpia perderia em não poder usar do prestígio de Custódio.



Vista aérea da nossa princesanos anos 50/60. A Cidade Menina-Moça era chamada "Reino Encantado" pelos jovens das cidades vizinhas.

Resumidamente, nossa história talvez nunca poderá avaliar quanto que perdemos com a não eleição do Dr. Custódio. Homem que participava de todos os eventos, colaborando em todos os setores, que poderia usar, como político, seu imenso prestígio, para as pretensões de uma Olímpia grande e melhor para o futuro. Custódio amou Olímpia como poucos, mas também sofreu como tantos outros, o efeito de ambiciosos políticos, que só pensavam no poder e usavam dos artifícios mais sujos e perversos para anular as coisas positivas que pudessem se opor as suas pretensões politiqueras.

Em 7 de janeiro de 1950, o jornal *Cidade de Olímpia*, destacava a possível união de Francisco Bernardes Ferreira e Eloy Lopes Ferraz, respectivamente candidatos a Deputado Estadual e Federal.

Em 21 de janeiro de 1950 a Cia Paulista adquire a Estrada de Ferro São Paulo-Goiás, tornando quase impossível o sonho de trazer a bitola larga para nossa região.

A Associação Comercial e Industrial de Olímpia elegia sua nova diretoria Presidente: João E. Perera; tesoureiro: Joaquim

O.F. Mathias, Conselho: José M. Gomes Alvarez, Rodolpho Zanin, Manoel Hernandez e Paschoal Lamana.

O Professor Sankiti Takahashi abria a primeira Academia de Judô e Cultura Física de Olímpia à rua Síría 574.

No dia 12 de março de 1950, o Nosso Clube, entidade associativa representativa da raça negra em nossa cidade, elegia para presidente o sr. José Cristino da Silva, sendo instalada sua sede e salão recreativo à rua Cel. Francisco Nogueira.



A jovem senhorita Djalva Trondi, represenando a beleza da mulher olimpiense.

Dentre os inúmeros privilégios que Olímpiia possuía, um deles foi a fama de ser a terra das mulheres bonitas. De fato, a beleza da mulher olimpiense era comentada na região. Conforme me contou o ex-prefeito de São José do Rio Preto, Wilson Romano Calil, em sua visita à Casa da Cultura, vários jovens, aos sábados, tomavam o ônibus e vinham para, Olímpiia, para ver, na praça o desfile de nossas jovens e, especialmente a senhorita

Djalva Trondi, que escolhemos, para representar a beleza da mulher olimpiense. Sua presença chamava tanto a atenção, que certa vez, num baile realizado no CC. Álvaro Brito, o cantor Moacir Franco interrompeu o show para declarar que nunca tinha visto em lugar nenhum uma mulher tão bela como Djalva Trondi. Mais adiante, na parte social, apresentaremos outras figuras femininas que embelezaram com sua presença a nossa cidade. Djalva



Djalva Trondi, em seu vestido de noiva no dia do seu casamento com o médico Alfonso Lopes Ferraz, na cerimônia realizada na Igreja Matriz de São João Batista.



A foto acima mostra Djalva Trondi Lopes Ferraz, no Clube de Campo Álvaro Brito, durante um baile ali realizado.

Trondi, filha de Mário Francelino Trondi e Cleonice Novaes, foi esposa do médico olimpiense e Prefeito de Olímpiia, Alfonso Lopes Ferraz, que clinicava no Hospital Socorros Mútuos.

FATOS E FEITOS DA ÉPOCA

O Jornal *Cidade de Olímpiia*, de 12 de agosto de 1950, lançava em primeira página a machete: "Luiz Victório Cruz Martins e Dr. Eloy Lopes Ferraz formam a Aliança da Vitória pelo PSP" Cruz Martins para Deputado Estadual e Dr. Eloy para Deputado Federal.

Em 16 de junho de 1950 Francisco Bernardes Ferreira lançava a sua candidatura a Deputado Estadual. Lembramos que quando o governador Adhemar P. de Barros era governador, Francisco Bernardes Ferreira demitiu-se, entrando em seu lugar José Lopes Ferraz, quando o cargo era preenchido por nomeação e não por voto popular. Em 3 de outubro, pelas urnas, Francisco Bernardes Ferreira era eleito Deputado Estadual.

Em março de 1950, o Cine Olímpiia apresentava um grande show com a presença de Oscarito, Margot Louro, Ana Maria, Professor J. Rocha, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, as duplas caipiras Luizinho e Palmeira, Torres e Florêncio, Nhô Pai, Mazzaropi e José Fidelis, grandes astros de renome nacional.

Em 15 de maio desse mesmo ano, a Praça Rui Barbosa ganhava bancos de cimento, em substituição aos de madeira.

Em 11 de março de 1950, na Praça Rui Barbosa, na sede do Olímpiia Futebol Clube (onde hoje está instalado o Sindicato Rural), seria inaugurado amplo

e luxuoso restaurante.

Em 15 de janeiro havia tomado posse a nova diretoria do OFC. Pres. de Honra: Cruz Martins, Eloy e Amadeu Galmacci. Pres. Custódio Ribeiro de Carvalho; vice -Pres. Mário Garcez, Theodomiro da Silva Mello e Chafick Aidar; 1º

secretário: Celso Maziteli; 2º secretário: Juvenal Rodrigues de Souza; 1º Tesoureiro: João Boin; 2º tesoureiro: Harry Giannechini; orador: José Carlos Seno, advogado: Jayme L.C. Neves; Diretores de Esportes: Renato Queiroz de Mello e Lafaiete Mendes.



1950- Diretoria do OFC - Luiz Mori Laraia, Amadeu Galmacci, Sebastião Pedroso, Aparecido da Silva Bello (Caçula), Custódio R. Carvalho. Lafaiete Mendes, Natal breda, Sebastião dos Santos, Mário Garcez Novaes, João Batista Pereira, Jayme L.C.Neves, Renato Queros de Mello, Humberto M.Carvalho e Chafick Aidar. Senhoras: Lais C. Neves, Jacy Marcondes Carvalho, Olga V.B Carvalho e Maria Ubaldina de Barros Furquim.



Inauguração do novo restaurante: na foto, sentados. Guilherme Lopes, Cunha, Charles Hial, Eloy Lopes Ferraz, Afro Sarti, João Lamana., Domingos Storto e Dante Sgarbi; na segunda fila: Waldemar Lopes Ferraz, Domignos Ramirez, Toninho, Gothardi, Aldo Puttini, Mastro, Lamartine Posella. Na terceira Fila: Domingos Ramirez, (NI) José Maria Leal Costa Neves, Wilquem Manoel Neves, Arnaldo Gothardi, Alfonso Lopes Ferraz, Negrão Ittavo, Rui Ferranti, Mario Vietti, (NI) Alcides Brunelli e Benedito Saltori.

Ainda nesse ano de 1950, era formada uma comissão para criar a primeira Biblioteca Pública de Olímpia, com os seguintes nomes: Ibrahin Bruxelas, Felício Marangoni, Walter Rayel Constantino, Maria Aparecida Martins e Décio Eduardo Pereira.

Em 14/03/51, Francisco Bernardes Ferreira, tomava posse como Deputado Estadual no Palácio 9 de julho, em São Paulo, e em 26 de abril já era aprovado um projeto criando a Escola Normal em Olímpia.

Em janeiro desse ano, eram reformados os prédios do Aero Clube de Olímpia, pelo presidente João Boin, e o da Sociedade de Socorros Mútuos de Olímpia.

A Justiça dava 10 dias de prazo para que o Clube Literário e Recreativo deixasse o prédio da sede, por ordem de despejo do proprietário. Por ação já anterior de sua Diretoria, era desapropriado um terreno, em 4 de março de 1951, e em 11/12/51 iniciados os trabalhos de retirada dos alicerces do antigo Hotel do Comércio, para a construção do novo Clube Literário e Recreativo de Olímpia.

Em janeiro desse ano, Ubaldo Barbanti assumia o cargo de Médico Chefe do Posto de Saúde de Olímpia.

Era finalmente aprovada pela Câmara Municipal de Olímpia em 19/7/51, a criação oficial da Biblioteca Pública de Olímpia e sua inauguração oficial aconteceria no dia 29 de dezembro de 1951, com a presença do Prefeito Furquim, do Juiz Arruda, Dr. Ibrahin Bruxe-



29/12/51 - Inauguração da Biblioteca Pública Municipal de Olímpia (esquina das ruas Bernadino de Campos e Dr. Antônio Olímpio). Na foto aparecem o Prefeito Municipal Paulo Furquim, o presidente da Comissão Ibrahin Bruxelas, visitantes e estudantes.

las e membros da Comissão. Como podemos observar desde a década anterior, Olímpia apresentava um desenvolvimento progressista que repercutia regionalmente. O que tinha essa cidade que conquistava todos aqueles que aqui aportavam? Um comércio forte, amparado por uma agricultura eficiente e produtiva. Os grandes armazéns, que aos sábados superlotavam com a chegada do pessoal da zona rural para as compras semanais (David de Oliveira, Casas, Zanin, Casa Ferreira, Casa Carneiro, Casa Zucca), ampliavam cada vez mais seus ramos de atividade, sem falar nas indústrias de latécinios, massas, móveis, lojas de armarinhos e tecidos, que tinham sua clientela não só na cidade, mas em toda a região, onde a Estrada de Ferro era o meio de comunicação mais usado, tornando Olímpia o pólo comercial da região.

Somando a todos esses fatores, o de que nossa cidade era um fenômeno político, que chegou a ter de uma só vez dois deputados (um federal), enquan-

to locais muito maiores não tinham nenhum. Tinham políticos de prestígio, que há muito tempo davam mostras de um caráter irretocável, honestidade impecável e uma vontade de trabalhar com amor pelo desenvolvimento da cidade. Olímpia tinha orgulho de ser Olímpia. A Cidade de Menina-Moça transpirava progresso. A sociedade unida como uma grande família, as entidades privadas, independentes de favores ou ajuda da Prefeitura, eram dirigidas por homens de reconhecida capacidade e visão, que também colocavam seus serviços em benefício da comunidade.

Homens de todas as classes, posses e condições sociais irmanados com um objetivo principal: o crescimento e o desenvolvimento cada vez maior de Olímpia. Infelizmente, essa geração de homens ativos, não encontrou sucessores era mesma envergadura como veremos adiante, o que foi péssimo para o futuro da cidade.

No dia 26 de julho de 1951, os componentes da UDN e do PSP, se reuniram no Aero Clube de Olímpia para a escolha do candidato para prefeito municipal, nas eleições de 3 de outubro do mesmo ano.

Fizeram parte desta reunião os senhores: Custódio Ribeiro de Carvalho, Paulo Furquim, Alberto Zaccarelli, Capitão Leonardo Posella II, João Eduardo Pereira, José Joaquim de Sant'Anna, Silviano Pinto, Adhemar de Andrade e Silva, Francisco Bernardes Ferreira, Humberto Mendes de Carvalho, Natal Breda, Theodomiro da Silva Mello e Sudário Braz de Miranda.

O primeiro nome indicado foi o de Sudário Braz de Miranda, mas o mesmo recusou-se a aceitar. Em julho, era indicado o nome de Alberto Zaccarelli, que também não aceitou.



Busto de Rui Barbosa, inaugurado em 16/9/51, na Praça que recebeu seu nome.



Na foto a população prestigiando a colocação do busto de Rui Barbosa.

Às 11 horas, do dia 16/09/51, na Praça Rui Barbosa, sob o som do Hino Nacional Brasileiro, pela Lira Guaraciense e cantado pelos atiradores do TG 32 de Olímpia, iniciou-se a solenidade da colocação do busto de Rui Barbosa. Primeiramente, usou da palavra o Prefeito Paulo Furquim, seguido por locução brilhante de Silviano Pinto. Logo após usou da palavra, o convidado especial o ilustre deputado estadual Rui Barbosa Batista Ferreira, neto de Rui

Barbosa, descerrando o busto coberto pela Bandeira Brasileira. Posteriormente, usou a palavra o ilustre médico Adhemar de Andrade e Silva e finalmente, encerrando a solenidade, o sargento do Tiro de Guerra 32, Isauro Assis de Souza. Francisco B. Ferreira, Custódio R. Carvalho, Salomão Tannuri, Humberto M. Carvalho, João E. Pereira, José M. Canuto e Paulino Rodrigues de Castro formaram a comissão organizadora do evento.



Na foto usa da palavra Adhemar de Andrade e Silva.



Em 16/12/51 era inaugurado o novo Fórum de Olímpia, localizado à Praça Monteiro Lobato.

Para a sucessão municipal em outubro, eram realizadas as eleições municipais. De um lado, Francisco Bernardes Ferreira, tendo como vice-prefeito Amadeu Galmacci. De outro lado, o jovem médico olimpiense Waldemar Lopes Ferraz, cujo vice era Mário Garcez Novaes. A eleição foi um tanto conturbada, com a apuração sendo feita voto a voto e transmitida pela Rádio Difusora Olímpia. No dia 14 de outubro o resultado oficial apontava: Chico Bernardes, 3.596. Seu vice, Amadeu Galmacci, 3.585. Waldemar Lopes Ferraz, 4.431 votos e Mário Garcez Novaes 4.346. Portanto, Waldemar Lopes Ferraz se tornou, por voto popular, o novo Prefeito de Olímpia.

No dia 1º de janeiro de 1952, Waldemar Lopes Ferraz era diplomado Prefeito Municipal com mandato até 31/12/55. A transferência do cargo foi efetuada pelo Secretário da Prefeitura Lourenço Cavariani.



Waldemar Lopes Ferraz - Prefeito Municipal - (01/01/52 a 31/12/55).

Desta forma, o Dr. Waldemar seria o sucessor natural da política de seu irmão Dr. José Lopes Ferraz, que também fora Prefeito de Olímpia e do Dr. Eloy Lopes Ferraz, que já assumira uma Cadeira na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

Dr. Waldemar Lopes Ferraz foi um dos mais brilhantes políticos, galgando com sua honestidade, simpatia, educação e capacidade, altos degraus no panorama político dentro do Estado de São Paulo, mas isto é uma história que contaremos no seu devido momento.



Waldemar Lopes Ferraz e sua esposa Elza Zanin Lopes Ferraz.

Dia 1/1/52, às 20 horas, no edifício do Fórum, era dada posse ao Prefeito Waldemar Lopes Ferraz e ao Vice Prefeito, Mário Garcez Noaves e também aos vereadores eleitos: Maria Aparecida Marcondes Cruz Martins, Waldomiro Paiva Luz, José Maria Leal Costa Neves, Ângelo Ittavo, Irineu Viali, Celvilho Storto, César Tannuri, José Garcia de Souza, eleitos pelo PSP, Adhemar de Andrade e Silva, Paulo Furquim, Arlindo Nasser Kedhy, Francisco Batista de Freitas, Genésio Firmino Carlos, Álvaro Brito e Egídio Giacóia. Foi eleito Presidente da Câmara Municipal Waldomiro Paiva Luz. Suplentes que exerceram o mandato na legislatura 1952/55: Guilherme Lopes Lopes, Isaías Miessa, Celso Mazitelli, Alberto Zaccarelli, Astério Moreira, Ludovico Seno, Antônio Luciano de Oliveira, Paschoal Lamana, Florêncio Forti, Pompílio Ange-

lo de Oliveira e Jesus dos Santos.

Waldemar Lopes Ferraz foi um homem público dedicado, desenvolvendo as tarefas que lhe eram cabidas com brilho, destacando-se por sua honradez, pelo caráter e pelo desprendimento no trato das questões de interesse coletivo.

Teve uma brilhante carreira política. Foi prefeito municipal de Olímpia, de 1952 a 1956. vereador à Câmara Municipal de Olímpia, de 1956 a 1959, deputado estadual, de 1959 a 1962; deputado estadual de 1963 a 1966; deputado estadual de 1967 a 1970; deputado estadual, de 1971 a 1974; deputado estadual, de 1975 a 1978; deputado estadual, reeleito em 1978. Foi ainda Segundo Secretário da Mesa Diretora da Assembléia Legislativa em São Paulo, em 1962; Secretário da Mesa Diretora da Assembléia Legislativa, em 1973/74; Secretário de Esta-

do dos Negócios do Interior nos Governos de Adhemar Pereira de Barros, de Roberto Costa de Abreu Sodré e de Paulo Salim Maluf.

Participou da organização política da ARENA, tendo sido seu Primeiro Secretário.

Durante o transcorrer do nosso relato sobre Olímpia, ainda falaremos muito sobre atuação do Dr. Waldemar Lopes Ferraz

O saudoso ex-Prefeito de Olímpia e Deputado Estadual Waldemar Lopes Ferraz, faleceu em 25 de maio de 1980, quando exercia o cargo de Secretário de Estado dos Negócios do Interior, pela terceira vez consecutiva. Casado com a professora Elza Zanin Lopes Ferraz (já falecida), deixou os filhos: Waldemar, casado com Eliana Bruniera Raia, Heloísa, casada com Antônio Luiz Antônio Tella, e Helena, casada com Clóvis Elias, e os netos Fernando Lopes Ferraz Elias, Maria Fernanda Lopes Ferraz Tella, Octávio Lopes Ferraz Sobrinho e Waldemar Lopes Ferraz Neto.

Além da grande capacidade de Waldemar como político, hábil, ético e competente, deixou marcada, como símbolo da família Ferraz, a honestidade. Não acumulou fortunas, nem sequer quaisquer bens materiais. Sua riqueza foi de espírito do, dever cumprido como cidadão, chefe de família exemplar, médico excepcional e um político voltado para as causas do povo.

Sua personalidade foi tão destacada, que recebeu da Assembléia Legislativa Estadual

uma homenagem póstuma, após um ano de seu falecimento (caso único, sem precedentes). No dia 25 de maio de 1981, no Palácio 9 de julho no Ibirapuera, aconteceu o descerramento de uma placa alusiva ao fato com a denominação de "Deputado Dr. Waldemar Lopes Ferraz" ao Salão Nobre da Assembléia. Também como fato a registrar, foi celebrada uma missa em memória do saudoso parlamentar.

Orgulho de Olímpia por ter tão importante celebridade, representando nosso povo, por seis legislaturas consecutivas, demonstrando a confiança e o prestígio que, através do seu trabalho, conseguiu acumular positivamente, honrando a nossa cidade e região.



Maria Aparecida Marcondes de Carvalho, esposa do deputado Cruz Martins. Pela segunda vez, uma mulher assume uma Cadeira na Câmara Municipal de Olímpia (a primeira foi Oscarlina Breda).

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

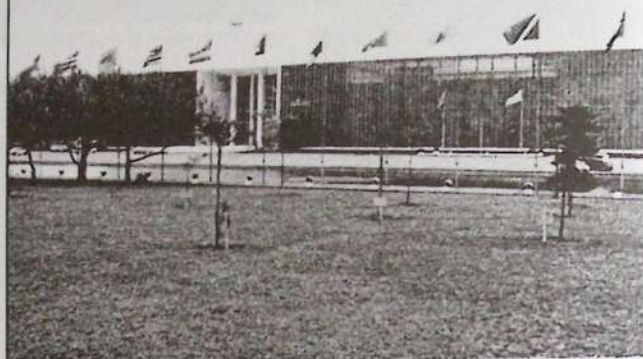
HOMENAGEM POSTUMA

AO

DEPUTADO ESTADUAL

Dr. WALDEMAR LOPES FERRAZ

1914 - 1980



PALÁCIO 9 DE JULHO
25 de maio de 1981

Livreto convite e histórico da homenagem póstuma recebida pelo Deputado Dr. Waldemar Lopes Ferraz, em 25 de maio de 1981.



"Dr. Waldemar Lopes Ferraz, o seu exemplo e a sua obra serão a mais brilhante e a mais bela e iluminada cruz erguida sobre o seu túmulo."

DETALHES DA HISTÓRIA

No dia 22 de outubro de 1952, aproximadamente às 8 horas da noite, um avião pequeno começou a voar extremamente baixo sobre a praça. Em contato com um rádio amador local, informou estar perdido, quase sem combustível e precisava pousar imediatamente. A Rádio Difusora foi informada e, através do microfone, pedia a todos que tivessem veículos que se dirigissem ao campo de pouso olímpense, formando uma fila, com os faróis acesos para orientar o piloto, pois o campo de pouso não tinha iluminação. Dezenas de carros rumaram para o lá, e colocados lado a lado, com os faróis acesos, conseguiram dar condições para que o avião pousasse em segurança. O piloto José Jassinto da Silva, três mulheres e uma criança, que deviam descer em Barretos, eram os ocupantes do aparelho.

No dia 2/8/52, era inaugurada em Olímpia a Confecções Cidi, uma das maiores fábricas de camisas do interior, com potencial para 1.800 camisas diárias. Esse foi um projeto do empresário Ivo Aidar que, por muito tempo, deu certo. A qualidade das confecções Cidi ficou famosa em todo o Estado.

BENEFICÊNCIA PORTUGUESA

A colônia portuguesa mantinha em Olímpia seu hospital com um atendimento de primeira linha, que atraía pacientes das cidades vizinhas, mas requeria ampliação.



Prédio da Sociedade Beneficente Portuguesa de Olímpia, situada à Praça Altino Arantes (1952).

A Sociedade contava com nomes como José Leal, Manoel Cunha, David de Oliveira, Antônio Augusto dos Santos, José Simões Filho, José Ferreira, João Rodrigues Batata e outros que, com carinho e desvelo, dedicavam grande parte de seu tempo ao hospital.

Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho, um dos maiores cirurgiões do Brasil, ponto de referência da confiança e tranquilidade que o hospital gozava na época, usou de seu grande prestígio profissional e social para melhorá-lo.

No dia 1º de janeiro de 1952, era inaugurado o Salão Nobre do hospital. Dr. Custódio, através do seu sobrinho, o grande pintor Flávio de Carvalho, conseguiu que alguns famosos pintores, inclusive, com quadros expostos no exterior, executassem nas paredes do salão pinturas a óleo, em que se viam características da pátria portuguesa.

Os móveis do salão, confeccionados de madeira de lei

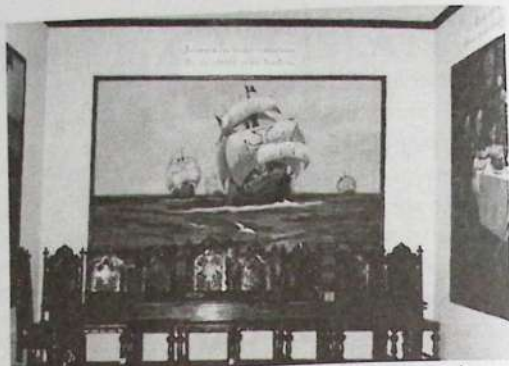
em estilo manelino, davam-lhe um ar majestoso, similar aos grandes salões europeus.

Até hoje, estão lá, imponentes, mas esquecidos. Uma riqueza cultural de beleza inenarrável, de cores fortes que chamam a atenção geral. Quase ninguém conhece esse patrimônio cultural, que poderia ser usado culturalmente e também como referência turística e histórica de nossa cidade.

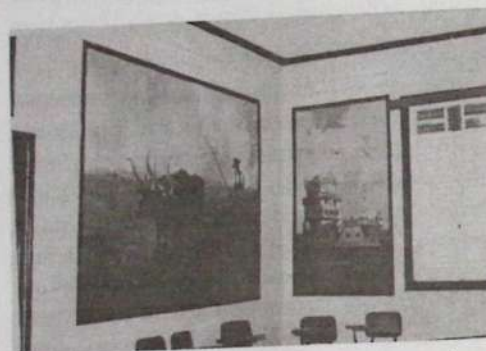
Assim, aconteceram as solenidades de inauguração do Salão. Para maior brilho, estiveram presentes ao ato, além de Flávio de Carvalho, Guilherme de Almeida, "Príncipe dos Poetas Brasileiros", uma honra para Olímpia e que, em suas brilhantes palavras, discorreu sobre o acontecimento. Também presente, prestigiando o evento, Dr. Benedito Montenegro, na época um dos maiores cirurgiões do mundo. Falaram também Silvano Pinto e Custódio Ribeiro de Carvalho.



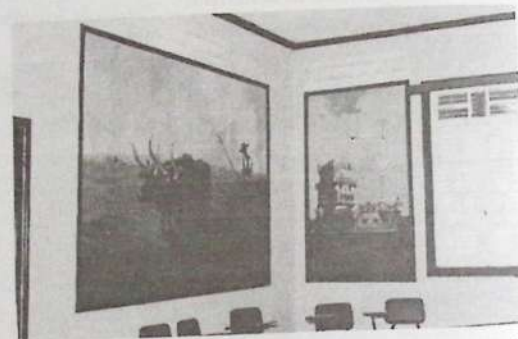
Parte de trás do salão nobre da Beneficência Portuguesa de Olímpia, lado direito.



Parte da frente da sala onde está colocada a mesa de reuniões da Diretoria.



Salão nobre da Beneficência com as pinturas executadas na parte de trás, ao fundo.



Outro ângulo das pinturas executadas no Salão Nobre da Beneficência Portuguesa.



Pintura a óleo na parede lateral, representando os clérigos portugueses.



Pintura lateral na parede, representando a rapariga e o menestrel.



Pintura representando a colheita de trigo em Portugal.



A colheita das uvas pelos vinicultores portugueses para a preparação do vinho.



Cena da vida cotidiana, em Portugal, com os bois preparando a terra para o plantio.



Interior da Capela da Beneficência Portuguesa. Em cima, a réplica da imagem da Virgem de Fátima, trazida de Portugal.



A foto mostra a pequena Capela anexa ao prédio central do antigo Hospital da Beneficência Portuguesa de Olímpia.

FATOS HISTÓRICOS

Em julho de 1953, uma fortíssima geada viria a causar sérios prejuízos à principal cultura regional, o café, que sofreu intensamente com o fenômeno climático. Mas, apesar do acontecido, a agricultura resistiu e conseguiu recuperar-se.

Em 19 de junho, a Câmara Municipal de Olímpia suspendia sua sessão, por falta de pauta, ou seja, por falta de assunto.

O deputado estadual Francisco Bernardes Ferreira, através do Projeto de Lei 518, de 13/05/53, elevava Olímpia à categoria de 3ª Entrância e pedia ao Estado a extensão da Rodovia Bebedouro-Olímpia até Paulo de Faria.

Francisco Bernardes Ferreira era eleito Presidente do Aero Clube de Olímpia em 8 de fevereiro de 1953.

No dia 28 de outubro desse ano, era aprovado o Diretório da UDN, em Olímpia. Como Presidente Jorge de Souza Lopes; vice-Presidente: Álvaro Brito; Secretário: Eduardo da Silva Chaves Sobrinho; tesoureiro: Prof. Deodato Antônio Pereira. Membros: Genésio Firmino, Aristeu Moreno, Elson Furlan, Erothides de Almeida Veloso, Zacarias Magalhães, Wilson Bastos de Aguiar e James Roxo. Nesta época, o Aero Clube era o clube mais importante de Olímpia e sede da UDN.

OLÍMPIA RECEBE A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Olímpia, com a maioria de sua população formada por imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, com um índice de catolicismo ultrapassando 97%, tinha nos adeptos da Igreja Católica sua grande força política e social.

Nesse ano de 1953, em que Olímpia comemoraria seus 50 anos de existência, no dia 02 de março, sob a coordenação dos membros da Sociedade de Beneficência Portuguesa de Olímpia, foi programada a vinda da imagem de Nossa Senhora de Fátima, de Portugal.



Desde as 6 horas da manhã, grande parte da população aguardava a chegada da imagem da Virgem de Fátima no campo de pouso local.

Desde as primeiras horas do dia 2, grande massa popular aguardava no campo de pouso local o avião pertencente ao olimpiense empresário e fazendeiro Natal Breda, transportando a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Pousou o avião às 9 horas e a imagem amparada por autoridades eclesásticas foi colocada num belíssimo carro aberto, construído especialmente para o transporte da Santa, o que se realizou em procissão, pelas



Sob o grande pálio armado em frente a Igreja Matriz de São João Batista, com belíssimo altar, o povo observa a chegada da Santa.

ruas 9 de Julho, Coronel José Medeiros e Jorge Tibiriçá, acompanhada por milhares de fiéis.

A procissão terminou na Praça da Matriz, onde a imagem foi colocada em um altar em frente a Igreja, local em que foi celebrada uma missa solene, às 10 horas.

Posteriormente a imagem foi levada a visitar o Abrigo São José, a Santa Casa de Misericórdia e a Casa de Saúde Lopes Ferraz, retornando ao altar monumental na frente da Igreja de São João Batista e ficando ex-

posta à visitação pública até às 16 horas, quando foi feita nova procissão pela cidade.

Depois, a imagem foi levada a um riquíssimo trono de honra e o Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz, depositou aos pés da Santa a Chave da Cidade, confeccionada em ouro e oferecida pelo povo de Olímpia.

Terminada a cerimônia, a imagem da Santa partiu para seu local de origem, após de ser saudada por Luiz Mori Laraia.



A rica e belíssima chave de ouro, confeccionada especialmente para representar a posse da cidade.

O CINQUENTENÁRIO DE OLÍMPIA

No mês de março de 1953, a cidade comemoraria 50 anos de existência. Na Câmara Municipal de Olímpia, transcorria caloroso debate sobre o dia que deveria ser oficializado como o da fundação. O vereador Celso Mazitelli argumentava que deveria ser o dia 3 de maio, quando foi fincada uma cruz e realizados festejos comemorativos ao dia da Santa Cruz. Por outro lado, a maioria achava que deveria ser colocado como data oficial o dia 2 de março de 1903, quando foi passada a escritura de doação dos 100 alqueires para a formação do patrimônio.

Finalmente, por votação, foi escolhido o dia 02 de março de 1903 como data oficial da fundação de Olímpia. Isso aconteceu no dia 14 de março de 1953, quando já havia transcorrido o dia oficial, ou seja, o dia 2. Então, o Prefeito Waldemar Lopes Ferraz resolveu comemorar os 50 anos de Olímpia no dia 24 de junho, data que marca o dia do padroeiro da cidade São João Batista.

Registraremos, a seguir, os acontecimentos festivos que compuseram a comemoração do cinquentenário de Olímpia.

As atividades polarizaram atenção de toda a cidade e atraíram pessoas da região.



Waldemar Lopes Ferraz, Prefeito Municipal de Olímpia em 1953.



Aureliano Martins Peixoto, Presidente da Comissão dos Festejos.

Para promover a comemoração, o prefeito Waldemar Lopes Ferraz constituiu as comissões abaixo relacionadas.

COMISSÃO CENTRAL

Aureliano Martins Peixoto, Bianor da Silva Medeiros, Celso Mazitelli, Walter Rayel Constantino, Miguel Luiz Ramos, Luiz Mori Laraia, Isaías Miessa, Alcy Gigliotti, Serafim Morales e Orlando Lapa.

COMISSÃO DE HONRA

Francisco Negrisollo, Waldemar Lopes Ferraz, Tolstoi Carvalho de Melo, Álvaro Grellet, Frei Tarcísio Santoro, Waldomiro Paiva Luz, Adhemar de Andrade e Silva, José Maria Leal Costa Neves, Eloy Lopes Ferraz, Francisco Bernardes Ferreira, Custódio Ribeiro de Carvalho, Luiz Victório Cruz Martins, Mário Garcez, Antônio Augusto Reis

Neves, Eduardo Chaves, Rubens Cláudio Moreira, Cap. Narciso Bertolino, Natal Breda, Franklin Clemêncio e Capitão Leonardo Posella II.

COMISSÃO DE RECEPÇÃO

Afro Sarti, Paulo Furquim, Alberto Zaccarelli, Aquilino Branco, Paschoal Lamana, Silviano Pinto, Álvaro Brito, Jaime Leal Costa Neves, Ivo Aidar, Domingos Storto, Américo Bolsan, José David Fonseca, Victor Bacheuser, Manoel Cunha, Eduardo Gomes, Antônio Rodrigues Guerra Júnior, Olímpio Campos, Juvenal Rodrigues de Souza, Luiz Teixeira Leite, Jerônimo de Almeida, Alberto Caldarelli, Manoel José Dias, Ricardo Scura, José de Campos, Sérgio Pereira Pitta, José Benedito Nino do Amaral, Antônio G. Andarde, Antônio Cisotto e Humberto Mendes de Carvalho.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda de Portugal para Olímpia, no cinquentenário da cidade.

SUB-COMISSÃO DOS DISTRITOS

SEVERÍNIA

Cesar Galib Tannuri, Jorge Tannuri, Miguel Tannuri, Salomão Tannuri, Gustavo de Almeida Veloso, Erothides de Almeida Veloso, José de Almeida, Arlindo Nasser Kedhy, Lázaro Ferreira Luz, Severino Secchieri, Manoel Maldonado, Emídio Veloso, Gabriel Jorge Franci Filho, Avolinto Spegiorim, Badih Aidar, José Perrone, Naziz Nadruz, Vicente de Campos e Henrique Ferraro.

RIBEIRO DOS SANTOS

Antônio Luciano de Oliveira, Luiz Volpe, Lucílio José da Silva, José Cipriano Leal, Fausto Rodrigues, Paulino Rodrigues, Antônio Buzzato, Francisco Alves Diniz e Silva, Vergílio Pagotto, José Fonseca Duarte e José Claudino dos Santos.

ALTAIR

José Garcia de Souza, Manoel Mendes Filho, Hichel Aidar, Daud Abud, Álvaro Duarte Leite, Lindolfo Souza, Ram Shing, Antônio Dutra, Walter Mendes, Fernando Wenzel, Arlindo Gomes, Joaquim Elias de Oliveira, Durvalino de Souza, José Romera Lopes, Neno Romera e José da Lapa Coriolano.

BAGUAÇU

José Coutinho, Franklin Clemêncio e Washington J. Franco.

PRESENÇA FILARMÔNICA "PIETRO MASCAGNI"

Uma das apresentações mais concorridas foi, sem dúvida, o concerto da filarmônica da Cidade das Rosas (Jaboticabal).

Em palanque colocado na Praça Rui Barbosa, a "Mascagni", regida pelo maestro Michelimo Maisano, deliciou o povo de Olímpia com um belo programa de músicas clássicas.

A noite, a partir das 20 horas, no palanque principal da Praça Rui Barbosa, tocou diversos clássicos nacionais e internacionais, como: "La Gazza Ladra", de Rossini, "Giovanana Darc", de Verdi, e outras partituras famosas, encerrando o espetáculo com uma magistral apresentação de uma parte de "O Guarani", de Carlos Gomes.

A ALVORADA

Olímpia despertou alegre no dia 24. Rufos de tambores e clarins ecoavam pelo céu ainda estrelado e escuro da mimosa cidade, anunciando o despertar para o seu dia de festa. Era a fanfarra do Colégio Olímpia e também a Banda Musical de Guaraci, convidando o povo a se levantar para assistir e prestar a sua homenagem à graciosa aniversariante. Estava, assim, decretada a alvorada.

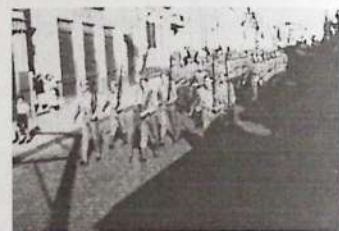
O GRANDE DESFILE

Prepararam-se as Escolas, dedicando-se ativamente para o grande desfile comemorativo. O Colégio Olímpia, com sua famosa fanfarra, abriu o desfile. Foram confeccionadas mais de 1.000 camisetas com o nome do Colégio bordado no peito. Durante meses, fanfarra e alunos de todas as escolas treinavam várias horas

por dia, em passo de marcha, para participarem do grandioso dia.

A GRANDE PARADA

O desfile teve início às 8:30 hs, com os atiradores do TG 02. 032 de Olímpia à frente, marchando com cadência marcada por sua fanfarra.



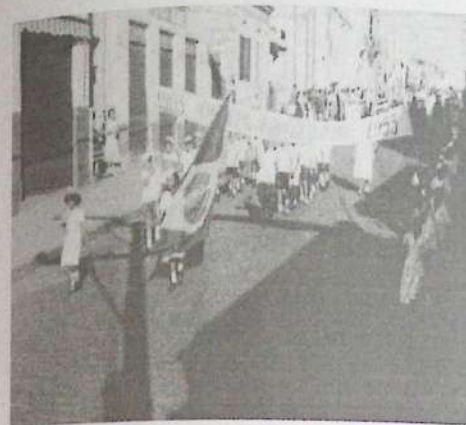
Atiradores do TG 02 032 em marcha



A fanfarra do Tiro de Guerra 02 032



A seguir, a fanfarra do Colégio Estadual de Olímpia, à frente dos 200 alunos que na época estudavam no Grupo Escolar D^a Anita Costa, porque o prédio próprio do estabelecimento de ensino estadual ainda se encontrava em fase de construção.



Crianças do Grupo Escolar D^a Anita Costa, levando a Bandeira Nacional, abrem o seu desfile.



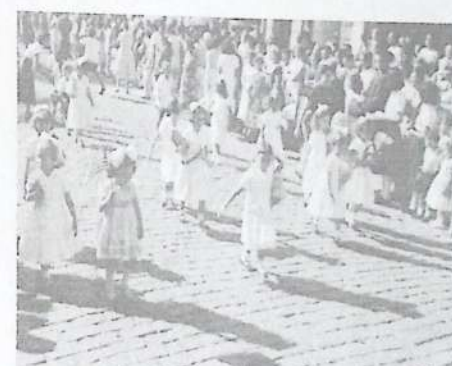
G.E. Anita Costa homenageia os Prefeitos de Olímpia.



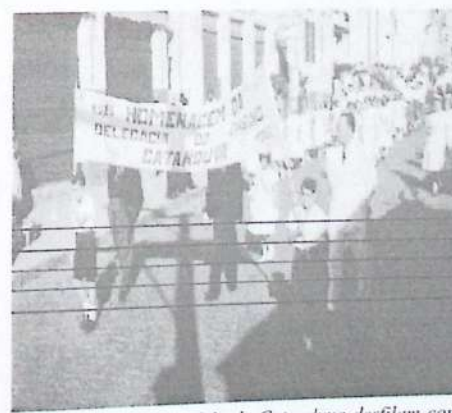
Vemos no flagrante a pequena, mas ajustada fanfarra dos Alunos do G E D^a Anita Costa de Olímpia, que colocou mais de duzentas crianças nas ruas para homenagear a cidade.



Outro flagrante do desfile dos alunos do Grupo Escolar D^a Anita Costa.



Crianças do Jardim de Infância com suas bonecas.



Alunos da escola primária de Catanduva desfilam com faixa de homenagem da Delegacia de Ensino. Também se fez representar no mesmo grupo Tabapuã, com expressivo número de crianças.



A poderosa fanfarra do Colégio Olímpia abria o desfile com mais de 1000 alunos.



Desfilam garbosamente as alunas do Ginásio Estadual de Olímpia.



Alunos do Colégio Estadual desfilam pela rua 9 de julho.



Fazendo a volta nas praças Matriz e Rui Barbosa, o Colégio Olímpia realiza sua apresentação.



Dezenas de alunos do Colégio Olímpia com suas bicicletas antecipam as colunas em marcha.



As alunas do Magistério do Colégio Olímpia também participaram com elegância.



Quase uma centena de colhedeiras pertencentes ao município mostram o poderio da nossa agricultura.



Quase uma centena de tratores desfilam pelas ruas da cidade. Eles representam a fase áurea da nossa agricultura, ponto vital da economia e do progresso da cidade de Olímpia e de toda a região do Vale do Rio Grande. Além dos tratores, também foi muito grande a participação de máquinas e implementos agrícolas de Olímpia e região.



Atletas representam a grande colônia nipo-brasileira.

Dentre as atrações, a que mais motivou a sociedade foi a escolha da "Rainha do Cinquentenário de Olímpia", que movimentou toda a sociedade. Os votos eram vendidos aos populares que, assim, votavam na candidata de sua preferência.



Passagem do carro trazendo as candidatas a Miss Olímpia. Ao centro, a rainha Cacilda Gomes e as princesas Aurora Gigliotti e Rosa Misoguti.

INAUGURAÇÃO DO OBELISCO



Jayme Leal Costa Neves, orador oficial, discursando para o público.

Conforme estava anunciado, fez uso da palavra em caráter oficial, o consagrado orador Jayme Leal Costa Neves que, de maneira expressiva, discorreu sobre a fundação de Olímpia, o marco comemorativo, os forasteiros, os fundadores, o amor ao trabalho e o progresso da "Cidade Menina-Moça". Por fim, conclamou entusiasticamente os moradores olimpienses, à continuação construtiva para satisfação da nossa gente e maior grandeza de Olímpia.



Discursa o Prefeito Municipal Dr. Waldemar L. Ferraz



Capitão Narciso Bertolino descerra a placa do Obelisco.

Depois, o Prefeito Municipal Waldemar Lopes Ferraz fez o seu discurso, entregando ao povo o Obelisco e, como representante do Governo do Estado, congratulou-se pela passagem festiva dos 50 anos de Olímpia.

Essas foram, na íntegra, suas palavras; "- Obelisco concluído. Obelisco entregue à população de Olímpia. Marco inicial de nova campanha, de nova caminhada, que todos nós teremos que empreender, para elevar às alturas o nome de nossa cidade. Será fonte de exemplo, que o tempo não conseguiu e não conseguirá destruir.

Os grandes feitos, as arrancadas para uma civilização melhor, infundem respeito e até mesmo veneração. Aqui, viremos buscar mais forças, mais ânimo para aumentar a vontade de vencer. Impossibilitado de comparecer pessoalmente às nossas festividades, solicitou-nos o Governador do Estado Professor Lucas Nogueira Garcez que o representasse e que transmitisse a todos os moradores dessa laboriosa terra que o governador de todos os paulistas também está conosco, nesta data tão cara e preciosa para todos nós".

E segue o discurso do prefeito: "É grande honra para mim neste momento poder, em nome do povo de Olímpia e em nome do Sr. Governador do Estado, convidar o digníssimo cidadão Capitão Narciso Bertolino a descerrar a placa de bronze, coberta pela gloriosa e venerável bandeira de nossa pátria".

Em seguida, o Capitão Narciso Bertolino descerrou a placa, que registrava a data e homenageava a família pioneira de Antônio Joaquim dos Santos. O Frei Clemente Grassi abençoou o Obelisco e a Banda Filarmônica de Pietro Mascagni tocou o Hino Nacional Brasileiro. Terminava, assim, a primeira parte dos festejos do cinquentenário de Olímpia.

A PRIMEIRA GINCANA

A primeira gincana automobilística de Olímpia coroou-se do mais retumbante sucesso. Conforme o programado, essa interessante competição abriu a primeira parte dos festejos do Cinquentenário da cidade "Menina-Moça". Vários obstáculos foram colocados ao longo do percurso, marcados nas praças Rui Barbosa e da Matriz. Podiam ser observadas várias mesas, onde os concorrentes teriam que encher balões, comer brevidades, tomar Coca Cola. Ainda, um burrinho, postado em frente ao Empório Rui Barbosa, para ser puxado; um aro de basquete, fixado a um poste, onde deveriam os concorrentes arremessar uma bola de basquete para encestá-la em cinco tentativas; uma porteira para ser aberta; em frente ao prédio dos Correios teriam que soltar fogos.



Uma das concorrentes da gincana enchendo bexigas.

Todas essas provas teriam que ser percorridas com tempo marcado. Vários foram os candidatos aos valiosos prêmios. Todos se saíram com brilho, mas, percorreu o espaço e ultrapassou todos os obstáculos em menor tempo, a dupla constituída por Carlito Zanin e Wilma Baiocchi, com o tempo de 7 minutos e 7 segundos. Seguiu-lhe a dupla formada por Amélio Finotti e Dilce de S. Freire, que cobriram todo o percurso em 7 minutos e 15 segundos. As outras duplas concorrentes eram formadas pelos pares:

Clodoaldo Sarti e Wilma Stocco; Santo Seno e Maria Aparecida Florindo; Odilon Moreira e Aparecida Hial; João Ricciardi e Wilma Rocco; Luiz Ruivo e Bertinha Ruivo. Após o término da gincana, os elementos pertencentes a sub-comissão responsável pela mesma, receberam de todos, inclusive do Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz, os parabéns pelo grande sucesso que a gincana teve, proporcionando à grande massa popular ali presente momentos de alegria e descontração, sendo o objetivo alcançado.





Cacilda Gomes, Miss Olímpia, Rainha do Cinquentenário de Olímpia.



S.E. Palmeiras: Oberdã (Furlan), Rubens e Sarno; Manoelito, Gerson e Fuad; Moacir, Lito, Beto, Paulinho e Rodrigues.



Olímpia F.C. Procópio, Luiz Borracha, Roberto Mariotti, Locci, Jorge, Zaccarelli Wilson, Moacir, Serrano; Tita, Canhoto, Nego, Ricardo e Panadeiro.

CONCURSO MISS OLÍMPIA

Após um mês de intensa batalha para as candidatas, foi encerrado, no dia 18 de junho de 1953, o grande concurso lançado pelo Olímpia F.C. para a escolha de Miss Olímpia.

Como registram os jornais da época foi uma campanha acirrada, em que se aferventaram de vez em quando os ânimos. Porém terminou a contento de todos, pois a escolha das classificadas nos primeiros lugares veio mostrar a simpatia de cada uma das candidatas, que deram o máximo de seus esforços para também colaborar com os promotores das festividades.

Todas elas demonstraram muita humildade e distribuíram simpatia.

Foi o seguinte o resultado final da apuração e o número de votos obtidos: 1º lugar-Cacilda Gomes 42.290 - 2º lugar-Aurora Gigliotti 32.750 - 3º lugar-Rosa Mizoguti 7.942 - 4º lugar-Linda Abdalla 5.171.

Cacilda Gomes e as princesas receberam a faixa no Baile de Gala de encerramento das festividades, que aconteceu na noite do dia 24 de junho. Todas foram presenteadas com valiosos brindes ofertados pelo comércio local.

Aos amantes do esporte, foi proporcionada, no monumental Estádio Tereza Breda, uma partida de futebol, com o Olímpia Futebol Clube recebendo a visita da Sociedade Esportiva Palmeiras, da capital. O jogo agradou ao público que lotou completamente o Estádio. Saíram vencedores os visitantes pela contagem de 2 a 1. A renda foi bastante satisfatória, atingindo cerca de cento e quinze mil cruzeiros. A escolha para trazer o time visitante foi feita através de vendas de votos. O Palmeiras foi o vencedor com larga margem.



Flagrante do baile de encerramento dos festejos do cinquentenário.

A comemoração do cinquentenário de Olímpia encerrou-se com um monumental baile de gala promovido nas dependências da Scamal, empresa de propriedade de Domingos Storto, Ângelo Spilimbergo e Evônio Berti.

O amplo espaço, gentilmente cedido, foi adaptado para o evento com a colocação de palco para os músicos e tablado para dança. No local decorado com esmero, Olímpia presenciou um baile de magnitude jamais vista, com duas

orquestras reveesando-se na animação: a Sul América, de Jabotcaval e a de Pedrinho, de Guararapes. Inicia, do às 22 h e 30 min, do dia 24 de junho, o baile recebeu a entrada triunfal da Miss Olímpia, Cacilda Gomes e das princesas Aurora Gigliotti e Rosa Misogueti.

Aos 30 minutos do dia 25, a primeira-dama, Elza Zanin Lopes Ferraz procedeu à coroação da Miss Olímpia e à colocação da faixa nas três vencedoras. Houve entrega de prêmios às vencedoras do concurso, que, em seguida, dançavam a tradicional valsa.

Conduziram as moças na dança oficial Dr. Waldemar Lopes Ferraz, Francisco Zanin e Shorate Watanabe. O baile só terminou às quatro e meia na manhã, depois de oferecer aos participantes uma noite inesquecível.

Não podemos deixar de registrar que na noite de 23 de junho houve também um grandioso baile realizado nas dependências da Quadra da Fundação Olímpica, que foi um sucesso. Estava repleto de pessoas que se divertiram ao som da orquestra até as 4 horas da manhã.



No recinto da firma Scamal Ltda, realizou-se o baile de coroação e premiação das vitoriosas. Na foto acima, temos, ao centro, Cacilda Gomes, Miss Olímpia, com seu padrinho, o comerciante Francisco Zanin. Ao lado esquerdo, a princesa Aurora Gigliotti com seu padrinho, o Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz. Ao lado direito, a jovem princesa Rosa Misoguti, com seu padrinho Shorate Watanabe. Encerraram-se, desta forma, as solenidades e acontecimentos que marcaram a comemoração dos 50 anos de existência de Olímpia.

NOSSA GENTE



José Junqueira

José Junqueira, personalidade de grande valor no desenvolvimento de Olímpia. Chegou a Olímpia na década de 1930, como gerente da Cia Paulista de Força e Luz, e sempre participou ativamente da vida e da história de nossa cidade.

Foi um dos idealizadores e atuou com afinco na construção do Clube de Campo Álvaro Brito que, transformado em realidade, passou a ser o "cartão de visita" de nossa cidade, na época.

Recebeu, merecidamente, vários prêmios, entre troféus e diplomas, por seus serviços prestados a coletividade.

Foi Diretor do Clube de Campo Álvaro Brito várias vezes. Membro da Comissão Organizadora da "Orcavale-Ordem dos Cavaleiros do Vale do Rio Grande". Sempre esteve presente nas promoções locais, como "A Festa do Arroz", que serviu para divulgar a cidade de Olímpia. Foi por duas vezes Comissário de Menores, Chefe dos Comissários, Juiz de Paz, criador da extinta Guarda-Mirim. Tomou parte na revolução Constitucional de 1932, participando da coluna de Romão Gomes. Presidente da Associação

Comercial de Olímpia, membro do extinto clube "Nove de Julho", foi também um incentivador e colaborador da extinta Banda Musical de Olímpia.

Sua colaboração foi fundamental para que o Jardim Santa Efigênia tivesse energia no ano de 1974.

Em 1937, foi um dos principais fundadores do "Tênis Clube de Olímpia", esporte de sua preferência.

Na construção da "Estrada da Laranja", foi Junqueira quem encaminhou o primeiro pedido ao Deputado Waldemar Lopes Ferraz.

Por tudo isso, e ainda



No flagrante fotográfico José Junqueira, abre as solenidades de evento importante em Olímpia. Presentes o deputado Aloysio Nunes Ferreira, Silvio Roberto (Bibi), José Moreira (ex-prefeito) e outras autoridades.

muito mais, José Junqueira é parte de nossa história, razão pela qual recebeu o título de Cidadão Olimpense, em sinal de gratidão da cidade.

Por mais de 60 anos esteve casado com Leonor Martin Junqueira. Nascida em 21/4/1912, em Bragança Paulista, Leonor era filha dos imigrantes espanhóis

Jerônimo Carretero Martin e Lúcia Navajas, família que se tornou próspera na fabricação de máquinas de beneficiamento de cereais. Professora, chegou a nossa região em 1935, para lecionar, indo inicialmente para Palestina e, em seguida, para Guaraci. Conheceu José Junqueira em um pique-nique no Rio Grande e oito meses depois se casaram.

Essa grande educadora chegou em Olímpia em 1937, por ocasião da inauguração do Anita Costa, onde lecionou até sua aposentadoria, na década de 60. Por suas salas de aula passou um imenso número de olimpienses, que foram alfabetizados e tiveram uma inici-

ação educacional de qualidade excepcional.

Vibrante e dinâmica, Leonor foi uma esposa prestimosa, mãe dedicada, sogra solidária, e incentivadora do marido nas lides comunitárias. O casal gerou os filhos Ney, Marina e Luiz Martin Junqueira.

FATOS E FOTOS



Prédio dos Correios e Telégrafos de Olímpia, à Praça Rui Barbosa, inaugurado no dia 9 de janeiro de 1954.

No dia 1º de janeiro de 1954, seria inaugurado o prédio próprio do Departamento dos Correios e Telégrafos de Olímpia. Às 13h, iniciou-se a solenidade, com a presença de Henrique Telles, Diretor Geral do Departamento dos Correios e Telégrafos, que, usando da palavra, discorreu sobre a obra, ressaltando a sua necessidade, compatível com o progresso e desenvolvimento da cidade. Lourenço Cavariani, Secretário Municipal, falou em nome do Prefeito Municipal Waldemar Lopes Ferraz. João Eduardo Pereira, falou em nome da ACIO (Associação Comercial e Industrial de Olímpia), após o corte da fita simbólica pelo Dr. Henrique Telles e a garota Eleusa Gomes, filha do gerente local, Eduardo Gomes. Posteriormente, a comitiva e autoridades se dirigiram às dependências do Hotel Municipal de Olímpia, onde foi servido um grande banquete em comemoração.

No almoço, usou da palavra o Comendador Francisco Bernardes Ferreira, e o Dr. Humberto Mendes de Carvalho, que elogiou o excelente trabalho do engenheiro Walter Ragazzi, responsável pelas obras de construção do prédio dos Correios.

Em 21 de fevereiro, os membros da diretoria do Centro Espírita "Fora da Caridade não há Salvação", Bianor da Silva Medeiros, Felício Marangoni, José Martins, e Albino Lopes de Araujo lançavam a campanha para a construção de um albergue noturno.

No dia 14 de junho de 1954, o diretório do PSP indicava o nome do Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho para as eleições futuras a Prefeito Municipal em 1955.

Por outro lado, em 12 de setembro, formalizavam-se as candidaturas de Francisco Bernardes Ferreira e José Maria Leal Costa Neves, para deputado estadual.



Alunos de Judô na nova academia.

Em 9 de janeiro de 1954, era inaugurada a Assistência Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Olímpia. O acontecimento se deu às 15 horas, no prédio próprio da entidade à rua Veiga Miranda, 559. Seu objetivo era desenvolver atividades no setor da cultura física e intelectual, principalmente a prática do Judô, tendo à frente o Professor Sankiti Takahashi.

Em 31 de dezembro de 1954, era inaugurada a ponte de concreto sobre a rua Jorge Tibiriçá (atual David de Oliveira), que foi entregue à população após a bênção do Frei Aurélio Di Falco da Conceição. Falaram na ocasião o presidente da Câmara Municipal Guilherme Lopes Y Lopes e o o Prefeito Municipal Dr. Waldemar Lopes Ferraz.



Ponte sobre o Córrego Olhos D'Água, na rua Jorge Tibiriçá.

Essa ponte de concreto, inaugurada em 1954, recebeu o nome de "Ponte IV Centenário", em homenagem aos quatrocentos anos de fundação da cidade de São Paulo.



Olimpienses em pescaria no Aporé. Reconhecemos na foto: Dr. Waldemar Lopes Ferraz, Joaquim O. F. Mathias, Domingos Storto, José Viatti Filho, Paschoal Lamana, Nêgo Marins, Urbano Forti, Olyntho Zambon e Brasil Ferranti.

progresso. A construção de um novo C.L. Recreativo, estação rodoviária e estádio de futebol figuravam nos planos.

Nessa ocasião, os poderes municipais pouco afetavam a vida da cidade. Os prefeitos tinham a preocupação precípua de administrar bem a cidade e trabalhar para seu progresso. Os setores industrial, comercial, social, de saúde e educação, todos tinham a sua completa autonomia e dificilmente recorriam à ajuda da prefeitura. Homens dinâmicos, de visão e com amor pela cidade trabalhavam intensamente para que esta se desenvolvesse cada vez mais.

A década de 1950 foi excepcional para Olímpia. As empresas cresciam e se multiplicavam, os bancos queriam uma agência em Olímpia. A cidade, fascinava a todos que aqui aportavam e muitos transferiam para cá suas residências. Uma agricultura forte e uma sociedade unida e ativa.

Nessa época já se planificavam diversos projetos, como a construção de uma sede para a ACIO (Associação Comercial e Industrial), a construção de um clube de campo, amplo, digno do



Na foto acima o ponto das "jardineiras, para embarque e desembarque de passageiros, na rua Cel. Francisco Nogueira, entre 9 de Julho e David de Oliveira.



Acima, movimentado dia para o comércio aos sábados. No flagrante o pessoal da zona rural fazendo compras na Casa Guimarães.

Na Câmara Municipal de Olímpia aconteceria um fato inusitado. No dia 15 de janeiro de 1955 era eleito Presidente da Câmara o vereador Astério Moreira. Mas no dia 22 de março, vereadores da oposição elegiam o vereador Guilherme Lopes Y Lopes como presidente da Câmara Municipal. A Câmara ficou com 2 presidentes, deixando a solução para o TRE.



Acima, o Bar e Restaurante "Taba do Carajá", que fez história em Olímpia.

Como foi amplamente anunciado pelos jornais da época, no dia 10/4/55 era inaugurado um bar e restaurante à Praça da Matriz, esquina com a Rua Dr. Antônio Olímpio, que levava o nome de "Taba do Carajá".

Foi um projeto arrojado e corajoso do empresário Luiz Cavariani, que acabou premiando Olímpia com uma casa que fugia aos padrões normais da cidade. Era um misto de bar, restaurante e boate, apesar de Luiz Cavariani sempre afirmar que não se tratava de boate, apenas um salão para danças.



Luiz e sua esposa, Luiza Cavariani, proprietários da Taba.



Luiz Cavariani, no dia da inauguração, dá boas-vindas aos convidados.

Com um ambiente seletivo, familiar e discreto, compunha-se o local de duas divisões distintas: de um lado, o bar para aperitivos e o restaurante, onde se podia saborear pratos *a la carte*. Excelente cozinha, bebidas finas e de toda qualidade, com atendimento esmerado, eram traços da Taba do Carajá.

Do outro lado, um salão com mesas, à meia luz, sempre com música ao vivo, preferencialmente do "Conjunto do Jorge", que fazia fundo para um encontro com amigos, em lugar mais reservado.

O salão, apropriado para danças, foi um ambiente pioneiro em toda a região. Sua fama, ultrapassou o âmbito local e se tornou um local conhecido, que trazia todos os finais de semanas um incontável número de frequentadores de outras cidades.



O bar, onde se reuniam diariamente membros da sociedade olimpiense e visitantes.



Casais dançam no salão ao som do Conjunto de Jorge.



Jovens da sociedade de Olímpia em ritmo de dança.



Um flagrante do salão de danças, com a presença de vários casais.



O salão de danças, visto por outro ângulo.



Aqui registamos momento em dia de Carnaval.

Administrada com capacidade e visão, logo a Taba do Carajá tornou-se uma atração regional, não só pelo ambiente seletivo, mas também pela qualidade do atendimento.

Vez em quando, Cavariani contratava shows com grandes artistas da época, caso da canto-

ra Ângela Maria, que por muitas vezes apresentou-se ali, assim como Gregório Barrios, Francisco Luna e tantos outros cartazes nacionais que abrilhantavam as noites em final de semana. A Taba do Carajá foi a primeira no gênero da região.

Marcou profundamente a

vida de Olímpia no setor social. Ali eram realizados grandes eventos artísticos, desfiles de modas, apresentações de conjuntos musicais, palestras, encontros políticos e de entidades filantrópicas. Luiz Cavariani foi um grande empreendedor mantendo seu estabelecimento com classe,



Momentos de alegria e descontração na Taba.



Flagrantes da presença feminina na Taba.



Vemos estampados nas fotos acima vários momentos do auge do Bar e Restaurante Taba do Carajá, que durante quase uma década foi a "coqueluche" da sociedade olimpiense.

tranquilidade e atendimento de primeira ordem. Era o ponto de encontro de famílias ou de jovens vindos de outras cidades da região. A fama que granjeou trouxe para Olímpia uma frequência noturna muito constante. Ali também foram realizados com grande sucesso os bailes de car-

naval, com enfeites adequados e orquestras especialmente contratadas para esse fim.

No final dos anos 60, Luiz Cavariani vendeu a Taba do Carajá a um sírio libanês de nome Faez (não conseguimos o sobrenome). Apesar de, no início, o local haver seguindo os mesmos moldes de

Cavariani, Faez não tinha o mesmo arrojo e a Taba, aos poucos, foi deixando de ser aquele ponto de encontro tão ao gosto de Olímpia.



Até o ano de 1964, Faez ainda conseguiu levar o estabelecimento. Mas a famosa Taba do Carajá, já tinha perdido muito do encanto e da fama que conquistava, como principal local de lazer e encontro de Olímpia.

Azelzion Gonzales, antigo morador de Olímpia, adquiriu nessa época a Taba do Carajá, mas a mesma se encontrava em franco declínio. Finalmente, encerrou suas atividades, mas pelo que ofereceu e significou para o cotidiano dos olímpenses, principalmente como casa noturna, deixou, até hoje, uma saudade imensa em todos aqueles que a frequentaram e a conheceram. Tanto que faz parte da história de Olímpia.

A vida da cidade continuava. Por essa ocasião era nomeado chefe do Centro de Saúde de Olímpia Francisco Figueiredo Filho, outro ilustre médico que participou ativamente da vida da cidade, seja na profissão que abraçou, seja como integrante da sociedade, contribuindo em todos os eventos filantrópicos e beneméritos.

No dia 27 de junho de 1956, era aprovado pela Câmara Municipal Projeto de Lei que autorizava a Prefeitura Municipal a abrir concorrência pública para a construção de um grande Mercado Municipal, em terreno pertencente à Prefeitura, ao lado da Delegacia de Polícia, na rua São João, confluência com a rua Duque de Caxias. O madeiramento do prédio foi importado da Itália e armazenado nas dependências da Scamal. O terreno começou a sofrer as primeiras alterações para receber os licerces. A dificuldade era o grande número de minas de água existentes no local.

O jornalista Sérgio Pereira Pitta pelo jornal *Cidade de Olímpia* tecia efusivos encômios à Indústria de Confecções Cidi, já considerada a maior do Estado de São Paulo, com as mais modernas instalações e o melhor aparelhamento do Brasil.

A cidade sofria um desenvolvimento e um progresso. Nesse ano, o empresário Agenor Junqueira inaugurava as novas ins-

talações de sua loja, a Casa Junqueira.

A firma era especializada em venda e conserto de máquinas de costura, eletrodomésticos, instrumentos musicais e uma infinidade de artigos, tendo grande freguesia, principalmente nos consumidores da zona rural.



Inauguração da Casa Junqueira em outubro de 1955.



Detalhe da solenidade de inauguração da Casa Junqueira. Na foto, Agenor Junqueira, proprietário, Enedina Junqueira, sua esposa, e o filho Astrogildo Guimarães Junqueira.

Em 1955, as eleições de 3 de outubro para Prefeito Municipal movimentavam a cidade. Diretórios e Partidos políticos trabalhavam intensamente para o lançamento dos nomes dos candidatos para a sucessão municipal, em substituição ao mandato do Dr. Waldemar Lopes Ferraz, que terminaria em 31/12 desse ano.

Pelo antigo grupo da UDN, o nome escolhido seria o de Alberto Zaccarelli para prefeito municipal e do fazendeiro Jesus Claudino Pedroso para vice-prefeito.

Foi então realizado um jantar no restaurante Taba do Carajá, onde era lançada, pelo PSP a candidatura de Álvaro Brito para prefeito e Paschoal Lamana para vice.

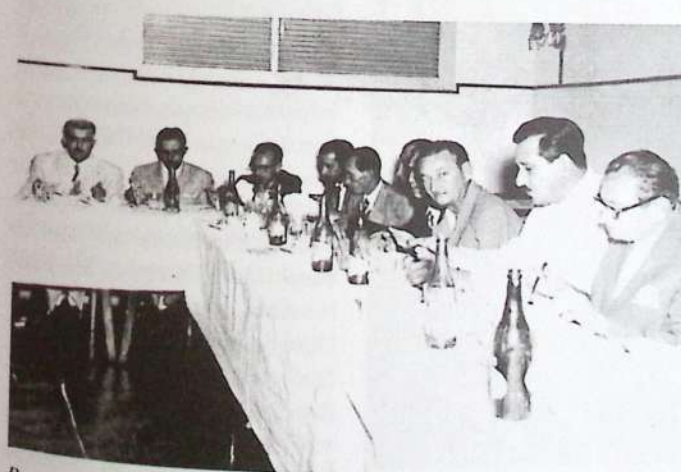
Em torno desses nomes, que apresentavam qualidade políticas superior e maior popularidade, reuniram-se pessoas de prestígio, oferecendo seu apoio.



Waldomiro P. Luz, Álvaro Brito, Adhemar A. Silva, João Pagoto, Waldemar Lopes Ferraz, Custódio R. Carvalho, Paulo Furquim, Eloy Lopes Ferraz, José Maria Costa Neves, Luiz Cavariani (em pé) e Paschoal Lamana.



Waldemar Lopes Ferraz (Prefeito), Custódio Ribeiro de Carvalho, Paulo Furquim, Eloy Lopes Ferraz, José Maria Costa Neves, Luiz Cavariani (em pé), e Paschoal Lamana.



Reunião para a candidatura e apoio oficial a Álvaro Brito (na foto o último a esquerda). Do lado direito: Domingos Storto, Heráclito A. Camargo, Aparecido da Silva Belo (Caçula) Sudário B. Miranda, Eugênio Calvo, Adhemar A. Andrade e Silva, Waldomiro Paiva Luz e o candidato Álvaro.



Alberto Zaccarelli



Jesus Claudino Pedroso, candidato a Vice-Prefeito junto com Zaccarelli.

AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Enfim, aconteceram as eleições municipais no dia 3 de outubro de 1955. O número de eleitores inscritos somou 9.464, sede e município. A eleição transcorreu de forma tranquila e já no dia seguinte, foi apurado o resultado:

VOTOS COMPUTADOS NA SEDE PARA PREFEITO MUNICIPAL

Álvaro Brito..... 2.468 votos
Alberto Zaccarelli..... 2.202 votos

EM TODO MUNICÍPIO:

Álvaro Brito..... 3.230 votos
Alberto Zaccarelli..... 2.642 votos

NA SEDE PARA VICE:

Paschoal Lamana..... 2.435 votos
Jesus C. Pedroso..... 2.201 votos

NO MUNICÍPIO PARA VICE:

Paschoal Lamana..... 3.183 votos
Jesus C. Pedroso..... 2.644 votos

Desta forma, elegeram-se Álvaro Brito para Prefeito e Paschoal Lamana para vice, para o quadriênio de 1956 a 1959.

No dia 9 de novembro de 1955, nas dependências do Fórum local, o Juiz de Direito, Lourenço Dias Figueiredo, procedia à diplomação do prefeito Álvaro Brito, do vice Paschoal Lamana e dos vereadores eleitos, Waldemar Lopes Ferraz, José Garcia de Souza, Cristino Calvo Gonzales, Ângelo Ittavo, José Ferreira de Oliveira, Jaime Leal Costa Neves, Guilherme Loureiro, Florêncio Forti, Amadeu Galmacci, Oswaldo da Silva Mello, Francisco Bernardes Ferreira, Walter Mazzotti, Waldomiro Paiva Luz, e Geraldo Diniz Junqueira.

Suplentes que exerceram mandato nessa legislatura: João Pagoto, José Heck Vanti, Altino Robazzi, Egídio Giacóia, João José da Cunha, Deodato Antônio Pereira, Alci Gigliotti, Eduardo Firmino Carlos e Luiz dos Santos Ruivo. Foi eleito para Presidente da Câmara Municipal o Waldomiro Paiva Luz.



Álvaro Brito, Prefeito Municipal de Olímpia. Período de 1/1/56 a 31/12/59



Zenaide Breda Brito, esposa do Prefeito Álvaro Brito.

Álvaro Brito nasceu em Araraquara (SP), no dia 8/2/1915. Filho de Durval Brito, nascido em Mogi-Mirim (SP) em 31/1/1888, falecido no dia 17/10/1950; sua mãe, Sebastiana Machado Brito, nascida em Araraquara em 25/9/1887, veio a falecer em 11/3/1969. Álvaro Brito exerceu a profissão de lavrador junto a seu pai em Araraquara. Em 1932, contando apenas 17 anos, junto com vários amigos, alistou-se na Revolução de 1932, ficando aquartelado em Guarulhos. Terminada a revolução, foi alvo de muitas homenagens.

Em 1933, Álvaro Brito veio para Olímpia, com seus pais e irmã. Chegando em Olímpia, seu pai exerceu a profissão de hoteleiro. Nesse período, Álvaro estudou Direito até o 3º ano na Faculdade de Direito de São Paulo, vindo posteriormente para Olímpia trabalhar no escritório do fazendeiro e empresário Natal Breda. Foi quando conheceu a jovem senhorita Zenaide Breda, filha de Natal Breda, daí nascendo o amor que os levaria ao matrimônio, em 12/11/1938. Zenaide nasceu em Cajobi, no dia



Álvaro Brito e Paschoal Lamana, após a vitória nas urnas, são carregados pelo povo pelas ruas de Olímpia.

14/3/1918. Deste consórcio nasceram os filhos: Luiz Fernando, Maria da Glória, Maria da Graça (falecida em 17/10/56) e Durval Brito.



Prefeito Álvaro Brito, em sua primeira reunião com os vereadores na Prefeitura Municipal.

Com o sogro Natal Breda, começou a trabalhar dirigindo a seção de algodão na Fazenda Boa Vista. Em 1950, herdou a fazenda com 234 alqueires de terras, contando com invernadas e 100.000 pés de café, que foram erradicados posteriormente. Com o decorrer do anos, adquiriu novas propriedades, algumas limítrofes com a fazenda Boa Vista, que



O Prefeito Álvaro Brito participando de solenidade de formatura. Junto a ele a Profª Dines Delamanha Zambon e o Dr. Humberto M. de Carvalho.

aumentaram sua extensão para 530 alqueires. Além de realizar várias obras administrativas, Álvaro Brito deixou seu nome gravado em outros empreendimentos que estimularam o progresso de Olímpia. Quando se pensou em montar uma emissora de rádio em 1947, Álvaro Brito participou como o maior acionista. No grande empreendimento social que foi a construção de um clube de campo, doou o terreno para que o mesmo fosse construído (inclusive o clube leva seu nome).

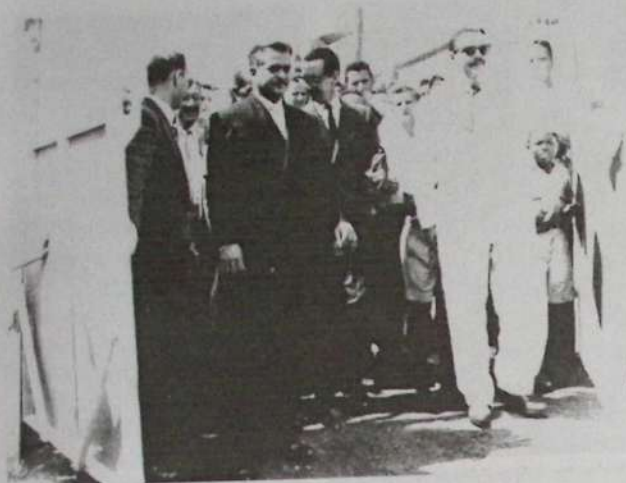
Para a construção de um Estádio de Futebol, em 1949, Álvaro Brito doou o terreno, onde se edificou o Estádio Maria Tereza Breda, (na época o 3º maior do Estado de São Paulo). Foi também um dos fundadores do Sindicato Rural de Olímpia e presidente da entidade nos períodos 63/63 e 65/67.

A história de Olímpia reservou, não apenas uma página, mas sim um capítulo formado de grandes passagens, marcos relevantes e principalmente benevolentes, que traduziam fielmente o seu caráter de homem probo e

honrado, que aqui registramos, para constar de nossa história.

Em 1951, foi eleito vereador à Câmara Municipal de Olímpia, pela coligação partidária PTB/PR, para a legislatura de 1952. Possuía o espírito idealista, dinâmico e valente quando lutava pelo que achava direito e humilde quando vencedor, espargindo amizade e respeito até pelos adversários.

Álvaro Brito foi, em suma, um homem de coração boníssimo e qualidades humanas elevadas.



Álvaro Brito recebeu o Diploma de Honra ao Mérito, do Departamento do Interior do Estado do *Correio Paulistano* como um dos melhores administradores.

Em 1958, foi Conselheiro e um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de Olímpia.

Foi sócio fundador da Indústria Eletro Metalúrgica Ciafund, constituída em 3/8/64, com os sócios Benito Benatti e Antônio Mansur. Depois Mansur se afastou da firma, ficando apenas os outros dois.

Na foto acima, o Prefeito Álvaro Brito acompanha o Governador do Estado Jânio da Silva Quadros, em visita à residência de Jesus Claudino Pedrosa. Presente também Wilquem Manoel Neves.

Ao lado, o flagrante registra o Prefeito Brito, na quadra da Fundação Olímpica, na entrega de troféus.

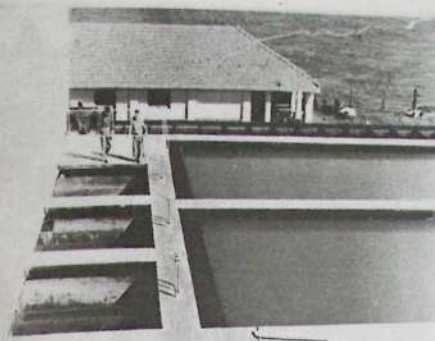
Embaixo, no C.L. Recreativo, o Prefeito Álvaro Brito despacha juntamente com o Secretário da Fazenda Estadual e futuro Governador do Estado de São Paulo, Carvalho Pinto.



Álvaro era generoso e muito emotivo. Condoía-se com a dor alheia. Colaborou bastante com a cidade, tanto pessoalmente quanto na política.

Foi, em vida, tudo aquilo que um homem de bem desejaria ser, daqueles grandes homens que souberam vestir o manto da humildade. Homem probo, filantropo, com o ideal voltado para as palavras: "só passarei por esse mundo uma vez...portanto, todas as boas ações que devo praticar, não devo adiá-las, nem me esquivar, pois não voltarei a passar por este caminho novamente!"

OLÍMPIA - Cidade Menina Moça - 1941/1965



Tanques para tratamento de água, obra do Prefeito Álvaro Brito.



As novas instalações do Departamento de Água e Esgoto de Olímpia, uma das grandes realizações do governo Brito.

Dentre os grandes feitos da gestão Álvaro Brito, podemos destacar a construção da nova Estação de Abastecimento e Tratamento de Água de Olímpia, obra que por si só e por sua importância já justifica sua administração. Somamos a isso a desapropriação de terrenos para a praça fronteiriça ao cemitério; abertura de concorrência para a construção do Mercado Municipal; aquisição de terreno para o G.E de Altair; doação do terreno para a construção do Colégio estadual Cap. Narciso Bertolino; doação do terreno para a construção da ACIO (Associação Comercial e Industrial de Olímpia); construção de galerias de águas pluviais nas ruas Joaquim Miguel dos Santos e Engenheiro Reid; reforma do Matadouro Municipal; auxílio para a construção do Grupo Escolar do Bairro da Alegria; instalação do parque infantil, ao lado da Praça Monteiro Lobato; instalação da Biblioteca Infantil; auxílio à Santa Casa de Misericórdia de Olímpia; criação do Instituto de Previdência Municipal; reconstrução da ponte sobre o Rio Cachoeirinha; calçamento a mosaico do piso do cemitério municipal; construção de sede e stand para o Tiro de Guerra local; aquisição de imóveis para prolongamento da Avenida XV de Novembro (atual Dr. Waldemar Lopes Ferraz); auxílio ao Sindicato Rural de Olímpia; auxílio para a construção da Nova Igreja Matriz de São João Batista; doação de terreno para a construção da Igreja da Vila São José; iluminação das Vilas Santa Cláudia, São José e parte do Jardim Glória; convênio para a construção da Casa da Lavoura e auxílio ao Abrigo São José.



Local de captação de água, no Córrego Olhos D'Água, de onde as bombas lançam a água para o tratamento.



Álvaro Brito junto ao Governador de São Paulo Paulo Egydio Martins, em uma de suas últimas fotos.

PRESIDENTES E VICES DA ACIO

Em 8/8/48, a ACIO o presidente João Eduardo Pereira; vice-presidente: Valentino Ferranti. De 1949 a 1950 - presidente João Eduardo Pereira; vice presidente: Antônio Gomes de Andrade. De 1950 a 1951 - presidente: Valentino Ferranti; vice presidente: Francisco Zanin. De 1951 a 1952 - presidente: Antônio Gomes de Andrade; vice-presidente: José de Campos. De 1953 a 1954 - presidente: Antônio Gomes de Andrade; vice-presidente: José de Campos. De 1954 a 1955 - presidente: Paschoal Lamana; vice-presidente: José de Campos. Em 1955 a 1956 - presidente: José de Campos; vice-presidente: Valentino Ferranti. De 31/03/57 - presidente: Hélio Cazarini; vice-presidente: Cypriano Branco. De 18/05/58 a 1959 presidente: Hélio Cazarini; vice-presidente: Antônio Gomes de Andrade.

Tivemos como tesoureiros da entidade: Joaquim O.F. Mathias, Takakishi Takahashi e Sérgio de Souza.

Participantes do Conselho Consultivo da ACIO: Alfredo Zucca, Décio Remondi, Luiz Nazareth Neto, Leonildo Moré, Alpidio Rossi, Álvaro Sgarbi, José Ruiz, Waldomiro Guimarães, Arlindo Gazoni, Rolando Tozo, Egídio Caputo, João Roberto Lamana, Pedro Ricciardi Filho, Fauzi Abi Aidar, Guilhermino Bonadio, Ivoneo Galetti, Homero Rayel Constantino, Ricciari Fossalussa, Oswaldo Manfrin, Rivaldo Rivoiro, Augusto Zangirolami, Hugo Donabella, Oswaldo Marques Guimarães, Ovídio Mazer e Nelson Pedro Vergamini.



31 de março de 1957 - Lançamento da pedra fundamental da construção da sede própria e dependências sociais da ACIO. Presentes: Hélio Cazarini, Egídio Rizzatti, o Prefeito Álvaro Brito, o Juiz de Direito José Lourenço Dias de Figueiredo, Hélio Lisse, comerciantes e autoridades.



Hélio Cazarini, comerciante, Presidente da ACIO, um dos mais dinâmicos empreendedores de Olímpia.

Hélio Cazarini, comerciante e proprietário da Casa Vitória de Olímpia, foi um dos mais dinâmicos e ativos empreendedores da cidade. Além da construção e organização da sede da Associação Comercial e Industrial de Olímpia, participou da iniciativa de construção dos primeiros edifícios de Olímpia, o Edifício da Rua São João e o 9 de Julho.

Sempre presente em todas as promoções e iniciativas, Hélio Cazarini foi uma das figuras mais importantes para o progres-

so e desenvolvimento de Olímpia, e atraiu nomes de importância para realizar os projetos a que se propôs.

Cazarini assumiu a presidência da ACIO em 1957 e constituiu a sua diretoria. Presidente: Hélio Cazarini; 1º vice presidente: Cypriano Branco; 2º vice presidente: Valentino Ferranti; 1º secretário: Eugênio Calvo; 2º secretário: Vergílio Fagundes; 1º tesoureiro Takakishi Takahashi e 2º tesoureiro, Nabi Salomão Dib.

Mercê do trabalho incessante dessa diretoria e da doação de um terreno pelo Prefeito Álvaro Brito, localizado em excelente área à rua São João, junto ao prédio da Delegacia de Polícia, a Associação Comercial e Industrial de Olímpia já se encontrava em construção em 1957, em edifícios de dois pavimentos, com sala de reunião, sala para departamento jurídico, salão de festas e campo de bocha.

As obras da construção do prédio sede da Associação Comercial e Industrial de Olímpia, devido ao dinamismo de seus diretores, transcorriam aceleradamente. Hélio Cazarini, um dos expoentes do projeto, não tinha repouso pessoal, dedicando quase todo o tempo que lhe sobrava, como proprietário da Casa Vitória, para vistoriar e intensificar o andamento das obras. Antônio Gomes de Andrade e Takakishi Takahashi também doavam seus melhores esforços em favor do projeto.



Na foto o Senador Ranieri Mazzili, visita as obras de construção da ACIO. Ao fundo, Hélio Cazarini, Akira Abe, Lêndoge Posella, Acácio Junqueira e outros.

No início do ano de 1958, os membros da ACIO receberam o Senador Ranieri Mazzili, que visitou as obras e prometeu apoio irrestrito ao objetivo dos comerciante e industriais de Olímpia.

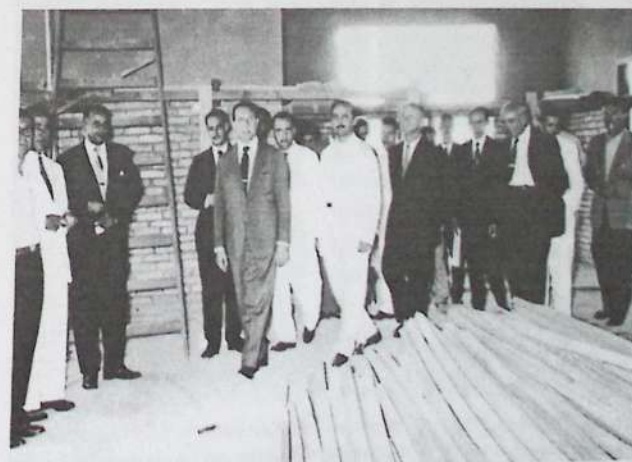
Foi em 8 de agosto de 1958 que aconteceu a primeira assembleia geral, para a fundação da Associação Comercial de Olímpia e aprovação dos estatutos. Sua primeira diretoria assim foi composta: presidente - João



Obra da construção da ACIO. A Frente o senador Ranieri Mazzili, Fracacini, Eugênio Calvo, Guilherme Loureiro, Alcý Gigliotti, João Rocco, Guilherme Lopes Y Lopes e o Dr. Eduino Chaves. Ao lado de Mazzili um assessor.

Eduardo Pereira; 1º vice-presidente: Valentino Ferranti; 2º vice-presidente: Antônio Gomes de Andrade; 1º secretário José Acácio Junqueira; 2º secretário: Anízio Daruiz; 1º tesoureiro: Joaquim Fernando Oliveira Mathias; 2º tes. David da Silva Cardoso. A ACIO se manteve em sede provisória até a eleição de

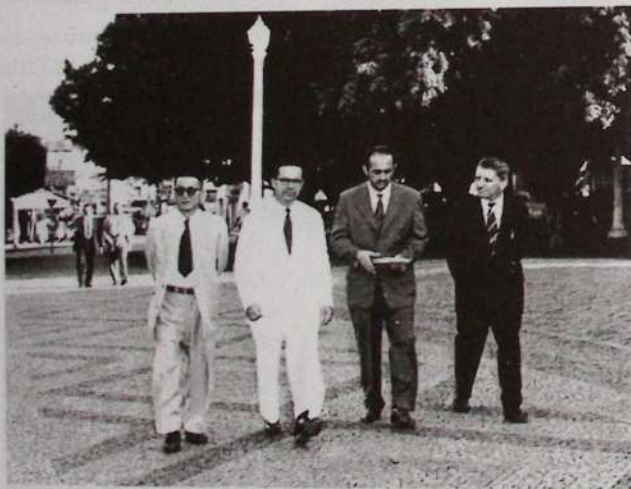
Hélio Cazarini em 31 de março de 1957, cujos colaboradores eram: 1º vice presidente - Cypriano Branco, 2º vice: Valentino Ferranti; 1º secretário: Eugênio Calvo; 2º secretário: Vergílio Fagundes; 1º tesoureiro: Takakishi Takahashi, (também chamado de Alfredo Takahashi) e 2º tesoureiro Joaquim O.F. Mathias.



Outro flagrante do Senador Ranieri Mazzili as obras da ACIO. Na foto; Antônio Gomes de Andrade, Nego Marins, Guilherme Lopes Y Lopes, Senador Ranieri Mazzili, Ivo Aidar, Hélio Cazarini, José Junqueira, dois assessores e Felício Marangoni.



Prédio da Associação Comercial e Industrial de Olímpia (ACIO). Na parte de cima, com salão de reuniões e sala de administração; embaixo, salas de escritório e, ao fundo, salão de festas e campo para jogo de bocha.



Na foto, Takakishi Takahashi, Antônio Gomes de Andrade, Hélio Cazarini e Jayr Ferraz Arruda, caminham na Praça Rui Barbosa, após a inauguração e a eleição da nova diretoria da ACIO. Esses homens foram o baluarte de muitas obras que serviram a Olímpia, acelerado seu progresso e desenvolvimento.

No dia 31 de março de 1958, seria solenemente inaugurada a sede da Associação Comercial de Olímpia, com presença de autoridades, comerciantes e industriários que ajudaram a construir a entidade.

Foi novamente eleito presidente o dinâmico comerciante Hélio Cazarini, proprietário da Casa Vitória de Olímpia, com os seguintes companheiros: 1º vice-presidente - Antônio Gomes de Andrade; 2º vice-presidente: Valentino Ferranti, 1º secretário: Homero Rayel Constantino; 2º secretário: Homero Rayel Constantino; 2º tesoureiro: Takakishi Takahashi e 2º tesoureiro Nabi Salomão Dib.

COOPERATIVA DE CRÉDITO



Primeiro grupo de funcionários da Cooperativa de Crédito Popular de Olímpia: Wilson, auxiliar de contabilidade, Omar José Carlos, contador, Alfredo Zuquim, auxiliar e o gerente Professor Isau Assis de Souza.

Em 1954, o Juiz de Direito da Comarca, José Dias Lourenço de Figueirero, lançava a idéia de fundar uma Cooperativa, um tipo de banco local, para prestigiar o comércio, a indústria e a própria população com um atendimento objetivo, visando facilitar os negócios bancários, com empréstimo a juros mais baixos e prazos maiores, enfim um banco da cidade.

Foi então formado o grupo de fundadores do estabelecimento, cuja inauguração oficial aconteceu no dia 24 de setembro de 1956. Eis os componentes: Adevanir Rodrigues da Silveira, Alfredo Zucca, Antônio Pedro Carneiro, Astério Moreira, Celso Mazitelli, Décio Caminada, Felício Marangoni, Fernando Piovesan, Hilton Aparecido Fonseca, João Eduardo Pereira, José Antônio Martins, Juvenal Rodrigues de Souza, Lucídio R. Raia, Luiz ferranti, Luiz Mori Laraia, Luiz Zucca, Lúcio Soares Sachetini, Manoel Eduardo Pereira, Miguel Luiz Ramos, Milton

Domingues, Oswaldo Fonseca, Oswaldo Aparecido de Oliveira, Paschoal Lamana, Roque Laraia e Uzziel Moreira da Silva.

Posteriormente, como já foi apontado, a Cooperativa foi levada por mãos de homens dinâmicos e íntegros, tendo à frente o prof. Isau Assis de Souza, João Eduardo Pereira e outros. Eles solidificaram, com muito sacrifício, mas plenos de determinação e eficiência, o respeitável estabelecimento.

SANTO SENO

Como poderemos notar, a década de 1950 foi para Olímpia um período de progresso e desenvolvimento inigualável. No setor educacional, o projeto de Lei nº 17.698 criava o Grupo Escolar "Santo Seno", que funcionava em um prédio da propriedade de David de Oliveira, na esquina da Avenida dos Olimpenses (antiga parte da Avenida Brasil) com a rua Jorge Tibiriçá (atual rua David de Oliveira). Posteriormente, foi

transferido para um modesto prédio localizado à rua 9 de julho. Então, a "turma da Estação", como era chamado o grupo composto de nomes como David de Oliveira, Antônio Gomes de Andrade, Altino Robazzi, Walter Zucca, José de Campos, Jacirio dos Santos Quialheiro (e outros que infelizmente escaparam dos registros), formou uma equipe para a construção do Grupo Escolar "Santo Seno", na Praça da Liberdade, local com espaço mais do que suficiente para a obra.

Houve unanimidade na escola do nome de Santo Seno para o Grupo Escolar.

Filho de José Seno e Luiza Marabuzzi Seno, Santo Seno nasceu na província de Rovigo, Itália, às margens do lendário Rio Pó, em 24 de outubro de 1876. Chegou ao Brasil em meados de 1888, com apenas 12 anos de idade, radicando-se inicialmente na cidade de Campinas. Depois transferiu-se para Jaboticabal e, então para Olímpia. Casado com Antônio Brianez Seno, deixou 10 filhos, todos nascidos em Olímpia, onde, a exemplo do pai, foram cidadãos dignos, honestos e trabalhadores. Foi produtor de café, possuindo a Fazenda Fortaleza, a 10 quilômetros de Olímpia. Santo Seno foi um dos pioneiros de Olímpia e um dos maiores incentivadores para o seu progresso, jamais faltando quando era chamado nas iniciativas em prol do engrandecimento desta terra. Faleceu aos 6 de maio de 1942, cercado de estima e de um vasto círculo de amizades.



Note-se o grande painel de azulejos retratando a figura do Padre José de Anchieta, junto aos índios na praia. Este foi um sonho concretizado por olímpenses, que há muito tempo aguardavam uma escola de boas condições para as crianças daquele ponto da cidade. Desapareceu a tradicional Praça da Liberdade, um dos locais preferidos para a realização de quermesses e festas, para nascer mais uma escola em Olímpia.

Na antiga Praça da Liberdade, dia 17 de março de 1958 era inaugurado oficialmente o prédio do Grupo Escolar "Santo Seno".

Misteriosos são os desígnios da sorte. Quem viveu em Olímpia, nessa época de intenso desenvolvimento em todos os setores, tinha a certeza de que o progresso e desenvolvimento ainda a levariam a ser um grande centro comercial e industrial, de amplas perspectivas educacionais.

O período histórico por nós escolhido para este segundo volume, não se deve apenas a uma questão cronológica, mas sim para mostrar toda a transformação que uma das promissoras regiões do Estado iria sofrer. O que constrói uma cidade são os homens que dela participam. A influência na sociedade, na política, o uso do prestígio nas camadas mais poderosas e privilegiadas são fatores fundamentais para seu desenvolvimento.

Sem esses elementos dificilmente uma cidade ou região consegue um desenvolvimento compatível. Olímpia, nesse período, possuiu as melhores condições para ser uma grande cidade.

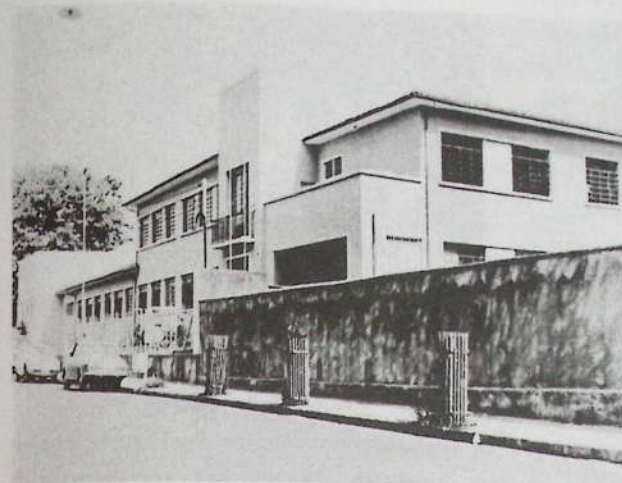


Na foto, o Mercado Municipal de Olímpia inaugurado em meados de 1957 (rua São João 942). Transformou-se, em 2/8/82, em Casa de Cultura.

Em 19/7/1958, foi finalmente inaugurado o Mercado Municipal. A iniciativa teve a participação de grande parte de comerciantes e industriais, que adquiriram boxes de venda de artigos e mercadorias, com suas divisões e todos os requisitos para que funcionassem regularmente, mas infelizmente após um ano de

existência, baldado os esforços, o Mercado não obteve sucesso e fechou. Apesar do crescente progresso, Olímpia ainda não tinha estrutura suficiente para comportar um estabelecimento de tal porte. Foi transformado, então, em depósito de materiais da Prefeitura Municipal, até ser reformado, anos depois, para sediar a Casa da Cultura.

GINÁSIO ESTADUAL



26 de setembro de 1956. Finalmente estava concluído o prédio do Ginásio Estadual de Olímpia, que desde 1949 se encontrava em construção. Desta forma, a escola deixava o Grupo Escolar D^a Anita Costa e iniciava suas atividades em prédio próprio. O nome foi merecidamente dado em homenagem a um dos pioneiros de Olímpia, o Capitão Narciso Bertolino, por sua atuação em favor dos pobres, conforme biografia já apresentada no primeiro volume.

Ato solene de inauguração oficial do Ginásio Estadual "Capitão Narciso Bertolino". Na foto, em primeiro plano, o diretor do estabelecimento Dr. Altino Robazzi. Desatando a fita simbólica, Zenaide Breda Britto, esposa do ex-prefeito Álvaro Brito, doadores do terreno para a construção do Ginásio, e Abílio Zambom, funcionário do estabelecimento.



Na foto ao lado, o corpo docente e funcionários do Ginásio Estadual "Capitão Narciso Bertolino." Em pé: Terezinha Bonati, Ignês Scovazzo, Altino Robazzi (Diretor), Célia Pierri, (NI), Maria Helena Junqueira, Sálua Assad, Maria Aparecida Vieira de Almeida e o Sr. Peri. Sentados: Fernanda Cilurzzo Dopp, Rute Furquim, Rothschild Mathias Netto, Isauro Assis de Souza, Luiza Calhado e Francisca Gianezzi.



Clube Literário e Recreativo de Olímpia.



Flagrante de baile realizado nos salões do Clube Literário e Recreativo, no andar superior do prédio.



O imponente e majestoso Clube Literário e Recreativo, ao lado da Matriz, em noite de gala. Um clube que fez parte da história de Olímpia.

Apesar das intensas pesquisas e entrevistas, conseguimos apenas entrever o ano de 1957 como o do término da construção do Clube. Construído por um grupo da nossa sociedade, remanescente do Clube Literário e Recreativo "Nove de Julho", cuja sede era instalada à Praça Rui Barbosa (onde hoje funciona o prédio das Casas Pernambucanas), o clube não teve, conforme apuramos, um

dia de inauguração oficial.

Composto em seu andar térreo de sala de administração, um grande salão, bar e restaurante, com duas salas específicas para jogos de baralho, apresentava em seu andar superior, servido por duas escadas de 15 degraus, um amplo salão, feérica iluminação, tablado próprio para orquestra e outro bar, cercado em toda a volta por sacadas.

O Clube Literário e o Aero Clube de Olímpia foram, durante os dez anos seguintes, os clubes de maior projeção, onde aconteciam os eventos sociais importantes de Olímpia. Até ser desativado e abandonado, seus salões registraram grandes acontecimentos de Olímpia, tanto no setor social, como político. Portanto, fez parte da nossa história e da história de nossa gente.



Olímpia 1958 - Acima, em vista aérea, já podemos observar o grande progresso e a expansão por que passava a cidade. Podemos visualizar em primeiro plano, à esquerda, o majestoso Estádio "Maria Tereza Breda", nome dado em homenagem à esposa de Natal Breda. Foi, na época, o terceiro estádio de futebol do interior do Estado de São Paulo com capacidade para 6 000 pessoas sentadas. À direita, no mesmo plano, o Ginásio Estadual "Capitão Narciso Bertolino".



A foto ao lado esquerdo estampa o comércio de Olímpia, de um movimento extraordinário. O Bar e Restaurante A Seleita, lugar de encontro da sociedade; a Loja das Fábricas, com clientela até da capital do Estado e famosa na região; a Loja Santa Therezinha, o Bar e Restaurante A toca da Onça, lugar preferido dos apreciadores de pizzas, na Praça da Matriz.



Olímpia 1957 - Vista Panorâmica da cidade, onde se vê, em primeiro plano, parte da Praça de Nossa Senhora Aparecida e, ao fundo, a Igreja da Matriz.



Waldemar Lopes Ferraz



Wilquem Manoel Neves



José Maria Leal C. Neves

Nas eleições de 3 de outubro de 1958 para Deputado Estadual, Olímpia lançaria três candidatos. Waldemar Lopes Ferraz, que já exercera mandato de Prefeito de 1952 a 1955, José Maria Leal Costa Neves, advogado, que levava consigo o prestígio do Capitão Antônio Augusto Reis Neves, proprietário do Colégio Olímpia. Ambos lutavam por uma Cadeira na Assembléia Legislativa do Estado.

Wilquem Manoel Neves, brilhante advogado, com raízes em Olímpia, lançava sua candidatura a Deputado Federal, mesmo ciente de sua limitação, por ainda não ter projeção política, mas preparando seu verdadeiro objetivo, ou seja, ganhar popularidade e o conhecimento do povo de Olímpia.

Lopes Ferraz foi eleito com considerável número de votos, pois conseguiu atrair além dos eleitores do município, votantes de outras localidades.

José Maria Leal Costa Neves conseguiu se eleger apenas como suplente de Deputado, mas devido ao aproveitamento de

outros candidatos eleitos, em Secretarias Estaduais ou em cargos de confiança do governador Jânio da Silva Quadros, assumiu, também, uma cadeira de deputado na Assembléia Legislativa. As atenções políticas agora se voltavam para as eleições em 1959, para Prefeito Municipal, com grande expectativa para saber qual seria o sucessor do Prefeito Álvaro Brito, que foi um administrador brilhante. Pelo PSP, foram lançadas as candidaturas do Vice-Prefeito Paschoal Lamana, industrial e empresário, homem de grande capacidade administrativa, honestidade, proprietário do grande complexo industrial "Laticínios Flor da Nata", (um dos maiores no Estado de São Paulo), tendo como vice o sr. Romualdo Bruniera, comerciante, de família tradicional e bastante conceituado na cidade. Pelo PSB o jovem advogado Wilquem Manoel Neves, candidato a Prefeito, tendo como vice o conceituado e dinâmico fazendeiro e empresário Orlando Galetti. Estes aglutinaram junto a si forças de prestígio e poder econômico,

como Jesus Claudino Pedroso, Theodomiro da Silva Mello (Tuta de Mello), Oswaldo da Silva Mello, Braz Vicente Mora e Oracílio Cassian Volpe.

Apesar de não ter o potencial econômico financeiro do adversário, Wilquem Neves possuía um carisma indiscutível e preponderante. Seu poder de oratória, com discursos inflamados e muito agressivos, conquistava o povo. Inteligente, usou como slogan de sua campanha "O tostão contra o milhão", logicamente explorando a diferença de poderio financeiro do grupo adversário.

Também o fato da aliança eleitoral, que assumiu com o governador Jânio da Silva Quadros, teve o seu peso na balança, pois Jânio foi um dos mais hábeis políticos de nossos tempos.

Foi uma das campanhas mais acirradas da história política de Olímpia. De um lado, o poderio econômico e financeiro e a tradição política. De outro, o novato advogado cuja maior arma era o carisma e a capacidade de conquistar o eleitorado pela oratória envolvente.



Orlando Galetti, candidato a Vice-Prefeito na chapa de Wilquem Neves.



Romualdo Bruniera, vice de Paschoal.



Jânio da Silva Quadros, governador eleito do Estado de São Paulo em dezembro de 1960 visita Jesus Claudino Pedroso. Na foto, Wilquem M. Neves, Jânio Quadros, Jesus Claudino Pedroso e sua filha Bernardeth.



Desfile pela cidade em carro aberto com a população aplaudindo a visita.

A foto ao lado registra o momento em que desfilam em carro aberto, vindos do campo de pouso, o Governador Jânio da Silva Quadros, o Prefeito recém eleito Wilquem Manoel Neves, o Prefeito em exercício Álvaro Brito e o Presidente da Câmara Municipal de Olímpia, Waldomiro Paiva Luz. Isso aconteceu em dezembro de 1960, logo depois das eleições de Jânio Quadros e Wilquem Neves.



O Prefeito eleito Dr. Wilquem Manoel Neves recebe no campo de pouso o Governador de São Paulo Prof. Jânio da Silva Quadros e sua esposa Eloá. Na foto também Paschoal Lamana, Waldomiro Paiva Luz, Presidente da Câmara, vereador Aley Gigliotti e Prefeito Álvaro Brito, que teria seu mandato até 31/12/60.

Dia 3 de outubro de 1959, o povo compareceria às urnas e, contrariando a expectativa geral, o jovem advogado Wilquem Manoel Neves e o empresário Orlando Galetti venceriam as eleições para Prefeito Municipal e Vice para a legislatura 1960 a 1963.

A grande capacidade de Wilquem Neves no palanque, com sua oratória vibrante, autoritária, destemida e arrogante, conquistaria o eleitorado olimpiense. A campanha do "O tostão contra o milhão" tivera resultados positivos. Olímpia naquele instante conquistava um líder político de grande capacidade e inteligência.



1º de janeiro de 1960 - Posse de Wilquem Manoel Neves, Prefeito Municipal e Orlando Galetti, Vice-prefeito. Na mesa, o Secretário da Câmara Prof. José Sant'anna, Galetti, Wilquem, Oswaldo da Silva Mello (Nêgo) e em pé, usando da palavra, o Juiz de Direito Djalma Rubens Lofrano.



Wilquem Manoel Neves e a primeira-dama Maria Teresa Dutra Neves.

Wilquem Manoel Neves, nasceu em Bebedouro (SP), no dia 19 de dezembro de 1926. Filho de Carlos Ferreira Neves e Aurora Forti Neves, teve somente um irmão, José Carlos Neves, médico, já falecido.

Estudou no Liceu Coração de Jesus, Ginásio Ipiranga, Ginásio Pais Leme, Pré Anglo-Latino. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo.

Formou-se com distinção, inclusive prematuramente, mostrando seus dotes políticos ao se eleger presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, nos anos 1951/52.

Radicando-se em Olímpia, no ano de 1955, exerceu a profissão de advogado e, em 25 de fevereiro de 1960, contraiu matrimônio em Olímpia com a jovem Maria Teresa Ferraz Dutra. Desse matrimônio nasceram os filhos: Érika, Simone, Wilquem Jr. e Rodrigo.

Entre as obras prioritárias de sua gestão, pela importância, poderemos citar a construção da represa do Recco, que eliminou as grandes enchentes, o aterramento da grande erosão da rua Marechal Deodoro e a construção da Avenida Aurora Forti Neves, com pista dupla, asfaltada e iluminada, que modificou o aspecto urbanístico da cidade, trazendo melhoramentos e valorização das propriedades que fi-

cavam próximas ao Córrego Olhos D'Água.

Foi por duas vezes prefeito de Olímpia: de 1960 a 1963 e de 1969 a 1972.

Na vida pública, foi ainda Suplente de Deputado Federal e Diretor Presidente da CONESP (Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo no governo de Paulo Salim Maluf). Faleceu nesse cargo, em Campinas, durante o Governo Itinerante de Maluf, no dia 5 de maio de 1979.

Suas palavras, proferidas em entrevista pública, atestam o filósofo inerente que vivia nele: "É tão precioso o tempo, que a ninguém cabe o direito de esbanjá-lo. Ainda mesmo o que se faz apenas como "passa-tempo" há de ter um sentido de lucro além do tempo. Por que esbanjar tanto tempo arquitetando planos futuros, se é tão incerto o tempo presente? Se o presente é tão incerto, como desperdiçar o presente, sonhando com as incertezas do futuro?"

Após seu falecimento, em homenagem ao ilustre homem público olimpiense uma escola da cidade passou a denominar-se "E.E.P.G. Dr. Wilquem Manoel Neves", a partir de 14 de novembro de 1979, de acordo com a Lei nº 2.171, publicada no D.O. de 15 de novembro do mesmo ano, em virtude de ter sido construída durante o período de sua segunda gestão.

VEREADORES ELEITOS PARA A LEGISLATURA 1960/1963

Niceu Alves Pereira, Guilherme Loureiro, Oswaldo da Silva Mello, Florêncio Forti, Egídio

Giacóia, Alfonso Lopes Ferraz, Luiz Salata Neto, José Ferreira de Oliveira, Ângelo Ittavo, Pedro Antunes Ferreira, Álvaro Brito, Oswaldo Ruiz, José Constantino Ferrato, Walter Mazzotti e Francisco Bernardes Ferreira.

SUPLENTE QUE EXERCERAM MANDATO NESSA LEGISLATURA

Braz Vicente Mora, Riccieti Ferranti, Manoel Walter Sichieri, João José da Cunha, Jesus de Almeida, Ludovico Seno, Oswaldo Minari, Manoel Gonzalez Moreno, Jackie Dutra Sant'Anna, Oracílio Cassian Volpe, José Sant'Anna, Deodato Antônio Pereira e Luiz dos Santos Ruivo. Foram eleitos presidentes da Câmara Municipal: Francisco Bernardes Ferreira, de 1960 a 1961, e Walter Mazzotti, de 1962 a 1963.

A maior preocupação de Wilquem Manoel Neves era acabar com as enchentes do Córrego Olhos D'Água, que davam grandes prejuízos e perdas aos moradores da zona ribeirinha.



Assim era o Córrego Olhos D'Água em 1959, sempre sujeito a grandes enchentes.



A foto registra uma das grandes enchentes de Olímpia, em 1954, quando o Córrego Olhos D'Água subiu mais de 10 metros, causando danos irreparáveis.

Foi então chamado o engenheiro Kokey Uehara para fazer o projeto de construção de uma barragem, que solucionasse o grande problema que afligia a cidade.

Sempre que nuvens negras anunciavam precipitação de chuvas, os moradores ribeirinhos se desesperavam e já procuravam

providenciar a retirada de móveis e utensílios.

O trabalho da construção da represa foi o primeiro a ser elaborado, pela importância e necessidade de se colocar um ponto final em tão angustiante problema que durava anos a fio.



As obras da construção da "Represa do Recco". À esquerda o "ladrão", para escoamento do excesso da água e, à direita, uma visão geral da represa.



Na primeira foto acima, o trabalho executado na avenida marginal, com a correção do Córrego e a plantação de grama nos barrancos. Na outra foto, máquinas preparam as ruas da avenida para receber o asfalto.





Avenida Aurora Forti Neves, à noite, após a sua conclusão.

Outro grande problema resolvido pelo Prefeito Wilquem Neves foi o da canalização de água e esgoto, colocando emissários para desviar para um local do rio, mais distante do perímetro urbano, todo o esgoto que provocava mau cheiro no centro da cidade.

Edson (Tino Parolin) foi o Diretor do DAEMO (Departamento de Água e Esgoto de Olímpia) que coordenou e supervisionou todas essas obras.



Canalização da rua Floriano Peixoto, cruzamento com a Rua Veiga Miranda. Ao fundo, o aterro onde passava o trem de ferro da Cia Paulista.



Canalização executada na rede de esgotos para novos emissários, desviando as águas para outro local.



Na foto acima a grande erosão da Rua Floriano Peixoto.

A canalização a céu aberto, sofrendo a ação das águas por dezenas de anos, havia destruído a rua Floriano Peixoto, do outro lado da cidade (que, aliás, nem existia). A erosão, crescente com o tempo, já possuía mais de 20 metros de largura por aproximadamente 10 metros de profundidade, ameaçando já as residências ali construídas. Foi um trabalho de proporções gigantescas, mas que resolveu o problema. A canalização, o aterro, o fim da erosão e finalmente o asfalto e guias transformaram completamente aquele local, que hoje constitui agradável bairro residencial de classe média alta. Quem não conhece a história da cidade nem pode imaginar o que havia por baixo de tudo aquilo. O trabalho de infraestrutura foi um dos pontos importantes da gestão de Wilquem Neves, que sempre dizia: "Quase tudo o que está enterrado sobre toneladas de terras. Visei apenas o bem-estar da minha cidade, sem pensar em construir obras faraônicas, ou algo bonito para se ver". Em sua administração, Wilquem Neves também levou a luz elétrica para Ribeirão dos Santos.



Nova vista panorâmica da Avenida Aurora Forti Neves, já asfaltada.

Em 1979, Wilquem Neves perdia a eleição para Prefeito Municipal de Olímpia, mas convidado pelo Governador de São Paulo, Dr. Paulo Salim Maluf, assumia a CONESP (Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo), que deveria abrir caminho para a sua candidatura a Deputado Estadual. Infelizmente ocupou o cargo apenas alguns meses, vindo a falecer em 5 de maio de 1979, com apenas 52 anos. Deixou, através de suas obras, seu nome escrito na nossa história.

NASCE O CLUBE DE CAMPO ÁLVARO BRITO

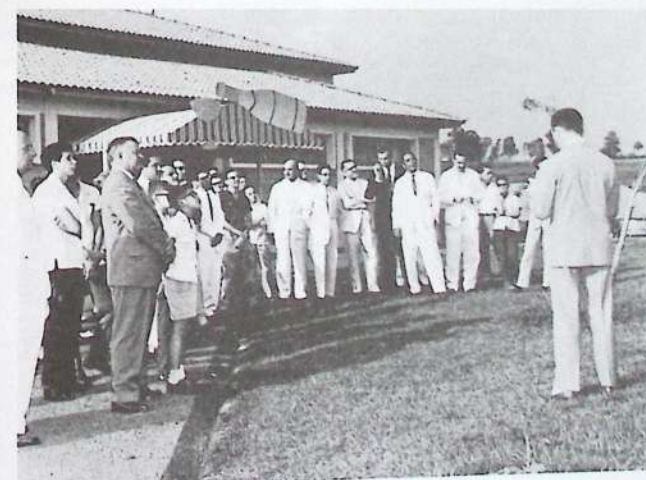
Numa iniciativa corajosa, um grupo da elite da sociedade olimpiense elaborou um projeto para a construção de um Clube de Campo, já que a cidade não contava com um ponto de lazer compatível com a necessidade da população.



Na foto, em Ribeirão dos Santos, Distrito de Olímpia, quando recebia o benefício da instalação da Luz elétrica, trabalho de Wilquem Neves.

Convém salientar que foram muitas as dificuldades para as pesquisas sobre o C.C.AB., que foi um verdadeiro cartão de visitas. Não encontramos em sua Secretaria quaisquer documentos acerca de sua trajetória. Pudemos apenas pesquisar junto a pessoas que viveram o momento. Portanto, se algum nome for omitido ou alguma falha acontecer, não foi por falta de esforço e trabalho.

O terreno foi doado por Álvaro Brito em área de mais ou menos 20.000m² (parte da fazenda Boa Vista). Dentre os pioneiros deste projeto, destacamos Lamartine Posella, um dos idealizadores. A primeira diretoria foi assim constituída: Nassrath Dib Daud, presidente; vice-presidente: Durval Soares; secretário: Alcides Alves Cunha; tesoureiro: Homero R. Constantino;



Dia 6 de setembro de 1962. A Foto registra a solenidade de inauguração do Clube de Campo Álvaro Brito. Na foto (de costas) discursa Homero Rayel Constantino. Álvaro Brito, está à esquerda, com outros diretores e convidados.



Na foto, em primeiro plano, a piscina e as janelas do grade salão de festas.

Patrimônio: José Junqueira; Social: Nelson Cajado. Como presidentes do clube durante sua trajetória, podemos citar os nomes de Homero Rayel Constantino, Reginaldo Greco, Durval Soares, Luiz Cavariani, Hércules Cândido Brunelli, Joel de Alencar, Oswaldo Antônio Serrano, Adilor Pagotto, Luiz Martin Junqueira, Miguel e Márcio Ramos.

O Clube de Campo Álvaro Brito foi fundado para ser o mais seletivo possível. Com uma previsão aproximada para número de associados, escolhidos rigorosamente por um conselho administrativo, cada sócio adquiria uma quota patrimonial, colaborando com uma mensalidade fixa, para as despesas de manutenção e funcionários do Clube.

Com um prédio sede, onde foram instalados um serviço de bar e restaurante dos mais requintados, e um salão para bailes e festas com vistas para a grande piscina, com três divisões: uma pequena, para crianças até dois anos,

dividia em três grandes lagos, com passarela de acesso a quiosques para churrascos e outros tipos de reuniões. Era um clube, poderíamos dizer, estritamente familiar, dirigido com disciplina férrea e comportava somente sócios com qualidades morais recomendáveis, embora não fizesse distinção de classe sócio-econômica.

Inaugurado em 6 de setembro de 1962, recebeu depois algumas melhorias na parte da entrada principal. Posteriormente, foi ampliado o piso ao redor das piscinas.



Vista panorâmica do Clube de Campo, vendo-se um dos lagos em primeiro plano, a esquerda o mini-campo de futebol e à direita o campo de bochas.

outra, de tamanho médio para crianças maiores e a grande, para adultos, que também podia ser adaptada para competições esportivas. Logo na entrada, à direita, a secretaria e duas salas, para jogos. Ao lado direito da entrada, um mini-campo de futebol. Ao lado esquerdo, uma quadra para tênis e vôlei. À direita da sede, foram construídos dois campos de bocha para os apreciadores desse esporte. Além das piscinas, a área se

Dois grandes vestiários foram construídos anexos às piscinas, na gestão de Oswaldo A. Serrano, e também uma sauna a vapor para os homens e outra para as mulheres.

Os vestiários masculino e feminino, antes alojados embaixo da sede, deram lugar para a instalação de um restaurante e de um bar para atender aos usuários da piscina.

Na gestão de Adilor Pagotto foi ampliado em mais 10 metros o salão de baile e festas, construídos um novo palco para orquestras e apresentações e dois lavatórios para homens e mulheres, bem mais amplos e confortáveis, assim como uma sala para jogos e televisão.

O Clube de Campo Álvaro Brito foi, por muito tempo, um verdadeiro cartão de visitas da cidade. Ali foram realizados eventos de muito requinte e bom gosto para os seus associados, bailes de for-



Em foto tirada das janelas do salão de festas, vemos uma panorâmica ao clube com sua piscina e ao fundo os lagos, numa paisagem belíssima.

matura, de debutantes. Por ali passaram grandes artistas, grandes cantores e grandes orquestras.

Na gestão de Alcides Brunelli (Colim), foi feita uma espécie de abertura para a adesão de novos sócios, só que o critério de seleção perdeu muito de sua seletividade. As famílias foram se afastando aos poucos, porque as atitudes de muitos dos

frequêntadores já não eram compatíveis com os preceitos do clube. Assim, o CCAB foi perdendo aquela característica de clube requintado, e com a criação de outro Clube, "Termas dos Laranjais", foi diminuindo gradativamente a frequência de grande parte de seus associados. O CCAB fez parte da história social de Olímpia.



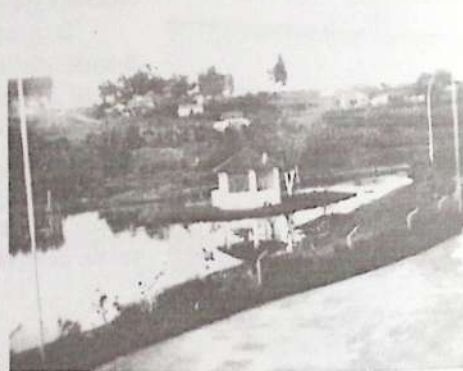
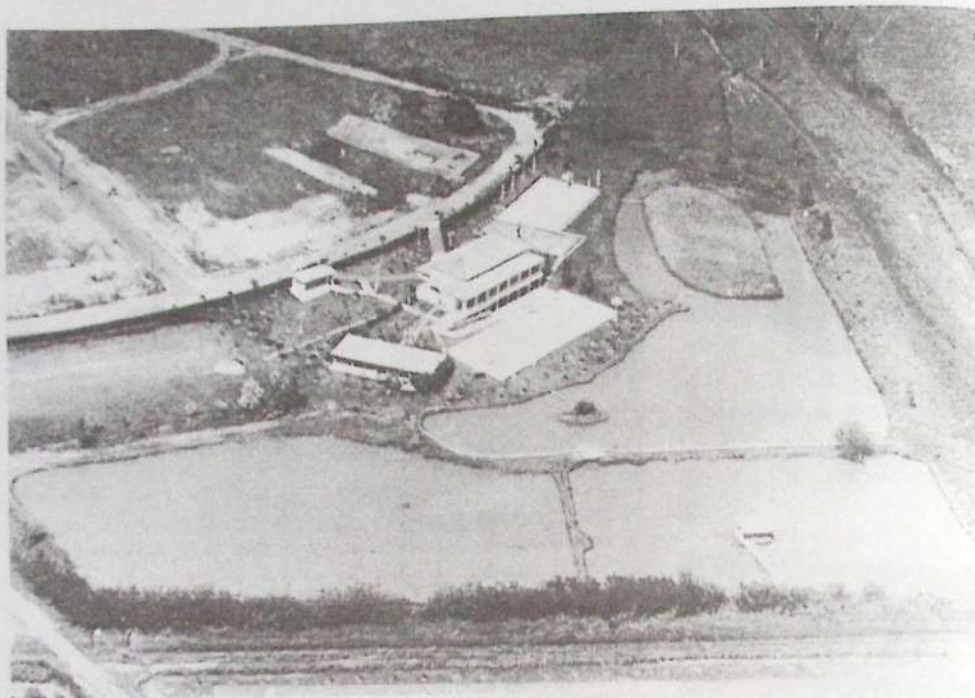
Vista dos freqüentadores divertindo-se nas piscinas do clube.



Hércules Cândido Brunelli (Colim)



Bailarinas dançam ao redor da piscina em "Noite do Hawaí".



Nas fotos acima, uma visão aérea do clube. Ao centro, as três piscinas e o quiosque do lago central. Ao lado, o grande salão de festas. Adiante abordaremos mais intensamente a vida do Clube de Campo Álvaro Brito.

POLÍTICA



Dr. Waldomiro Paiva Luz

Já no ano de 1963, último ano do mandato do Wilquem Manoel Neves, novamente as eleições para o mês de outubro registravam como candidatos da oposição pelo PTB e PR o médico Waldomiro Paiva Luz para prefeito e o empresário e fazendeiro Orlando Galetti para vice-prefeito.



Paschoal Lamana

Por outro lado, pela situação, seriam lançados pelo PSP/PTN, o empresário Paschoal Lamana, para prefeito, e o comerciante Walter Mazzotti, para vice.



Orlando Galetti

Os candidatos eleitos em 3 de outubro para o quadriênio 1964/67 seriam os senhores Paschoal Lamana e Walter Mazotti, após uma dura e empolgante batalha eleitoral. Paschoal Lamana, que já fora vice-prefeito de Álvaro Brito e candidato derrotado por Wilquem Manoel Neves, agora seria eleito.



Walter Mazzotti

Os vereadores eleitos para este novo período seriam os seguintes: Alfonso Lopes Ferraz, Luiz Salata Neto, Joaquim Pinheiro, Oswaldo Ruiz, José

Cintra Gordinho Filho, Romualdo Bruniera, Dr. Américo Bathaus, João Evangelista Noves Romeu, Niceu Alves Pereira, Oswaldo da Silva Melo, Florêncio Forti, Braz Vicente Mora, José Sant'Anna, João Batista de Sant'Anna e Rinaldo Zampieri.

Suplentes que exerceram mandato nessa legislatura: João Nelson Vieira Marcondes, José Bizzio, Hermenegildo Lourenço Plaza, José Constantino Ferrato, Ludovico Seno, Alcebiades Taveira Batista, Egídio Giacóia, João José da Cunha, Ricciotti Ferranti, Amadeu Galmacci, Antônio Buzatto e Waldemar Batista. Foi eleito presidente da Câmara Municipal, no período 1964 a 1967, o médico Alfonso Lopes Ferraz.

Em 15 de dezembro de 1966, exercendo o mandato, faleceu o Prefeito Paschoal Lamana. Com a renúncia anterior do Vice- Prefeito Walter Mazzotti, assumiu a Prefeitura o presidente da Câmara Municipal, Alfonso Lopes Ferraz, para a complementação do período, assumindo a presidência da Câmara o vereador Luiz Salata Neto. Mantido no cargo como Interventor, Alfonso, teve o mandato prorrogado, por disposições baixadas pelo Governo da Revolução de 1964, até 31 de janeiro de 1969, passando a substituição a ser feita pela posse do novo prefeito eleito, já marcada para 1º de fevereiro do ano seguinte, ainda com período de 4 anos, com eleição no dia 3 de outubro de 1968, para a legislatura de 01/02/69 a 31/01/1973.



Na foto, o Prefeito Paschoal Lamana e a primeira-dama Antonieta Grilo Lamana.

Paschoal Lamana nasceu em Jaboticabal em 8 de setembro de 1910. Veio para Olímpia em 1932, onde casou-se com Antonieta Grilo Lamana. Tiveram duas filhas: Magali e Antonieta (Netinha). Eis o histórico da família Lamana: José Lamana, natural de Catanzaro (Itália), veio para o Brasil em 1900. Fixou-se inicialmente em Jaboticabal e ali iniciou sua vida como lavrador e comerciante, onde ficou até 1932. Casou-se com sua patrcia, Antonieta Traete Lamana, em Jaboticabal, em 1903. Todos os filhos do casal nasceram em Jaboticabal. Mudaram-se para Olímpia em 30 de setembro de 1932. Ele faleceu e foi sepultado em Olímpia em 25 de julho de 1945. Os três irmãos, Paschoal, João e Antônio Lamana, organizaram, então a firma "Paschoal Lamana & Irmãos", explorando na época a fabricação de manteiga, com o produto chamado "Manteiga Flor da Nata".

A indústria floresceu a olhos vistos e já manufaturava, na época, 4.000 quilos de leite por dia. Teve filial em Paulo de Faria, Barretos, São Paulo e foi uma das grandes potências industriais do Estado.



Na foto, nas dependências da Câmara Municipal, tomam posse o prefeito Paschoal Lamana e o vice-prefeito Walter Mazzotti. Sentado, ao lado de Lamana, o Juiz de Direito Dr. Djalma Rubens Lofrano. Ao lado de Mazzotti, o Secretário da Câmara, Vereador Romualdo Bruniera.



Câmara Municipal de Olímpia - Posse do Prefeito Paschoal Lamana, primeiro sentado a esquerda. Depois o Vice-Prefeito Walter Mazzotti. Em pé, saudando o novo Prefeito, o Vereador Niceu Alves Pereira e, por fim, o vereador Florêncio Forti.

Aproveitando, vamos registrar que Antônio Lamana casou-se com Antonieta Spinelli e não tiveram filhos. Faleceu e foi sepultado em Olímpia.

João Lamana casou-se com Dolores Ruiz e tiveram dois filhos: João Roberto e Marilene. Também faleceu e foi sepultado em Olímpia.

Como prefeito, Paschoal Lamana foi um grande administrador, apesar do pouco tempo que ficou no cargo. Homem inteligente, dinâmico, experiente, honesto e de caráter e personalidade irrepreensíveis, sem dúvida, seria um dos maiores prefeitos de Olímpia se não falecesse prematuramente. Colocou em ordem os salários e as finanças.



Câmara Municipal - na foto: Prefeito Paschoal Lamana; vice: Walter Mazzotti, vereadores Américo Bathaus, Riccio Ferranti e José Cintra Gordinho Filho.



Câmara Municipal - Em pé: Afro Sarti e Orlando Lapa; sentados os vereadores José Cintra Gordinho Filho e João Evangelista Noaves Romeu. Em pé, discursando o vereador Oswaldo Ruiz.



Câmara Municipal: vereadores Niceu Alves Pereira, Florêncio Forti, Oswaldo da Silva Melo, Braz Vicente Mora e o Professor José Sant'Anna.



O Prefeito Paschoal Lamana, após a solenidade de posse, sendo cumprimentado pelo vereador Niceu Alves Pereira, com o público aplaudindo.



Na foto Heráclito de Almeida Camargo, Walter Mazzotti, Waldemar Lopes Ferraz, Alfonso Lopes Ferraz e o Prefeito Paschoal Lamana.

Waldemar Lopes Ferraz seria reeleito Deputado Estadual para o período 1963/1966. Nos anos de 1963 e 1964, integraria a Comissão Permanente de Assistência Social e Comissão de Saúde e Higiene. Nos anos de 1965 e 1966 seria nomeado Secretário de Estado dos Negócios do Interior.

I FEIRA AGRO-INDUSTRIAL DE OLÍMPIA



Na foto, ao lado esquerdo, os membros da Comissão Organizadora iniciam as solenidades de abertura da 1ª Feira Agro-Industrial de Olímpia. Ao fundo exposição de máquinas agrícolas da firma Junqueira & Cia.

Na foto abaixo, os stands, onde, em primeiro plano, aparecem os tratores e implementos agrícolas da firma Massey Ferguson, de David de Oliveira & Cia Ltda.

A foto à esquerda, embaixo registra o momento em que o sr. José Viatti Filho, proprietário da firma Máquinas de Benefício e Comércio de Arroz Viatti, faz, para a Rainha da Festa do Arroz Neusa França, uma demonstração de um modelo de descascador e classificador de arroz.

As terras férteis de Olímpia e a diversidade de sua produção agrícola nos primeiros anos de 1960 ainda eram a principal fonte de riqueza e progresso local.

Em 1964, em razão da situação privilegiada do progresso industrial e da produção da agricultura sempre crescentes, Olímpia teria a sua "1ª Feira Agro-industrial, evento em que o comércio e a indústria expuseram seus produtos em stands.



A Comissão foi formada por Walter Zucca, Luiz Ferranti, da Concessionária Ford, José Viatti Filho, comerciante de benefício de arroz, Lamartine Posella, comprador de café, David de Oliveira, Antônio Gomes de Andrade e Sebastião Junqueira, do setor de implementos agrícolas, Mário Riscali, agricultor e beneficiador de cereais. Nos stands figuravam Casa Junqueira, com máquinas de costura e setor



A foto ao lado registra o momento em que o sr. Luiz Ferranti, proprietário da concessionária Ford em Olímpia, entrega premiação a Rainha da Feira Maria Inês Firmino. Presentes, o sr. Durvino Firmino e esposa, pais da Rainha, Paschoal Lamana, Prefeito Municipal e a Princesa Jane Diniz.

Na foto ao centro, posam Luiz Ferranti, Maria Inês Firmino e Jane Diniz.

Na foto a esquerda embaixo, Luiz Ferranti entrega o Troféu de Rainha da Feira Agro-industrial a Maria Inês Firmino. Presentes o casal José e Leonor Junqueira e o Vice-Prefeito Walter Mazzotti.

de eletro-domésticos, Casa Musical, de Hermenegildo Alfredo, veículos Simca do Brasil e outras firmas que nos fugiram ao registro, como lojas, laticínios, fábrica de massas comestíveis, etc.

O local escolhido para a Feira foi o grande espaço existente em frente ao Ginásio Estadual Cap. Narciso Bertolino.



Foi também construída uma grande barraca, onde havia prendas, bebidas, churrascos e outras iguarias, para atender ao grande número de visitantes de Olímpia e região, além de música ao vivo executada por conjuntos locais.

Bastante concorrido, o evento movimentou a cidade. Escolas promoveram desfile comemorativo, com blocos de alunos carregando amostras de produtos agrícolas, seguidos por carros alegóricos e desfile de máquinas plantadeiras, ceifadeiras, etc.





A foto registra a exposição de veículos da linha Simca Chambord. À frente o gerente Otávio Mariano Siqueira.



Vista da grande barraca armada em frente ao Ginásio Estadual Cap. Narciso Bertolino com o povo presente.

Salvo engano, essas feiras foram realizadas essas feiras durante dois anos consecutivos. Isso pode perfeitamente dar uma noção mais exata ao leitor do grande progresso por que passava a cidade de Olímpia.

Registrava-se uma ascensão econômico-financeira cada vez mais crescente. O excelente resultado obtido pela agricultura, principalmente a grande safra do arroz e café, além da grande expansão da nossa indústria de laticínios e implementos agrícolas, a produção de outros produtos, como o milho, o algodão, feijão e outras culturas, representavam bem o grande momento por que passava a cidade,

ganhando, ainda nesse período, a instalação de estabelecimentos de crédito, como o Banco da Bahia S/A e o Banco Artur Scatena, aumentando para 14 o número de entidades de crédito na cidade.

O café, que fora desde a fundação da cidade o produto que angariou as maiores riquezas e fortunas, já se encontrava em franca decadência, inclusive com o Governo pagando por cada pé de café erradicado e incentivando outras culturas, principalmente a da laranja. A terra fértil e propícia seria um fator de peso considerável para o investimento nessa modalidade agrícola.

Tal fato, no entanto, foi de



Desfile de abertura da 1ª Feira Agro-industrial de Olímpia com os carros passando diante do palanque oficial.



Prestigiando a festa o Dr. Isaías Miessa, José Zanolla, Guilherme Lopes e o Professor José Colonese.

terríveis conseqüências para a região. O café, por sua característica, tinha necessidade de muitas pessoas para tratá-los. Com sua erradicação, os lavradores, que moravam em colônias amplas e constituíam 80% da população do município sem trabalho, começaram a mudar-se para a cidade, dando uma falsa impressão de crescimento, com a formação de muitos bairros, vilas e conjuntos habitacionais. Como a laranja necessita de muita mão de obra só na época da colheita, houve desemprego.



Walter Zucca

Em 1923 Walter Zucca iniciou suas atividades como funcionário da Indústria Massas Primavera, dos Irmãos Valentino e Ricciotti Ferranti. Em 1938, perdeu sua mão direita em acidente. Um ano depois voltou ao mesmo serviço, permanecendo até 31 de maio de 1940. Foi também balconista na Casa Ventura. Trabalhou nas Máquinas Tonnanni, de Júlio Tonnanni, onde adquiriu experiência que iria modificar sua vida, iniciando atividades no setor de comércio de arroz e café, tendo como incentivadores os srs. Abirão Ney Aidar e Aziz Aidar. Após a 2ª Grande Guerra, permaneceu no estabelecimento, adquirido por David de Oliveira, até 1948. Ainda nesse ano tornou-se sócio de David de Oliveira, criando a firma Oliveira, Zucca & Cia. que durou até 1955. Foi o tempo em que nasceu a famosa Máquinas Brasil, que teve ainda como sócios Jaciro dos Santos Quialheiro e Joaquim O. F. Mathias. A sociedade durou até 31/12/59.



Alfredo Zucca

Alfredo Zucca foi um homem excepcional pela inteligência e visão comercial, mas permanece incógnito em muitas obras que construiu, como a cobertura da ampliação do Salão de Festas do Abrigo São José e as arquibancadas de cimento do Ginásio de Esportes.



A foto registra a inauguração do primeiro Supermercado Zucca Serv, instalado à rua 9 de julho, esquina com Cel. Joaquim Miguel dos Santos, em fevereiro de 1966. No flagrante, Walter Zucca, Luiz Zucca e Alfredo Zucca.

Foi muito importante a participação da família Zucca no progresso e desenvolvimento da cidade de Olímpia e também de outras localidades, como pioneira no ramo de supermercados.



Primeiro supermercado de Olímpia, inaugurado em fevereiro de 1966. Essa foto registra dia da inauguração. As prateleiras do supermercado, ainda modesto, mas que haveria de se expandir até se transformar em uma potência.

Luiz Zucca e seus filhos, Alfredo e Walter, começaram do nada, possuindo no início apenas um pequeno armazém de secos e molhados. Com a visão e muito trabalho da família Zucca, o modesto armazém se transformou em supermercado e daí para a frente seu crescimento foi

enorme, sendo criadas diversas filiais em toda a região, o que levou a empresa a se ombrear com as mais importantes do Estado de São Paulo. Não podemos deixar de registrar o espírito filantópico dos Irmãos Zucca, que anonimamente muito fizeram pela nossa cidade.



Na foto, o armazém onde os irmãos Zucca instalaram a maquinaria do Beneficiador São Jorge, exportando o comércio de arroz e que foi fundamental para crescimento do complexo empresarial.



Em 7 de setembro de 1910 chegaram da Espanha, Telésforo Ramos, casado com Manoela Mangas. Compraram o sítio de Nicola de Credocp, com 30 alqueires, na Cachoeirinha. Esse sítio foi permutado por um prédio onde estava instalada a Pensão Roma. Manoela faleceu em Olímpia em 1919 e Telésforo em Iboti, em 1943. De seus filhos, Marcial Ramos, casado com Eleutéria Bartolomeu, deixou os seguintes filhos: Odília, casada com Humberto Rizzatti, Manoela, casada com Euclides de Lima Morais, Juliana, casada com Ramon Cevilhano, Miguel Luiz Ramos, casado com professora Deise Fernandes, Sofia, professora, e José Ramos.

Miguel foi pessoa de grande atuação em nossa cidade. Fundou a Casa Ramos, livraria, papelaria e discoteca, que até hoje ainda existe sob a direção de seu filho Márcio. O estabelecimento teve como primeiro nome "Casa Ibérica", depois "Bar e Café Cervantes" e, finalmente, "Casa Ramos". Miguel Luiz Ramos amou Olímpia e foi de muita importância para nossa cidade.



Diva Thomé

Professora Diva Thomé sem dúvida dispensaria a apresentação, pois não há em Olímpia, e mesmo na região, quem não conheça a musa da Comunicação Social de Olímpia.



Jovem e muito bela, Diva esbanja classe e charme desfilando na passarela, em festa realizada na Taba do Carajá, em 1955.



Comunicadores de Olímpia sendo homenageados no Clube Literário e Recreativo. Na foto Dr. Waldemar, Paschoal Lamana, Diva Thomé, Santo Seno Neto, (encoberto), Nelito Santos, Silvio Roberto Bibi Mathias Neto, Rinaldo Zampieri e Jodenir Passarella.

Ao longo de sua brilhante carreira, Diva Thomé foi o espelho da sociedade olimpiense. Radialista, criou o programa "Antena Social", na Rádio Difusora de Olímpia, programa que sempre polarizou a atenção da população olimpiense. Não havia promoção de nível social sem sua presença, sempre indispensável. Sua figura amiga e humilde abriga uma personalidade de muita cultura e sensibilidade, capaz de encantar a todos os que a ouvem.

Sua participação nos eventos sociais, sempre foi garantia de sucesso, organização e brilho.

Na sua militância de jornalista que completa nos dias de hoje 42 anos de competente dedicação, criou um estilo próprio de lidar com as notícias, que envolvendo figuras proeminentes de Olímpia.



Diva Thomé e o radialista Santo Seno entrevistam Marlene Paiva, campeã de fantasia carnavalesca, no Recreativo.



Na foto um flagrante do Baile das Debutantes, com Diva Thomé, ao centro. Diva era sempre chamada para organizar anualmente essa festa e sempre o fez com muito sucesso e visão profissional.

Ao receber o Troféu "Personalidade Shopping 86", Diva Thome declarou: "Quando topei fazer jornalismo, já me sabia dona de uma carga de experiência de vida que me colocava acima do bem e do mal e que encontraria na dimensionada e polarizada jornada de recheios. Elaborei os pontos fundamentais aplicando uma terapêutica de sobrevivência ao maremoto social. Tudo o que pudesse acontecer não iria modificar minha bagagem de ser humano, minha luta pela vida, minha gana de fazer mais e mais. Aceitei com amor o convite dos irmãos Gigliotti, (Alcy e Adir), do extinto jornal *Voz do Povo*, e do Diretor da Rádio Difusora Olímpia, Dr. José Carlos Seno, em 1956. A partir de 1961, a convite de Nelito Santos e Alfredo Baiocchi Neto, comecei a escrever



Diva Thomé recebe das mãos de Fernando Vanucci, apresentador da TV Globo, o troféu "Honra ao mérito de cronista social tradicional personalidade shopping 86".

no *Tablóide da Nova Paulista* (jornal que surgia na época, hoje completando 40 anos de fundação). E, embora tenha meus dias de querer desistir para defender a essência do meu interior, hoje digo de coração: a experiência valeu! E muito... uma ponte entre o passado e o presente com vista ao futuro".

Diva Thomé, merecidamente, já recebeu inúmeros troféus, certificados, homenagens de entidades filantrópicas de Olímpia. Possui, em sua folha de serviços, incontáveis benefícios prestados a Olímpia, através de suas campanhas, todas beneficentes em favor de alguma entidade carente.

Podemos resumidamente, registrar algumas das importantes participações de Diva Thomé em eventos sociais de sucesso: desfile em prol do Instituto Santa Filomena de Proteção ao Menor; desfile Bangu, sob o comando de Ribeiro Martins, em transmissão nacional (Clube Recreativo), com renda para instituições de caridade; Baile-desfile (cabelo e penteados), com participação regional, no Clube Recreativo, com total da renda para benemerência; Festa do Arroz em Olímpia, onde foi eleita Rainha a senhorita Neusa França; Feira Agro-industrial do Vale do Rio Grande; Concurso de Rainha do Obelisco 61 em prol da Quadra da Fundação Olímpia, eleita Rainha a senhoria Terezinha Ribeiro; Festa e Concurso da "Rainha da Asa", em prol da construção de novo hangar para o Aero



Diva Thomé posa no flagrante junto ao ator Adriano Reis e uma colunável no C.C. Álvaro Brito.



Homenagem prestada a Marlene Paiva, destaque dos desfiles de fantasia do Rio de Janeiro, ladeada por Zécca Scura e Diva Thomé, no Clube de Campo Álvaro Brito.

Clube de Olímpia, onde foi eleita Ana Maria Junqueira.

Também participou do concurso Miss Olímpia Futebol Clube, cuja renda foi revertida para a construção da cobertura do Estádio Tereza Breda.

Diva Thomé teve estreita amizade com uma das figuras exponenciais da sociedade carioca,



1955 Taba do Carajá - na foto desfile Alair Thomé, irmã e colaboradora de Diva Thomé durante todos esses anos. Companheira inseparável da cronista olimpiense.



Diva Thomé dança com José C. Stroesse, artista da TV Globo e paraninfo de debutantes.

de Cidadã olimpiense, outorgado pela Câmara Municipal de Olímpia, em reconhecimento à disposição permanente para colaborar com os eventos beneméritos de Olímpia.



O flagrante registra o momento em que Diva Thomé dança com outro astro da TV Globo, Luiz A. Riccelli, no Clube de Campo Álvaro Brito.

No decorrer dos registros sociais, a seguir, Diva Thomé ainda vai aparecer em muitas promoções. Estas páginas, foram selecionadas, apenas para registrar para a posteridade a atuação de uma olimpiense que dedicou toda a sua vida à profissão jornalista, sempre se apresentando para colaborar com todas as iniciativas beneméritas e filantrópicas que muito significaram para nossa cidade.

Diva, portanto, é um patrimônio de Olímpia, que deve ser sempre reconhecido e registrado na nossa história, o que, aliás, é um dever da cidade para com ela.

TEATRO

Somente após 1918, quando Olímpia, já como sede de município, com Mário Vieira Marcondes sendo eleito Prefeito Municipal pela primeira Câmara Municipal em 2 de abril de 1918, e a chegada de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, é que o núcleo deixou a característica de povoado e passou a ser considerado uma cidade. O plantio do café, liberado após 1910, tornou-se a principal fonte de riqueza da região. Os imigrantes possuidores de grandes extensões de terras férteis, com uma considerável produção de café, tornaram-se ricos.

Oriundos da cultura europeia, de suas origens, agruparam-se e expuseram a sua cultura, na característica peculiar de cada raça, de forma a preservá-la para as gerações futuras.

Criou, dessa forma, cada grupo, seu centro cultural, como fez a "Società Italiana IV de Novembro", em homenagem ao dia do armistício da I Grande Guerra Mundial.



Cinema e Teatro da Sociedade Italiana IV de Novembro de Olímpia.

Esse prédio foi construído para abrigar cinema, teatro, bailes ou festividades da Colônia Italiana. Da mesma maneira, a Sociedade Espanhola dispunha de sede para projeção de filme, apresentação de peças teatrais e realização de festividades. O movimento cultural foi intenso a partir de 1925.

A seguir publicamos um programa confeccionado na época.

Faziam parte do grupo os componentes, diretor cênico:

João Ferranti; ponto: Léo Forti; contra-regras: Santinho Menezes e Jesuíno Penteado; maquinistas: J. D. e Pedro Joda. atores: João Ferranti, Srt^a Lourença Real, Joaquim Degasperi, E. Prado, Amadeu Galmacci, Srt^a I.R., Antônio Guedes, João H. Ferreira e Maria Botozzi. Esse grupo, por muitos anos, trouxe e incorporou suas tradições e seu modo de viver aos nossos costumes.

Hoje - NO THEATRO OLYMPIA - Hoje
A'S 8 E MEIA HORAS

Gremio Theatral

Arthur de Azevedo

Direção cênica: João Ferranti — Pontos: Léo Forti e "XXX" — Contra-regras: Santinho Menezes e Jesuíno Penteado — Maquinistas: J. D. e Pedro Joda

Subirá à scena o grandioso drama em 1 acto, intitulado

O CANCRO SOCIAL

Sentimental peça de enredo original.

PERSONAGENS

Mathias
Laura (sua filha)
Marcello (esposo de Laura)
Renato

JOÃO FERRANTI
Sta. Lourença Real
Joaquim Degasperi
E. Prado

ACTUALIDADES

Em seguida será apresentada a hilariante comédia de costumes nacionais em um acto, sob o título

"Seu Juca Pindoba"

PERSONAGENS

Amadeu Galmacci
Sta. S. B. L.
Antônio Guedes
JOÃO FERRANTI
João H. Ferreira

A scena desenrola-se no interior de uma confeitaria.

Em seguida será apresentada a hilariante comédia de
Araujo Pinheiro, em 1 acto:

Cautela com as Mulheres

PERSONAGENS:

Amadeu Galmacci
Sta. S. B. L.
E. Prado
Alfredo E. Souza
JOÃO FERRANTI

A scena passa-se num dos arrabaldes do RIO de JANEIRO

ACTUALIDADE

Magníficos scenarios feitos pela mão mestra de S. Brasil

Móveis gentilmente cedidos pela melhor fabrica de móveis desta cidade MARINI & FILHOS

Preços na bilheteria

Doído... por conveniencia!

PERSONAGENS:

Serapiao
Belmira (sua filha)
Lobo da Silveira (agiota)
Bernarda (sua filha)
Sicemundo Marques (dramaturgo)
Sarmiento (actor)
Pedro (creador)

Amadeu Galmacci
Sta. Maria Botozzi
J. FERRANTI
Sta. Lourença Real
Antonio Guedes
E. P.
Joaquim Degasperi

Lisbõa Actualidade

Magníficos scenarios feitos pela mão mestra de S. Brasil

Móveis gentilmente cedidos pela melhor fabrica de móveis desta cidade A. MARINI & FILHOS

Preços na bilheteria

Acima, reproduzimos folhetos de publicidade das peças teatrais levadas a efeito pelo Grêmio Teatral Arthur de Azevedo, nas dependências do Cine Teatro da Colônia Italiana de Olímpia.

A Sociedade Espanhola de Olímpia, como dissemos, também construiu o seu prédio para apresentações similares aos da Sociedade Italiana, na esquina das ruas Cel. Francisco Nogueira com a Rua 9 de Julho, que teve o nome de "Cine Theatro Cervantes", em homenagem ao grande escritor espanhol. Já a Colônia Portuguesa não era muito ligada às artes teatrais. Possuía

sua sede na rua São João, (entre as ruas 9 de Julho e Américo Brasiliense) e movimentava-se mais no sentido beneficente, tanto que comprou o prédio da Prefeitura Municipal, fundando a Sociedade Beneficência Portuguesa de Olímpia, ali instalando a sua sede e um hospital.

As sociedades de Olímpia viveram nas décadas de 1920 e 1930 o auge de suas expansões culturais. Toda noite, tanto o Cine Teatro Italiano como o Cine Teatro Cervantes apresentavam filmes, em uma concorrência sadia e amistosa. Cada qual procurava brilhar com mais intensidade. Os salões possuíam poltronas móveis, que eram retiradas para promoção de um baile ou qualquer evento de cunho social.

Foram sociedades muito ricas que não mediram esforços para proporcionar grandes espetáculos aos seus associados. Como o cinema ainda era mudo, eram contratadas orquestras da capital para tocar durante as projeções dos filmes. Não raro, apresentavam-se grandes orquestras, cantores, tenores, espetáculos de nível internacional de rara beleza.

Infelizmente, com o deflagrar da II Guerra Mundial, com o Brasil decretando guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), o governo proibiu qualquer atividade relacionada a esses países, ditando conseqüentemente a extinção da Sociedade Italiana, que doou sua sede para a Santa Casa de Misericórdia de Olímpia, desfazendo-se de seus bens, inclusive do prédio do Cine-Teatro.



Prédio do Cine Olímpia, adquirido por Domingos Storto nos anos 40, sendo completamente reformado.

Também o Cine Teatro Cervantes, que havia sido adquirido pela Sociedade Italiana, teve seus salões adaptados para ser o Fórum da Comarca, ali permanecendo até a construção do prédio próprio.

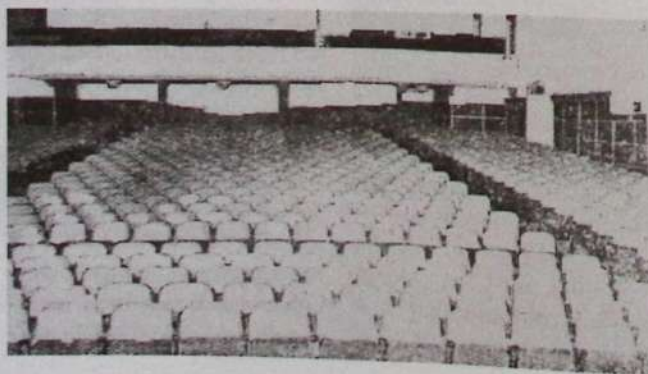
Antes de ser adquirido por Domingos Storto, o cinema foi por alguns anos administrado pelo sr. Zoilo Leão Pardo. O próprio, então, mudou o nome de Società Italiana de Socorros IV de Novembro para Cine Teatro Olímpia, que no ano de 1958 foi adquirido por Antônio Curti, de São José do Rio Preto, o qual possuía uma cadeia de cinemas



Cine Teatro Olímpia

por todo o Estado. Novamente, foi feita uma reforma, e as acomodações passaram de 800 para 1.200 espectadores. A fim de registro, vamos salientar que, na época, era um dos maiores e mais luxuosos cinemas do Estado de São Paulo. Com o advento da televisão, o Cine Olímpia começou a registrar uma frequência abaixo da expectativa, tendo encerrado suas funções. O prédio foi vendido a um grupo empresarial local, e suas poltronas e maquinaria retiradas. A entrada do edifício foi transformada em farmácia e o salão alugado para uma igreja evangélica.

Temos na foto ao lado uma visão do Cine Teatro Olímpia nos seus melhores momentos. Ali aconteceram inúmeros fatos históricos: formaturas, teatros, cinemas, teatros de revista e outros eventos sociais. Era o local adequado abrigar mais de 1.000 pessoas. Agora, para aqueles que dele desfrutaram, apenas resta a saudade. E que saudade!..



A partir da metade da década dos anos 40, possuía a Paróquia de Olímpia uma grande extensão de terreno anexo à Casa Paroquial, mais propriamente na esquina da rua Floriano Peixoto com a rua dr. Antônio Olímpio. Sob a direção dos Padres Franciscanos, resolveu-se construir ali um salão paroquial, que teria acomodação para 600 pessoas sentadas, equipamento para projeção de filmes, solenidades e, principalmente, um local em que se pudesse criar e incentivar o teatro.

Assim, foi sendo construído o prédio, com o auxílio do povo, de irmandades religiosas e, em especial, da Congregação Mariana de Olímpia, onde se destacava a atuação de um membro, Joaquim Degasperi, apaixonado pela arte teatral, e deslumbrado pela oportunidade de ver o seu sonho realizado: a criação de um local próprio para os eventos. Tãmanha era sua expectativa e animação, que chegava até a executar serviços pesados de pedreiro e carregar material para a construção.

Finalmente, no dia 27 de dezembro de 1949, acontecia a inauguração oficial do Salão Paroquial, que receberia o nome de Cine Teatro Nossa Senhora da Assunção.

Com a presença das mais altas autoridades locais, o Exmo. Revmo. D. Antônio Augusto de Assis - Bispo de Jaboticabal, cortava a fita simbólica e procedia à bênção do local.

Infelizmente, o olimpiense Joaquim Degasperi não viveria para ver o sonho realizado.

A formação da Comissão



27 de dezembro de 1949 - a foto acima registra o exato momento em que era cortada a fita simbólica de inauguração do Cine Teatro Nª Senhora da Assunção.

do setor de Teatro, chamado "União Cultural Beneficente São Francisco de Assis", com o presidente Luiz Mori Laraia, e tendo como membros Victório Sgorlon, José Alberto Oberg, Albino Degasperi, Benedito Marcondes, (Santinho) e José Zanola, criou um grupo teatral, ao qual deu o nome de "Grêmio Artístico Joaquim Degasperi", em homenagem ao ilustre membro da Congregação.

Na foto abaixo, todos os membros da União Cultural Beneficente São Francisco de Assis, seus diretores e o Grêmio Artístico Joaquim Degasperi, após a apresentação da peça. Sebastião Brasil, frei Clemente Grassi, Evaristo Miessa, Ovidop Bombonati, Marcelino Desgasperi, dr. Isaías Miessa, Júlio Plaza de Carvalho, Augusto Zanola, Albino Degasperi, frei Guistino e frei Benedito; agachados: José Zanola e Victório Sgorlon.





Platêia lotando as dependências do Cine Teatro Nossa Senhora da Assunção em dia de apresentação de "As mãos de Eurídice".

Logo de princípio, apesar das dificuldades, o Grêmio Artístico Joaquim Degasperri deu mostras de organização, com os detalhes meticulosamente definidos. A responsabilidade pela apresentação cênica, ou seja, a direção da peça, foi entregue ao professor e dentista Isafas Miessa, excelente ator e conhecedor da arte de expressão. O ponto foi entregue a Antônio Zanola, que também, em ocasiões em que era necessário, sabia representar. Os cenários, eram magistralmente desenhados, captando os detalhes que a peça exigia, por Sebastião Brasil, que foi o primeiro artista plástico de Olímpia a executar trabalhos de pinturas a óleo em telas.

Como orador oficial do grupo, destacamos o nome de Jaime Leal da Costa Neves, figura que marcou época em nossa cidade por seus pronunciamentos e também por sua atuação como advogado e professor.

Por informações do pro-

fessor Victório Sgorlon, o primeiro sucesso do Grupo, apresentado nas dependências do novo teatro, foi a peça "Cavaleiro do Amor", que trouxe lotação total ao Cine Teatro. Foi muito grande a repercussão, tanto na cidade, como na região, visto que, em fevereiro de 1951, peças como "O Filho Pródigo" seriam apresentadas nas cidades de Guaraci, e daí para outras cidades da região, como Cajobi, Monte Azul Paulista e Bebedouro.



Acima, a foto registra um momento da peça "O Cavaleiro do Amor". No palco, Albino Degasperri, Ítalo Vergamini, José Alberto Oberg e Victório Sgorlon.

Destacamos desta forma, e principalmente detalhamos com fotos, os nossos registros, que, (apesar da aparência bairrista), traz apenas os grandes momentos de nossa cidade, que possuía uma juventude responsável e disciplinada e um povo unido em verdadeira sociedade.

O Grêmio Artístico Joaquim Degasperri por alguns anos brindou a população com peças de alto nível. Infelizmente, com o tempo, a necessidade dos componentes de se ausentarem da cidade após sua formatura, ou o compromisso com a profissão, dispersou o grupo.

Salão Paroquial
"N. S. da Assunção"

SEGUNDA FEIRA — DIA 26 — SEGUNDA FEIRA

Às 20 horas (8 horas da noite)

O GRÊMIO ARTÍSTICO "J. DEGASPERI", prossequindo as suas representações teatrais, apresentará, ao público desta cidade, mais um festival beneficente, com a apresentação da peça religiosa em 3 atos, intitulada:

"O Cavaleiro do Amor"

(Premiada no concurso dramático de Turim)
Baseada na vida do Pai Seráfico "São Francisco de Assis"

PERSONAGENS:

Francisco de Assis	Albino G. Degasperri
Pedro di Bernardone (seu pai)	Isafas Miessa
Frederico Spadalunga de Gubbio	Evaristo Miessa
Leonel de Foligno	Victório Sgorlon
Agnelo de Todi	José A. Oberg
Vitorino Olivi	Ítalo Vergamini
Egídio (o leproso)	José Zanola
Pedrinho (criado da Família Spadalunga)	B. Marcondes (Santinho)

Ponto: ANTONIO ZANOLA
Maquillage à cargo de ROLANDO DEGASPERI
Supervisão Geral de DR. JAIME L. C. NEVES
Entre atos pelo violinista PROFESSOR LIBERATO

Os Cenários desta peça foram idealizados e habilmente pintados pelas mãos mestres de S. BRASIL

Guarda Roupas à Caráter. — Montagem Deslumbrante
GRAFICA CIDADE DE OLÍMPIA — OLÍMPIA



José Zanola e Victório Sgorlon em uma cena de "O Filho Pródigo".

Ao lado, um exemplar publicitário utilizado pelo Grêmio Artístico Joaquim Degasperri, anunciando uma de suas peças "O Cavaleiro do Amor", no palco do Cine Teatro Nossa Senhora da Assunção, onde se destacam os cenários pintados por Sebastião Brasil, o primeiro artista plástico de Olímpia.

Não sabemos exatamente o tempo que durou o Grêmio Artístico Joaquim Degasperri, mas acreditamos que o mesmo se dispersou no ano de 1955. O Cine Teatro, foi arrendado para firma de fora e, por alguns anos, funcionou com o nome de "Cine Bristol", até ser desativado completamente, no final da década de 1960, quando suas dependências foram alugadas pela Rádio Difusora Olímpia, que ali permaneceu até o ano de 1984, quando o grupo que comprou a emissora construiu seu prédio próprio na via de acesso dr. Adhemar Pereira de Barros.

Dessa forma, a nossa cidade ficou sem local para exibição de filmes, e, também, a chegada da televisão, nos anos 60, deu o golpe fatal nas exibições cinematográficas, que paralisaram suas funções por falta de público.

Hoje, somente a Casa da Cultura possui um Cine Teatro, com acomodações para 396 pessoas sentadas, que vem sendo usado com o patrocínio da municipalidade. Mesmo assim, o cinema no interior tornou-se impraticável e deficitário. Dos cines-teatros Olímpia e Nossa Senhora da Assunção, só restaram a lembrança e a saudade daqueles anos dourados.

O Grupo Artístico Amador de REVISTAS APRESENTA

«O Que E' Que Olímpia Tem?...»

- 1 - QUVERTURE - «Aquarela de Olímpia», samba do Ciro Grossi, executado ao piano pelo maestro Miro Lionel
- 2 - PROLOGO DA CONSTELAÇÃO - Todo o elenco
- 3 - CANTAM AS MORENINHAS
- 4 - MANEJO O TERRÍVEL - Moscir Zacarrelli e Caetano Rizzo
- 5 - CONFERENCIA - Zico Sotero e Biniolli Netto
- 6 - MARLENE DECLAMA
- 7 - DANÇA GITANA - Neila Miessa e mais Leôncio Arnaldo, Wilma Cavariani, Ercy Pereira, Darel R. Leão, Celita Garçon e Maria Antonieta
- 8 - NANCY - Paulo Horati e oito das Moreninhas
- 9 - MARHETA - Moscir Zacarrelli, Caetano Rizzo e Klinger
- 10 - POESIA - Filhinho Glen-Ário
- 11 - ORIENTAL - Bora Mizoguti
- 12 - CUCO - Yvonne Albano e Pininha
- 13 - ZUBAL, O VENTRILOQUO - e seus bonecos Chiquinha e Benedito

- 14 - Cedo para amor - Celita Garçon
- 15 - Trecho de Ópera (Barbelo de Sevilha) - Zico Sotero e Caetano Rizzo
- 16 - Canto da Saudade - Leôncio Arnaldo
- 17 - Corina - Zico Sotero
- 18 - Senhora Tentação - Daisy Goulart
- 19 - Pequena - Jorge Bichsel e Leila
- 20 - Balão das velhas Canções - Moreninhas (tropicais)
- 21 - O Que E' Que Olímpia Tem?... - Zico Sotero, Klinger e Ercy Pereira
- 22 - Música Portenha - Jorge Bichsel
- 23 - Quadros de Apolo - Aicy Siglioli, Belobeli Neta, Zico Sotero, Caetano Rizzo, Moscir Zacarrelli, Klinger, Neila Miessa, Moreninhas Tropicais, e todo o elenco

Casa Vitória — VENDE MAIS PORQUE VENDE MAIS BARATO

Tip. «Voz do Povo» — Olímpia

Acima reproduzimos um cartaz publicitário do Teatro de Revistas realizado em Olímpia, por grupo de estudantes do Colégio Olímpia, por seu proprietário, Antônio Augusto Reis Neves, incentivava muito esse tipo de arte, inclusive adquirindo instrumentos musicais para compor conjuntos formados por estudantes.

As peças eram apresentadas no palco do Cine Teatro Olímpia, que abrigava 1.200 pessoas sentadas e possuía um palco grande, com camarins, cortinas móveis, enfim, toda

uma estrutura necessária para eventos de tal natureza.

Nesse ponto, nossa terra nunca foi de preservar para o futuro, a riqueza e os arquivos de uma época tão ativa, com a participação dos jovens locais.

Citemos, por exemplo, a bela composição musical de autoria do Professor Ciro Grossi, denominada «Aquarela de Olímpia», que era cantada em todas aberturas e solenidades, mas que se perdeu no tempo, não restando nenhum vestígio para ser avaliado pelas gerações futuras, nem sequer constar como um patrimônio inestimável.

Apenas como registro, de todos esses jovens valores, que constam do programa, apenas cinco deles ainda permanecem em Olímpia. O restante, partiu para outras localidades e muitos, infelizmente, já deixaram o corpo material e viajaram para a Pátria espiritual.

O que é que Olímpia tinha? Esse é o nosso título de agora, sem programas. Restou apenas a lembrança dos nossos «tempos de ouro», de uma juventude responsável, ativa e que dava vida e alegria, justificando o cognome de «Cidade Menina-Moça».



No terreno anexo à Casa Paroquial, o elenco de «Vulcão de Amor», em 1943.

ISAÍAS MIESSA



Isaías Miessa

Sandálio Miessa, filho de João Miessa e Josefa Prieto, veio da Espanha para o Brasil em 1897, como imigrante. Fixou sua residência e atividades na fazenda Santa Tereza, de propriedade de Francisca Silveira do Val. Nessa fazenda trabalhou 7 anos como colono, 12 como fiscal e 14 como administrador. Em 1932, mudou-se para Araçatuba como administrador da fazenda Pimenta. Em 1935 retornou a Olímpia, onde continuou como administrador da fazenda Gema e da fazenda Recreio, de Geremia Lunardelli. Mais tarde, com Angelo Bôrtolo, comprou a máquina São Paulo de benefício de café. Em 1940, dissolveu a sociedade e adquiriu a chácara Santa Cláudia. Passou então a negociar com café. Tinha 28 alqueires de terras na saída para Barretos. Depois, vendeu 2 alqueires para a Companhia São Paulo Goiás e 9 alqueires à Samba, para montagem de uma indústria algodoeira com máquinas e armazéns. Casou-se em Ribeirão Preto em 1907 com Cláudia Ledesma. O casal teve 9 fi-

1951

JUNHO

16

Terça-Feira

Cine Assunção

ESPETÁCULO DE GALA

Às

20,30

Horas

Atendendo a pedidos, será levada novamente à cena, a magistral peça teatral de PEDRO BLOCH

As Mãos de Eurídice

pelo artista olímpense
ISAÍAS MIESSA

«As Mãos de Eurídice», sua mais de um milhão de apresentações no mundo inteiro, é um drama diferente que empulga todos os espectadores

São 2 atos vividos por UM ÚNICO ARTISTA e que deixa em suspenso a platéia



A renda será destinada ao ABRIGO SÃO JOSÉ

No intervalo haverá sortido de 6 selinhos flutuantes da peça

ingressos: 100, 150, 200, 250, 300, 350, 400, 450, 500, 550, 600, 650, 700, 750, 800, 850, 900, 950, 1000

Se você já assistiu, não deixe de assistir novamente. Se não assistiu, não perca essa oportunidade, pois assim você estará auxiliando os pobres velhos do Abrigo S. José

PROIBIDA A ENTRADA A MENORES DE 14 ANOS



A apresentação de «AS MÃOS DE EURÍDICE» é um patrocínio do ROTARY CLUBE DE OLÍMPIA

lhos, todos nascidos em Ribeirão Preto: Josefina, casada com Carlos Otero Rigo, com três filhos: Celso, Cláudio e João Carlos; Emília, casada com Tiago Neto, com três filhos: Cláudia, Raul e Carmencita; Afonso, formado pela Faculdade de Ciências Econômicas de Ribeirão Preto, contador e coproprietário da Rádio Difusora de Olímpia casado com Elza França, com dois filhos: Milton e Paulo ("Paulo Goulart"). Elias, casado com Claudimira Miessa ("Tininha"), com uma filha, Lúzia Aparecida ("Zita"). Isaías, cirurgião dentista, formado pela Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto, vereador na Câmara Municipal de Olímpia em 1948, casou-se com a professora Dulce de Freitas. Tiveram duas filhas: Neila Therezinha e e Maria Aparecida, casada com Edson Puig de Mello, com três filhos: Gláucio, Glaciete e José Maria; Sebastião, contador, formado pelo Ateneu paulista de Campinas, casado com Palmira Coletto. Evaristo, na época solteiro, estudante do 5º ano de medicina na Faculdade de Medicina do Paraná; e Helena, contadora e professora.

Essa é a tradicional família Miessa de nossa cidade. O nosso personagem, Isaías Miessa, granjeou ao longo de sua vida o respeito e a admiração de todos, tanto como professor como dentista. Esteve sempre presente nas iniciativas filantrópicas e prestou grandes serviços a Olímpia. No setor teatral, destacou-se sobremaneira. Além de diretor do Joaquim Degasperi, deixou marcada sua atuação,

interpretando o famoso monólogo de Pedro Bloch "As Mãos de Eurídice". Incomparável nessa atuação, sempre conseguia lotar os teatros e impressionar as platéias, com seu carisma que prendia a atenção de todos, do início ao fim da peça. Sempre que o fazia, era em benefício de alguma entidade filantrópica ou assistencial. Lecionou Ciências no, até sua aposentadoria. Sempre se destacou como membro ímpar da nossa sociedade. Era humilde, bondoso, irradiando simpatia ao seu redor, conquistando amizades e respeito por todos os lugares pelos quais passava.



Isaías Miessa em um momentos da peça "As Mãos de Eurídice".

Infelizmente, o dr. Isaías Miessa, faleceu ainda novo e foi aqui sepultado, mas deixou às gerações futuras um exemplo digno: de expandir a arte, tomar gosto pelo teatro, que é fator importante dentro da cultura de um povo.



Na foto acima, noite de gala no palco do Cine Teatro Nossa Senhora da Assunção com a casa inteiramente tomada pelo público. Ao lado, Isaías Miessa, em um instante de intensa concentração.



Platéia no Cine Teatro Assunção, prestigiando o Grêmio Artístico Joaquim Degasperi.



Na foto acima, Albino Degasperi e José Zanola em cena de "O Filho Pródigo".



Na foto: Benedito Marcondes, Zanola, Rogério Pupin, dr. Jaime L.C. Neves, Albino Degasperi, dr. Luiz M. Laraia, e Ítalo Vergamini. Sentados: José Zanola, José Carlos C. Neves e Victório Sgorlon.



Na ilustração acima, Albino Degasperi e José Zanola na peça "O Cavaleiro do Amor".



Contracenando: José Zanola, Victório Sgorlon, Evaristo Miessa e Ítalo Vergamini.



No palco, José C. Neves e Victório Sgorlon.



Praça Rui Barbosa - Anos 1950 - em primeiro plano "A Roda do Meio".

O Teatro Amador de Revista
apresenta
a sua melhor produção para 1960

Fui... mas fui na amarra

de AL SILVA

Com
Klinger, Jair Alencar, Nelito Santos
e a estréia oficial de
Tuim;
com
Geraldo Giacóia, Mario Micheli, Cizefredo
e apresentando
Tuquinha;
com
Mariliza, Maria Janir, Heloísa
e a "bossa" de
Calógeras;
com
Celita Garcez, Jano Cintra
e o piano de
Plínio A. Paiva;
com
Wallace, Darcy, José Marangoni
e o acordeon de
Luiz Junqueira;
com
a Escola de Samba Capela
apresentando
um coral de oito vozes.
... E muitos outros estreantes!

DIA 22 no Cine Olímpia
Sexta Feira

RENOVA-SE O GRUPO

Além da metade dos anos 1950, a "Taba do Carajá", tipo de boate-restaurant, era o ponto de reunião da sociedade olimpiense. Ali também se reuniam os elementos que compunham o novo grupo de Teatro Amador de Revista. A finalidade da apresentação do show no mês de julho, era arrecadar, com os ingressos, meios para colocar a escola de samba na rua, comprar instrumentos musicais e arcar com as despesas de fantasia dos membros da Escola, que era composta não só de elementos de posses, mas de todas as classes.

Como a maioria era estudante universitário, levou das outras escolas o irônico apelido "Os Pós-de-Arroz do Samba", título que aceitou esportivamente. Do antigo Grupo Teatral, só havia Alfredo Baiocchi, Klinger e Zico Sotero, daí o grupo incorporar os novos componentes: Jayr de Alencar, Benedito de Oliveira Gomes, Nelito Santos, Tuquinha, Janice, Maria Janir, Júlio Cesar, Múcio Garcez, Vanderley (múmia), Sizefredo Cintra, Tuim, Mario Micheli, Mariliza Bonini, Heloísa Rugai, Daltes, Nilson Cunha, Marlene Storto, Jano Cintra, Calógeras Barbosa e Celita Garcez. Na parte musical, Plínio Aidar Paiva no comando, com seu piano, José Marangoni no violão, Luiz Junqueira no acordeão, Astrogildo Junqueira no contra-baixo, Valécio Breda no pandeiro e Darci na bateria. O maquiador era o Romão Gomes de Andrade e o cenário entregue a José Sotero.



1945 - Grupo "As Borboletas", formado por jovens da sociedade olimpiense: sem ordem- Leonor Benez, Dagmar Arnaldo e Silva, Antônia Salemi, Rosa Paredes, Nair Lanzoni, Eli Goulart Pereira, Terezinha Martins, Diva Zanin e Rosinha Martinelli.

Era muito comum nesses tempos os jovens da sociedade se unirem em grupos para apresentar shows, ou mesmo para festejar o carnaval. Não era nenhum tipo de agrupamento definitivo, mas que surgia esporadicamente, quando acontecia uma festividade, solenidade, ou a comemoração de datas festivas. Os jovens nessa época sempre contavam com o apoio irrestrito dos pais, que, inclusive, ficavam satisfeitos quando seus filhos participavam de grupos, seja para teatro, festas ou esportes. Isso ajudava muito na formação da personalidade do jovem, colocando-o no meio de pessoas de bom comportamento moral.



Balé 1944 - Noêmia Batista Paschoal, Djalva Trondi, Bezinha Caldarelli, Zelita Rocha, Dilce Trondi e Amália Caldarelli Zaccarelli.

G. A. A. R.

CORPO TÉCNICO

Secretário - Alcy Gigliotti
 Ensaíador - Baiocchi Netto
 Cenografia - Alvacir
 Coreografia - profa. Neusa Ricciardi
 Consultora - Yvone dos Santos
 Eletricidade - P. Gigliotti
 Técnica - Dirceu Branco e Totó
 Ponto - Augusto B. de Castro

MÚSICOS

Maestro Miro Leonel - Yvone Albano - profa. Dines Delamanha Zambon e Waldemar

ATORES

Zico Sotero, Klinger, Moacir Zaccarelli, Caetano Rizzati, Augusto B. de Castro, Ercy Pereira, Darcy Rosa Leite, Lenira Arnaldo, Rosa Mizogutti, Marlene Medeiros, Neila Miessa, profa. Lourdes Noriega, profa. Filhinha Clemência, Celita Garcez, Wilma Cavariani e Maria Antonieta Coletto.

Tecidos - CASA Vitória

Olímpia tinha uma mocidade feliz, com alternativas das mais variadas: arte, teatro, esportes. Possuía a praça Rui Barbosa a "Roda do Meio", onde desfilavam no círculo as moças e, em sentido contrário, os moços. Era a época das serenatas feitas com violões ou acordeões. De madrugada, os seresteiros eram convidados pelas famílias contempladas para adentrar as residências, onde eram servidas bebidas e comestíveis, prolongando-se até o raiar do dia. À medida em que o tempo passava, os que se formavam deixavam a cidade, procurando seu futuro, mas, devido ao grande número de jovens estudantes, Olímpia era muito rica em valores artísticos. Conforme alguns iam se ausentando, outros tomavam seus lugares e sempre iam aparecendo novos valores. O show de teatro de revista tornou-se uma prática que ficou sendo realizado durante as férias escolares do mês de julho, quando Olímpia recebia dezenas de jovens de outras cidades que aqui se alojavam em casa de parentes ou amigos, para passar os trinta dias.

Os programas estampados ao lado e em baixo estão desgastados pelo tempo e quase ilegíveis, mas achamos de relevante importância registrá-los, mesmo que tenhamos que reproduzi-los na íntegra: as fotos do programa ao lado estampam as figuras de Zico Sotero e Ercy Pereira; no programa abaixo as estampas de Moacir Zaccarelli e Rosa Mizogutti; Corpo Técnico: Secretário - Alcy Gigliotti - Ensaíador: Baiocchi Netto - Cenografia: Alvacir - Coreografia: Profª Neusa Ricciardi - Consultora: Yvone Pereira dos Santos - eletricidade: Paschoal Gigliotti - Técnica: Dirceu Branco e Totó Piton - Músicos: Miro Leonel, Yvone Albano, Profª Dines Delamanha Zambon e Waldemar de Paula - ponto: Augusto B. de Castro.

Atores: Zico Sotero, Klinger, Moacir Zaccarelli, Caetano Rizzati, Augusto B. de Castro, Ercy Pereira, Darcy Rosa Leite, Lenira Arnaldo, Rosa Mizogutti, Marlene Medeiros, Neila Miessa, Profª Lourdes Noriega, Profª Filhinha Clemência, Celita Garcez, Wilma Cavariani e Maria Antonieta Coletto.

Como diria o grande musicista e poeta mestre Ataulfo Alves em uma de suas mais felizes frases: "Eu era feliz e não sabia", palavras que repassamos a Olímpia nessa época de ouro, cujas lembranças não se perderam jamais para aqueles que tiveram a felicidade de poder desfrutar desses momentos.

MOACIR ZACCARELLI
 Dos programas da ZYG-8 passou-se ao teatro, sendo um veterano dos nossos palcos. Membro efetivo da G. A. A. R.

Loja Brasileira, pela cessão do amplificador

ROSAMIZOGUTTI
 representa a praça do Oriente. Tendo já tomado parte em vários espetáculos, irá acrescentar maiores louros à sua vida artística

Cantores - Jorge Bichuet, Moreninhas Tropicais e Paulo Hortal, profa. Lourdes Noriega, Celita Garcez e Daisy Goulart.

ZUHAL, o ventríloquo, e seus bonecos, Chiquinho e Benedito.

ESPECTÁCULO EM PROL DAS VOCACÕES SACERDOTAIS

AGRADECEMOS
 P. Gigliotti, pela colaboração na parte técnica

Para as festas do fim de ano procure a - Casa Vitória

RENOVA-SE O GRUPO

Os finais dos anos 50 foram os melhores, com grandes apresentações.

A parte musical era muito mais bem cuidada por Plínio Aidar Paiva, excelente pianista, estudante de medicina em Ribeirão Preto.

Os cantores eram de excelente nível: Jano Cintra, também estudante de medicina em Uberaba, com estilo de voz romântica e bom violonista Calógeras Barbosa, versátil, afinado, voz que se impunha bem tanto nas músicas nacionais como nas internacionais, por possuir muitos recursos; Celita Garcez, a voz mais afinada, de timbre doce e macio e uma grande presença de palco. Também teríamos a estréia de Heloísa Rugai e Daltes, ao estilo Roberto Luna. Na parte da declamação poética destacava-se Mariliza Bonini, com potencial extraordinário para transmitir ao público emoção e sentimentos, palavra por palavra, texto por texto, deixando todos em estado de profunda concentração.

O grupo humorístico compunha-se de Klinger, Jayr de Alencar, Tuquinha, Tuim,



Jayr de Alencar e Tuquinha, em cena no palco do Cine Olímpia.

Vanderlei, Nelito Santos, Mário Michelli e Sizefredo.

O jornalista Nelito Santos era um dos mais experientes atores, sempre representando com perfeição os personagens mais difíceis.

Os ensaios eram realizados no próprio palco do Cine

Teatro Olímpia, durante o dia, por causa dos filmes noturnos. A parte musical, ou seja, os arranjos das músicas, eram feitos na residência de Plínio Aidar Paiva, filho do ilustre médico Waldomiro Paiva Luz. No dia do show, era transportado o seu piano para o local, assim como a bateria, o violão elétrico e os outros apetrechos musicais pertencentes aos irmãos Junqueira, Luizinho e Astrogildo.

Fazia-se durante esse dia um ensaio geral, com todos os elementos: artistas, cantores e humoristas.

O espetáculo iniciava-se às vinte horas e tinha um intervalo de 20 minutos.



Cena da peça "Onde está meu Bambolê", partindo da esquerda: Múcio Garcez, Nilson Cunha, Tuim, Luiz Junqueira, Geraldo Giacóia e Nelito Santos.



Na foto ao lado, no palco, Jayr de Alencar faz uma caracterização do Governador Jânio Quadros, enquanto Tuim faz as vezes de mago vidente, com uma bola de cristal.

Eram muito inteligentes as sátiras às pessoas olimpienses, principalmente as que ocupavam posição de destaque, na política, no esporte ou na sociedade. A capacidade do diretor Al Silva (Baióchi Netto) para criar situações cômicas envolvendo coisas que tinham relação com o cotidiano de Olímpia eram muito bem idealizadas.

O Cine Olímpia sempre esgotava sua lotação. A sociedade apreciava muito esse tipo de apresentação. Apesar de artistas amadores, muitos possuíam raro talento na arte de representar. Klinger, se quisesse, poderia, sem qualquer receio, levar seu talento a qualquer teatro profissional. Jayr de Alencar era um ator que representava com perfeição qualquer personagem, inclusive, o governador Jânio Quadros, político então em voga.



A foto acima registra a platéia lotando o Cine Olímpia durante uma apresentação do Grupo Amador de Teatro.

Na foto ao lado vemos no palco do Cine Olímpia, na parte humorística, Jayr de Alencar representando um garoto traquina, e o Tuim, protagonizando uma inocente menina com sua boneca.

Em 1960, inclusive, o Grupo Amador de Teatro recebeu um convite para se apresentar na cidade de Votuporanga. Foi um verdadeiro sucesso. Após o show, os músicos olimpienses ainda, por conta própria, realizaram um baile no clube daquela cidade.



A foto acima, registra um momento de ternura e beleza na voz suave e afinada de Heloísa Rugai, cantando para o público, na última apresentação do Teatro Amador de Revista, em 1961.



Geraldo Giacóia

Geraldo Giacóia, que faleceu aos 18 anos de idade em acidente automobilístico, era figura de destaque na turma do teatro e da Escola de Samba Capela.

A foto ao lado registra um momento do coral em 1961, no Cine Teatro Olímpia, na revista que teve o nome "A Peça Que Não Foi"... em que foi homenageado o jovem Geraldo. Da esquerda para a direita: Luiz Guimarães Junqueira, Heloísa Rugai, Celita Garcez, Jano Cintra (de costas), Domingos Caldarelli (Mingo) e Ismael (policial); que tocava muito bem a cuíca.





No palco, na revista "Quem Roubou meu Bambolê", fazendo uma dublagem de rock. Tuquinha, Tuim, Janice, Júlio César, Calógeras e Sizefredo.



Na mesma peça, Tuquinha, Nilson, Júlio César, Janice e Tuim.



Júlio César Leite apresenta, na foto uma dublagem de rock and roll do cantor Little Richard. Com ele, Tuquinha, Luiz, Calógeras e Sizefredo.



Na foto é aparecem Helô, Tuquinha, Sizefredo, Júlio César e Tuim.



Na foto, o coral do Grupo: Klinger, Heloísa Rugai, Celina Garcez, Júlio Cesar Leite e Calógeras Barbosa.

Era um grupo muito unido. Quando terminavam as férias de julho, os estudantes voltavam às escolas, e os demais aos seus afazeres, mas o resultado financeiro obtido com a venda dos ingressos já garantia as despesas com a Escola de Samba Capela, muitas vezes campeã do carnaval de rua olimpiense mas essa é outra história, que será contada depois.

O ano de 1960 ficaria marcado para sempre por uma tragédia. Geraldo Giacóia, um dos mais alegres e irreverentes do Grupo, viria a falecer em desastre automobilístico. Geraldo era perfeito na dublagem de rock. Esse fato faria com que a Escola Capela saísse, abrindo alas com a música Oi Zum Zum Zum... está faltando um, em homenagem a Geraldo. O público presente se emocionou muito.



Na foto acima, Jayr de Alencar, Tuquinha e Tuim, numa representação cômica de dois malandros. O local é o grande palco do Cine Teatro Olímpia, com cenários feitos por José Sotero.



Em primeiro plano, o garoto Geraldo Giacóia. Ao fundo, pela ordem: Nelito Santos, Klinger (NI) e Luiz Guimarães Junqueira.



Luiz Guimarães Junqueira

No ano de 1961 novamente a fatalidade alcançaria outro elemento do grupo. Luizinho Guimarães Junqueira viria a falecer em trágico acidente de automóvel, quando vinha de São Paulo para Olímpia.



A foto acima registra um momento do Conjunto Musical do Grupo de Teatro Amador: Astrogildo, Plínio, Jano, Benedito, Calógeras, Luizinho Junqueira, Valécio Breda e Darci.

Assim terminou o Grupo Amador de Revista. Assim terminou o "Capela", a campeã das Escolas de Samba. O Grupo dispôs-se completamente. Foi o fim da alegria, do entusiasmo, dos encontros, das serenatas. Tudo o que era luz tornou-se, de repente, escuro. Eu que fiz parte do grupo, hoje, sei que alguma coisa mudou. Talvez a vibração positiva tenha sido alterada, de alguma forma, por uma força desconhecida. A Roda do Meio foi se esvaziando, acabou o Cine Teatro Olímpia, o Cine Teatro Assunção".

Os estudantes universitários, quando vinham, e isolavam-se, e depois não voltavam à cidade. A "Taba do Carajá", onde se reuniam quase todas as noites, também acabou. Restou muito pouco da turma. Por falecimento, além do Geraldo e do Luiz, perdemos depois o Múcio Garcez, a Celita, o Astrogildo, o Valécio Breda, o Darci da bateria, o Murilo, o Sizefredo e outros.

Como afirmei anterior-



Por outro ângulo fotográfico, o Conjunto do Grupo Teatral Amador de Revista: Astrogildo, dois não identificados, Calógeras, Luizinho Junqueira; Plínio Aidar Paiva, Valécio Breda, Jano Cintra e Darci, no Cine Teatro Olímpia, em 1958.

mente, não me considero um escritor, mas sim um contador da história. Nesse caso, se deixo transparecer opiniões de cunho pessoal, é por ter vivido e ter feito parte dessa fase que todos nós consideramos "Os Anos de Ouro", em que nossa cidade era positivamente "O Reino Encantado", como era alcunhada pelos visitantes que aqui aportavam e logo iam se tomando de amores por ela. Esses anos

correspondem ao período de 1940 a 1965.

As peças apresentadas pelo Grupo Amador de Teatro, pelos nossos registros forma: "Quem roubou meu bambolê", "Só vou de Lambreta", Fui...mas fui na marra", "A Revista que não foi", sendo que os demais shows não conseguimos os registros.

Depois daqueles anos, nunca mais aconteceu um espetáculo similar, apenas teatros feitos por escolas, mas que não tinham continuidade.

Não posso atinar por que vieram parar em minhas mãos todos esses documentos, fotos, e, sinceramente, nem me lembro mais como os adquiri, mas sinto uma sensação de dever cumprido, de não ter deixado no esquecimento parte da vida de nossa cidade em relação à participação de uma juventude irreverente, mas especial...

José Monteiro Vidal, o "Zequinha do Norte", cearense que aqui aportou nos anos 60, foi, sem quaisquer exageros, um dos maiores artistas sertanejos que Olímpia recebeu.

Sapateiro de profissão, casado com Odila Vidal, sua partner, companheira, Zequinha distribuiu por longos anos, por intermédio das ondas da Rádio Difusora, onde difundia pelo seu programa "Sítio do Zequinha", a mais pura representação da arte sertaneja.

Era, artisticamente, um caipira nato, que todos os dias, anos a fio, às cinco e meia da manhã, lá estava abrindo a Rádio e aquecendo os transmissores, sempre acompanhado da fiel companheira Odila, que trabalhava como operadora de som e também participava do programa. Era um prodígio, tanto no microfone quanto diante do público. Entusiasta do Teatro de Cordel, apresentou-se por muitas e muitas vezes, a maioria em cima de carrocerias de caminhões, nos subúrbios da cidade.



Público de Zequinha em seus shows.

Outro ponto a favor de sua sensibilidade artística era a declamação de poesias sertanejas, onde extravasava sua sensibilidade, proporcionando aos ouvintes momentos de riqueza espiritual e de nostalgia.

Responsável, nunca faltou um dia ao trabalho, mesmo que houvesse tempestades. Sempre procurou mostrar a verdadeira essência da arte sertaneja pura, não admitindo o sertanejo moderno. Zequinha foi o grande sertanejo de Olímpia.



Zequinha representando em palco.



Zequinha do Norte e Odila, em público, em cima de uma carroceria.



Recebendo homenagem de Tino Parolin.

MÚSICA, MAESTRO! PRIMEIRA BANDA MUSICAL DE OLÍMPIA



A primeira banda musical de Olímpiá foi organizada em 1909. Era maestro o mulato Galdino Sales; primeiro pistão - baixo - José Bertolino; bombardino - Galdino Sales; 1º pistão-Antônio Campos; 2º pistão-Miguel Guimarães; 2º bombardino-Emílio Chiesa. O sub-prefeito de Olímpiá era Leonardo Posella, e todas as vezes que ele ia a Barretos, quando voltava, a banda ia esperá-lo na entrada da cidade e havia recepção condigna. A banda se apresentava no largo da Matriz e em todas as festas.



Os "Tupinambás" surgiram no ano de 1927. Foi o primeiro conjunto formado em Olímpiá. Participavam do conjunto os irmãos Menoni, que possuíam estabelecimento musical: Waldemar, baterista, Pixe no bandolim e ainda Fíco ao violão.

Olímpiá era muito rica em valores musicais. A Banda do Maestro Galdino, formada em 1906, durou alguns anos e depois se dispersou. Seus elementos

não eram músicos profissionais e sim gente da própria cidade que vivia de suas profissões. Mas foi a pioneira. Tocava nas tardes de domingo, no coreto na praça Rui Barbosa, e fazia o fundo musical dos filmes no Cine São João, o primeiro cinema de Olímpiá, instalado num pequeno e precário prédio, como notamos ao fundo, na foto, onde mais tarde seria construído o prédio do Banco Mercantil, na rua 9 de Julho.

Em 1925 o Maestro Vicente Delamanha formava o primeiro coral de Olímpiá contando com pessoas da nossa sociedade. Os ensaios eram realizados em sua casa, na rua Américo Brasiliense, onde havia também um salão com todos os tipos de instrumentos, que o Maestro dominava com perfeição. Era comum os passantes sempre ouvirem sons de instrumentos ressoando pelas janelas de sua residência.

Em 1930 o maestro Delamanha formava uma orquestra, com o nome de "Jazz Band Delamanha", posteriormente "Orquestra Delamanha", orquestra que possuía cinco membros da família: Vicente, o irmão Henrique, e os filhos, Walter, Vinício e Dines.

A orquestra era composta de 10 elementos e fazia sua retreta todos os domingos no coreto existente no centro da praça Rui Barbosa, onde as famílias, namorados ou amantes da música, ficavam para ouvir belos dobrados e valsas.

Além dos membros da família, ainda participavam: Páride Martinelli, Serafim Duarte, Benedito Ramos (Fíco), João Ramos (o famoso "João da Mulata") e Agostinho Menoni. Também fizeram parte da orquestra outros valores, como o pistonista Nagib, Pixe o Bandolim em Ascendino.

Vicente Delamanha foi casado com a senhora Amélia Fernandes. Tiveram 12 filhos, três dos quais faleceram prematuramente: Dalva, Darci e Wallace. Quando Wallace faleceu, no seu sepultamento seu irmão Valdez tocou o famoso "toque de silêncio", mas, tolhido pela emoção, não conseguiu ir até o fim.



Coral Delamanha: o primeiro de Olímpiá; à esquerda, sua filha Dines Delamanha, a segunda: Júlia Blanco Gilgotti, o quinto da direita para a esquerda é o Maestro Delamanha, logo atrás de si, Paschoalino Gilgotti e ainda os Irmãos Menoni, filhos do Maestro, e outros que não pudemos identificar.

Vicente Delamanha deixou os filhos: Dolores, casada com João Chieza, Walter, casado com Maria Pereira, Vinício, casado com Anita Araujo Borges, Dines, casada com Olyntho Zambon, Valeriano, casado com Liliana Pichi, Wilson, casado com Ida Zambon, Diva, casada com Adair Rodrigues Sant'anna, (Santo); Valdez, casado com Nilda Cruz e Wandrey, casado com Laurinda Correia da Silva.

Vicente Delamanha foi um homem bom. Responsável direto pelo surgimento de muitos valores musicais, tanto instrumentistas como vocalistas. Quem foi seu discípulo jamais o esqueceu. Abrihantou 47 carnavais em nossa cidade, e recusava-se a fazê-lo em outro lugar, mesmo que fosse mais bem remunerado.

Foi compositor de inúmeras músicas e canções, principalmente marchas e dobrados, cujas pau-



Na foto, a Orquestra Delamanha abrihantando um baile no Aero Clube de Olímpiá, nos anos 50 - À esquerda, o Maestro Vicente Delamanha, (NI) Toninho e Nagib. O cantor é o Juquinha, conhecido de todos.

tas não se perderam no tempo, pelo fato de sua filha, a profª Dines Delamanha Zambon, antes de seu falecimento, haver nos enviado todo o acervo do Maestro. Mais que tudo, a ausência de sua Lira Musical nas tardes e noites de domingo até hoje é sentida pelos mais idosos.

Notem os senhores leitores: nós contamos a história documentada de nossa cidade sem quaisquer adendos. Na verdade, o leitor vai sentir que durante a narração de alguns assuntos, entra um pouco da nossa participação, mas sem fugir ao relato original. Temos o dever de procurar somente os fatos reais, sem entrar na vida privada ou pessoal de quem quer que seja, em respeito principalmente aos seus descendentes, pelo exemplo, pelo trabalho e pelas virtudes.



Dentre as inúmeras preciosidades que recebemos constando do acervo musical do Maestro Vicente Delamanha, destacamos o convite acima, datado de 1930, que deixa transparecer a sua importância.



Detalhes de um recital realizado nos anos 40 em homenagem ao Maestro Lameira, figura de destaque, pessoa querida e respeitada pelas suas qualidades artísticas e pessoais. Na foto, na primeira fila: Zenaide de Souza Lima, Evanir Gigliotti, e pessoas. Na foto, na primeira fila: Zenaide de Souza Lima, Evanir Gigliotti, Djalva Trondi e René de Souza; na 2ª fila: Aurora Gigliotti, Estela Barreto, Dines de Oliveira, Maestro Lameira, Noêmia Batista, René Prado e a garota Telma; na última fila: Fernando Aidar, Guilherme Lopes y Lopes, Luiz Gomes, Aley Gigliotti, Agnes Latouf, Nelson Tannuri e Subito Daud.



Cinália Baiocchi, belíssima voz, foi cantora do Conjunto "Luildo".



Calógeras Antônio Albergaria Barbosa. Voz afinada, versátil, tanto em músicas alegres como românticas, preferiu seguir o Curso de Medicina.

Na foto, Dante Pavese e seu acordeão, abrillantando uma festa caipira.

Sem dúvida, um dos maiores músicos de Olímpia foi Dante Pavese. Durante mais de 20 anos participou de atividades artísticas em nossa cidade. Foi o piston mor que conduzia a famosa fanfarra do Colégio Olímpia, desde a sua formação em 1953.



Milton Simões, com sua voz maravilhosa e uma capacidade vocal extensa. Poderia fazer sucesso como cantor em qualquer lugar. Foi crooner de conjuntos e orquestras, mas preferiu seguir carreira no Depto. de Correios e Telégrafos.

Olímpia, foi terra de muitos bons cantores. A exemplo de Milton Simões, outros cantores nunca pensaram em se profissionalizar seguindo outros rumos que, na época, eram mais promissores.



Luiz Vitor Vicente, de voz afinadíssima e timbre romântico, foi por muitos anos crooner da Orquestra de Dante Pavese.



Dante Pavese e seu conjunto apresentando-se no Aero Clube de Olímpia com músicos todos olimpienses: Valécio no bongô, Luiz Vitor como cantor, Astrogildo no violino, Dante Pavese no pistom, Darci na bateria, Cleto no contra-baixo, Luizinho no acordeão e Dilton no violão.

Dante Pavese também era quem tocava "Ó Abre-Alas" (música de Chiquinha Gonzaga), quando anunciava a entrada da Escola de Samba Capela para o desfile. Quando vinham cantores famosos a Olímpia para shows, sempre o acompanhamento musical ficava a cargo de Pavese.

Dante demonstrou seu amor pela música ainda menino, quando começou a estudar pistom com o Maestro Vicente Delamanha. Posteriormente, fundou um conjunto musical, que por anos a fio foi o representante musical de nossa cidade. Revelava intensa dedicação à música, acompanhando com facilidade qualquer partitura, e também tinha capacidade de improvisação (tocar de ouvido), quando se fazia necessário. Chegou a formar orquestras, sempre dando preferência aos valores da cidade, muitos dos

quais ele próprio ensinara e preparara. Além de abrillantar bailes, Dante também formava orquestras para bailes carnavalescos aqui em Olímpia. Muito versátil, também dominava com facilidade o piano, o acordeão, e instrumentos vários, de percussão, de solo, en-

fim, com os quais tinha intimidade.

Dante Pavese foi muito importante para a vida e história de Olímpia. Humilde, honesto, deveria receber uma homenagem pelos grandes serviços prestados.



Orquestra de Dante Pavese/Zé Carlos Alfredo, cantor, Dante Pavese no acordeão, Raimundinho no saxofone, Antônio Gordo no trombone, Valmir Reis na percussão, Valdir no violão, Valécio no pandeiro, (Darci na bateria).



Orquestra "Os Noturnos", começando pelo coral com Onildo, Cinália, Helena e Valmir Reis. Murilo Baiocchi no ritmo, Julito no saxofone, Monteiro na percussão, Antônio no trombone, Tojeira no pistom e Valdir no violão. À frente, o coordenador geral da orquestra e empresário Dosce Ribeiro dos Santos. "Os Noturnos" foi uma orquestra toda formada de músicos amadores olímpenses, profissionais liberais, que fez muito sucesso na década de 60. Infelizmente, sem apoio da comunidade e com dificuldades financeiras, já que a receita não era suficiente para cobrir as muitas despesas de organização e apresentação, a orquestra não permaneceu na ativa por muito tempo, a exemplo de tantas outras que tentaram, sem sucesso, existir em Olímpia.

O Conjunto "Reumáticos do Luar" foi formado por músicos amadores olímpenses, já de meia idade, cuja finalidade principal era apenas difundir músicas. Liderados por Santo de Oliveira, os Reumáticos do Luar brindaram as noites de Olímpia com músicas do estilo antigo: valsas, tangos e sambas canções, tudo em tom saudosista e romântico.

Santo de Oliveira e Astrogildo Junqueira no violino, Guerreiro no acordeão, José Micheletto no violão, Aquino no cavaquinho e outros compunham esse excelente conjunto que trouxe de volta, através do estilo, as músicas da velha-guarda.



Conjunto "Reumáticos do Luar".

O "Conjunto Luildo" nasceu no ano de 1958, quando alguns jovens se reuniram para tocar instrumentos nos porões do Palacete chamado de "Ferreirão", residência do sr. Agenor Junqueira, próspero comerciante de Olímpia. Seus filhos, Luiz e Astrogildo, que possuíam estudo musical (Luiz na clarineta, saxofone e acordeão e Astrogildo no pistom e violino), resolveram formar um conjunto que, à primeira vista, seria apenas para passar o tempo. Posteriormente a eles se juntaram Zé Marangoni, no violão, e Valécio, no ritmo. Finalmente, Darci na bateria, e Ditão, no contrabaixo.

Resolveram denominar o Conjunto de "Luildo", que corresponde às três primeiras letras do nome de Luiz e as três últimas do nome Astrogildo. Assim nasceu o "Conjunto de Danças Luildo". Esse conjunto, no início, restringia-se a tocar apenas em bailes realizados nos clubes, aos sábados.



1959- Conjunto Luildo: Darci, Ditão, Astrogildo, Luizinho, Cinália, Cleto e Valécio.

Posteriormente, seriam incluídos os cantores Calógeras Albergaria Barbosa e Cinália, dois excelentes intérpretes. José Marangoni deixaria o grupo, passando Ditão para o violão e Cleto para o contrabaixo. Os ensaios continuavam na casa dos dois irmãos até arrumarem um local mais apropriado, o Aero Clube de Olímpia e o Clube Literário e Recreativo. Os irmãos

Junqueira, em pouco tempo, já tinham conseguido grande prestígio em Olímpia e grande parte da região, passando também a fazer apresentação até em outros Estados.

Era também no palacete Junqueira que a famosa Escola de Samba "Capela" realizava os seus ensaios e as evoluções para os desfiles carnavalescos de rua, e onde quase todos os sábados havia a "noite dançante".

Em 1961, Luizinho viria a falecer, com apenas 21 anos, em desastre automobilístico, quando voltava, à noite, de uma viagem a São Paulo. A repercussão foi enorme, pois a família Junqueira era de muita tradição e conhecida por todos. Assim, perdendo seu principal líder, o conjunto foi desfeito e os músicos se dispersaram.

Posteriormente, Astrogildo casou-se e mudou para São Paulo. Dessa forma, Olímpia perdia um de seus mais promissores valores musicais.



Orquestra de danças Luildo. Astrogildo no contrabaixo, Cleto no ritmo. Calógeras, crooner, Darci na bateria (encoberto), Luizinho Junqueira no acordeão, Valécio (semi encoberto) no pandeiro e Ditão, no violão.



Célia Izolda Garcez (Celita).

Celita Garcez foi a voz feminina mais afinada que ouviu, interpretação excelente e uma presença de palco incontestável.

Em meio à turma da época, Celita sempre se destacou porque, além da voz, possuía um espírito de amizade e lealdade, sempre pronta a auxiliar, de qualquer forma, os amigos que a ela recorriam. Professora, foi uma pessoa especial para aqueles que tiveram o privilégio de sua amizade.

Outra grande voz, mas que não participava do grupo, era a de Lourdes Ruth Rivoiro, sempre se destacando nos programas

de auditório realizados aos domingos na Rádio Difusora Olímpia. A professora Aurora Gigliotti era outra pessoa que possuía excelente qualidade vocal e Marlene Storto distribuía sensualidade e beleza em suas interpretações no estilo Maísa.

Valmir Reis (foto estampada ao lado), também se destacou, principalmente no conjunto de Dante Pavese e na Orquestra "Os Noturnos". Utilizava seus recursos com um repertório quase todo extraído do cantor de sucessos na época, Anísio Silva, com estilo romântico.



Valmir Reis

Manoel Cruz também participou da vida artística olímpense. Presença obrigatória em programas de auditório e shows, abraçou o estilo boêmio e seresteiro de Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Orlando Silva e outros.

Poderíamos até afirmar que Manoel Cruz foi um dos melhores seresteiros de Olímpia. E não havia uma festa em que não fosse requisitado a brindar os presentes com suas canções. Possuía também amplo conhecimento de violão no estilo que apresentava. Foi um dos integrantes do conjunto do Jorge, no qual cantava (e como!) Milton Simões, que possuía um potencial extraordinário e uma afinação vocal muito apurada.

Não poderíamos omitir como cantor e violonista o então universitário Jano Cintra, com amplos conhecimentos musicais e uma voz melodiosa e romântica, destacando-se, também, pela facilidade com que colocava os arranjos no violão, sempre em harmonia com o estilo.



Conjunto musical formado pelo dentista Ibrahin Bruxelas, apresentando-se no Aero Clube. O conjunto chamava-se "Flor da Nata", nome da indústria de laticínios de Paschoal Lamana e Irmãos, patrocinadores.

Também na década de 60, o dentista Ibrahin Bruxelas formaria um conjunto musical composto de acordeons e um violão. Depois de algum tempo, também se dispersou.



Ibrahin Bruxelas

Tempos depois, montou o dr. Bruxelas uma orquestra de porte médio, com a contratação de músicos, dos quais, mais da metade eram profissionais. Mas não deu certo, pois a manutenção era muito dispendiosa.

Nessa época, Olímpia possuía muitos elementos dotados de vocação musical: Sérgio

Demétrio alfaiate, tinha uma voz privilegiada, assim como o taxista Manoel Cruz, com quem este autor aprendeu suas primeiras posições no violão. Manoel Cruz foi sem dúvida o maior seresteiro de Olímpia. Voz bem afinada, sabia tudo de samba canção, boleros e tangos. Tivemos o Ditinho, excelente pistonista que também adorava fazer serenatas. O acordeonista Ney, o Avelino de Aquino com seu cavaquinho, José



"Reumáticos do Luar", conjunto de veteranos formado por Santo de Oliveira, não profissional, Santo de Oliveira, Avelino de Aquino, José Michelleto, Astrogildo Junqueira, Guerreiro, Sebastiãozinho e outros dele faziam parte.

Micheleto, Onildo Ribeiro, Daltes, enfim, um sem número de aficionados da boa música. Não havia um sábado em que, em qualquer bar, praça, ou pelas ruas e janelas, não encontrássemos um grupo de seresteiros.

Isso sem falar em Calógeras Barbosa, Jano Cintra, Plínio Paiva (que chegou a retirar o piano de sua residência e colocar em cima da camionete de Nano Rugai, para fazer serenata e depois recolocá-lo no local, sem acordar ninguém). Também não poderíamos deixar de citar os companheiros Benedito de Oliveira Gomes e o Luiz Roberto Mathias Netto (o Lulu), que sempre acompanhavam o grupo. Também o próprio Dante Pavese, em sua juventude, participou de muitas serenatas. Um dos locais preferidos dos seresteiros era a janela do dormitório das alunas internas do Colégio Olímpia, ao lado da sede do mesmo sempre acompanhado de uma bronca do querido velho Neves que, da sacada, primeiro ouvia um pouco, e depois mandava os seresteiros se retirarem. Foi uma época de encantamento e de muito romantismo vividos pela juventude de nossa terra.

SOCIEDADE

Quando o povoado foi fundado, em 2 de março de 1903, já existiam 264 propriedades agrícolas. O intercâmbio entre os moradores dessas propriedades era muito difícil devido à distância e aos precários meios de locomoção entre a floresta densa que aqui havia.

Somente após 1906, com a intensa chegada dos imigrantes, italianos, espanhóis e portugueses, é que começaram a se formar sociedades que se agrupavam, levando em conta preponderantemente a nacionalidade.

Dessa forma, em meados de 1920, esses agrupamentos, já organizados, assentaram em estatutos a formação de sociedades e construíram suas sedes sociais, salões de lazer, esportivos, com a formação das sociedades italiana, espanhola e portuguesa. A sociedade negra só veio a se organizar pelos anos de 1940, com a criação do "Nosso Clube" por José Cristino da Silva. Na época tí-



1920 - A primeira Miss Olímpia, Etelvina Guimarães.

nhamos também a comunidade russa e a japonesa, que organizaram uma sociedade fechada, podemos dizer, particular, onde, em silêncio, continuavam a seguir as suas antigas tradições. Não se misturavam com as outras sociedades.

Nos anos 40, porém, mais especificadamente no eclodir da Segunda Guerra, em que o governo de Getúlio criava rígidas restrições às comunidades estrangeiras (as mais atingidas foram a italiana e a japonesa, por estarem participando do conflito), é que esse tipo de sociedade foi dispersada. Então, após o armistício houve uma certa mesclagem social, mais motivada por causas políticos.

De um lado ficou o Aero Clube de Olímpia (ex-Sociedade Italiana) e, de outro o Clube dos Mosqueteiros. A Sociedade Espanhola preferiu estender suas atividades à filantropia e ao setor de atendimento médico, com a criação da "Sociedade de Socorros Mútuos de Olímpia", a exemplo dos portugueses, com a criação do Hospital de Beneficência Portuguesa de Olímpia. O Antigo Clube Literário e Recreativo de Olímpia congregava a maior parte da sociedade espanhola e viria a ser no futuro também reduto dos membros do PSP.

Era a Igreja Católica a maior força que englobava, com domínio discreto e poderoso, as classes sociais da época, tendo um peso considerável na vida social, econômica e política.

Em 1947 já não havia mais qualquer separação de grupos sociais em Olímpia. A cidade, com pouco mais de 8 mil habitantes na zona urbana, proporcionava aos moradores um intercâmbio social e cultural muito ativo. As famílias, os jovens, enfim todos os membros da comunidade já se integravam de tal forma que não mais se importavam se pertenciam ou descendiam dessa ou daquela nacionalidade, se bem que os membros da comunidade japonesa ainda continuavam muito reservados. A comunidade russa aos poucos foi desaparecendo, até ficar sem nenhum representante nesta cidade. Os sírios e libaneses, em menor número, apesar de participarem de quase todos os eventos sociais, restringiam-se ao meio reservado às suas tradições.

Essas transformações sociais foram benéficas para Olímpia. A cidade tornou-se um local de solidariedade total, independente de raças, onde os objetivos visavam sempre o bem estar coletivo, se bem que ainda houvesse preconceito contra a inclusão da raça negra, que por sentir a discriminação, sempre se colocara à parte, vivendo sua maneira de ser, socialmente dispersa, tendo apenas como meio de agrupamento social aquele formado por José Cristino da Silva, o "Nosso Clube".



Essa foto, por ser muito antiga, não é muito nítida, mas registra um baile caipira realizado na década de 30, nos salões da Sociedade Italiana, posteriormente Aero Clube de Olímpia.



Foto batida nos anos 40 com jovens de nossa sociedade. Nessa época era muito comum esse tipo de registro social. Em pé: Argemiro Cunha, Luciano Benfatti, Oracílio Volpe e Fernando. Sentados: Eugênio Branco (Neno fotógrafo), Lincon Posella e Carlos Arnaldo.

A partir dos anos 40, a sociedade olimpiense não se resumia apenas em Clubes organizados, como o Aero Clube, o Clube Literário Recreativo e o

Nosso Clube.

A grande quantidade de jovens, principalmente estudantes do Colégio Olímpia, com o regime de semi-internato e inter-

nato, a presença marcante da juventude no cotidiano da cidade, através do esporte, da música, formavam muitos grupos característicos. Na época, os estudantes disputavam as lideranças dos grêmios estudantis, o que movimentava muito a classe e gerava novas uniões.

A falta de escolas de nível superior obrigava as famílias de melhores recursos enviarem seus filhos para cidades maiores, o que também era um fator de união de grupos. Nas férias, programavam-se noites dançantes no salão nobre do Colégio Olímpia, ou mesmo em residências particulares, hábito que se tornou uma constante em meio à juventude local.

A sociedade começou a se formar em grupos políticos distintos, já com uma organização diferente e um tanto discriminatória em relação a seus integrantes ou associados.

O jardim da praça Rui Barbosa apresentava, conforme já dissemos, um fato pitoresco: por suas características, possuía um círculo central onde desfilavam jovens de classe média. Era a chamada "Roda do Meio", onde as moças andavam em sentido contrário ao dos rapazes.

O próprio jornal *Voz do Povo* possuía em sua coluna social um espaço denominado "Roda do Meio", página escrita por alguém de pseudônimo "Lady Sarita", que era o artigo mais lido da cidade. Ali se colocavam as fofocas sociais, namoros, acontecimentos sociais, abordando assuntos que atendiam à curiosidade dos jovens.



A famosa Praça Rui Barbosa, com destaque para a não menos famosa "Roda do Meio", lugar de grande freqüência da juventude.



Acima a "Roda de Fora", parte externa da Praça da Matriz.



Esquina das ruas São João e 9 de Julho.



Anos 1960: uma vista da Rua 9 de Julho, vendo-se em primeiro plano a firma Móveis Junqueira (hoje prédio do Banespa), o Banco da Bahia, a grande Fábrica de Massas Primavera, a Casa das Tintas, a EIGO "Elétrica Instaladora Geral Olímpia" e o Armazém Takahashi.

Nessa época, Olímpia ampliava seus horizontes em todos outros sentidos. Eram muito peculiares os centros de encontros dos grupos sociais, além dos clubes Literário e Recreativo, Aero Clube e Nosso Clube.

Os jovens estudantes do Colégio Olímpia tinham a praça Rui Barbosa como o lugar ideal. Antes da entrada para as aulas, dezenas de estudantes formavam seus grupos em determinados lugares da praça, já pré-escolhidos, para ali trocarem informações e idéias, elaborarem planos e projetos de lazer. A piscina da praça do Colégio Olímpia era também um ponto de reunião dos jovens todas as tardes. Lembramos que a disciplina e autoridade do Dr. Neves, proprietário do Colégio, não permitia que os freqüentadoras do sexo feminino ocupassem a piscina no mesmo horário do sexo masculino. Das 12 horas até as 15 horas, o espaço era dedicado somente às meninas. O horário dos homens era das 15 até o fechamento dos portões, às 18 horas.

O Aero Clube de Olímpia, foi fundado em 6 de dezembro de 1940. Sua finalidade seria, a que o nome indica, de formar pilotos, e também promover atividades literárias e recreativas.

Seus fundadores foram: José Lopes Ferraz, Rafael de Barros Monteiro, Afonso Miessa, Afro Sarti, Juvenal Paixão, Luiz Victório Cruz Martins, Francisco Zanin, Eloy Lopes Ferraz e Sudário Braz de Miranda.

Foi, indubitavelmente, o clube mais ativo em relação a atividades sociais recreativas. Seu carnaval era fabuloso. Todos os anos realizava-se o concurso para a escolha da "Rainha da Asa", com pomposas festividades e a presença de artistas de nível nacional e internacional. Ocupou a antiga sede da Sociedade Italiana em 1941, quando os italianos, por imposição do governo, pela II Guerra Mundial, foram obrigados a se desfazer de seus bens sociais, vendendo o Cine Teatro (que se tornou o Cine Teatro Olímpia) a Domingos Storto e doando o prédio da sede à Santa Casa de Misericórdia de Olímpia. Foi um dos principais promotores de eventos sociais, que congregavam toda a sociedade de Olímpia, independente de raça, nacionalidade e cor. Encerrou suas atividades no início da década de 1960, quando o prédio foi entregue à UECIO (União dos Empregados do Comércio e Indústria de Olímpia). Em 1953 seus diretores eram: Paulo Furquim, Domingos Storto, Osmar Campos, Afro Sarti, Eduardo Chaves, Juarez Prado, Oscar Kloss, Camilo Barbieri e Matheus Argemiro Candia.



Aero Clube, 28 de novembro de 1953 - Concurso "Rainha da Asa". Na foto, solenidade de coroação da rainha Ivone Albano (sentada) e das princesas Maria de Lourdes Coradini, Maria Alice Ventura e Aparecida Abe.



Senhorita Ivone Albano, sentada em seu trono, na solenidade de coroação da rainha do concurso "Rainha da Asa", promovido pelo Aero Clube, em 1953.



Ressalte-se nessa época, o poderio econômico de Olímpia. Para o baile de coroação da "Rainha da Asa" de 1953, em que foi eleita a senhorita Ivone Albano, foi convidado a apadrinhar o evento nada menos que o grande cantor e astro do cinema americano, o mexicano radicado nos Estados Unidos, Carlos Ramirez, que havia acabado de fazer um filme "Férias em Acapulco" contracenando com Esther Wilhians, uma das mais lindas e famosas estrelas de Hollywood. Aqui se apresentaram, Gino Beki, cantor italiano, Gregório Barrios, Ângela Maria, Orquestra Cassino de Sevilha, Nelson Gonçalves e humoristas de quilate, como o Grande Oscarito.

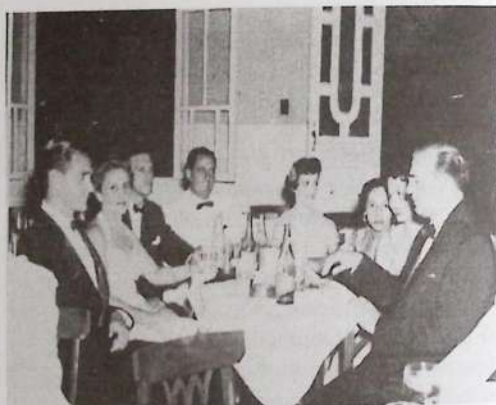
Aero Clube de Olímpia - Baile de Coroação da Rainha da Asa (29/10/1953). Na foto, Ivone Albano, Maria Ilse Piton, Carlos Ramirez, Maria de Lourdes Coradini, Francisco Bernardes Ferreira, Alice Ventura e Aparecida Abe.



1953 - Aero Clube de Olímpia em dia de baile.



1953 - Aero Clube de Olímpia em dia de baile.



1955 - Aero Clube: José Maria L. C. Neves, Julieta G. Ferraz, Eloy Lopes Ferraz, Paschoal Lamana, Magali Lamana, Elza Zanin L. Ferraz e Waldemar L. Ferraz.



1958 - Aero Cube de Olímpia em dia de baile.



UECIO - Na foto ao lado, o grande Nelson Gonçalves, quando de sua apresentação. A seu lado o presidente Ítalo Vergamini, Zaidem, Wilson Zangirolami, Omar José Carlos e outros.

Nas fotos abaixo, colhemos flagrantes dos grandes dias da UECIO, na realização de festas caipiras, o que acontecia todos os anos com invulgar brilho, trazendo muito divertimento para os seus associados, em comemoração às festas juninas, que eram realizadas em Olímpia.

Observamos os salões do Clube totalmente ornamentados, com a tradicional dança da quadrilha, dirigida e apresentada por Dosce Ribeiro dos Santos.

Na foto abaixo reconhecemos, o Diretor da UECIO, Nelson Coradini, a "noiva" representada por Vicentinho Salemi e, na última foto abaixo, a direita, podemos reconhecer, Geraldo Giacóia, Afro Sarti Filho (Afrinho) Paulo Martins e o dirigente, penúltimo à direita, Dosce Ribeiro dos Santos. Pedimos desculpas, por não poder identificar todos os componentes inclusos, pois a própria fantasia característica do caipira, o dificulta, mas temos certeza que muitos que aí estão retratados saberão reconhecer os alegres participantes dessas festas maravilhosas com que a UECIO, no seu apogeu, brindava seus associados.





Ao lado, a foto registra o salão superior do Clube Literário e Recreativo de Olímpia, local seleta, frequentado pela classe média alta de nossa cidade. Ali eram realizados grandes eventos sociais. A presente foto fixa a festa de 15 anos de Maria Antonieta Lamana (Netinha).

A foto abaixo registra um momento em que o Conjunto de Danças Lúido, de nossa cidade, faz fundo musical para os apreciadores da dança, num ambiente calmo, alegre e festivo, como era comum na época.

Na última foto, abaixo, um flash do bar, no primeiro pavimento do Recreativo. À mesa, sentados, Bianor Medeiros, Paulo A. Laraia Branco, Maldonado, José Marangoni e Ubirajara Castro. Em pé: José Bizzio, Waldemar, Nelson Coradini e Paulo Moreira. Esse amplo salão também funcionava como restaurante.

Após a desativação do Aero Clube de Olímpia, membros do comércio e da indústria de Olímpia fundaram um clube para integração dos comerciantes e industriários, inclusive com departamentos de lazer, de esportes e social. Tinha à frente figuras de expressão do nosso comércio, como Ítalo Vergamini, Wilson e Orides Zangirolami, Nelson Coradini, Alberto dos Santos, Rubens Pedro e outros.



Esses clubes, Aero Clube de Olímpia, UECIO e Literário e Recreativo, marcaram significativamente a história da sociedade olimpiense. Em nosso estilo de contador de histórias, sem preocupação literária alguma, procuramos mostrar mais os arquivos fotográficos, que contam e traduzem melhor a nossa intenção. Levamos àqueles que viveram esses momentos a possibilidade de rememorar um pouco do nosso passado, de momentos inesquecíveis, cujas fotos, temos certeza, falam muito mais que as palavras.



Na foto ao lado, temos um jantar festivo realizado no salão térreo do Clube Literário e Recreativo de Olímpia, onde seus participantes compunham de certa forma um agregamento político, mesmo sem participação ativa. Vemos à esquerda José Ferreira de Oliveira (Casquinha), funcionário da Prefeitura Municipal, Lamartine Posella, comerciante de café, Odilon Dias, gerente do Banco Induscom, o médico Dr. Alfonso Lopes Ferraz e Francisco Francese.

Nestas páginas, procuramos reproduzir momentos e evocar, através da lembrança, diversos personagens que foram muito ativos e importantes na formação da sociedade olimpiense. Políticos, empresários, comerciantes, bancários, enfim, um conjunto de todas as categorias, mostrando uma união característica da época, e que já não mais existe nos dias de hoje, cuja sociedade é apenas resultante da formação de grupos específicos, indetificados pela profissão.



Acima, muda-se o ambiente para o Clube de Campo Álvaro Brito. Reconhecemos o vereador Aldo Casarini, Joel de Alencar, Idinei Favero, Antônio Carlos Moreira Gomes, Labadeça e Fausto Vieira Marcondes Filho.

Ao lado, passamos para um momento vivido em quermesse, onde anotamos a presença de José Zanola e esposa, Charles Hial com a esposa Né Grilo e o Padre Antônio Sant'Climents.

EVENTOS SOCIAIS



Registro de uma reunião de damas da sociedade de Olímpia. Ao fundo: Marina Brunelli, Sálua Daud, Diva Thomé e Magali Lamana. Na segunda mesa: Dines Delamania Zambon, Dajlva Trondi Lopes Ferraz e Julieta Gothardi Ferraz. Na mesa da frente: Dona Nasa, (NI) e Amélia Sarti.



Encontro de jovens na fazenda dos irmãos Alfredo. A esquerda, Valter Salemi, Alfredo Baiochi Netto, Bianor Medeiros, José Marangoni, Sizefredo Cintra, Múcio Garcez e Hernani (Nico) Ricciardi.

Tempos maravilhosos da vida social em Olímpia, época dos vizinhos, das amizades entre família, das cadeiras nas portas das casas ao anoitecer, dos jardins lotados de casais e jovens, além dos passeios das famílias aos domingos pela manhã, sem medo da violência, dos seqüestros e dos acontecimentos que hoje tomaram conta do país, cerceando até a própria liberdade de ir e vir.



Personagens atuantes de nossa sociedade: Aureliano Marins Peixoto (Coletor Federal), Antônio Gomes de Andrade (Volkswagen) Paschoal Lamana (Laticínios Flor da Nata), Riccieti Ferranti (Massas Primavera) e Nassraih Dib Daud (Loja das Fábricas).



Linda Abdalla, personagem olímpense admirada por sua participação, caráter e personalidade, recebendo merecidamente flores. (foi Vice-Presidente do Olímpia Futebol Clube).



No flagrante, ao lado, o fotógrafo Abe registra a presença de pessoas da nossa sociedade reunidas no Clube de Campo Álvaro Brito: Lêda Florindo Ribeiro, Maria Giuseppe Scura (Zecca), Diva Thomé (jornalista), Alair Thomé, Maria Antonieta Serrano e Janete Haidar Parolin.



Na foto acima, no C.L. Recreativo, a presença dos casais, Adilor Clemêncio, Estela Breda Clemêncio, Antônio Carlos M. Gomes e Leda Ferranti Gomes.



Na foto ao lado associados do Clube, Dr. Djalma Rubens Lofrano, Antônio C. Fosenca, João Furlan, Edgar Piton e José Carlos Seno.

O Clube de Campo Álvaro Brito, inaugurado em 6 de setembro de 1962, foi durante muito tempo o cartão de visitas de nossa cidade e um ponto de lazer e de diversão, contando com a participação das famílias olímpenses, tanto no setor social mais elitizado, quanto na parte recreativa.

Na foto ao lado, registro de um baile ali realizado. À mesa, figuras de nossa sociedade: Oswaldo Serrano (Presidente do Clube), sua esposa Maria Antonieta Serrano, a jornalista Diva Thome, sua irmã Alair Thomé e o casal Antônio Carlos Fonseca (Tu) e Lúcia.





As três finalistas do Concurso Miss Olímpia 61: Maria Izaldina Ferreira, Vandercy Sachetin e Maria Cecília Piton. Na foto ao lado a Miss Olímpia, Maria Cecília Piton.

No dia 2 de fevereiro de 1961, no Clube Literário e Recreativo de Olímpia, realizava-se a "finalíssima", para a escolha de Miss Olímpia 1961.

Dessa feita, o desfile era de maiô, às portas fechadas, somente com o corpo de jurados, as acompanhantes das candidatas, os organizadores e a imprensa.

Após o desfile das candidatas, o juri decidiu a colocação das belas olímpenses: em primeiro lugar, eleita 'Miss Olímpia 1961', a senhorita Maria Cecília Piton, em segundo lugar Maria Izaldina Ferreira e em terceiro Vandercy Sachetin.

Após o resultado, foram as candidatas premiadas com troféus e mimos pela comissão Organizadora do evento.

Um belíssimo baile encenrou com "chave de ouro" o importante evento social que por algumas semanas chamou atenção da cidade.

Acima, as três candidatas quando do desfile de maiô, em cima, à direita, a belíssima "Miss Olímpia", Maria Cecília Piton, mostrando, com muita justiça, que Olímpia fazia jus à fama de "Cidade das Mulheres mais bonitas do Estado de São Paulo".



"Dupla de Ouro 1961": Namir e Carlinhos Pinheiro recebem de Maria Olímpia Bulle de Oliveira (filha de Maria Olímpia), as faixas da vitória.



Na foto acima, em primeiro plano a dinâmica jornalista Diva Thomé, coordenadora do concurso "Miss Obelisco 61", e as candidatas Marilena Vietti, Edna Maria Ferraz, Vandercy Sachetin, Ana Jacira da Silva e Therezinha Ribeiro.

Foram sete as candidatas a Rainha do Obelisco 61: Marilena Vietti, Edna Maria Ferraz, Vandercy Sachetin, Ana Jacira da Silva, Theresinha Ribeiro, Magali, Moreda e Maria José de Almeida.

O principal prêmio para a vencedora seria uma viagem para Buenos Aires, (Argentina), com acompanhante e todas despesas pagas. Urnas foram colocadas na Rádio Difusora de Olímpia, Bar a Seleta, Cine Olímpia, Bar e Churrascaria Central e Taba do Carajá. As referidas urnas também receberam os votos para o concurso "Dupla de Ouro do Obelisco".

As apurações aconteciam três vezes por semana e, em cada uma delas, a vencedora parcial recebia um prêmio oferecido pelas casas de moda feminina da cidade.

A apuração final aconteceu no dia 10 de setembro de 1961, paralelamente ao encerramento dos Jogos do Obelisco. Foi eleita 'Rainha do Obelisco', a belíssima jovem Therezinha Ribeiro, de tradicional família olímpense.



Therezinha Ribeiro, vencedora do Concurso Miss Obelisco 1961, recebe, em solenidade, a coroa de Rainha do Obelisco.

Na foto ao lado direito, a senhorita Ana Maria Junqueira, filha do empresário e comerciante Sebastião Junqueira, quando recebia, em 1962, a faixa de "Rainha da Asa", sendo cumprimentada por um Capitão da Força Aérea Brasileira, especialmente convidado para o evento. Esse concurso foi promovido pelo Aero Clube de Olímpia.

A coroação da rainha aconteceu nos salões do Aero Clube de Olímpia, em baile comemorativo.





Em pé: Sachetini, Italo Vergamini, (dois não reconhecidos) e Pedro Ricciardi Filho. Sentados: Darci Monteiro, Isaías Andrade, Carlos Arnaldo e Silva e Clodoaldo Sarti.



Em pé: José de Souza Cintra (NI), Pedro Breda, Santo de Oliveira, Álvaro Brito, Décio Remondí, João Daud, Dr. Geraldo Mugayar, Diorandes Sgarbi e Oswaldo de Lima Borges. Agachado José (Zezé) Simões.



Clube de Campo Álvaro Brito. Damas de nossa sociedade: Diva Thomé, Djalva Trondi, Jacira Guimarães, Marlene Paiva (convidada) e Heloisa Lopes Ferraz.



Encontro social - Dagmar Arlando, Amélia Sarti, Julieta Lopes Ferraz, Dines Delamanha Zambon, Marina Arruda Brunelli, Vilma Nicolau e Izalda Nicolau.



Jovens universitários de nossa sociedade reunidos na Taba do Carajá: Ney Arantes (Chefe do Posto Fiscal), Sebastião Paulista Klinger de Souza, Ney Junqueira, Lelis Rimoli, Jano Cintra, Plínio Aídar Paiva e Zico Sotero.



Encontro de jovens no Bar e Restaurante do Clube Literário e Recreativo: Bianor Medeiros, Paulo A. Laráia Branco, José Bízio, Maldonado, Waldemar, Nelson Coradini, Moreira, José Marangoni e Ubirajara Castro.



Marlene Paiva, participante dos concursos de fantasia do Carnaval do Rio de Janeiro, sempre prestigiava Olímpia com sua presença, a convite de sua amiga e jornalista Diva Thomé. Sempre colaborou para eventos sociais em benefício dos mais carentes. Na foto, desfila para os velhinhos do Abrigo São José.



Desfile de modas realizado nos salões do Abrigo São José de Olímpia, em evento social que apontaria a Miss Olímpia do ano.

Procuramos retratar da melhor maneira possível os acontecimentos sociais que envolveram Olímpia no período 41/65. Não foi fácil tarefa, pela carência de informativos mais precisos, ou seja, de jornais do período que se encontram em São Paulo em mãos particulares de difícil acesso.

A maior parte foi elaborada através de entrevistas e ajuda imprescindível da jornalista e cronista social Diva Thomé, que durante 46 anos executou o trabalho de cobertura de eventos sociais, inclusive colaborando com fotos e ilustrações. Sem o auxílio de Diva Thomé, seria impossível fazer uma retrospectiva, mesmo condensada, da vida social de Olímpia.

A nossa intenção sempre foi a de fixar uma idéia, de conceder oportunidade ao leitor, na apreciação do trabalho, de formular seus próprios conceitos, sem nos importarmos com retóricas, ou pleitear obras de cunho literário. Mais uma vez, repito que sou apenas um contador de histórias de minha cidade, com a finalidade principal de registrar acontecimentos relevantes da vida de Olímpia.

ORCAVALE - ORDEM DOS CAVALEIROS DO VALE DO RIO GRANDE



Na foto, abrindo o desfile da Orcavale, Romualdo Denadai, Alpidio Rossi e Augusto de Souza.

A Ordem dos Cavaleiros do Vale do Rio Grande, composta por homens que nutriam grande amor pela Cidade Menina Moça e muita amizade entre si, veio ao encontro de grandes realizações, tais como o desfile folclórico que procurava manter a tradição de Olímpia, cidade destinada a ser a "Capital Nacional do Folclore".

Além de cavalos, o desfile que se realizava anualmente pelo centro da cidade contava com carros alegóricos, mostrando a pujança de sua indústria, comércio e agricultura, isto, antes mesmo do início dos desfiles para-folclóricos de 1965, promovido pelo Professor José Sant'anna.



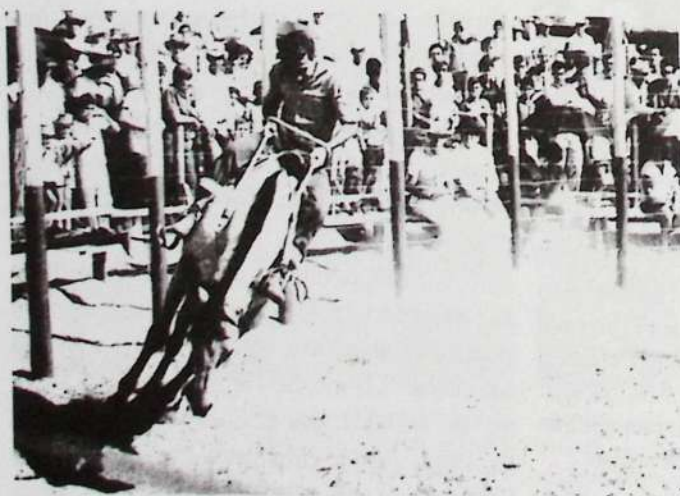
Na foto, Rui Marcondes, Alípio Rossi, José A. de Almeida (da ORCAVALE) e artistas gaúchos, em show apresentado ao público.

Tudo começou em 1926, ano em que Ângelo Rossi, cavaleiro, chegou a Olímpia, cidade onde se radicou, casou-se e gerou os 5 filhos: Rosa, Amélia, Orlando, Oswaldo e Alípio.

Na profissão de fabricante de selas, que o tornou o mais famoso da região, seus produtos supriam o mercado de quase todos os Estados brasileiros. Teve em seu filho Alípio seu seguidor mais próximo, que adotou a tradição de cavaleiro, reunindo-se ao grupo que contava com



Valdir Francese, Ferrarese, Augusto de Souza, Romualdo Denadai, Durvano Firmino Carlos, (eleito presidente do grupo), Dr. Renato Augusto Costa Neves, Rui Marcondes, Leonidas de Melo, Durvano Firmino, Toti Parolin, Alceu Clemêncio, José Braz, Jayme Machado e outros, cujo prestígio pessoal em Olímpia tinha peso considerável. Esse grupo realizava anualmente desfiles e concurso de montarias atraindo gente de toda a região.



Acima, vista do desfile da Orcavale, pelas ruas de Olímpia, apresentando também carros alegóricos, ricamente ornamentados. A frente, um dos diretores, Alípio Rossi, com o filho Reynaldo.

Ao lado, um momento de emoção e destreza, na arena de exibições instalada perto do Abrigo São José, por deferência do Prefeito Álvaro Brito, onde um peão mostra sua eficiência em lombo de cavalo.

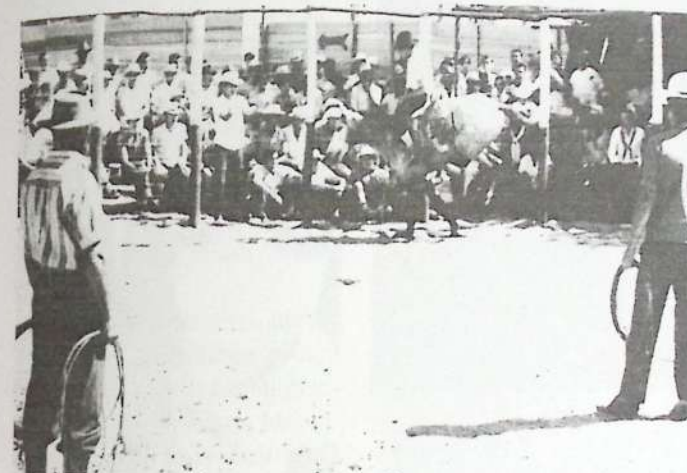
O nome "Orcavale", Ordem dos Cavaleiros do Vale do Rio Grande, foi criado por Walter Rayel Constantino. Os desfiles eram realizados, anualmente, na Semana da Pátria, junto as comemorações do dia 7 de Setembro. O primeiro evento aconteceu durante a gestão do Prefeito Álvaro Brito (58/59), seguindo na do Prefeito Wilquem Manoel Neves (1960/64) e de outros prefeitos que deram apoio à iniciativa.



A foto acima registra um momento em que o saudoso Ângelo Rossi conversa com seu filho Alípio.

Ao lado, momento de emoção com um peão montando um cavalo sob as vistas do público. Essa arena foi construída na fazenda Boa Vista, onde o rodeio se realizou por alguns anos.

Abaixo, o desfile de carros alegóricos da Orcavale, pelas ruas da cidade.



É necessário registrar que foi Alípio Rossi quem trouxe a primeira televisão para Olímpia, através do Canal 5, tendo adquirido um retransmissor, que primeiramente foi instalado no Edifício 9 de Julho posteriormente transferido para o alto da Caixa D'água. Para isso, teve apoio muito grande do Rotary Club de Olímpia. Temos muito ainda a falar sobre a Orcavale. Em obediência ao período estabelecido para o presente volume, deixamos para explorar, no próximo, momentos de glória da associação, quando a área foi transferida para o Estádio Teresa Breda.





Professores que dedicaram seu trabalho em prol da educação de Olímpia, no G. E. Anita Costa, quando se aposentavam, em 1964. Em pé: Lourdes Loureiro, Ofélia Rossi Viatti, Leonor Martin Junqueira e Deodato Antônio Pereira. Sentadas: Cynira Caldarelli, Alice Moreira Salata, Maria Alves Toledo e Julieta de Rosís Bathaus. Esses professores inauguraram as aulas do GE Anita Costa.



1962/63 - Instalação da Empresa "Ricciardi Óleos vegetais, para processamento de óleo de mamona, para fins industriais.

Na foto, Pedro Ricciardi Filho e diretores da empresa recebem a visita do Governador Adhemar Pereira de Barros.



Waldemar Lopes Ferraz na foto com sua esposa Elza Zanin Lopes Ferraz. O Dr. Waldemar, novamente eleito para a Assembléia Legislativa, cada vez mais ganhava prestígio como Deputado e como Secretário do Interior.

Ao lado, professoras do G.E. Anita Costa em 1963: Julieta de Rossi Bathaus, Lourdes Loureiro, Diva Zanin Figueiredo, Leonor Martin Junqueira, Sofia Ramos, Zélia Macedo Pereira, Geralda Denadai, Elizabetha Devorais Grande (Diretora). Sentadas: Deise Valderez Loureiro, Dalva Pereira dos Santos, Lourdes Rocco Aguiar, Helena Célia de Almeida Castro, Vilma Pereira Furlan, Elza Garrido Zanin e Ofélia Rossi Viatti.



Vamos aqui procurar passar para o leitor, em rápidas pinceladas e em fotos que falam por si mesmas, o carnaval de Olímpia, neste período de 1941 a 1965. Talvez, em termos de qualidade em todas as suas diversas atrações, tenha sido o melhor.

Como já descrito, após a desativação dos clubes pertencentes a comunidades imigrantes, depois da II Guerra Mundial, houve em Olímpia, em vez de divisão, um entrosamento maior e mais solidário do povo (a separação ocorreu apenas na



Neste bloco carnavalesco de crianças dos anos 30, conseguimos identificar só três personagens. De preto com bolinhas brancas Diva Delamanha, a seu lado esquerdo Fádua Abdalla e a seguir Lourdes Rocco, pela ordem.

esfera da política).

Havia três clubes, o Aero Clube, (que depois passaria a ser, nos anos 60, a UECIO - União dos Empregados do Comércio e Indústria de Olímpia) e o Clube Literário e Recreativo (onde é o Bradesco atualmente), que depois teria seu prédio próprio.

Nos anos 40 e 50, era comum a presença das famílias, formações de blocos ou grupos, arlequins, palhaços, colombinas, todos sabendo de cor as músicas do ano.

A primeira foto, acima à esquerda, é atribuída aos anos 20/30, tirada no Atelier do fotógrafo Paschoalino Gigliotti, (negativos em vidro, que revelamos). Infelizmente não houve como identificar as pessoas ali presentes.

Na segunda foto, nossas pesquisas apontam um bloco carnavalesco formado pelo grupo dos "Mosqueteiros", na década de 1930, reconhecendo o Presidente do Clube (segundo à direita em cima), Dr. Epaminondas Coli. Não foi possível o reconhecimento dos demais. Houve apontamentos, mas com o receio de cometer erros, preferimos só registrar o acontecimento.



Segundo em pé: Sebastião Trindade, penúltima à direita Nelli Pedroso e José Claudino Pedroso. No meio, agachados, Zico Volpe e Orlando Lapa. Embaixo, sentadas: Nena Cazarini, Stella Baltieri, Maria de Lourdes Forti, (Tiquinha) e Yolanda Baltieri. Grupo premiado no carnaval de 38 com a fantasia (Toureiros), exibindo a taça de primeiro colocado.



Carnaval de Olímpia - dia 2 de fevereiro de 1948 - Foto batida em frente à residência do Dr. Eloy Lopes Ferraz, à Praça Monteiro Lobato. Da esquerda para a direita: Tosca Zaccarelli, Nica Albano, Jandira Albano, Chiquinha Prado, Alice Novais, Benedita Mazzotti, Cynira Caldarelli, Anita Viatti, Assumpta Ragazzi e Maria Aparecida Marcondes Cruz Martins (Filhinha). O Grupo denominou-se "As Odaliscas".



1947 - Grupo carnavalesco de jovens olimpienses com foto batida em atelier: Na primeira fila: Eugênio Branco Lucas (Neno), Wilma Nicolau, Nelma Valdrigui e, deitado, José Ferreira de Oliveira (Casquinha). 2ª fila: Maria Gil (Mariquinha), Vitória, Rosa, Renê e Norman Storto. 3ª fila: Jayr Roxo, Javel R. Constantino, Nelson Vladrigui, Moacir Bertolino e Oliveira. 4ª fila: Dalva de Oliveira, Luciano Benfatti, Dalva Bertolino, Levy Volpe, Dines Bertolino, Juanito Vicente (Cueco) e Leonor Ferraz.

Esse período foi o do carnaval romântico, dos blocos de fantasias, com a participação das famílias.

Eram somente 4 dias. Começava no sábado e terminava rigorosamente às 4 horas da madrugada de quarta-feira, momento em que se iniciava a quaresma e, segundo as normas da igreja católica, não se podia cantar, ouvir rádio, dizer blasfêmias e outras coisas mais, durante 40 dias.

Época de muita fartura, em que as guerras de confetes entre os ocupantes das mesas, na parte inferior do Aero Clube, mal permitiam andar, com o chão forrado de confetes e serpentinas. O mesmo acontecia no

Literário, e o importante a registrar é a presença das famílias olimpienses. Apesar de alguns incidentes, coisa normal em festas desse quilate, havia muito respeito entre os frequentadores, que levavam a sério o intuito da diversão e da alegria. Havia concurso de fantasias individuais e de grupos, com premiação.

Os clubes eram decorados em seu interior, com cartazes pintados, todos eles alusivos a motivos extraídos das músicas carnavalescas lançadas naquele ano.

Os foliões copiavam as letras musicais, ouvindo o rádio e era imperioso decorá-las.

Havia também os bailes promovidos por particu-

lares, do outro lado da cidade, onde eram alugados salões geralmente usados para estocagem de cereais. Uma orquestra improvisada, com alguns músicos locais, fazia a alegria das pessoas mais humildes, que não podiam arcar com as despesas de ingressos nos clubes mais tradicionais. Quase sempre contavam com a colaboração de comerciantes, como David de Oliveira e Antônio Gomes de Andrade. Esses bailes ocorriam na animação da Praça da Liberdade (hoje E.E.P.G. Santo Seno), que já foi palco de muitas festividades carnavalescas, para a população menos abastada.

CARNAVAL NOS CLUBES



Carnaval infantil realizado nos salões do Aero Clube de Olímpia. Na orquestra os cantores Valmir Reis e Cinália Baciochi.



A foto acima registra o carnaval de Olímpia nos salões UECIO.



No Aero Clube de Olímpia, na parte de baixo das sociais a foto registra as presenças em noite de carnaval: Manoel Eduardo Pereira, Adelina Botossi Pereira, Jesus Claudino Pedroso (em pé) Maria Ap. Forti Pedroso (Tiquinha), Maria Thereza Dutra Neves, Dr. Wilquem Manoel Neves e Gabigolga Ruivo.



Nos salões (parte inferior) da UECIO, (antigo Aero Clube), os foliões; Wilson e Zuleika Zangirolami, Sílvia Zangirolami, Ovídio Mazer e esposa. Sentados: Luiz Itavo e Dalva Vieira, Morinha e Ada, Badinha Rivoiro e Tereza.



Matinê infantil nos salões principais do Aero Clube de Olímpia. Os garotos se divertem ao som das músicas carnavalescas.



Matinê infantil nos salões da UECIO. Na foto, o Prefeito Paschoal Lamana, Rinaldo Zampieri e Nelito Santos.



Diretores da UECIO (União dos Empregados do Comércio e Indústria de Olímpia) no carnaval: Rubens Pedro (Rubita), Nelson Coradini, José S. Kedy e Wilson Zangirolami.



Grupo de jovens foliões posando para a câmera de Foto Abe, no carnaval do C.L. Recreativo antigo (Praça Rui Barbosa onde hoje está instalado o Bradesco).



Novo C.L. Recreativo. Carnaval 1960 - Na foto: Procópio e Leda Ribeiro, Paulo de Tarso Moreira e Glorinha, Álvaro Brito, Zenaide e Aparecido Silva Bello.



A foto registra o carnaval nos salões do C. L. Recreativo novo, década de 60. Em primeiro plano Netinha Lamana e Maria Inês Firmino.



Dependências internas do salão do "Nosso Clube" de José Cristino da Silva, onde se reuniam os associados da raça negra de Olímpia. A foto registra a presença da Escola de Samba Gato Preto.



Grupo carnavalesco de crianças representando o "Nosso Clube" de Olímpia, denominado "Carvão Negro". Essa foto foi registrada no final dos anos de 1940, pelo fotógrafo Paschoalino Gigliotti (negativo em vidro).



Salão do Clube de Campo Álvaro Brito pronto para o carnaval.



Outro ângulo da belíssima ornamentação do C.C. Álvaro Brito.



Na foto um flagrante dos foliões no baile do CC. Álvaro Brito

A partir de setembro de 1962, com a inauguração do Clube de Campo Álvaro Brito, Olímpia possuía 5 clubes que ofereciam bailes carnavalescos: UECIO, Clube Literário e Recreativo, Nosso Clube e o do Flamengo, do outro lado da cidade, e o CCAB.

O Clube de Campo Álvaro Brito possuía sócios rigorosamente aceitos. Para frequentá-lo a pessoa devia possuir cota de sócio patrimonial, podendo entretanto levar convidados de outras localidades, mas com muito critério.

Seu carnaval era belíssimo. O bom gosto preponderava na ornamentação dos salões, como pode ser visto nas fotos aqui expostas. Familiar, o clube, nas quatro noites de folia, recebia lotação total e era muito organizado, onde primava a disciplina e o comportamento respeitoso.

Desta forma, o Clube Literário e Recreativo passou a ser frequentado pela classe média, enquanto o UECIO, virou um clube popular, aceitando frequentadores de condições econômicas mais simples, e por alguns anos realizou grandes bailes carnavalescos para seus associados.

O Flamengo, que tinha como patrono Santo de Oliveira, não era uma clube de lazer com sede própria, fazendo seus bailes carnavalescos em grandes salões destinados à guarda de cereais, que eram adaptados para as quatro noites de folia.



Mais um flagrante dos bailes carnavalescos do Clube de Campo Álvaro Brito. Na foto, Antônio Carlos Moreira Gomes e sua esposa Leda. Hércules Cândido Brunelli (Presidente) e sua esposa Marina.

Em 1963, deixou de existir o Nosso Clube, que sempre organizou seus bailes carnavalescos sob a direção de seu Presidente José Cristino da Silva. Era um clube que, dentro de sua simplicidade e limitações, durante mais de 20 anos foi o lugar de lazer da comunidade negra de Olímpia.

Mas o Nosso Clube não possuía em seu quadro social somente pessoas da comunidade negra. Muitos personagens políticos, empresários e outros mais, todos os anos, não deixavam de dar o prestígio de sua presença nos bailes do Nosso Clube, que era um local afável, simples, mas de muita organização e disciplina, impondo as normas de procedimento que sempre foram louváveis e dignas de elogios.

O Clube de Campo era um verdadeiro festival de bom gosto, seja pela sua ornamentação,



A foto registra uma matinê infantil no salão do Clube de Campo Álvaro Brito.

pelos grupos de foliões, que se organizavam apresentando fantasias belíssimas e coloridas, inclusive revivendo a época das colombinas, dos arlequins, com concurso e premiação dos grupos pela originalidade.

Infelizmente, durante o transcorrer dos anos, as coisas foram se modificando. Políticos

acabaram por dominar o clube e aumentar sem critérios o número de associados, que triplicou. O Clube perdeu aquela qualidade, aquele espírito de sociedade familiar, com os seus fundadores e sócios mais antigos se afastando cada vez mais, isso contribuiu para que mais um pólo de aglutinação social de qualidade fosse perdendo a sua essência.

Tais acontecimentos refletiram muito no modo de viver da sociedade olimpiense, que acabou se dispersando e o clube foi perdendo animação.

Resta hoje, nos antigos frequentadores do clube, uma imensa saudade daqueles dias em que viver o carnaval era realmente deixar extravasar as emoções, firmar as amizades, fazer parte de um grupo que se reunia em confraternização. Um tempo de segurança e sonho.

CARNAVAL DE RUA E ESCOLAS DE SAMBA

Esse período de nossa história de 1941 a 1965, que foi chamado "anos de ouro", às vezes nos deixa como suspeitos, pelo fato de que pessoalmente, em uma boa parte, nós estivemos presentes, e talvez levados pela emoção e pela força da juventude, que possuíamos na época, nossos conceitos nos levam a cometer algum excesso na narrativa.

Ainda não existiam as escolas de samba organizadas e

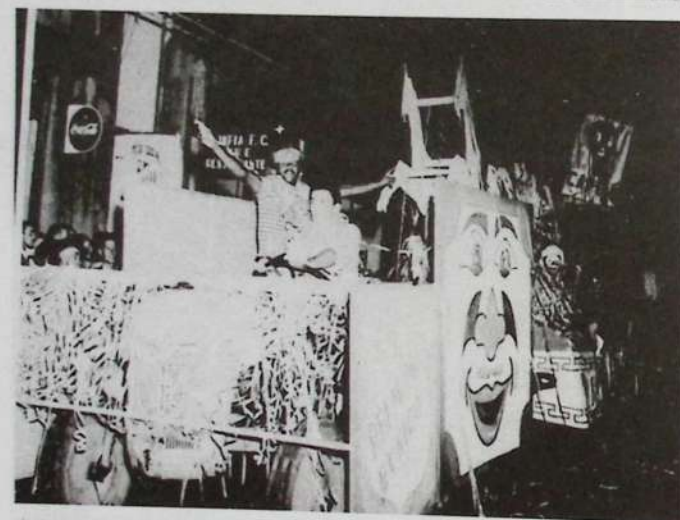


Acima, na foto, o carro alegórico "Biga Real" representando uma biga romana, puxado por dois cavalos brancos, em desfile pelas ruas das praças Matriz e Rui Barbosa, transportando o Rei Momo Zico Sotero e a sua acompanhante, a jovem Carmencita Lopes Ferraz, cobertos de serpentinas.

Na foto abaixo, mais um carro alegórico desfilando pelas ruas de nossa praça. Sentado a frente, no carro da rainha do Flamengo e princesas, o radialista Rinaldo Zampieri, um dos grandes organizadores.



OLÍMPIA - Cidade Menina Moça - 1941/1965



Acima, um carro alegórico desfila pelas ruas da Praça Rui Barbosa e Matriz. O motorista Hélio Zaccarelli, ao lado de "Cabrita", fazem com o carro o "abre alas" da Escola de Samba Capela, que vem atrás.

somente alguns grupos dispersos, em cima de veículos, com alguns instrumentos improvisados, é que levavam a alegria aos desfiles, denominados "corsos", que eram feitos quase na totalidade por carros particulares, camionetes e até pequenos caminhões, com um percurso em volta das praças Rui Barbosa e Matriz. Bares, restaurantes e sorveterias, ficavam super-lotados de frequentadores, além do povo que se acotovelava nas calçadas para presenciar o desfile de carros enfeitados e das fantasias dos participantes, numa festa de cores e alegria. A guerra de serpentina e confete era constante, como espécie de saudação.

Na foto ao lado, a chegada do Rei Momo, da Rainha do Carnaval e de sua comitiva, na Estação da Estrada de Ferro da Companhia Paulista. Os personagens se dirigiam de carro até o vilarejo de Álvora e de lá vinham de trem até Olímpia, onde eram recebidos por grande multidão.

Na foto vemos o Rei Momo, protagonizado por Zico Sotero, a Rainha do Carnaval por Ercy Pereira e a comitiva real. Da esquerda para a direita, José Furlan, Oswaldo de Lima Borges, Tóto Piton, Carlinhos, Quim de Oliveira, Pedrinho Ricciardi, Zico Sotero e Ercy Pereira.



Acima o carro alegórico real: a esquerda, de costas, Pedrinho Ricciardi, Jalba Miniussi, Ercy Pereira e o Rei Momo Zico Sotero. Agachado: Totó Piton.

Foi a partir dos anos 1950, que começaram a aparecer os primeiros grupos de jovens, com instrumentos a participar dos desfiles carnavalescos e, salvo engano de nossa pesquisa, o primeiro grupo a sair como Escola de Samba foi o Capela, nome inspirado em uma Escola do Rio de Janeiro.

Seus integrantes, jovens estudantes, Zico Sotero, Alfredo Baiocchi, Jano Cintra, Moacir Zaccarelli, Antônio

Cassiolato, Neson Sotero, Valécio Breda, Sebastião Paulista Klinger de Souza e outros desfilaram em 1955, ostentando pela primeira vez o estandarte da caveira em preto e branco e cantando o famoso abre alas que caracterizou a entrada da escola nas ruas: "Eu chorei, chorei mas sem querer chorar. Ó, abre alas! Ó, abre alas! Deixe o Capela passar. Escuta, o rufar do meu tambor... o regimento do samba chegou!"

Essa melodia marcou definitivamente a presença da Escola de Samba mais premiada do carnaval olimpiense.

José Cristino da Silva, a exemplo, formou a Escola de Samba "Nosso Clube" e, mesmo com poucos recursos e muita dificuldade nesse período, nunca deixou de colocar a Escola nas ruas. Homem de caráter e personalidade, tomava essa atitude somente com o fim de participar e alegrar o carnaval olimpiense.

A Escola de Samba Flamengo, inspirada no Clube de Futebol representativo do outro lado da cidade, foi criada por Santo de Oliveira, empresário, e José Murad, que possuía um restaurante localizado na Praça da Liberdade, e sendo uma figura carismática, bastante popular na cidade, conseguiu reunir um grupo de primeira linha, o único que tinha possibilidade de disputar a cobiçada taça de campeão.

Dessa forma, do ano 55 ao ano 61, o confronto das duas escolas, Capela e Flamengo, era esperado pela população nas ruas.



A Escola de Samba Capela, campeã dos carnavais olímpicos: Em pé, da esquerda para a direita: Antônio Cassiolato (presidente), Bertinha Ruivo, Dante Pavese, Luiz Junqueira, Dorival Ducatti, Orisvaldo Cruz, Joel de Alencar, Nelson Ruivo, Jayr de Alencar, Benedito Gomes de Oliveira, Onildo Ribeiro, Neila Miessa, Vera Storto, Raide, Mércia Breda, Zico Sotero e Lenira Arnaldo. Agachados: Valécio Breda, Alfredo Baiocchi Neto, Cleto, Ademar, Plínio Aidar Paiva, Jano Cintra, Cícero, Cidão e Zicão. Sentados: Hermélia Ferranti, Reinaldo Pereira dos Santos, Lili Trajano e Célita Garcez.



Escola de Samba Flamengo: Em pé: Luiz Roberto (Lulu), Cunha, Nezinho Modesto, Sidiney Furlan, Doquinha, Vado, Daltes, Zezão, Nelson Coradini e José Murad. Agachados: Nêgo, Darci, Zézinho, Mastro, Rubens e Zinho Botossi.



Império do Samba: Sidiney, Ilmar, Luiz Carlos, Luiz Roberto, Luiz Mori, Val, Alá, Bibi, Saulo, Heikiti, Zé Carlos, Toninho, Dema, Bertinho, Edgar, Ney, Zé Paulo, Zézinho, Miguelin, Turco e Seikiti. Vemos em destaque Jayr de Alencar que foi o organizador da Escola esse ano.



Escola de Samba Capela - campeã de 1960- Na foto os "Pós de Arroz do Samba" realizam uma de suas famosas apresentações perante a comissão julgadora. A partir da esquerda: Calógeras Barbosa, Ilmar Mathias Neto, Luiz Prado, Miquipin, Plínio Paiva, Alfredo Baiocchi Neto, Osmar, Cleto, Celita Garcez, José Marangoni, Mingo Caldarelli, Tuquinha, Zezão Alencar e Múcio Garcez. À frente o passista e repórter Nelito Santos.

O último ano dessas duas grandes escolas, Capela e Flamengo, foi 1961. O Capela apresentou como carro alegórico um grande bolo comemorando 10 anos de carnaval em Olímpia. Por sua vez, o Flamengo apresentava como

alegoria um carro com um chatô, pequena casa, tema de música carnavalesca, cheio de jovens bonitas dentro e ao redor.

A fantasia do Capela esse ano, de muito bom gosto, apresentou seus figurantes vesti-



O Capela executa evoluções em frente a Comissão Julgadora, 1960.

dos de fraque, cartola e gravata borboleta. O Flamengo, por seu turno, com bonito *summer*, claro com gola de seda branca, calças pretas e chapéu estilo palheta.

O Império do Samba, escola ainda em formação, tinha que desfilar em cima de vécucos, pois a menoridade da maioria não permitia que desfilasse nas ruas. A foto, acima, à direita, mostra a escola alguns anos depois de criada.

O Gato Preto, também muito bem vestido, com camisas de seda brilhante, chapéus característicos de carnaval, conquistava e platéia.



A poderosa Escola Gato Preto. À frente dois de seus maiores destaques, Nenão e Maurício.

ESPORTES



Praça de Esportes do Colégio Olímpia construída no início de 1940, popularmente conhecida como "Brejinho". Ao fundo, vemos a quadra de basquete e vôlei.

BREJINHO

O "Brejinho" foi o campo mais popular de Olímpia. No final de 1939, o farmacêutico Nicanor Batista, para popularizar um novo fortificante chamado "Dravita", formou uma equipe de futebol com esse nome. Como não havia um local para treinos e jogos (pois o campo oficial da cidade dera lugar ao novo grupo escolar), uma comissão procurou o capitão Narciso Bertolino, que possuía uma ex-



O Brejinho em dia de jogo. Vemos ao lado esquerdo, nos fundos, os vestiários e do lado direito, a quadra de basquete, vôlei e Tênis.

tensa área desocupada às margens do Córrego Olhos D'Água, solicitou permissão para ali construir um campo de futebol. Com a autorização cedida, Oswaldo Fonseca, Orlando Lapa, Américo Fonseca e outros muniram-se de ferramentas e abriram um espaço para a construção do campo.

O "Dravita" teve curta existência. O local foi adquirido pelo proprietário do Colégio Olímpia, Dr. Antônio A. Reis Neves, que ali construiu uma Praça de Esporte para seus alunos.

Inicialmente a Praça teve o campo de futebol, depois contou com amplas piscinas de 33mx12m, vestiários, quadra de piso batido para vôlei, basquete, tênis e aparelhos de ginástica para Educação Física.

Ganhou oficialmente o nome de "Praça de Esportes do Colégio Olímpia", mas ficou conhecida por todos como "Brejinho", devido à umidade do terreno e ao grande número de



Piscina e vestiários da Praça de Esportes do Colégio Olímpia, no "Brejinho".

minas d'água. Na época das chuvas, era inundado pelo transbordamento do Córrego Olhos D'Água.

A Praça de Esportes possuía uma topografia belíssima e, na parte de cima, era ornamentada por vegetação abundante, árvores frutíferas nativas e mangueiras de várias espécies.

A década de 40 foi de muita importância para o esporte de Olímpia. O aparecimento de diversas equipes amadoras e a consequente revelação de muitos atletas enriqueceram o futebol de Olímpia. Foi criada a Associação Atlética Olímpia, para representar o futebol de Olímpia. Em 1943, Afro Sarti era eleito presidente da A.A. Olímpia, que apresentava os seguintes jogadores: Boin, Braz e Rafael; Durval, Bianco e Haroldo; Daud, Pedroso, Sargento, Lamartine e Davidinho. Presentes também elementos de alta categoria, como: Dan, Cabrita e Nicanor (goleiros); Marinho, Pedroso, Mário Forti, Bepin, Luzito, Aldo Cazarini, Braga e Olintho Zambon.

Assumindo a presidência da entidade esportiva, Afro Sarti e Lafaiete Mendes liderariam um grupo de desportistas, com o objetivo de construir um grande estádio de futebol em Olímpia.

S.E. CORINTHIANS PAULISTA EM OLÍMPIA.

Para marcar o acontecimento, a nova diretoria traria o esquadrão da S.E. Corinthians Paulista para um jogo amistoso. Este prélio aconteceu no dia 1º de maio de 1943, com muita festa nas dependências na Praça de Esportes.



Equipe do Corinthians no Brejinho dia, 1º de maio de 1943: Em pé: Jango, Jupê, Peliciari, Aldo, Rato, e Ariolvaldo. Agachados: Nuno, Archimedes, Geraldino, Teleco e Eduardinho. O time da capital venceu por 4 a 1.

TERRÃO: O SONHO DO NOVO ESTÁDIO



Campo do Terrão, onde hoje é a E.E.P.G. Antônio Augusto Reis Neves, e o Clube da Velha Guarda.

Com o propósito da construção de um novo campo foi realizada uma reunião na sede da Associação dos Comerciantes de Olímpia (já extinta), sendo criada uma Comissão Executiva responsável pela elaboração dos planos e projetos. Faziam parte da comissão: Afro Sarti, Lafaiete Mendes, Ferreira, Alberto Caldarelli, Agenor F. Guarita, Nicanor Florindo, Lourenço

Cavariani e Manoel Pantaleão.

Após a planificação, dirigiu-se a comissão ao Prefeito Paulo Furquim, com a seguinte proposta: a Prefeitura desapropriaria e doaria um terreno com uma área de 30.000 m², situada no final da Rua São João, confrontando-se com a Avenida Paulista. O custo seria de Cr\$ 100.000,00, devendo 50% do custo total da terra ser pago pela



A.A.OLÍMPIA - Em pé, reconhecemos: Alcides Brunelli, Vietinho, Nicanor, Braga, Dan, Florindo Forti, Carlos, Bianco, Braz, Durval e Oswaldo Aparecido de Oliveira. Agachados: Oswaldo Fonseca, Valdemar, (dois jogadores de outras localidades) Lamartine Posella, Joãozinho e Pedroso.

Prefeitura e os outros 50% conseguidos por meio de promoções. Apesar de sensibilizado, o Prefeito Paulo Furquim não pôde assumir o compromisso, pois as chuvas incessantes que caíram naquele ano em Olímpia haviam causado prejuízos de grande monta, exigindo outras despesas prioritárias. Finalmente, o proprietário das terras, Joaquim Rodrigues, fez a doação da área pretendida, que posteriormente levou o nome de Takakishi Takahashi. O terreno foi planado e, nele, construídos dois campos. A Comissão fez uma campanha de doação de tijolos, que ficaram ali depositados (posteriormente, foram usados na construção do Fórum e da Cadeia locais). Esse local, ganhou o apelido de "Terrão", pois o campo, de terra vermelha, não tinha grama. Mas mesmo

assim foi palco de acontecimentos esportivos. O comércio colaborava de maneira inusitada. De cada venda feita, o valor de um tijolo era reservado para a construção do campo.



Associação Atlética Bancários, de Olímpia, campeão de 1946 no dia de colocação das fixas. Na foto em pé: a Madrinha, Laerte, Luizon, Bepin, Fábio, Wilson Preto, Odilon, Bertolino, Olintho e Oswaldinho; agachados: Tinoco, Luso, Lamartine, Jerônimo, Luiz Carlos e Tijolo. Essa equipe, no ano de 1946, representaria o futebol local, e seria campeã do setor cidadão, tendo como técnico Oswaldo Aparecido de Oliveira.



Essa foto histórica registra o momento em que todas as delegações disputantes posam para o fotógrafo Abe. Acontecimento realizado no campo da municipalidade, "Terrão", que receberia posteriormente o nome de Estádio Municipal Takakishi Takahashi, em homenagem ao coordenador do evento, que veio a falecer prematuramente.

O Terrão era palco de competições esportivas que representavam verdadeira festa de conagração.

A população olimpiense prestigiava com entusiasmo os jogos, que tinham início logo de manhã, precedidos das solenidades de praxe, e se alongavam por todo o dia, até o entardecer. As delegações visitantes, assim como a local, armavam barracas de bambu cobertas de lona, onde ficavam alojadas. As mulheres e crianças providenciavam também a alimentação de seus atletas, durante o intervalo para as refeições.

A organização, a disciplina rígida que acompanhava as disputas, o respeito ao adversário e ao público eram características marcantes dos participantes, que seguiam fielmente um cronograma pré-estabelecido.

A participação dos jovens era quase obrigatória. Dividindo-se as equipes por faixa etária e modalidades competitivas. O "Terrão", no dia anterior, era devidamente preparado com a colocação das marcas, apetre-

chos e todos os materiais necessários. Várias modalidades eram disputadas no mesmo momento, seguindo criteriosa preparação. As torcidas eram exemplo de educação e entusiasmo.



Campeonato realizado em 26 de junho de 1955, no "Terrão", momento em que era hasteada a Bandeira Nacional, ao som da "Marcha Batida" executada pela fanfarra do Colégio Olímpia.

As modalidades apresentadas para a classe masculina e feminina consistiam em corrida de 100 metros rasos, 200 metros, quatrocentos metros e oitocentos metros, em provas de resistência, corrida com barreiras, lançamento de dardos, de pesos, salto em distância, salto triplo, salto em altura, enfim, todas as modalidades que compõem as competições olímpicas.

A classificação era feita por modalidade e por faixa etária. À tarde, eram premiados os vencedores das provas e era apresentada a contagem de pontos por disputas entre as categorias adulta, juvenil, infantil, masculina e feminina.



Hasteamento do pavilhão olímpico, pelo Presidente da Comissão Municipal de Esportes e representante do Prefeito, José Ferreira de Oliveira, e o representante da Federação Paulista de Atletismo.



Na foto ao lado, fiscais, autoridades e juízes fazem parte da Comissão de Honra. À esquerda, o Presidente da C.M.Esportes, e representando o Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz, o Sr. José Ferreira de Oliveira (Casquinha), Américo Fonseca, Dr. Alcy Gliogioti, o Juiz Oficial da Federação Paulista de Atletismo, Oswaldo Aparecido de Oliveira e um membro da Comissão Organizadora. Presentes também o Sr. Celso Mazitelli e o Promotor Público da Comarca Dr. Adevani Rodrigues da Silva.

A totalidade de pontos, por critério pré-estabelecido, e de praxe, apontava a cidade campeã do torneio e as respectivas colocações das demais.

Então, os atletas eram chamados ao pódio, onde recebiam das madrinhas os troféus conquistados.

Procedia-se, a seguir, ao encerramento da competição, em confraternização e agradecimento às delegações, aos atletas, ao público e arriavam-se as bandeiras.



26 de junho de 1955 - Solenidade de abertura da competição regional de atletismo da Colônia Nipo-brasileira. Discursa o presidente Takakishi Takahachi, na presença de autoridades e da imprensa escrita e falada.

BANCÁRIOS REPRESENTA O OFC.

Em 1945, o Bancários representaria Olímpia no campeonato regional. Foi escolhido por sua capacidade de organização, qualidade técnica de seu plantel de jogadores e por constituir, na época, uma das maiores forças do nosso futebol. O Bancários, apesar de ser uma equipe forte, não foi bem nessa disputa. A razão principal foi atribuída às más qualidades do campo do Brejinho, muitas vezes impraticável devido às chuvas. Muitos dos jogos de mando local tiveram que ser realizados em campos de outras cidades, mais especificamente Jaboticabal e Monte Azul Paulista.

Nessa época, proliferavam equipes de futebol amadoras em Olímpia, que disputavam o certame local:

DIAS E DIAS PARADO F.C.: Kiko, Volpe, Gran Bell, Mauro, Tide, Teito, Galli, Lapa, Forti, Breda e Subito.

COLÉGIO OLÍMPIA: Dan, Odilon, Santana, Júlio Braga, Luiz Carlos, Luso, Casquinha, Garcez, Francese e Lincoln.

BANCÁRIOS: Luizinho, Olintho, Fábio, André, Daud, Frank, Dóia, Ronéu, Haroldo, Acácio, Toni e Piza.

AMADOR DA A.A. OLÍMPIA: Laerte, Odilon, Wilson Preto, Floreado, Nêgo D'água, Galli, Júlio, Haroldo, Jerônimo e Bolero.

BAIRRO DA ALEGRIA: Boin, Braulino, Calé, Sílvia e Bianco, Sérgio, Joaquim, Renato, Haroldo, Pedroso e Anibal.

E. C. SÃO JOÃO: Zéca Baiano, Sebastião Preto, Bimbo, Braga,



E.C. São João; Campeão de 1949 - Em pé: Otacilio (tec.) Arlindão, Luiz Carlos, Mário Volpe, Jorge, Zaccarelli, Bimbo e Omar. Agachados: Dóia, Ivo do Pito, Cansado, Zéca Baiano, Xinha, Dorival e Ariovaldo.

Dibra, Tinoco, Sinhô de Deus, Nelson, Natal e Tozinho. Quando era necessário, a A.A. representava Olímpia em certames, com uma seleção de jogadores de times amadores. Em 1945, apresentava o seguinte plantel: Larte, Boin, Varejão, Cabrita, Gran Bell, Casquinha, Tiana, Pedroso, Jerônimo, Azelino, Dirceu e Canhoto.

olimpiense apaixonado pelo futebol.

O time marcou época na década de 40/50. Mantendo sempre a mesma base de jogadores, somente com algumas alterações, essa equipe futuramente iria revelar craques para o Olímpia F.C. como: Serrano, Delapita, Márcio, Garrido, Fausto, Chiquinho e muitos outros.

Uma das mais constantes formações do Riachuelo assim se constituía: Garrido, Adriano, Serrano, Iran, Melo, Márcio, Renato, Nêgo, Edgar, Clóvis,

O SURGIMENTO DO RIACHUELO

O Riachuelo F.C. nasceu por iniciativa de Milton Ferranti,



A foto estampa as equipes do Riachuelo F.C. e do Brunelli F.C., na época, as duas maiores forças do futebol amador olimpiense.

Nelsinho, Faustinho, Izidro, Celino, Aranha, Nato e Lei. O Riachuelo fez a sua última partida representando o OFC em 1951, vencendo a Internacional de Bebedouro por 6 gols a 1. Marcaram para o Riachuelo: Faustinho (3), Aranha (2) e Serano (1).

Jogaram ainda pelo Riachuelo: Dathan Cervo, Delapita, Dorival, Boi Preto, Cesar, Albano, Edson, Miro, Alpino, David e outros.



Olímpia Futebol Clube - 1947. Em pé: Gran Bel, Dirceu, Tiana, Pedrosa, Bianco e Cabrita. Agachados: Haroldinho, Casquinha, Haroldo Remondi, Cidinho e Filipinho.

RESSURGE O OLÍMPIA F.C.

Orlando Lopes, médico olimpiense, já conhecido pela sua participação nos esportes, assumia em 5/2/46 a presidência da A.A. Olímpia. Como primeira providência, suprimiu o nome A.A. Olímpia, que voltou a se chamar Olímpia Futebol Clube, com a cores azul e branco, que permanecem até hoje representando o time da cidade.

A diretoria teve por Presidente Orlando Lopes; Vice-presidente: Joaquim O.F. Mathias; 2º Vice-presidente: Argemiro

Valdrigui; 1º Tesoureiro: Pedro Breda; 2º Tesoureiro: James Roxo; Secretário geral: Orlando Lapa; 1º Secretário: Orlando Cunha; 2º Secretário: Alberto Pinto; Diretor de propaganda: Walter Rayel Constantino e Diretor de Esportes Harry Giannechinni.

Constituíram o elenco do OFC com os seguintes jogadores: Evandro, Dan, Odilon, Pedroso, Nêgo D'água, Canhotinho, (todos jogadores da

casa) e mais: Wilson (XV de Novembro de Piracicaba), Birro e Joãozinho (Icém), Poletti e Moreira (Inter de Bebedouro), Loca (Monte Azul Paulista) e Panadeiro (Monte Verde).

Além da construção do novo campo, outro objetivo seria o de conseguir inscrever o Clube no Campeonato da 2ª Divisão da Federação Paulista de Futebol, o que já acontecia com a maioria dos clubes da região, como América de São José do Rio Preto, Internacional de Bebedouro, Botafogo de Ribeirão

Preto, Barretos F.C., Ferroviária de Araraquara e outros mais.

O maior obstáculo às pretensões dos olimpienses era a falta de um campo, um estádio, que se moldasse às exigências da Federação Paulista de Futebol.

O proprietário do Colégio Olímpia, Dr. Neves, mandara reformar a Praça de Esportes do Colégio Olímpia, construir muros e drenar o campo, com o objetivo de colaborar, cedendo o local para o OFC, mas logo nas primeiras chuvas, ficou evidente que o local não teria condições mínimas para a prática do futebol profissional.

COMEÇA A NASCER O NOVO ESTÁDIO

No dia 2/2/47, no edifício do Fórum local, estavam reunidos representantes de todos os segmentos da sociedade, comércio, indústria e outros, sob a direção do Juiz de Direito da Comarca de Olímpia, José Manuel Arruda, com o objetivo de construir um estádio para o Olímpia Futebol Clube. Lideravam o movimento Orlando Lopes e o presidente da Comissão Municipal de Esportes, Afro Sarti, gerente do Banco Comercial do Estado de São Paulo de Olímpia.

SURGE NOVA EQUIPE: O BRUNELLI FUTEBOL CLUBE

1º de fevereiro de 1948. Nascia o Brunelli F.C., nome dado em homenagem ao grande desportista olimpiense Alcides Brunelli.

O Brunelli FC ficou com sua diretoria constituída pelo: Presidente de honra: Alcides Brunelli; Presidente: Walter Rayel Constantino; Vice-Presidente: Hércules Cândido Brunelli (Colin); 2º Vice-Presidente: Mário Novais; 1º Secretário: Odilon Nunes; 2º Secretário: Arnaldo Correia; 1º Tesoureiro: Luso Garrido; 2º Tesoureiro: Dirceu Bon; 1º Diretor de esportes: Adriano Correia; 2º Diretor de Esportes: Silas Rosa; Técnico: Oswaldo Aparecido de Oliveira.

O Brunelli estreou no dia 23 de fevereiro, contra o E.C. São João, sendo derrotado por 2 a 1. Tinha em seu elenco os seguintes jogadores: Novais, Clóvis, Evaristo, Nêgo d'água, Miro, Arnaldo, Tonhão, Dirceu, Gorgão, Nato, Milton Caveirinha, Nelsinho, Dorival, Aristeu, Canhotinho, Delapita, Pedrinho, Nelson, Tiago, Élio, Joãozinho, Milton II, Onélio, Antônio, Têco e Takamore.

JUNTA GOVERNATIVA

Em princípios do ano de 1948 Antônio Cisoto assumia a presidência da Comissão Municipal de Esportes. Após o término do mandato de Orlando Lopes, deliberou-se formar uma Junta Governativa. Essa junta objetivava retomar os trabalhos para a construção de um Estádio para o OFC. A construção do campo, a filiação do Clube na FPF, a tutela do basquete local e a formação de uma equipe competitiva eram a prioridade desse grupo.

Em 12 de janeiro, foi oficializada a formação da Junta Governativa, ficando constituída

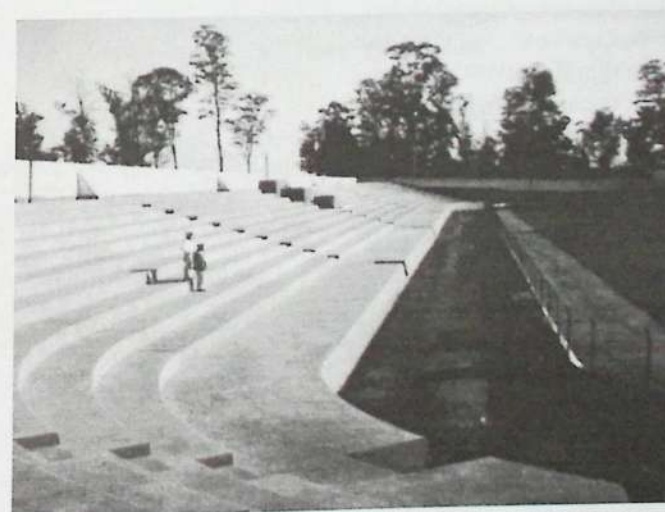


Acima, o Brunelli F.C. última fila: Testa Ittavo, Nabi, Almiro, Faez, Doló, e Zico Sotero. Penúltima fila: Alice Pereira, Nato, Nelsinho, Esmeralda Ruivo, Aristeu e Waldemar de Paula. 2ª fila: Oswaldo Aparecido de Oliveira, (tec.), Mansur, Miro, Marreta, Castro e Alcides Brunelli. Primeira fila: Rimaik, Clóvis, Garcez, Bruniera, Nardinho e Delapita.

da por Presidente: Mário Garcez Novais; Vice-Presidente: Renato Queiróz de Mello; Tesoureiro: João Boin; Administração Interna: Alcides Brunelli e Sebastião Pedroso; Conselho Administrativo: Humberto Mendes de Carvalho, Afro Sarti, Jamil Rimaik Adelimo Vietti,

Joviniano Rugai, Aureliano Marins Peixoto, João Murad, Joaquim O.F. Mathias, Odilon Nunes, Décio Caminada, Celso Mazitelli, David S. Cardoso e Alípio Teixeira.

Como primeiro passo, a Comissão teria de conseguir a doação de um terreno adequado



Estádio Tereza Breda em fase de construção, já com a arquibancada de concreto armado e as tribunas de honra.

onde pudesse ser construído o estádio. Graças à interferência de Renato Queiroz de Mello, chefe do Posto Fiscal de Olímpia, e de Álvaro Brito, genro do fazendeiro e empresário Natal Breda, foi feita, pelo último, a doação de uma área central, à Rua Benjamin Constant, (antiga Rua Boiadeira), medindo 3.000m².

Por outro lado, o certame amador estava acirrado, com muitos embates. Sagrou-se campeão de 1949 o E C São João.

A Junta Governativa do Olímpia FC liderada por Mário Garcez Novais, Renato Queróz de Mello, Lafaiete Mendes e Afro Sarti, realizava prodígios para angariar recursos para a construção do novo campo. Para tanto, Adelino Viatti, Luiz Victório Cruz Martins e João Boin viajavam para São Paulo, onde conseguiriam com o Governador do Estado, o Dr. Adhemar Pereira de Barros, a promessa da concessão de Cr\$.200.000,00 para ajudar nas despesas de construção. O Médico olimpiense Custódio Ribeiro de Carvalho também colaboraria com Cr\$ 50.000,00 para a campanha. Foi realizado um concurso para a escolha do time de futebol que viria inaugurar o TB, através de vendas de votos. Rendeu a boa importância de Cr\$25.000,00 e o resultado foi o seguinte:

1º lugar -S.E. Palmeiras..11.386
2º lugar -E.C.Corinthians. 8.435
3º lugar -São Paulo F.C...5.470

Desse modo, a S E Palmeiras foi a vencedora e oficialmente convidada a vir participar das solenidades de inauguração do novo campo de futebol do Olímpia Futebol Clube.



Dia 11 de setembro de 1949. Na foto, a solenidade de inauguração do Estádio Tereza Breda. Notamos a presença do Prefeito Paulo Furquim, o radialista José Carlos Seno, Linda Abdalla, Afro Sarti, Álvaro Brito e sua esposa Zenaide Breda Brito, representando o doador Natal Breda, a jornalista e radialista Dina Thomé e João Alcântara.

Enquanto isso, o futebol não estava parado e o OFC realizava jogos amistosos com jogadores selecionados entre os valores locais: Dan, Cabrita, Odilon, Pedroso, Nêgo D'Água, Bianco, Dirceu, Luso, Nenê, Milton Caveirinha, Luiz Carlos, Cidinho, Jerônimo e Canhotinho.

O EC São João, uma das mais poderosas equipes amadoras de Olímpia, elegia sua nova diretoria, sendo por Presidente: Lourenço Cavariani; Vice Presidente: Oswaldo Fonseca; 1º Secretário: Alcides de Juli; 2º Secretário Silas Rosa; 1º Tesoureiro: Othacílio Longhi; 2º Tesoureiro: Milton Campos.



Vista panorâmica parcial do Estádio Tereza Breda no dia de sua inauguração, 11 de setembro de 1949.

O ensolarado dia 11 de setembro de 1949 marcaria sua história, com a inauguração do Estádio Tereza Breda (nome em homenagem a esposa do doador do terreno, Natal Breda). Suas dimensões o credenciavam como o terceiro maior estádio de futebol do interior Estado de São Paulo. Com capacidade para 6.000 pessoas sentadas e com o campo tendo mesmas dimensões do Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Por isso, foi apelidado de "Majestoso Gigante de Cimento".

A CIDADE RECEBE A S.E. PALMEIRAS COM FESTAS

Logo pela manhã, grande multidão comparecia ao campo de pouso local, aguardando o avião que traria a comitiva palmeirense. Também como atração, haveria o pouso de um avião bi-motor, em Olímpia.

A delegação alvi-verde foi recebida com muitos fogos de artifício, presença de autoridades e discursos, e realizou uma passeata pelas principais ruas da cidade até o local onde seria hospedadas, a saber, Hotel Municipal e Rebelatto. Os diretores foram recepcionados na residência do fazendeiro Aparecido da Silva Bello (Caçula), com um grande banquete.

Às 15 horas, o Estádio já estava completamente lotado. Visitantes de várias cidades da região vieram prestigiar o evento. No portão principal, Natal Breda cortava a fita simbólica, na presença de convidados, autoridades e público presente, inaugurando oficialmente o Estádio.



A foto registra o público nas arquibancadas do Estádio Tereza Breda, durante um jogo de futebol.

Posteriormente, no campo, eram realizadas as solenidades e discursos de praxe e foram outorgados os títulos de diretores honorários aos srs. Natal Breda, Luiz Victório Cruz Martins e Amadeu Galmacci, este último, representando o Governador do Estado, Dr. Adhemar P. de Barros. O pontapé inicial foi dado pelo Prefeito Municipal Dr. Paulo Furquim.

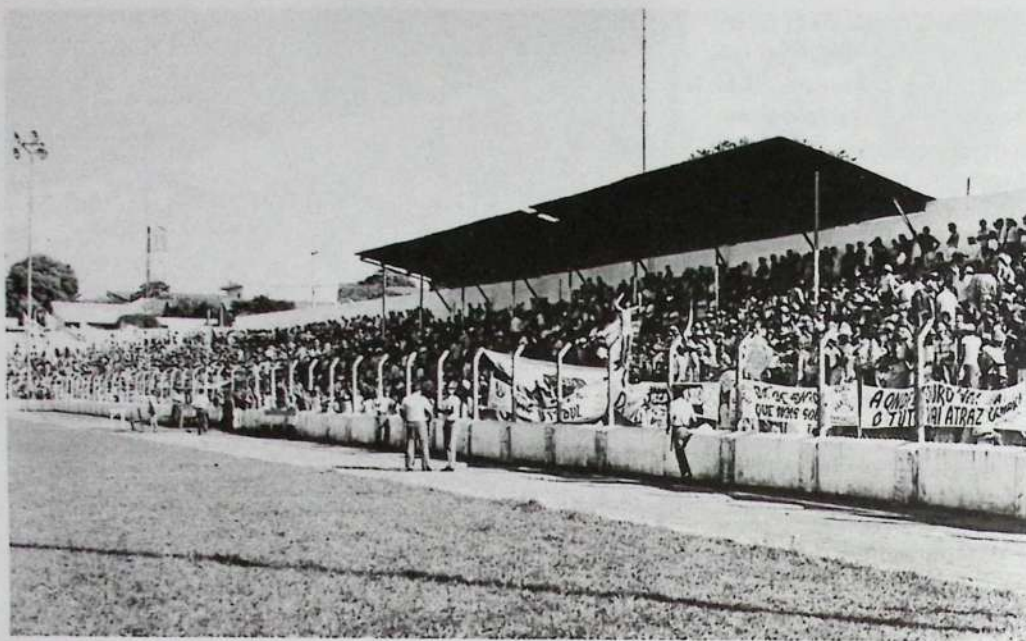
A partida então foi iniciada tendo como árbitro o Inglês Mrs. Storey. O resultado não importava. O que valia era mesmo a festa. No final a contagem apontava 4 a 1 para o Palmei-

ras, com gols de Bóvio (2), Abelardo e Renato. Para o Olímpia F.C. o gol foi marcado por Jair J.

Finalmente estava realizando o grande sonho dos desportistas olimpienses. O ano de 1950 seria inesquecível para o futebol de Olímpia. A Junta Governativa, presidida por Mário Garcez Novais havia dirigido os destinos do melhor futebol de nossa terra desde 1948, com a participação do Dr. Orlando Lopes, Renato Queiróz de Mello, Afro Sarti, Adelino Viatti e Amadeu Galmaci.



S. E. Palmeiras - Em pé: Turcão, Manoelito, Manderó, Renato, Mexicano, Sarno e Fume e Lino, agachados: Tulio, Manduca, Richard, Harry, Bóvio, Abelardo, Lourenço e Lima



23/09/62 - O Estádio Tereza Breda recebia sua primeira cobertura parcial nas arquibancadas. O Presidente do OFC era Lima Borges (Baiano).



Solenidade de inauguração da cobertura parcial das arquibancadas do T.B. Vemos Oswaldo de Lima Borges (Presidente do OFC) Oswaldo Aparecido de Oliveira (Presidente da LOF), Heráclito de Almeida Camargo, representando Natal Breda, o radialista Rinaldo Zampieri e, discursando, o diretor gerente da rádio local José Carlos Seno.

No dia 22 de janeiro de 1950, depois da brilhante missão cumprida, era extinta a Junta Governativa. Novamente sob a coordenação do Juiz de Direito José Manoel de Arruda era

constituída a nova diretoria do Olímpia Futebol Clube. Presidentes de Honra: Dr. Luiz Victório Cruz Martins, Natal Breda, Eloy Lopes Ferraz e Amadeu Galmacci; Presidente

Executivo: Custódio Ribeiro de Carvalho, que inclusive doaria substancial importância ao Clube. Vice Presidente: Mário Garcez Novais; 1º Vice: Theodomiro da Silva Mello; 2º Vice: Chafic Aidar; 1º Secretário: Celso Mazzitelli; 2º Secretário: Juvenal Rodrigues de Souza; 1º Tesoureiro: João Boin; 2º Tesoureiro: Harry Giannechini; Diretor Financeiro: Renato Queiróz de Mello; Orador Oficial; José Carlos Seno.

INAUGURADA A SEDE PRÓPRIA

A sede própria foi instalada em um prédio, onde hoje funciona o Banco Bradesco. Compunha-se de salão de jogos, snooker, bar e sala de reuniões. A administração do local foi cedida a Sebastião Pedrosa. Também havia a sala de troféus com mais de 300 peças, conquistadas



O Paulistano, que seria o campeão desse ano, deixaria de existir, fazendo sua partida de despedida contra o Barretos F.C. Na foto, em pé: Américo Fonseca, Cabrita, Diomedes, Alípio, Pedrosa, Nain, Odilon e Oswaldo Aparecido de Oliveira, Agachados: João Daud, Márcio Garcez, Casquinha, Lamartine Posela e Darci Branco.



A equipe do Colégio Olímpia, 2ª colocada no certame interno. De pé: Othacílio Longhi, Américo Fonseca, Forti, Bidu, Ben, Zaccarelli, Moacir, Clodoaldo e Márcio. Agachados: Moacir, Milton Caveirinha, Albano, Jerônimo, Madureira e Jorge.

desde o ano de 1919. Esses troféus desapareceram na gestão do Presidente Joaquim Pinheiro.

O plantel começava a ser constituído aproveitando os valores locais de melhores condições técnicas, caso de Dan, Cabrita, Odilon, Jorge, Ben, Bianco, Aimoré, Madureira, Milton Caveirinha, Zaccarelli e Canhotinho. De outros clubes, as aquisições foram as de Vianna (Linense) e Ministro (São Paulo de Araraquara). Em 5 de fevereiro, assinava contrato com o Olímpia o meia direita Tidão, adquirido a A.A. Francana, Luizinho (Batatais), Ben e Prates (América de São José do Rio Preto) e Mascote, adquirido junto ao Noroeste, de Bauru.

Cabe registrar que no dia 19 de novembro o Olímpia jogaria em Severínia, inaugurando o Estádio "José Lopes Ferraz".

O Olímpia venceu por 4 gols a 1, com a seguinte constituição: Dan, Aimoré e Odilon; Zaccarelli, Bianco e Jorge;

Odair, Madureira, Pedrosa, Milton e Amaral. Por sua vez, o Severínia E.C. jogou com: Rubens, Amélio e Edson; Waldemar, Roberto Mariotti e Capioto; (Nêgo); Edmundo, Othon, Adãozinho e Chuísca.

Para orientador técnico, foram buscar o uruguaio Grahán Bell, que havia jogado no Botafogo do Rio de Janeiro. Também do Rio de Janeiro, do América, veio Antônio Carlos Moreira Gomes.

Aos 19 de março, o alviceleste faria uma grande contratação: o centro avançado Bambui, adquirido da Internacional de Bebedouro.

O certame amador corria acelerado com a presença das equipes: São Cristóvão, Fazenda Tonelli, Paulistano, Tiro de Guerra e Colégio Olímpia. Enfim, fora coroado o esforço dos diretores do clube, conseguindo-se a inclusão do Olímpia na Segunda Divisão de Profissionais da F.P.F., dividida em 5 regiões distintas. O Olímpia FC fora incluído na 1ª região juntamente

com os Clubes: Botafogo F.C. (Ribeirão Preto), A.A. Francana, (Franca), São Joaquim F.C., Orlandia, Internacional (Bebedouro), Uchoa F.C., América (São José do Rio Preto), Barretos F.C., Motoristas (Barretos) e Rio Preto E.C.

Como preparativo para o difícil certame, o Olímpia F.C. realizou amistosos importantes: Em 16 de abril, receberia a visita do XV de Novembro de Piracicaba, da Primeira Divisão. A renda foi de Cr\$ 30.000,00 e o resultado do jogo foi um empate por 2 gols. Tidão marcou para o Olímpia e Antoninho para o XV de Piracicaba. O Olímpia FC jogou com Luizinho, Odilon e Prates; Ben, Pé de Valsa e Jorge; Madureira, (Milton), Vianna, Bambui, Tidão e Abílio. Pelo XV de Novembro de Piracicaba: Ari, De Sordi e Idiarte; Pepino, Armando e Adolfinho; Russo, De Soto, De Maria e Antoninho, (Rabeca). Dia 30 de abril, viria aqui a Ponte Preta, de Campinas.



O grande esquadrão de 1950, que ficou invicto no TB. - Em pé: Graham Bell, Prates, Pé de Valsa, Aimoré, Mascote, Jorge e Bianco; agachados: Alemão, Tidão, Bambui, Vianna e Jerônimo.

1951 - DIMINUI A EUFORIA E DIRETORES SE AFASTAM

O ano de 1950 foi muito gratificante para o futebol de Olímpia, mas conservar uma equipe com tantos craques havia empobrecido os cofres do clube.

A renda não era suficiente para manter uma equipe de tal monta, e, então, os melhores jogadores foram vendidos para pagar dívidas e, outros, liberados.

O clube resolveu continuar a disputa, mas com uma equipe mais modesta. Por empréstimo do São Paulo vieram Saltori e Nejo; Wilson, Totó, Brejo e Filipim também viriam de outras equipes, conservando-se apenas os jogadores da casa.

Apesar de contar com jogadores de bom nível técnico, a campanha de 1951 não foi das melhores, principalmente pela falta de entrosamento dos jogadores, que chegaram em cima da hora do início do campeonato profissional. O público, acostumado com a equipe anterior, se dividiu. No Brejinho e no Terrão,



São Paulo F.C. - Em pé: Vicente Feola, Rui, Noronha, Savério, Poy, Mauro e Bauer. Agachados: Dido, Leônidas, Augusto, Remo e Teixeira.



Equipe do Olímpia F.C. em 1951: Em pé: Lopes, Nejo, Zaccarelli, Wilson, Mascote, Bianco e Totó. Agachados: Brejo, Saltori, Ben e Jorge.

o certame amador local atraía grande parte do público. O aparecimento de jogadores de talento (que mais tarde iriam compor o OFC), era um atrativo para os amantes do futebol. Começavam a despontar valores locais como: Serrano, Procópio, Diomedes, Zaccarelli, Onélio, Vieira, Joel, Jair, Guêlo, Garrido, Hélio Calhado, Adir, Tota, Charles, Bonadio e outros.

Com a dispersão da diretoria, o OFC ficou sob a responsabilidade do Prefeito Waldemar Lopes Ferraz, Presidente do Conselho Deliberativo.

Em 1952 as coisas ficaram piores. Sem condições financeiras, os jogadores de fora foram dispensados e não havia diretoria, nem apoio técnico.

Waldemar Lopes Ferraz constituiu uma Junta Governativa, sendo o Presidente, e tendo como Vice Álvaro Brito. Convocou, então, Sebastião Pedroso, ex-jogador e gerente da sede do Clube, para que organizasse um campeonato interno com a participação das equipes locais: Riachuelo,

ÁLVARO BRITO ASSUME O FUTEBOL PROFISSIONAL

Álvaro Brito assumiria a Presidência do Olímpia Futebol Clube que poderia, por desistência, perder o direito de participar das disputas pela 2ª Divisão de Profissionais da F.P.F., que custara tanto sacrifício para ser conseguido. Inicialmente, organizaram "um combinado" com os seguintes jogadores: Cabrita, Ben, Bianco, Pedroso, Zaccarelli, Bidu, Jerônimo, Casquinha, Jorge, Serrano, Wallace, Wilson Preto e Abílio.

Em 1953, a Junta Governativa, tendo à frente novamente o Prefeito Municipal, e mais os companheiros Francisco Negrissollo, Alberto Zaccarelli, Galib Jorge Tannuri, Paschoal Lamana, João Murad, Juvenal Rodrigues de Souza e Olintho Zambon resolveu dar um novo impulso ao futebol profissional de Olímpia.

Primeiramente, foi contratado Décio Costa Mina, técnico já conhecido dos olimpienses.



Equipe de 1953: Em pé: Moacir, Loci, Zaccarelli, Jorge, Ben e Serrano; Agachados: Português, Panadeiro, Miranda, Canhoto e Tita.



Equipe do Olímpia que enfrentou o Pameiras dia 24/6/53 nas comemorações do cinquentenário de Olímpia. Em pé: Procópio, Luiz Borracha, Roberto Mariotti, Loci, Jorge, Zaccarelli, Wilson, Moacir, Serrano, Américo Fonseca e Otacílio. Agachados: Tita, Canhoto, Nêgo, Ricardo e Panadeiro.



S.E. Palmeiras: Furlan, Rubens e Sarno; Manoelito, Gerson e Fuad. Moacir, Lito, Beto, Paulinho e Rodrigues.

Seriam contratados ainda alguns reforços em caráter regional, como: Roberto Mariotti (Severínia) e Panadeiro (Monte Verde).

Como parte das festividades do cinquentenário da cidade, foi realizado um jogo amistoso entre o Olímpia F.C. e a Sociedade Esportiva Palmeiras.

NASCE O FAMENGO F. CLUBE

No dia 11 de outubro de 1953, com o futebol profissional ausente, às 20 horas, nos salões do Aero Clube de Olímpia,

compunha-se a diretoria do mais novo Clube de Futebol de Olímpia, o Flamengo E.C., constituída pelo Presidente Santo de Oliveira; Vice Presidente: Haroldo Remondi; 1º Secretário: Antônio Carlos Moreira Gomes; 2º Secretário: José Simões Filho; 1º Tesoureiro: Osmar Longhi; 2º Tesoureiro: Nelson Iverzini; Diretor de Esportes: Francisco Inácio Barbosa; técnico: Romeu Seno. O elenco seria todo de jogadores locais: Garrido, Zinho Marangoni, Diomedes Ribeiro, Márcio Garcez, Têco, Roberto, Arnaldo, Jupê, Jair, Nelsinho, Cidão, Ditinho, Fausto, Amâncio, Broca, Tula, Duílio, Português, Onélio, Joãozinho, Forti e Vadão.

Em seu jogo de estréia, o time empataria aqui no TB, com a Internacional de Bebedouro, com um gol para cada lado.

1954 - O E.C. FLAMENGO DISPUTA O REGIONAL

Sem o futebol profissional, o E.C. Flamengo receberia o convite para representar Olímpia no certame regional, que integrava as equipes:



E.C. Flamengo, de Olímpia - Em pé: Zinho Marangoni, Ditinho Cevada, Diogenes (Têco), Jair, Forti e Vadão. Duílio, Onélio, Jupê, Joãozinho e Tula.

Taquaritinga FC, Mirassol F.C., Catanduva EC, A.A. Ferroviária de Araraquara e Barretos F.C.

Essa equipe revelou para o futebol o craque Diogenes, (Têco), que foi para o São Paulo FC, encerrando a carreira no EC Juventus, da Capital.

O Flamenguinho (como era chamado) não conseguiu o título, mas uma boa campanha. Infelizmente, no dia 8 de agosto de 1954, faria sua última partida contra o Colina A.C.

Em compensação, o amadorismo ia de vento em popa. Os muitos campos espalhados pela cidade, Brejinho, Terrão, Batata, Pito Aceso, Vila Machado e Jardim Glória davam ensejo ao aparecimento de novos valores. O campeonato citadino era muito concorrido. Possuía as equipes representativas de bairros e do centro da cidade, compostas conforme segue: Olímpinha FC: Raul, Siê, Oklinger, Tolfo, Jipão, Santa Rosa, Dorival, Hélio Calhado, Cesar, Onélio e Vavá.

Paulistinha FC: Wisclef, Orides, Nardo, Negão, Albano, Sérgio



1953 - Na foto: Gamela, Américo Fonseca, Gigliotti, Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz Presidente do C. Deliberativo do Olímpia F.C. e Oswaldinho.

Paulo, Tota, Mineiro e Bistinga. Palmeirinha: Charles, Oklinger, Orides, Tolfo, Bistinga e Nardo, Negão, Siê, Tota, Adir, Moacir. Pelizer, Miruta, Sérgio e Toneca. XV de Novembro: Lore, Zé Arnaldo, Zicão, Gervásio, Neno, Oswaldo, Amadeu, Elcio, Terere, Ataíde, Lei e Orides.

1955 - FORMA-SE OUTRA VEZ O OLÍMPIA FUTEBOL CLUBE



1955 - Olímpia F.C. Wilson Thereza, Garrido, Diomedes, Arnaldo, Márcio, Jair, Roberto Mariotti e Décio Costa Mina, (Técnico). Agachados: Português, Amâncio, Cidão, Ben e Hélio Calhado.

Em 1955, o Olímpia FC voltaria, mas desta feita para disputar o certame amador do Estado, conduzido por Sebastião Pedroso, com a colaboração de Oswaldo Marques Guimarães, Oswaldo Ruiz, José Ferreira de Oliveira, João Murad, Mário Riscali e Américo Fonseca, todos amantes do esporte. Com a contratação do técnico Décio Costa Mina, o elenco reunia a "prata da casa": Garrido, Diomedes, Newton, Serrano, Arnaldo, Lucídio, Nelsinho, Márcio, Cidão, Serrano, Zaccarelli, Roberto Mariotti, Jair, Hélio Calhado e outros.

Em seu primeiro jogo venceria o Catanduva EC por 1 a 0, gol de Cidão. Ao final, se colocaria numa honrosa terceira posição.

Após o término do Campeonato Amador do Estado de São Paulo, o Olímpia Futebol Clube novamente paralisaria sua participação em certames oficiais, só retomando dois anos depois. Nesse período, o amadorismo é que representava o futebol local em disputas regionais.



Olímpia Futebol Clube, "Campeão do Setor 33" 1957- Em pé: José Ferreira de Oliveira (Casquinha), Serrano, Valdevi, Vieira, Zaccarelli, Jair e Eloi. Agachados: Madureira, Márcio, Joel, Fausto e Mineiro (mascote: Darcio Longhi).

Em 1957, alguns desportistas de Olímpia, somados com Walter Zucca e diretores do Máquinas Brasil, resolveram criar um novo plantel do Olímpia FC, somente com jogadores da casa. Para técnico, foi convidado José Ferreira de Oliveira, ex-craque do Olímpia, e que, conhecedor do futebol, impunha-se pela disciplina, autoridade e competência. Foram, então, requisitados os melhores valores das equipes amadoras da cidade: Elói, goleiro dos Bancários; Serrano, Zaccarelli e Madureira, jogadores já consagrados; Vieira, Valdevi e Guélo, do Palmeirinha; Márcio, Joel, Bidu e Jair, do Expressinho; Faustinho e Mineiro, do Bancários; Zinho Marangoni, Botão, Onélio, Zézinho, Alemão e Gudu, do Radar.

O time sagrou-se campeão do "Setor 33" e disputou em Fernandópolis, contra a equipe de lá, o direito de subir à 2ª Divisão de Profissionais, mas foi derrotado por 2 a 1.

A Diretoria constituía-se dos seguintes nomes: Olintho Zambon,

Celvilho Storto, Oswaldo Ruiz, Osmar Longhi, Walter Zucca e outros.

Ao terminar o campeonato, novamente a diretoria se dispersaria e o Olímpia FC se ausentaria outra vez dos gramados. Em 1958, viveu apenas dos certames amadores com a participação das equipes que seguem. Colégio Olímpia: Dathan, Gervásio, Serrano, Zaccarelli, Fernando, Moacir, Garrido, Paulo Português, Faustinho e Chiquinho Scura.

Vila Ferreira: Espanhol, Zito, Danilo, Morinha, Joãozinho, Zé, Sabará, Zé Pipoca, Zé Preto, Ditão e Osmar.

O Novo Flamengo: Cabrita, Amâncio, Nêgo, Orides, Arnaldo, Bidu, Duílio, Jupê, Cidão, Caveirinha e Tula.

Nacional: Mário, Antônio, Valter, Zé Tolfo, Ben, Nêgo D'Água, Nininho, Canteiro, Marreta, Pedrinho e Morão. Palmeirinha, Vado, Oklinger, Bonadio, Zicão, Bimbo, Sidney, Rui, Miruta, Adir, Guélo, Tota e Sérgio Degasper.

XV de Novembro: Raul, Neno,

Zito, Alcides, Vadão, Lei, Zé Luiz, Santo Galetti, Terere e Zado.

El Leon: Wandir, Alvinho, Delei, Barroso, Alpino, Armando, Zé Martins, Quero-quero, Haroldo, Lucídio e Magno.

Olimpinha: Chicão, Jipão, Erciley, Albano, Gervásio, Santa Rosa, Alpino, Joel, Nelsinho, Hélio e Amadeu.

Os jogadores que defenderam o Olímpia FC resolveram formar o "Expressinho" e disputar o certame local amador.

GUILHERME LOPES Y LOPES ASSUME A PRESIDÊNCIA DO O.F.C.

Sem futebol profissional em 1958 e grande período de 1959, Guilherme Lopes Y Lopes, olimpiense de família tradicional, junto com José Ruiz, Linda Abdalla (Vice-Presidente), Aracy Matheus dos Santos e outros resolveu formar novamente o Olímpia Futebol Clube. Feita a "peneira" entre os clubes locais e chamando para técnico Antônio Carlos Moreira Gomes, o novo alvi-celeste estreou contra o Juventus, da Capital, já com a base formada. Os dois únicos jogadores contratados de outros clubes foram Claudiney e Laerte. Claudiney marcou época como um dos melhores goleiros de todos os tempos em Olímpia.

Eis os jogadores que integraram o plantel do OFC: Claudiney, Botão, Bistinga, Procópio, Zaccarelli, Vieira, Alemão, Onélio, Laerte, Serrano, Márcio, Joel, Carneiro, Jair, Gudu, Zézinho, Moacir, Amim, Guélo e Moacir Zaccarelli.



Olímpia F.C. Campeão da "Série Brigadeiro Faria Lima". Em pé: Antônio Carlos (técnico), Moacir, Zaccarelli, Vieira, Claudiney, Procópio, Alemão, Bistinga, Zézinho, Serrano, Carneiro e Wilson Thereza; agachados: Gudu, Márcio, Onélio, Joel, Laerte, Amim, Guélo e Botão.

O Olímpia FC tinha conquistado com amplos méritos o certame classificatório, sendo campeão da "Série Brigadeiro Faria Lima". Teria que disputar contra seu mais ferrenho adversário, a Votuporanguense, o direito de subir à 2ª Divisão da FPF. Venceu seu oponente aqui no TB por quatro a um, empatou em zero a zero em Araraquara (campo neutro) e perdeu a partida decisiva no campo do América em São José do Rio Preto pela contagem de 2 gols a 1, após estar vencendo a primeira etapa por 1 a 0. Zézinho foi aclamado o melhor jogador em campo. Por contusão, Bistinga daria seu lugar a Procópio, e Alemão abandonaria o futebol, ficando Laerte em seu lugar, mas a base da equipe continuou, para a disputa do ano seguinte.

1961 - OLÍMPIA F.C. CAMPEÃO DA SÉRIE "CAFEIEIRA"

Nesse ano, Guilherme Lopes y Lopes passaria a presidência do clube para Oswaldo de Lima Borges, gerente do Banqueiroz, em Olímpia, que constituiria a sua diretoria com os seguintes nomes: Pedro Tolfo, Adilor Clemêncio da Silva, Mil-

ton A. E. Pereira, Aparecido da Silva Bello (Caçula) e outros colaboradores. Já estava definida a participação do clube na 2ª Divisão de Profissionais, "Série Caffeira", com as equipes do Votuporanga, Mirassol, Neves Paulista, Tanabi, Barretos, Internacional, de Bebedouro, Orlandia e Catanduva.



1961- Olímpia FC Campeão da "Série Caffeira". Na foto: Eca (técnico), Adauto, Salata, Zaccarelli, Bira, Destro, Vieira, Procópio, Jair, Joel, Zézinho, Jonas, Índio, Gudu, Onélio, Botão, Raimundinho e Wilson Thereza.

Antônio Carlos deixaria o comando técnico da equipe. A diretoria, iria buscar em Franca o carismático técnico Eca, que solicitou algumas contratações: o volante Luiz Destro, o zagueiro direito Salata, o meia esquerda Jonas, o ponteiro direito Índio e o centro-avante Bira. Claudiney retornara ao Juventus. Então foi contratado o goleiro Adauto e, para seu reserva eventual, Raimundinho. Com esses reforços de excelente nível técnico, o Olímpia FC fez brilhante campanha e se tornou campeão do certame, jogando a final contra seu velho rival, a Votuporanguense. Só que, desta vez, deu Olímpia por 2 gols a 1.

No certame amador, participavam as equipes do XV de Novembro, Bancários, Palmeirinha, Amador do OFC, Penharol, Paulista e UECIO.

Em 12/01/62, em reunião convocada pelo Deputado Waldemar Lopes Ferraz, Presidente do Conselho Deliberativo, era novamente reeleito presidente do clube Oswaldo de Lima Borges, tendo como vice Joaquim Pinheiro, que logo pediria demissão, assumindo o Sr. Alberto Zaccarelli. Foi feito o projeto para cobertura parcial das arquibancadas. Retorna o técnico Antônio C. M. Gomes, mas que, na metade do percurso, deixaria o posto de comando técnico para Benedito Saltori. O elenco ainda efetuará algumas contratações: Hélio Calhado, Zanca e Gaze.

O Glorioso Alvi-celeste faria excelente campanha em sua série contra as equipes do Mirassol, Nevense, Catanduva, Dracena, Orlândia e Linense. A



OFC - 1962 - Em pé: Wilson Thereza, Benedito Saltori (técnico), Salata, Adauto, Zaccarelli, Vieira, Luiz Destro, Procópio, Raimundinho, e Zézinho. agachados: Gudu, Índio, Serrano, Bira, Onélio, Joel, Botão e Jair.

sua boa campanha credenciou-o a uma vaga para disputar a "Taça São Paulo". Infelizmente foi derrotado pelo América de São José do Rio Preto e para o Catanduva E.C. Foi contratado para a disputa desse certame o técnico Décio Costa Mina.

1963 - ANO DE ALEGRIAS E DECEPÇÕES

Nesse ano, o Olímpia caracterizou-se por duas fases: uma campanha inicial excelente e uma final melancólica. Joaquim Pinheiro, Vice-Presidente do Clube, assumia a presidência do Olímpia, tendo Oswaldo de

Lima Borges como vice e mais Egídio Caputo, Alcides Fonseca, Abílio Pereira (Cajobi) e outros.

O elenco contava com jogadores da casa e mais as contratações de Darci, (goleiro), Almeida, Berguinho, Tupi, Dedê, Gasolina e Rubinho. Com um plantel muito forte, o clube disputaria a 2ª Divisão de Profissionais da FPF, onde estavam as equipes do Gran São João de Limeira, Votuporanguense, Orlândia, Bandeirantes, de São Carlos, Internacional de Bebedouro e Igarapava.



1963 - OFC: Adauto, Salata, Zaccarelli, Vieira, Destro, Botão e Wilson Thereza. Agachados: Índio, Dedê, Bira, Onélio e Jonas.



OFC - 1964 - Saltori (técnico), Serrano, Botão, Zézinho, Formiga, Baraldi, Darci, Olavo e Wilson Thereza. Agachados: Onélio, Jonas, Dedê, Gaze e Paraná.

A equipe titular tinha a seguinte constituição: Darci, Botão, Serrano, Zaccarelli e Zézinho; Berguinho e Rubinho; Tupi, Jonas, Dedê e Gaze. Foram ainda utilizados: Almeida, Gasolina e Palácio.

O Olímpia FC sagrou-se campeão da Série C, classificando-se para as disputas com os campeões de outras séries, mas o presidente Joaquim Pinheiro, preocupado com as finanças do clube, vendeu os passes dos jogadores Berguinho, Rubinho, Jonas e Gaze, desmontando, assim, o plantel. O alvi-celeste foi desclassificado.

Os acontecimentos do ano anterior, com o clube se desfazendo de grande jogadores antes da final, precipitaram o afastamento do presidente Pinheiro. A pedido do Deputado Lopes Ferraz, Oswaldo de Lima Borges voltaria a assumir a presidência, mantendo os demais diretores. Botão e Zézinho se transferiram para Fernandópolis. A Federação não aceita o pedido de licença do clube e ameaça rebaixá-lo para a 3ª divisão. Oswaldo de

Oswaldo L. Borges, mas em caráter temporário, apenas para conservar o nome do clube. Por deliberação do Presidente do Conselho Dr. Waldemar Lopes Ferraz, foi elaborada uma lista de possíveis nomes para assumirem o comando do alvi-celeste.

Finalmente, no dia 16 de janeiro de 1965, em reunião realizada na ACIO, o jovem empresário José Cintra Gordinho Filho (Zeito) aceitava o cargo de presidente, tendo como vice Haroldo Remondi.

Jovem e dinâmico, Zeito promoveria uma campanha de associados, efetuará reformas no TB e contrataria o técnico Lobão para treinar a equipe que, por motivos econômicos, seria formada só por elementos da casa. Com um plantel "caseiro" o OFC faria sua estréia contra a equipe de Frutal (MG), com os seguintes jogadores: Cabreira, João Mora, Serrano, Cabritinha, Abelson, Índio, Zaccarelli, Zé Marangoni, Baraldi, Valtinho e Delaguinho. Foi apenas uma campanha regular, a de 1965. O relato sobre a história do clube nos anos seguintes segue no próximo volume.



1965 - OFC - Sartori, João Mora, Agostinho Perroni, Alemão, Abelson e Carlos. Agachados: João Baraldi, Delaguinho, Bira, Rui Bertolino, Onélio e Canhoto.

DETALHES DA HISTÓRIA



Em 1957/58 a Petrobrás veio a Olímpia verificar indicações de um possível lençol de petróleo em nossa região. Durante 2 anos fizeram pesquisas perto do trevo da rodovia Barretos-S. J. do Rio Preto. Não foi encontrado o petróleo, mas uma corrente de água muito quente, que é usada hoje pelo o Clube "Termas dos Laranjais". Na foto, a torre de prospecção.

OSWALDO APARECIDO DE OLIVEIRA E A CRIAÇÃO DA LIGA OLIMPIENSE DE FUTEBOL



Oswaldo Aparecido de Oliveira, ainda na profissão de tintureiro.

Oswaldo Aparecido de Oliveira, nasceu em Olímpia em 15 de fevereiro de 1912, e foi uma das figuras mais impor-



Oswaldinho e sua esposa D^a Florinda Rodrigues Fernandes de Oliveira em seu estabelecimento comercial, a Lavanderia Oliveira.

tantes na história do esporte de nossa terra.

Sempre ligado ao esporte, Oswaldinho, como era chamado carinhosamente por todos, teve uma presença constante em todos os acontecimentos esportivos de Olímpia. Modesto, humilde, na sua profissão de tintureiro ou motorista,

mas sempre dedicando uma parte de seu tempo ao esporte.

Foi técnico do Olímpia FC, de diversas equipes amadoras de futebol.

Sua competência o levou a orientar as equipes de basquete de Presidente Prudente, Cornélio Procópio, Birigui, Tupã e Uberlândia.

Em 1940, antes da inauguração da Quadra da Fundação Olímpica, respondia como técnico pelas equipes femininas de basquete de Olímpia, numa das quais atuou Wanda Ricciardi, que foi para o Fluminense do Rio de Janeiro.

Em 1953, assumia as funções de Oficial de Justiça, até a sua aposentadoria. Oswaldinho, faleceu há poucos anos, merecedor dos maiores elogios e agradecimentos que uma cidade puder dispender a uma pessoa que fez do amor ao esporte a sua segunda vida.



Sede da Liga Olímpense de Futebol, à rua Jorge Tibiriçá, hoje David de Oliveira. Na foto, Oswaldinho, Nelson Coradini cumprimentado por Paschoal Lamana, José Moreda e o Deputado Estadual Dr. Waldemar Lopes Ferraz.



Na foto ao lado, presidindo uma solenidade. Presentes, o vereador João José da Cunha, o Prefeito Dr. Wilquem Manoel Neves, Tiquinha Forti, Luiz dos Santos Ruivo e o vereador Romualdo Bruniera.

Abaixo, no TB, entrega de troféus, ladoado por Américo Fonseca, Lei Pompeu e Dolô Longhi.

Embaixo à esquerda. Solenidade de entrega de troféus a S.E. Palmeirinha, campeã do torneio de 1964.

Na foto, jogadores do Palmeirinha: Disney, Parola, Oguiomar (Tec.), Ademar, Zézão, Zé Marangoni, Baraldi, Nilson, Edgar, Garrido e (NI) À frente, o garoto Elmo e o presidente da LOF, Oswaldo Aparecido de Oliveira.

A CRIAÇÃO DA LIGA OLIMPIENSE

Em 23 de março de 1960, Oswaldinho realizava o seu grande sonho: criava a Liga Olímpense de Futebol (LOF), junto com outros valorosos e dedicados esportistas, como Américo Fonseca, Oswaldo Fonseca, Raul Cruz Filho, Antônio Magro, Orico Inácio, José Antônio Martins, Irineu Bertolino e Alcides Fonseca.

Oswaldinho participava de todas as convenções, mesmo às suas próprias expensas, e era muito organizado e estudioso.



Representava Olímpia com brilho, sendo pessoa conhecida em todo o meio esportivo amador do Estado. Organizava os campeonatos, compunha departamentos, criou a escola de árbitros, procedia competições de outras modalidades, enfim, estava presente em tudo o que se relacionasse com o esporte olimpiense.

Foi presidente da Liga Olímpense de Futebol, que criou, por mais de uma década, sempre com muito trabalho, dedicação e desprendimento.

FUTEBOL DE SALÃO



UECIO- (União dos Empregados do Comércio e Indústria de Olímpia). Em pé: Wilson Thereza, Bepin, Mauro Recco, Nelson Coradini. Agachados: Neville, Tota, Índio e Zinho Marangoni.

A partir dos anos 60, Olímpia revelou-se a meca do Futebol de Salão. Os campeonatos realizados na Quadra da Fundação Olímpica eram as atrações das noites de quartas e sextas-feiras.

Suas equipes, famosas em toda a região inclusive em outros Estados, possuíam elementos de excelente nível técnico.

Nos cinco certames realizados antes da extinção da quadra tornaram-se campeões: A Construtora, com craques como Zaccarelli, Procópio, Serrano, Joel, Tazinho e outros, a equipe do Banessa, com Hélio, Sgorlon, Zé Marangoni, Carlos Magno, Zé Luiz Rosa e Baraldi; o Olimpina foi campeão do 3º e 4º campeonatos, com Agostinho, Ademir, Tazinho, Zé Marangoni, Carlos Magno e Elmo. O 5º e último campeão foi a UECIO; Mauro Recco, Bepin, Gervásio, Neville, Tota, Índio e Zinho Marangoni.



Real Brasileiro: Delago, Adilor e Nenê Laraia; agachados Zicão, Parola e Daikiti.

Palmeirinha e Clube de Campo A.Brito. Essas equipes dificilmente eram derrotadas por times de outras cidades. O Real Brasileiro, equipe fortíssima, era a preferida do público, principalmente da classe feminina. Nunca foi campeã, mas foi a única a derrotar a poderosa equipe do Banessa, impedindo-a de ser campeã invicta.

O Olimpina, que tinha como presidente, Luciano Ittavo Filho e depois Baldonado Carneiro era conhecido e famoso na região. Derrotou em São José do Rio Preto a equipe riopretense, no Prata, em Minas, venceu o campeão Mineiro, e mais os torneios realizados em Colina, Barretos, Severínia, José Bonifácio e Guaíra.



Equipe do Colégio Olímpia no Interecolial realizado em Barretos: Em pé: Zambon, Zé Marangoni e Caia Piton; agachados, Luizon, Tazinho e Edil.

As seleções dos campeonatos escolhidas por votação da imprensa local ficaram assim registradas:

SELEÇÃO A - Hélio (Banessa), Nenê Laraia (Real Brasileiro), Zé Marangoni (Banessa), Daikiti (Real Brasileiro) e Carlos Magno (Banessa).

SELEÇÃO B - Marcelinho (UECIO), Serrano (Clube de Campo Álvaro Brito), Gervásio, (UECIO) Zinho Marangoni (UECIO) e Elmo (GECA).

Infelizmente esse esporte, com a demolição da quadra da Fundação Olímpia, deixou praticamente de existir, privando o público olimpiense de presenciar os espetáculos realizados nas noites de quartas e sextas-feiras.

A COLÔNIA NIPO BRASILEIRA DE OLÍMPIA



Takakishi Takahashi (Alfredo), líder e Coordenador Regional da Colônia Nipo-brasileira.

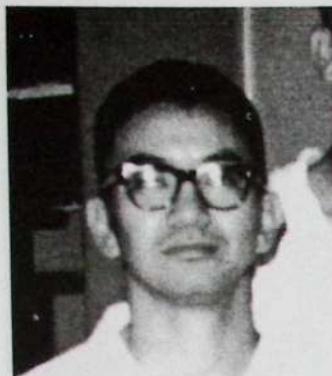
Nesse ponto da história, principalmente nos anos 50, a Colônia Nipo-Brasileira, tinha como principal coordenador o comerciante olimpiense Takakishi Takahashi, homem dinâmico, austero, disciplinado e organizador, (características próprias da raça japonesa), realizava todos os anos, um campeonato de atletismo, congregando as cidades da região: Onda Verde, Altair, Guaraci, Severínia, Monte Azul, Icem, Paulo de Faria e outras.



No "Terrão", no pódio, os classificados e respectivas madrinhas.

Por ali passaram grandes equipes, além do Real, Banessa, Olimpina, UECIO, Construtora e o Clube de Campo Álvaro Brito, que era composto de jogadores experientes, como Zaccarelli, Serrano, Diomedes, Procópio, Joel, Jair, Tazinho, e outros habilidosos como: Mizoguti, Parola, Zicão, Elmo, Zé Luiz Rosa, ou aguerridos como Neville, Índio, Disney, Adilor, Mauro Recco, Tota, Bepin, Botão, Delaguinho e muitos outros que colaboraram para fazer a história desse esporte que deu glórias para nossa cidade.

Sem dúvida foi uma época de ouro para essa modalidade esportiva que marcou o período.



SANKITI TAKAHASHI

No começo do ano de 1953, o professor de Judô Sankiti Takahashi, formado no Japão em defesa pessoal e cultura física, abriu uma Academia à Rua Sória, na esquina frente ao Auto Posto Tigrinho. Ali oferecia cursos dessa modalidade a todos os que gostavam do esporte, na maioria jovens e crianças.

A academia logo começou a ganhar destaque e adeptos. Com o salão pequeno demais, anos depois a sede passaria a funcionar em prédio próprio à rua Veiga Miranda, com salões, tatames e aparelhos para desenvolvimento físico.

Os alunos, além do desenvolvimento físico e da defesa pessoal, aprendiam a importante arte da obediência, disciplina e boa conduta, atributos exigidos sem reserva pelo Professor Sankiti.

Posteriormente, alguns de seus alunos, já desenvolvidos através de aprendizado competente, ajudavam a ministrar aulas e conhecimentos da milenar arte aos alunos mais jovens, caso do saudoso Brazil Paulo

Ferranti, Benedito da Silva, Seigo Iquegami e outros.

Esse foi um esporte que alcançou destaque em nossa cidade, pontificando alguns campeões de torneios estaduais e regionais. O Professor Sankiti Takahashi sempre foi admirado pelo exemplo pessoal, que dignificou esse esporte, encaminhando e disciplinando muitos jovens.



Praticantes de Judô fazem demonstrações em frente aos juizes.



Equipe de alunos e professores da Academia Takahashi de Cultura Física, no salão do Aero Clube de Olímpia.



Em pé, alunos da equipe da Academia Takahashi de Cultura Física de faixa mais graduada. Agachados, os aprendizes.

BASQUETE - PERSONAGENS HISTÓRICOS DO BASQUETE OLIMPIENSE



Baby Barioni, criador dos Jogos Abertos do Interior e Jogos do Obelisco.



Arlindo Alves da Cunha, um grande craque e colaborador do basquete local.



Oracílio Volpe, técnico do BOC e um grande nome do basquete de Olímpia. Membro da Comissão dos Jogos do Obelisco.



Afro Sarti, Presidente da Comissão Municipal de Esportes e fundador da quadra da Fundação Olímpica.



Roque Laraia, atleta do basquete olimpiense e também participante de várias comissões. Foi um grande batalhador e técnico das divisões juvenis.



James Roxo, membro da Comissão Municipal de Esportes e da Comissão dos Jogos do Obelisco realizados em Olímpia.



Amadeu Galmacci, Presidente da Comissão Municipal de Esportes e grande incentivador do basquete em Olímpia.



Dr. João Batista de Sant'Anna, Presidente da Comissão Executiva dos V Jogos do Obelisco em 1955.



Dr. Walter Ragazzi, jogador da equipe e técnico da mesma.



Oswaldo Aparecido de Oliveira, técnico de basquete, fundador da Liga Olimpiense de Futebol e um dos maiores incentivadores do basquete em Olímpia. Foi técnico da seleção feminina de basquete de Olímpia.



Dr. Harry Giannellini, Presidente da Comissão Municipal de Esportes, técnico do BOC e grande colaborador para a manutenção do basquete em Olímpia.



Sankiti Takahashi, Presidente da Comissão Municipal de Esportes e da Comissão Executiva dos X Jogos do Obelisco.



Nas fotos, vemos atletas do grupo feminino na quadra situada a um quarteirão da Praça Rui Barbosa, mais precisamente na confluência da Rua Cel. Francisco Nogueira com a Rua Floriano Peixoto, onde posteriormente, Aparecido da Silva Bello (Caçula) construiu sua residência, isso mais ou menos em 1945.

Na impossibilidade de identificar todas as jogadoras, apenas registramos a presença do técnico Oswaldinho.

Como registramos no primeiro volume da história de Olímpia, a década de 1930 caracterizou-se pela popularização e prática do basquete, coqueluche da juventude da época.

A cidade, ainda jovem, possuía muitos terrenos vazios, onde foram improvisadas quadras para a prática desse esporte. Das equipes antigas, recordamos a primeira: o Clube dos Mosqueteiros, representando a Sociedade Espanhola, o Dopolavoro da Sociedade Italiana, o Comercial e o Bancários.

Em 1940 Dr. Antônio Augusto Reis Neves construiu a Praça de Esportes do Colégio Olímpia, o "Brejinho". Com a cidade em grande crescimento, as pequenas quadras localizadas no centro da cidade foram dando lugar a residências e casas comerciais, restando apenas a quadra localizada na esquina da rua Cel. Francisco Nogueira com a rua Floriano Peixoto, quase em frente ao Hotel Municipal, retratada nas fotos acima e ao lado.



A quadra da Fundação Olímpica já existia nessa época, mas era apenas um campo de terra batida, sem arquibancadas, vestiários ou outras melhorias, quando um grupo de desportistas olimpienses, tendo à frente Afro Sarti, gerente da agência local do Banco Comercial do Estado de São Paulo, promoveu uma sociedade por quotas, para reformar o local. Oswaldo Aparecido de Oliveira era o comandante técnico do basquete em Olímpia, que já anunciava novos valores: Roque Laraia, Daud, Michel, Gothardi, Nenê e outros mais.



As fotos dessa página, a exemplo das anteriores, registram momentos de alegria das jovens jogadoras de basquete de Olímpia em 1940, na quadra situada perto da Praça Rui Barbosa.

A presença do técnico Oswaldo Aparecido de Oliveira em todos os flagrantes, nas fotos que registram uma parte da história de nosso esporte, no início dos anos 1940.

Precariamente, era usada a quadra da FO, mas a maior parte dos eventos do esporte da cesta era realizada na nova quadra da Praça de Esportes do Colégio Olímpia.

Ali se revezavam, no uso da mesma, os atletas da equipe da cidade e mais os jovens estudantes do Colégio Olímpia, cujo campo também era usado para a prática de voleibol e exercícios de educação física ministrados pelo prof. Nicanor Florindo.





A foto registra momentos de uma partida de basquete, na antiga quadra da Rua Cel. Francisco Nogueira. Acima, podemos notar parte do prédio do tradicional Hotel Municipal.

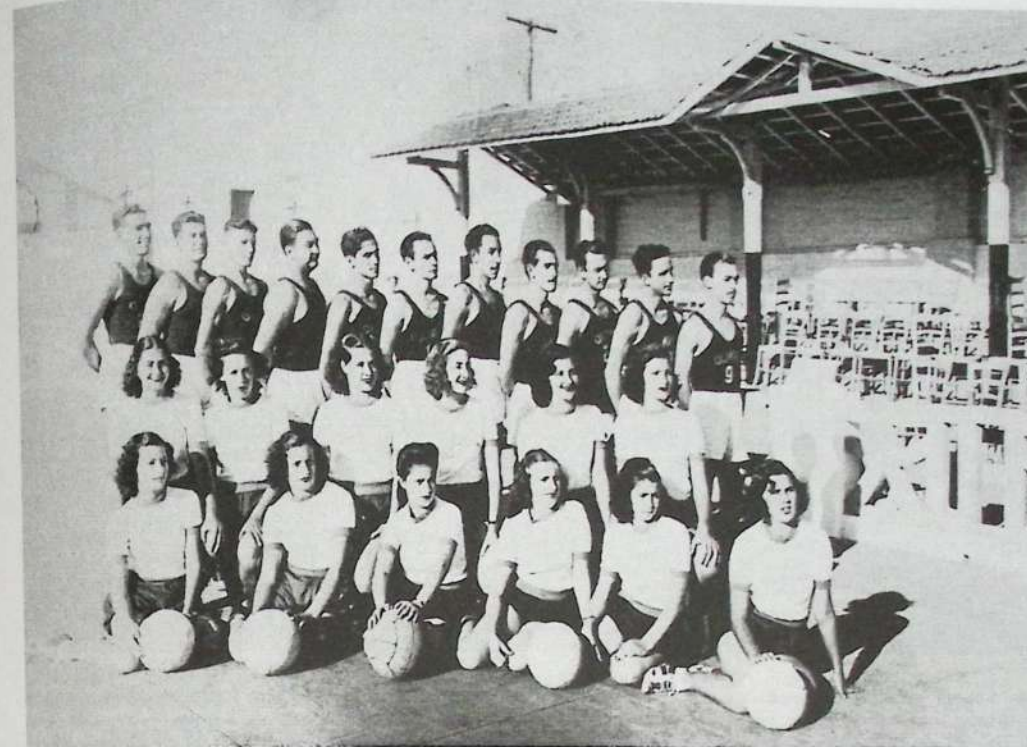


Jogadores de uma equipe estudantil do Colégio Olímpia na modalidade vôleibol, na quadra da Praça de Esportes do Colégio Olímpia. Os jogadores não puderam ser identificados. Em meio aos esportistas, a madrinha, a jovem Djalva Trondi e o Professor Nicanor Florindo.



Torneio infantil do Colégio Olímpia, na Praça de Esportes do Colégio Olímpia - Da esquerda para a direita em pé: Agnes Latouf (Madrinha), Ailton Tarantino, Roger Latouf, João Galli, José Salemi, Wilhian Aidar, Zeito Vicente (Cueco), Erotides Felix (Madrinha), Nelson Nicolau, Abel Mathias Netto, Silvio Spegorin, João Baptista Sant'anna, Lia Maria Rosa (Madrinha), Beto Constantino, Chiquinho Francese, Américo Bathaus, Milton Ferranti, Luiz Carlos Barbosa, Albino Cassiolato, Urbano Freitas, Kokei Uehara, André Fuso (NI), Arlindo Cunha Mattos, Abdalla José Zuri, João de Oliveira (Peixinho), Francisco Covello, Jackie Dutra Sant'Anna, (NI), Disélia Miranda (Madrinha), Maurice Garcez Novais, Valtir Barreto, Prof. Ildefonso Santos (NI), Nelson Preto, Nivaldo Seragin e Marieta Rayel. Agachados: Adhemar Santana, Milton Miessa, Murilo Garcez Novais, Mário Chamie, Silas Roland, Guilherme Lopes Y Lopes, Tozinho, Ortiz, (NI), Jorge Thomé, Sérgio Gentil, Milton Faria de Assis, Edgar Pimenta Menitti, Luso Garrido, (NI), José Maria Rodrigues Batata, João Baptista de Castilho, (NI), Armando G. Mattos Santos, Paulo Miessa, Fausto Mattos Santos (Coxinha), (NI) e o Professor Nicanor Florindo. Deitado: Alcy Gigliotti.

* Observação: (NI) "Não identificados" (O Colégio possuía muitos alunos de outras localidades e não foi possível a identificação de todos).



1944 - Quadra da Fundação Olímpica. Na foto, as equipes masculina e feminina representativas de Olímpia. Em pé: Negrão Ittavo, Arlindo Cunha Matos, Cueco Vicente, Roque Laraia, Alcides Alves Cunha (Tide), Luiz Galli, Domingos Ramirez, João Daud, Lêndoge Posella, João Sant'Anna e Valdez Delamanha. Equipe feminina, agachadas: Izabel Gil (Bela), Inês Neves, Eunice Aguiar, Izaura Lujan, Maria Gil e Amália Caldarelli. Sentadas: Wilma Ferreira, Helena Neves, Jandira, Rosinha, Ester Castro Luz, e Lia Santana.

No dia 26 de agosto de 1944, era inaugurada a quadra da Fundação Olímpica. Ainda não totalmente concluída, tornou-se o centro das atrações da juventude na prática do esporte da cesta e vôlei. Na parte de baixo, foi construída uma quadra de tênis de saibro batido para os praticantes desse esporte. A partir daí, multiplicaram-se os tenistas local, dando ensejo ao aparecimento de muitos jovens valores.

Em 1945 a quadra já apresentava piso de mosaico, arquibancada coberta, iluminação com pendentes, vestiários masculino e feminino, sem dúvida, uma melhora significativa.



15/6/1945 - A equipe olimpiense que enfrentou o Corinthians, perdendo pela contagem de 33 a 26. Em pé: Walter Ragazzi, (técnico), João Daud, Mauro Gothardi, Alcides Alves Cunha, Arlindo Cunha Mattos, Oracílio Volpe e Piná. Agachados: Cueco, João Sant'Anna e Subito.



1317/47 - Torneio realizado por Baby Barioni e comissão na quadra da Fundação Olímpica, com a participação de seis equipes. Em pé: Roque Laraia, João Marechal Furlan, Armando Raia, Domingos Ramirez, Jair Roxo, (Peninha), João Daud, Maurice Garcez Novaes, Tomico Ferreira, Beto Constantino, José Augusto Oberg, Ailton Turantino, Zeito Vicente (Cueco), Afro Sarti, Baby Barioni, Sérgio Gentil Clodoaldo Benez, Nassib Daud, (Subito), Gilberto Ittavo, (Negrão), Mauro Mariotti, Rui Lapu, Geraldo, Milton Ittavo (Piqui), Wilson Sponchiado, e Arlindo da Cunha Mattos. Agachados: Walter Vicente, Nêgo França, Argemiro Cunha, Wilquem Manoel Neves, Fausto Mattos Santos, (Coxinha), Ademir Santana, Luiz Mori Laraia, Alcides Alves Cunha, Og Vietti, Edgar Pimenta Menitti, Milton Miessa, Jorge Thomé, Nelson Ruivo, Murilo Garcez Novaes, Benedito de Oliveira Gomes e José Furlan. Venceu o torneio a equipe "Galmaci".



Em pé a equipe vencedora do torneio: João Furlan, Armando Raia, A. Vicente, Jair Roxo, Domingos Ramirez e Daltes Hidalgo. Sentados, os membros da comissão: James Roxo, Roque Laraia, Amadeu Galmaci, Afro Sarti, Arlindo Cunha Mattos, Walter Ragazzi e Baby Barioni.

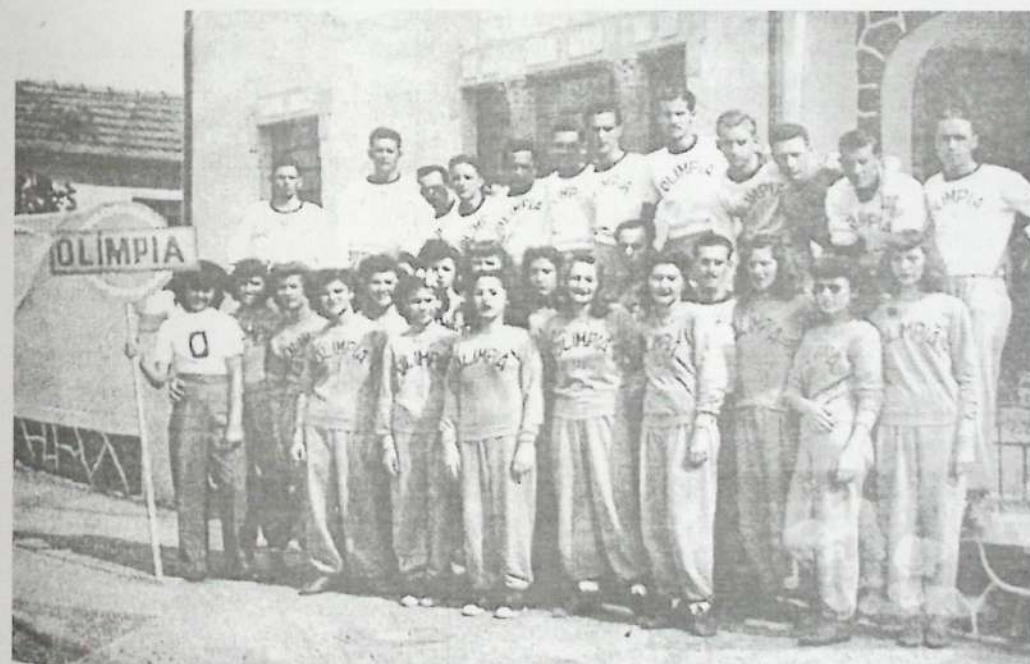
A classificação do torneio foi a seguinte: 1ª colocada: equipe Galmaci; 2ª colocada: Rádio ZYG8; 3ª colocada: equipe Dr. Orlando; 4ª colocada: Dr. Neves; 5ª colocada: Galistas e a última colocada, equipe Baiochi. O cestinha do certame foi João Daud com 54 pontos; em segundo, Ferreira com 41, em terceiro, Negrão Ittavo com 38.

Baby Barioni queria incrementar todos os esportes em Olímpia: Vôlei, Basquete, Tênis, Box, Luta Livre e outros, mas encontrou muitas dificuldades. O basquete e vôlei eram subordinados ao Olímpia Futebol Clube.

Em 1947 Olímpia participaria dos Jogos Abertos do Interior realizados em Campinas.



1947- Equipe olímpense de basquete feminina em Ribeirão Preto: Em pé: Maria Aparecida Leite, Terezinha Marconsin, Wanda Ricciardi, Alcides Brunelli (chefe da delegação), Dirce Francese, Itamar Graça de Carvalho e Sílvia de Castro. Agachadas: Aparecida Vicente, Biluca Clemêncio e Aracy Matheus dos Santos.



Na foto acima, a delegação olímpense em Campinas nos Jogos Abertos do Interior: Equipe masculina da esquerda para a direita: Kiko Garcez, Arlindo Cunha Mattos, João Galli, João Sant'Anna, Américo Cunha, Milton Ittavo, Alcides Alves Cunha, Subito Daud, Gilberto, (Negrão), Luciano Benfatti, Juanito, Cueco e Mário Volpe. Equipe feminina: Aimar Martins, Terezinha Marconsin, Dirce Francese, Sílvia de Castro, Neusa Lima, Cidinha, Belinha Caldarelli, Zenaide, Diva Thome, Biluca Clemêncio, Wanda Ricciardi, James Roxo (atrás), Rosa Martinelli, João Daud (atrás) Itamar Graça de Carvalho, Vera Veloso e Amália Caldarelli.

O Olímpia Futebol Clube continuava mandando no basquete. Com a saída de Baby Barioni, seria designado para o comando técnico do basquete principal o Professor Nicanor Florindo, que lecionava Educação Física para os alunos do Colégio Olímpia. Nicanor convocaria os seguintes jogadores para defender a equipe da cidade: Moacir Zaccarelli, Milton Miessa, Edgar Meniti, Argemiro Cunha, Faez Daud, Zico Sotero e Nelsinho Ruivo. Mais tarde, a equipe seria reforçada por Tide, Peninha, Vandrey, Cueco, Ademar, Subito e Glauco. O Colégio Olímpia, com mais de 2.000 alunos, era um verdadeiro celeiro de atletas, que iam se revelando gradativamente.

FIM DE UMA GERAÇÃO COMEÇA A RENOVAÇÃO

À medida que o tempo passa é natural a lei da renovação, não só na natureza mas em todos os setores. No esporte não seria diferente. O tempo, inflexível, proporcionaria mudanças necessárias para a continuidade e aperfeiçoamento. A geração pioneira do esporte já estava se afastando, dando lugar a novos valores. Oracílio Volpe, Arlindo da Cunha Mattos, Odilon de Paula Vianna, Harry Gianecchini, Urbano Ferreira, Roque e Luizinho Laraia, não mais iriam maravilhar a torcida olimpiense. A participação dessas pessoas se daria no setor administrativo, como diretores, técnicos ou colaboradores. A missão estava cumprida.



Jogos Abertos do Interior em Rio Claro. Entre juizes da Federação as atletas olimpienses. Em pé: Neusa, Rosinha, Amália Caldarelli, Wanda Ricciardi, Vera Salles, Cidinha e Itamar Graça de Carvalho. Sentadas: Diva Thomé, Belinha Caldarelli e Sílvia de Castro.

OLÍMPIA PARTICIPA DOS JOGOS ABERTOS EM RIO CLARO

Sob a chefia do Sr. Amadeu Galmaci, Olímpia se fez presente nos Jogos Abertos do Interior, realizados em Rio Claro, sob a competente direção técnica do Professor Isauro Assis de Souza, com os seguintes jogadores: Tide, Jair Roxo, Albino Cassiolato, Subito,

Cueco, Sant'Anna, Piqui, Glauco e Delamanha.

Sem tempo para um melhor preparo físico e técnico, a campanha foi considerada regular.

Baby Barioni acabou se indispondo com a Comissão Municipal de Esportes, declarando que a equipe olimpiense ainda não estava bem preparada e aconselhava a não participação nos jogos de Ribeirão Preto.



A nova geração: Afro Sarti, Dirceu Branco, Zico Sotero, Dimas, Salvador, Albino Cassiolato, Tide e Baby Barioni. Agachados: Reinaldo (Patão), Faustinho, Albano Rugai e Pedrinho Ricciardi.



Equipe de basquete do Colégio Olímpia: Silva, Paulo Ribeiro, Raul Lattouf, (NI) Zico Sotero, Dirceu Branco, Oswaldo Serrano, Edson Daud, Nelsinho Ruivo, Argemiro Cunha e Professor Nicanor Florindo. Agachados: (NI), Pedro Medeiros, Procópio Ribeiro, Darci Branco, Dathan Cervo, Fausto Marcondes (NI) e Carlos (Boi preto).

Por meio do Colégio Olímpia, que se movimentava intensamente em todas as áreas esportivas, surgiam muitos valores que comporiam a equipe do basquete de Olímpia: Albino Cassiolato, Zaccarelli, Edson Daud, Albano Rugai, Fausto Vieira Marcondes e outros.

No vôlei feminino o Colégio também começaria a marcar presença com a formação de equipes. Vasco da Gama: Belica, Idel, Tereza, Helena e Sílvia. Palmeiras: Maria Helena, Darci, Cecília, Djalva e Leila. Masculino: Zaccarelli, Cueco, Edson, Zico, Cesar Tannuri e

Pedro Medeiros. Jovens valores começavam a despontar, elementos como: Reinaldo (Patão), Anginho, Lelis, Ney Junqueira, Siê, Chiquinho Scura, Múcio Garcez, que viriam compor a principal base do basquete olimpiense alguns anos depois.



Equipe de vôlei do Colégio Olímpia: Moacir Zaccarelli, Cueco, Pedro Medeiros, Zico Sotero, Cesar Tannuri (NI) e Professor Nicanor Florindo.



Equipe de Basquete do Colégio: Moacir Zaccarelli, Milton Miessa, Zico Sotero, Faez Daud, (NI) Nelsinho Ruivo, Pedro Medeiros e Professor Nicanor Florindo.

Em 1949 o professor Isauro Assis de Souza estava à frente do comando técnico do basquete olimpiense. Em 1948, a tentativa frustrada de trazer os Jogos Abertos do Interior para Olímpia e a teimosia de Baby Barioni em não querer que Olímpia participasse dos jogos que iriam ser realizados em Ribeirão Preto, alegando falta de preparo e condições técnicas, anteciparia sua saída. Baby iria para Ribeirão Preto preparar os jogos.

Em 1949, com o professor Isauro Assis de Souza à frente do comando técnico do basquete, Olímpia venceria Barretos por 15 a 14, no dia 4 de dezembro. Mas no final desse mesmo mês, o técnico deixava o cargo por divergências com o Olímpia F. C. Isauro não aceitava a subordinação do basquete ao clube de futebol, principalmente à Junta Governativa do Olímpia Futebol Clube.

Mas a luta não fora em vão. Meses depois, já em 1950, o basquete conseguiria se libertar totalmente da tutela da Junta Governativa do Olímpia Futebol Clube e definir seus próprios caminhos e objetivos.

Ao mesmo tempo, os jornais davam destaque à boa atuação de Oswaldo Aparecido de Oliveira à frente do comando técnico do basquete da cidade de Cornélio Procopio.

Libertos da subordinação da Junta Governativa do OFC, o basquete, o vôlei, a natação e outros esportes ganhavam considerável impulso. Organizados por pessoas que entendiam e participavam, o esporte da cesta renasceria com novos valores, nos



1953/54 - Nascia o Basquete Olímpia Clube (BOC), "Equipe de Ouro" da década de 1950 - Em pé: Chiquinho Scura, Hopo Bichuet, Baby Barioni, Caio Plínio Garcez, Albino Cassiolato e Paulino Gil Rodrigues. Agachados: Toni Ittavo, Angelo Giannecchini (Anginho), Reinaldo Giannecchini (Patão), Fausto Vieira Marcondes e Lelis Antônio Rímoli (Alemão).

anos 1953/54.

Nesse ano de 1954, começavam a despontar jogadores de alta categoria técnica que, mais tarde, iriam formar a "equipe de ouro", que por muito tempo, trouxe muitas glórias e renome ao basquete de Olímpia. Albino Cassiolato, Ângelo Cisoto Giannecchini, (Anginho), Reinaldo Giannecchini (Patão), Fausto Vieira Marcondes Filho (Faustinho), Francisco Scura (Chiquinho), Siê Giberti Fernandes (Siê), Paulino Gil Rodrigues, Caio Plínio Garcez, Múcio Garcez Novais, Lélis Antônio Rímoli (Alemão) e Luiz A. Scura (Zinho).

Em sua estréia, o BOC arrasava a equipe de Guaraci por 27 a 10, revelando aí um dos maiores cestinhas da história do nosso basquete: Reinaldo Giannecchini.

No vôlei, também despontava a equipe feminina com novas estrelas e muitas mais esperanças.

Seleção A - Tereza, Marli, Darly, Anézia, Marlene e Neusa.

Seleção B - Ercy Pereira, Marlene Medeiros, Sônia, Rosa Misoguti, Hirota e Neusa Martins.

Com muita propriedade, o período de 1940 a 1965 foi chamada de "anos dourados". Nunca, com tanta intensidade, a juventude foi valorizada, responsável, disciplinada e alegre. Olímpia se mostrava cada vez mais progressista, unida, dinâmica, com uma sociedade solidária e familiar. Enfim essa era a nossa Cidade Menina-Moça, terra das mulheres bonitas, "Reino Encantado", como era chamada pelos visitantes que irresistivelmente caíam de amores por ela.

A DESPEDIDA

Nesse ano, justa homenagem seria feita a todos os que participaram do basquete de Olímpia.

Os personagens que no passado deram tantas glórias ao nosso basquete, despediam-se oficialmente das lides esportivas, em partida simbólica realizada contra a equipe jovem que surgia.

Com a quadra da Fundação Olímpia completamente lotada, em ambiente festivo e de confraternização, matizado de certa nostalgia, foi realizado o jogo com a vitória dos mais jovens por 37 a 20.

Seleção de Novos: Albino, Mingo, Chico Scura, Anginho, Patão, Faustinho, Albaninho, Afonso e Toni Ittavo.

Veteranos: Subito, João Sant'Anna, Luizinho Laraia, Tide, Oracílio, João Daud, Negrão e Ademar.

Em outro jogo, o BOC venceu Jaboticabal por 29 a 9. Patão (10), Faustinho (8), Albino (6), Albaninho (5), Chiquinho e Ederly.

IV JOGOS DO OBELISCO EM OLÍMPIA

A Prefeitura Municipal de Olímpia, pelo Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz, contratou no ano de 1955 Baby Barioni, fundador e organizador dos Jogos do Obelisco, que já trabalhava em Olímpia em 1947/48 como orientador técnico e supervisor das obras de ampliação e reforma da Fundação Olímpia.

Baby Barioni era conhecedor do grande potencial da cidade, em termos econômicos-financeiros, de apoio ao esporte.

Foram convidadas e inscritas para participar do evento as cidades: São Carlos, Franca, Mirassol, Uberlândia, Monte Alto e Piracicaba, todas de alto conceito no basquete paulista.



Na foto, o presidente da Comissão Executiva dos Jogos, Dr. João Baptista de Sant'Anna, e os vogais Afro Sarti e Aparecido da Silva Belo, sentado atrás. A esquerda o orador oficial Dr. Jayme Leal Costa Neves.

FORMAM-SE AS COMISSÕES ORGANIZADORAS

As comissões encarregadas dos IV Jogos do Obelisco em Olímpia foram formadas:

Comissão Organizadora - Presidente de Honra: Dr. Waldemar Lopes Ferraz Prefeito Municipal. Vogais: Afro Sarti e Dr. Humberto Mendes de Carvalho. Membros: Paschoal Lamana, Alberto Zaccarelli, Dr. José Maria Leal Costa Neves, Guilherme Lopes y Lopes, Alcides Brunelli, Egídio Giacóia, Mário Garcez Novais, Aparecido da Silva Bello e Amadeu Galmacci.

Comissão Executiva - Presidente: Dr. João Baptista de Sant'Anna; Secretário: Arlindo Cunha Mattos; Tesoureiro: Andreino Ribeiro de Souza; Auxiliares Técnicos: Marcelo Baiocchi, Odilon de Paula Vianna, Roque Laraia, Walter Rayel Constantino, Dr. Luiz Mori Laraia, Dr. Alcy Gigliotti, Dr. Harry Giannecchini e Oracílio Volpe.



Como preparativo para as disputas do obelisco, o BOC jogaria amistosamente contra a equipe de Nova Granada, impondo a elástica contagem de 50 a 21. Já despontava o cestinha Patão, com 35 pontos marcados, Albino (8), Anginho e Fausto (1 cada), Chiquinho (3), Múcio (2) Zinho Scura (1) e ainda Caio Plínio e Lélis.

OS IV JOGOS DO OBELISCO

No dia 19 de julho de 1955, na Praça Rui Barbosa, era inaugurado o Obelisco, feito de granito, com placa alusiva (hoje se encontra em frente à Casa da Cultura).

Com a presença de autoridades locais e de outras cidades, delegações participantes e grande parte da população, foram iniciadas as solenidades de abertura dos jogos. Em primeiro lugar, usou da palavra o Prefeito Municipal Dr. Waldemar Lopes Ferraz, seguido do discurso do Presidente da Comissão Executiva Dr. João Batista de Sant'Anna. Finalmente, falou o Presidente da Comissão Municipal de Esportes Afro Sarti.



Arquibancada da quadra da Fundação Olímpica, nos jogos Obeliscos.



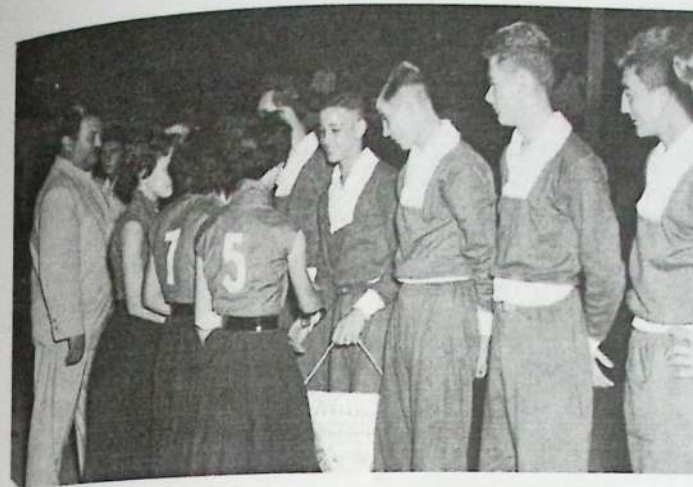
A equipe do Basquete Olímpia Clube (BOC), que brilhantemente representou Olímpia: Em pé: Lélis, Paulino Gil Rodrigues, Dr. Harry Giannechini, Neide Sotero (Madrinha) Carlos Pinto, Geraldo Mugayar, Zico Sotero e Albino. Agachados: Chiquinho, Siê, Zinho, Fausto, Múcio, Reinaldo e Anginho.

Especialmente convidada, a famosa Banda Marcial "Pietro Mascagne" de Jaboticabal abriu o desfile, após a saudação oficial aos visitantes proferida pelo orador da Comissão, Dr. Jayme Leal Costa Neves. O desfile percorreu as ruas da cidade com as delegações perfiladas, dirigindo-se até a Fundação Olímpica, onde foi prestado o juramento dos atletas. Assim, foram declarados oficialmente abertos os IV Jogos do Obelisco.

Durante a semana de competição, intensa agitação movimentou a cidade. Centenas de visitantes aqui aportaram para assistir aos jogos e a Fundação se tornava pequena com tanta gente, que todas as noites lotava suas dependências.

A equipe de Olímpia brilhou, derrotando, na estréia, a equipe de Monte Alto por 49 a 37. Depois, foi a vez da forte equipe de Franca ser derrotada pelo BOC pela contagem de 52 a 38. Barretos também sofreria derrota perante a equipe de Olímpia por 46 a 39. Na última partida pela final, Piracicaba acabou vencendo e sagrando-se campeã, com Olímpia em segundo lugar. Na equipe piracicabana jogavam valores da seleção brasileira, caso de Vlamir Marques, Pecente e outros.

Estavam de parabéns os organizadores do evento esportivo que trouxe a Olímpia a primeira disputa Oficial do Obelisco.



Na primeira foto acima, o momento em que as jogadoras de Basquete do plantel feminino premiam os atletas olímpicos com medalhas, pela segunda colocação nos jogos.

Na sequência, acima, o momento em que o Dr. Harry Giannechini recebe o troféu das mãos do Dr. Alcely Gigliotti, jornalista, vereador e membro da Comissão Organizadora.

Ao lado, a apuração dos votos do concurso Rainha do Obelisco, no salão da Câmara Municipal. Presenças de Luiz dos Santos Ruivo, Dr. Jackie Dutra Sant'Anna, Dr. Isaías Miessa, Júlia Branco Gigliotti, jornalista Diva Thomé, Linda Abdalla, Oswaldo Ruiz e Orlando Lapa.



ENCERRAMENTO DOS IV JOGOS DO OBELISCO EM OLÍMPIA

Na noite de 24 de julho, nos salões do Aero Clube de Olímpia, foi realizada a festa de encerramento dos IV Jogos do Obelisco, com a coroação da rainha e princesas, que participaram de um acirrada disputa.

A vitória sorriu à senhorita Maria Aparecida Alcântara. Foram eleitas princesas as senhoritas: Magali Lamana, Aurora Gigliotti, Wilma Simões e Lourdes Spegiorin, que receberam as faixas alusivas.

O baile foi muito animado, tendo como atração a apresentação do famoso bandeonista argentino Daralo Benito. Era o epílogo feliz de um acontecimento histórico para nossa cidade, que tivemos a felicidade de registrar, com algumas omissões involuntárias, e que fica para a posteridade, na lembrança de todos aqueles que tiveram o privilégio de viver esses momentos de intensa alegria.



Baile de encerramento dos Jogos do Obelisco, dia 24 de julho - D^a Elza Zanin Lopes Ferraz, esposa do Prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz coloca a faixa de "Rainha do Obelisco" na senhora Maria Aparecida Alcântara. Ainda na foto a princesa Magali Lamana, o Prefeito e Afro Sarti.



A poderosa equipe do BOC dos anos 50- Em pé: Oracílio Volpe, Chico Scura, Toni Ittavo, Albino Cassiolato, Reinaldo Giannechini (Patão), Fausto Vieira Marcondes, Múcio Garcez, Paulino Gil Rodrigues. Agachados: Wisclef Sachetini, Ederly Netto, Ângelo Giannechini (Anginho), Siê Giberti Fernandes e Zinho Scura).

Infelizmente essa equipe seria desfeita nos anos seguintes. Patão iria para Uberaba, depois se radicando em Birigui; seu irmão Anginho, seguiria o mesmo caminho, só que em Franca, onde por muitos anos jogou pela equipe do "Clube dos

Bagres", daquela cidade. Albino mudaria para Rio Preto, Siê e Lelis para Uberaba, Chiquinho e Zinho Scura para São Paulo. Caio Plínio para Votuporanga, Ederly e Wisclef, também mudariam da cidade.

Durante os anos seguintes, não fora a persistência de homens como Harry Giannechini, Oracílio Volpe, Irineu Bertolino e o professor Erciley Parolin, o basquete olimpiense teria desaparecido.

A falta de escolas superiores em Olímpia obrigava os jovens a prosseguir estudos em centro universitários, que já se estruturavam rapidamente em cidades vizinhas.

A nova safra de jovens valores ainda continuava, mas em número menor e sem o apoio que as gerações anteriores tiveram. Pecente, Jurandir de Souza, Manoel Victor, Chô, Pedrão, Nenê Laraia, Zambon, Rui Bertolino, Jorginho e Salata foram jogadores da nova geração, ainda contando com a presença de veteranos como Múcio, Paulino e Faustinho.

Ainda se destacariam no basquete os jogadores: Rui Bertolino, Toninho Pagotto e principalmente Fausto, o filho mais jovem de Harry Giannechini, que mais tarde seria convocado para a Seleção Brasileira de Basquete.

OLÍMPIA PROMOVE OS XI JOGOS DO OBELISCO

Em 1961, um grupo de olimpienses, liderados pelo presidente da Comissão Municipal de Esportes Professor Sankiti Takahashi, formulou planos e projetos para trazer novamente para a nossa cidade os Jogos do Obelisco. A comissão foi formada pelo presidente Sankiti Takahashi; Vice-Presidente: Manoel Cunha; Secretário: Irineu Bertolino; 2º Secretário:

Francisco Vasconcelos dos Santos; Tesoureiro: Vandrey Delamanha; 2º Tesoureiro: Waldomiro Bento Gonçalves, Diretor Geral: Dr. Orlando Dias Lopes; Assistentes técnicos: Oracílio Volpe e Paulo Pagni; Organizador: Baby Barioni.

Como sempre, Baby Barioni era o comandante geral da parte técnico administrativa. Fez um levantamento geral, convocou a Comissão Organizadora e fez ver a necessidade de algumas providências como reforma da Fundação Olímpia e aumento da capacidade das arquibancadas para mais 3.000 lugares.

DR. NEVES BANCA O OBELISCO

Procurado pelos membros da comissão com a finalidade de autorização para as reformas, o proprietário da FO, Dr. Neves, surpreendeu a comitiva ao arcar com todas as despesas de reformas da quadra e, ainda, doar mais Cr\$300.000,00 para outras eventuais despesas. Declarava o benemérito Dr. Neves que os Jogos do Obelisco serviriam para testar as possibilidades de Olímpia em tais eventos, pois tinha planos de tornar nossa cidade a nova meca do basquete interiorano, inclusive com projeto de cobrir toda a área da Fundação Olímpica.

BABY TEM DIFICULDADES PARA FORMAR O PLANTEL

Em junho de 1961, a equipe de Olímpia, em jogo amistoso, seria derrotada pelo time de Jaboticabal por 66 a 34.



Olímpia Basquete Clube, Rui Bertolino, Faustinho Marcondes, Múcio e Ney Junqueira.

Os jogadores à disposição de Baby Barioni eram: Dori, Rui, Zambon, Mizoguti, Salata, Pecente, Paulino, Múcio, Faustinho, Piau e Geléia.

Baby Barioni então convocou a C.C.O. e declara não possuir tempo e jogadores em condições de disputar um certame desse quilate. Declarava que metade dos jogadores não gostava de treinar, era displicente e sem objetivos esportivos.

Começou dessa forma, a comissão a procurar reforços em outros clubes. Dori Sachetini e Ney Junqueira foram integrados ao plantel e mais os jogadores Martho, Milton, Caxambu, Tutu e Anginho, que viria de Franca para capitanear a equipe. Esta decisão agradou a Baby Barioni, que então teria uma equipe em condições de lutar pelo título. Olímpia se preparava para oferecer, a exemplo de 1955, uma verdadeira festa.



Paulo Pagni, Dori, Milton, Rui Bertolino, Zambon, Mizoguti, Ney Junqueira, Oracílio Volpe e Baby Barioni. Agachados: Salata, Martho, Caxambu e Pecente.



2 DE SETEMBRO DE 1961 - COMEÇAM OS X JOGOS DO OBELISCO

Com a participação de São Carlos, Catanduva, Barretos, Monte Alto, Mirassol, Monte Alto e Olímpia tiveram início, no dia 2 de setembro, as disputas. O Olímpia contava em seu plantel com os seguintes jogadores: Dori, Martho, Rui Bertolino, Zambon, Mizoguti, Ney Junqueira, Salata, Tutu, Milton, Caxambu, Pecente e Anginho. A equipe local venceu Monte Alto e Mirassol e aguardou o jogo entre Catanduva e São Carlos para a disputa final. Os catanduvenses venciam por um ponto de diferença.

Faltando 3 segundos para o fim da partida, numa jogada pessoal, Bebeto arremessou de seu próprio campo fazendo a cesta, mesmo com o apito final soando, com a bola ainda no ar. São Carlos iria disputar o título contra a equipe de Olímpia.

OLIMPIA CAMPEÃ DOS X JOGOS DO OBELISCO

10 de setembro, quadra totalmente lotada. Olímpia iria disputar o título contra a poderosa equipe de São Carlos. Anginho viria de Franca para reforçar a equipe da casa.



Professor Sankiti Takahashi, Presidente da Comissão Municipal de Esportes e um dos responsáveis pelo sucesso do evento esportivo.

Tem início a partida com o São Carlos meio displicente, confiando na sua capacidade técnica.

Partida muito equilibrada e a contagem sempre com diferença mínima. Mas a luta e a força do grande capitão Anginho contagiava seus companheiros. Um verdadeiro leão. Tutu, embaixo da cesta, mesmo implacavelmente marcado, fazia os pontos necessários. O desequilíbrio começou quando Ney Junqueira, em noite inspirada, começou a acertar todos os arremessos de longa distância.

Começou então o nervosismo e o desespero da equipe de São Carlos, que impotente, via o marcador a favor de Olímpia se distanciar cada vez mais.

E não deu outra. A luta, determinação e raça venceriam. A multidão invade a quadra após o apito final e carrega os jogadores. Chuva de confetes e serpentina cai sobre a quadra. Olímpia conseguira nessa noite de 10 de setembro a sua maior conquista esportiva.



Olímpia "Campeã dos X Jogos do Obelisco": Em pé: João Carlos, árbitro da final, Oracílio Volpe, Paulo Pagni, Caxambu, Milton, Rui Bertolino, Martho, Tutu, Dori Sachetim, Baby Barioni, Ivan Tedesco (Barretos) e Zico Sotero. Agachados: Wilson Thereza, Ney Junqueira, Pecente, Salata, Aleixo, Anginho e Mizoguti.

Foi o grande e derradeiro triunfo do basquete olimpiense. Esse esporte ainda conseguiu viver alguns anos, graças aos esforços do Dr. Harry Giannechini, Oracílio Volpe e Sankiti Takahashi. Apareceram bons valores, mas as coisas tinham mudado muito. Sentia-se a ausência de homens que pontificaram no esporte, como Walter Ragazzi, Amadeu Galmaci, Roque Laraia, Oracílio Volpe, João Sant'Anna, Arlindo da Cunha Mattos, Afro Sarti, Dr. Neves, Jamex Roxo, Irineu Bertolino. Harry Giannechini praticamente levou sozinho ainda alguns anos esse esporte e não teve sucessores. O fim da quadra da Fundação Olímpica precipitou, alguns anos depois,

o golpe de misericórdia no esporte da cesta e vôlei, apesar da nossa luta desesperada junto aos poderes executivo e legislativo para que a mesma fosse preservada. Infelizmente, a nossa luta não encontrou respaldo e os interesses políticos, pessoais e o favorecimento de amigos acabaram predominando e perdemos a nossa principal fonte de inspiração esportiva.

A Praça de Esportes do Colégio Olímpia, o Brejinho, ao mesmo tempo desapareceu, dando lugar a firmas comerciais. O nosso pedido de um projeto de desapropriação, aos herdeiros do Dr. Neves, não teve nenhuma ressonância junto a quem poderia ter evitado tão grande perda. Dessa forma, depois de algumas

tentativas de poucos desportistas locais, com a extinção da quadra da Fundação Olímpica precipitou-se definitivamente o fim desse esporte amador de nossa terra.

Fizemos o relato da vida esportiva de nossa cidade nesse período de 1941 até 1965, mas avançamos alguns poucos anos, até 1967/68, porque após esse período nada mais podemos contar sobre esse esporte de nossa terra. É melhor que a história termine por aqui. Fica, no entanto, registrado para a posteridade e gerações futuras o que Olímpia já foi em termos esportivos.



Na foto ao lado, o basquete de Olímpia nos anos 67: Dr. Harry Giannechini, Pedrão, Jurandir, Paulino, Manoel Victor e Múcio Garcez. Agachados: Xó, Zambon, Nenê Laraia e Rui Bertolino.

Em Baixo: Dr. Harry Giannechini, Paulino, Manoel Victor, Toninho Pagoto, Braido e Pecente. Agachados: Manfrin, Zé Rubens e Watanabe.

Ao término da história de nosso esporte, principalmente do basquete, expomos nesta página as últimas equipes que defenderam esse esporte em Olímpia, graças à dedicação e persistência da figura inesquecível do Dr. Harry Giannechini, que dedicou grande parte de sua vida trabalhando para o desenvolvimento do basquete em nossa terra, e cujos filhos honraram Olímpia, inclusive com um deles jogando pela seleção nacional, Fausto Giannecchini.



1961 -Ao lado a equipe de vôlei feminina: Professora Therezinha Florindo, Edna Ferraz, Gallina, Sachetim, Vilma e o técnico Dosce Ribeiro dos Santos.

Agachadas: Vera Seno, Vera Vieira, Magali Moreda, Shirley Cipriano e Darci. Essa equipe disputou os Jogos Abertos do Interior em Campinas em 1961. Equipe masculina formada pelo Professor Erciley Parolin, Onildo Ribeiro, Rui Pinto, Aldo Puttini Filho, Egidinho Giacóia, Nico Ricciardi, Zé Marangoni e Adilor Pagoto.



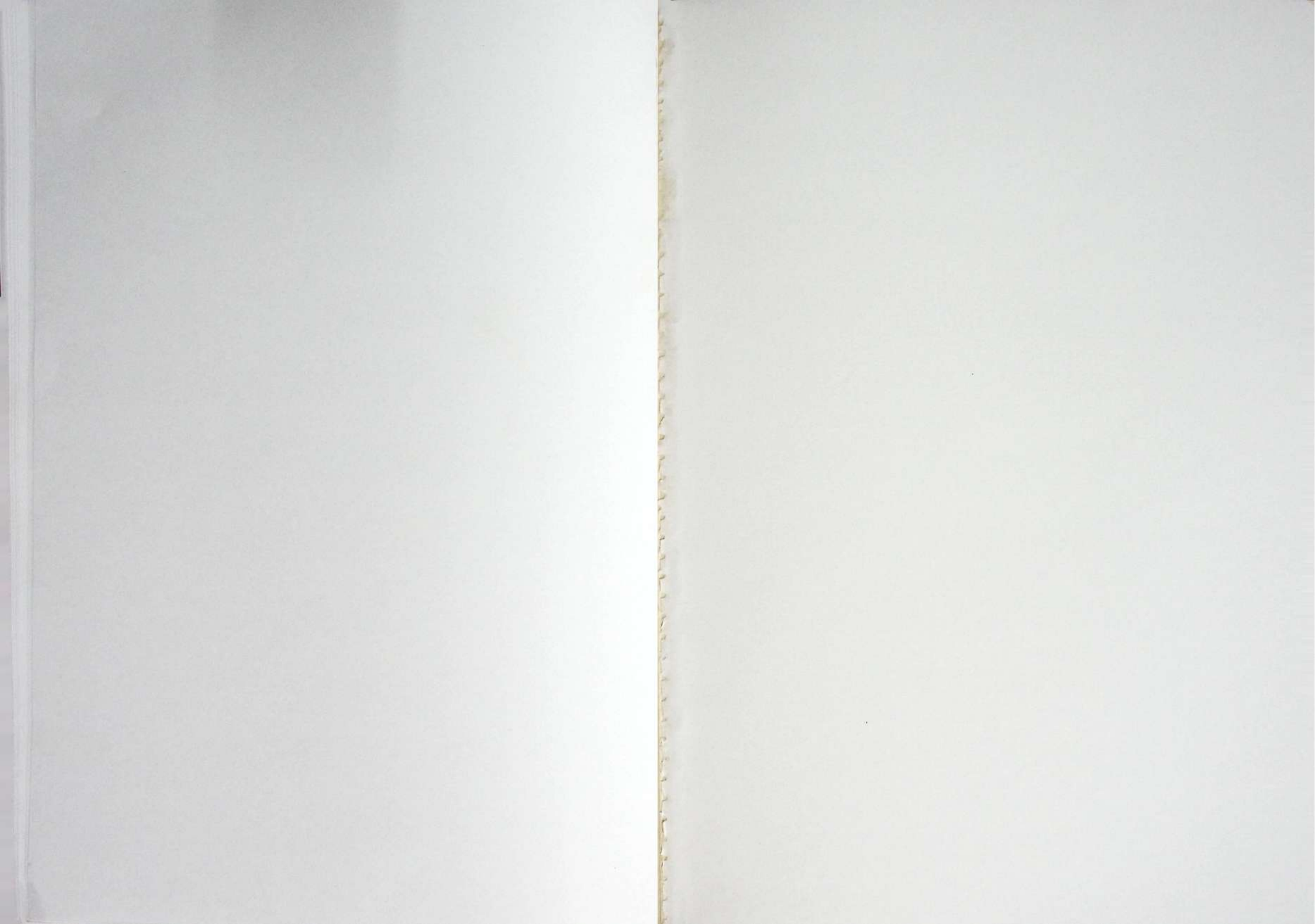
ERRATA

No primeiro volume de "Olímpia Cidade Menina-Moça", cometi um lapso na elaboração da página inicial, quando atribuí a construção do palacete Tonnanni a outra personalidade olimpiense. Portanto, cumpre-me aqui o dever de pedir desculpas à família e reparar esse erro involuntário. O prédio que, desde agosto de 1982 se transformou no Museu de História e Folclore de Olímpia, foi construído por Giosué Tonnani, em 1925.



Giosué Tonnanni, nasceu em Umbertidí, Perúgia, Itália, e veio para o Brasil em 1889. Começou a sua vida como carpinteiro, na capital do Estado de São Paulo, nas obras da construção da Estação da Luz. Depois, foi para Guariba, atuando ainda no serviço de carpintaria na fazenda de Barata Ribeiro. Posteriormente, adquiriu uma ferraria em Jaboticabal, onde construía carroças. Ali se casou com Eliza Toniatti Tonnanni, vindo para Olímpia em 1911, onde montou a Serraria Tonnanni, localizada na confluência da Rua Washington Luiz com a Rua Bernardino de Campos. Mais tarde, montou a sua beneficiadora de café e arroz em frente à serraria, onde construiu seus armazéns de 1915 a 1918. Trabalhando muito e sendo um homem de visão, comprou a Fazenda Santa Luzia, depois vendendo-a a Victório Cistotto. Foi, em 1925, já próspero e com grande capital, que construiu o palacete que hoje abriga o Museu de História e Folclore Maria Olímpia. Comprou, ainda, uma propriedade agrícola com 750 alqueires, de sociedade com Antônio Lerário, onde formou 350.000 pés de café. Depois, separou a sociedade, ficando com 375 alqueires. A família esteve a passeio na Itália, onde estudaram as filhas mais velhas do casal. Foi homem boníssimo, colaborando com a construção da Igreja de Nossa Senhora Aparecida e outras iniciativas. Faleceu em Olímpia em 9 de junho de 1939.

O casal Tonnani teve os seguintes filhos: Estela Tonnanni, que se casou com Álvaro Maroni, aviador italiano. O casamento se realizou na Itália. Rosa Tonnanni, falecida solteira; Cecília Tonnanni, casada com o médico olimpiense Dr. Paulo Rugna. Tiveram duas filhas: Tereza e Elvira; Humberto Tonnanni, casou-se com Lídia Seno e tiveram os filhos: Josué Tonnanni Neto, Neide, Ronaldo e Nilze. Ema Tonnanni, que residia em São Paulo; Eduardo Tonnanni, casado, com Branca Nogueira Tonnanni, comerciante em Olímpia, com os seguintes filhos: Vilma, Eduardina, Helena e Miguel Carlos; Orlando Tonnanni, na época solteiro; Helena Tonnanni, casada com o médico baiano Dr. Alexandre Alves Peixoto Filho. Tiveram duas filhas: Florinda e Ana Florência; Dr. Lourenço Tonnanni, engenheiro eletricista formado em São Paulo, na época, solteiro; Júlio Tonnanni, também solteiro, que se mudou para Londrina; Antônio Tonnanni, na época, estudante de Direito em Niterói; Nair Tonnanni, casada com Hélio Toledo de Campos Melo, agricultor em Olímpia com um filho Hélio Toledo de Campos Junior; Arnaldo Tonnanni, que se tornou comerciante em São Paulo e Marieta Tonnanni, na época, solteira, estudante em São Paulo. Este foi o tronco da tradicional família Tonnanni, a 168ª família a se instalar em Olímpia.



José Maria de Jesus Marangoni foi professor, jornalista, radialista e aposentou-se como funcionário da Nossa Caixa. Executou este trabalho quando desempenhava a função de Coordenador de Cultura do Município de Olímpia.

O registro da história de um povo é bom caminho para manter viva a sua memória. Nesse sentido, esta obra trazida por José Marangoni é fonte de dados de utilidade certa para trabalhos escolares, pesquisa e informação pessoal, pois constitui valiosa contribuição histórico-política e sociológica para compreendermos porque Olímpia e os olimpienses tornaram-se o que hoje são.

APOIO CULTURAL:



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Capital Nacional do Folclore

Administração 2001/2004

Superação de desafios